

HISTORIA ECONOMICA
DO
BRASIL

OBRAS DO AUTOR :

- O municipio de Santos, 1912
- Relatorios da "Constructora", 1912-1922
- O gado e a carne no Brasil, 1919
- O trabalho moderno, 1919
- Orientação industrial brasileira, 1928
- As crises no Brasil, 1930
- As finanças e a industria, 1931
- A construcção dos quartéis para o exercito, 1931
- A' margem da profissão, 1932
- Rumo á verdade (Economia, sociologia, politica), 1933
- Ordem economica e padrão de vida, 1934
- Aspectos da economia nacional, 1935.
- Historia economica do Brasil, 1937
- A industria em face da economia nacional, (no prelo), 1937

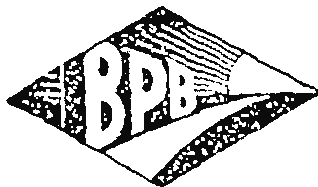
ROBERTO C. SIMONSEN

HISTORIA ECONOMICA
DO
BRASIL
1500 - 1820

*Curso professado na Escola Livre
de Sociologia e Politica
de São Paulo*

★

TOMO I.º



1937

Companhia Editora Nacional
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

PREFACIO

NÃO foi por gosto, ou recreio, que o Dr. Roberto Cochrane Simonsen chegou a escrever historia do Brasil. Tendo entre os de sua gente a Lord Cochrane, Marquês do Maranhão, que fez historia do Brasil, bem se dispensaria de tratá-la. Mas teve razão mais grave.

Em 1932 o Brasil cumulou injustiças sobre São Paulo, que reclamava uma constituição. O Brasil venceu São Paulo, mas teve de conceder-nos a constituição reclamada. E' a sorte do martirio. Também Floriano venceu a Revolta, mas teve de entregar o poder, que não quisera abandonar, causa dessa revolta... As ideias nunca são vencidas: ou vencem, ou levam o inimigo a transigir. Nunca é vão o sacrificio. Mas a um brasileiro de inteligencia e coração não escaparia a causa desses scismos politicos. E' a falta de cultura. Quem se apossa do poder não o quer deixar, melhor se discrecionario. Para que liberdades publicas e constituição?

O que é preciso é educação, educação politica. Roberto Simonsen partiu daí para, agremiando outros iguais, eriar a nossa primeira Escola de Sociologia e Politica, escola livre, impórtados professores ingleses e norte-americanos, para se reunirem a nacionais, tentando uma *élite* que, de São Paulo, daria exemplo ao Brasil. Que acertou, se viu logo: nas Universidades de São Paulo e do Distrito Federal, escolas superiores de economia politica e sciencias economicas, vieram de seguida. Uma materia porém era inédita, virgem, original: era a Historia Economica do Brasil...

Quem a versaria? Como todos se excusassem, e êle, grande industrial e perito financeiro, houvesse o mais — conhecimentos economicos indispensaveis — lançou-se ao menos, que devia ser a historia “economica” do Brasil.

Mas não havia nada. Só havia historia politica e administrativa do Brasil. Ainda não tiveram tempo os nossos historiadores.

* * *

O mais divulgado dos historiadores argentinos, Vicente Fidel Lopes, começa sua *Historia Argentina*, como devia ser, do começo: “Del comercio antes del descubrimiento del Nuevo Mundo”, vindo da natureza psicologica do comercio até as Cruzadas. Depois são as explorações dos Portugueses, o advento de Colombo, e, no Cap. VIII, chega ao descobrimento e exploração do Rio da Prata... Num livro secundario de historia geral. A nossa sempre começou da partida de Cabral, as calmarias africanas ou o propósito, Porto Seguro, 1500, aborigenes, donatarios, governadores geraes... e vai por aí, administração, administração, ás vezes um pouco de politica. E é tudo. Parece, á nossa incultura, que meter aí economia, sociologia, será rebaixar os coturnos da historia politica sacerdotal, de reis, batalhas, vice-reis, guerrilhas, proclamações... Roberto Simonsen, graças a esse desprestigio, pôde assumir a responsabilidade de um curso de historia da economia brasileira que, realizado, pela repercussão que logo foi tendo, imitação, concorrência, contradição, se transformou em verdadeira “historia economica do Brasil”.

* * *

Para isso não lhe valeram só os incomparáveis estudos anteriores de economia, finanças, sociologia, mas principalmente os seus "olhos novos", não acostumados ainda á penumbra dos especialistas. Os brasileiros estamos cansados de ver, todos os dias, as nossas montanhas de Guanabara : é preciso um Darwin chegar, para um quarto de hora depois, notar o véu de gaze azul que as veste, de imprecisão e misterio, véu de humidade que lhes dá o esfuminho celestre... Nossos olhos "velhos" não viram... Nina Rodrigues anda pela medicina clinica, até que uma reforma de ensino o obriga á medicina legal : descobre logo um mundo, que os medicos-legistas profissionais não viram, não podiam ver sem olhos "novos". Os de Roberto Simonsen viram logo na Historia do Brasil a infra-estructura decisiva e fundamental, de nossas historietas mal contadas, politico administrativas, que se esboçam, tabeliõamente, nos compendios, sem explicação... Tudo se ilumina á explicação. Não quizemos ver o facto economico irreductivel, imprescindivel, não comprehendemos nada... Deciframos hieroglifos sem chave... Poesia. Ficção. Agora, com a chave, é que vem a interpretação exacta...

O acolhimento que lhe deram os nossos mais consagrados historiadores, Afonso de Taunay e Rodolfo Garcia, fazem fé. O primeiro, que não desdenha a "brasilidade", nem nas imagens, lhe diz : "Continue, Simonsen, a sua picada, pela mataria desse Brasil inexplorado : outros farão, dessa trilha difficil, uma estrada real"... O outro, lembrando-se de intuições de seu mestre, o grande Capistrano, tem-se por feliz quando lhe dá uma indicação, lhe descobre um documento, ou uma estatística, num velho livro...

A historia "economica", assim recebida, vai ficar em moda. O historiador noviço já não será arate-

matizado, se tem as benções de dois grandes mestres, dos maiores que temos tido. O mau é que vão os imitadores fazê-la, sem estatísticas, nem documentos...



Tal "historia do Brasil", vista a esta luz "natural" — porque a outra, parece, agora, feita á luz artificial de fastidiosa enumeração administrativa e talvez politica — tem conexão com o todo, a historia universal ou da civilização. Porque nossa historia tradicional, a que estudamos até agora, é um corpo isolado, autonomo, sem nenhuma dependencia com o resto, a historia da America ou a do mundo. Nem mesmo tem quasi relação com a historia de Portugal. Pode-se saber uma ou outra, ignorando completamente esta ou aquella. Agora, não : á luz natural da economia, o facto precípua, vêem-se as dependencias, a infra-estructura fundamental, é um todo coeso a historia da civilização. Influe sobre nós e nós influimos sobre outrem. Não somos tão pequenos assim, se os grandes nos devem alguma coisa. Simou sen nos restitue um pequeno orgulho, que não existia, não tinha razão de ser. Por exemplo, não é alguma coisa saber que a America do Sul já foi, economicamente, pelas suas trocas commerciaes, superior á America do Norte? Não é muita coisa avaliar que, muito da sua grandeza, nos seus primórdios, nos deve a soberba Inglaterra? O ouro do Brasil, num tempo em que era consideravel ao mundo, graças ao tratado de Methwen, passou apenas pelo Reino, para a Inglaterra, em troca de manufacturas... O assucar no seculo XVII é uma tão bela historia "universal", como é, nos seculos XIX e XX, o café. Nós demos ao mundo dois prazeres novos que o confortaram, pelo gosto e pelo estímulo,

duas riquezas que foram alguma coisa na balança das trocas. (Não contando o tabaco... a volupia nova...) O nosso ouro, em transitio embora, foi um capitulo do capitalismo universal. Nós não sabiamos nada disso. Só se sabia, internamente, a lista dos donatarios, o bispo comido pelos indios, umas revoluçõesinhas sem razões de ser... A razão aparece agora, para tudo. Este livro, esta historia economica nos dá nexos, á historia do Brasil.

* * *

Como, felizmente, não sou especialista naquela historia do Brasil, esta me dá tantas "novidades", que fui, com a leitura, alinhando o mais interessante e aqui têm um rol, submetido á consideração dos interessados. (Serão, amanhã, outros tantos "ovos de Colombo"...) Nem o eitarão, a Simonsen, amanhã...

I — Valor comparativo entre o commercio portuguez com a India e o relativo ás industrias extractivas do Brasil no seculo XVI.

II — O verdadeiro valor do ciclo do pau brasil.

III — Tabelas de conversão das moedas usadas nos tempos coloniaes ao poder aquisitivo do mil-reis brasileiro actual.

IV — O caracter capitalista do plano de colonização de Dom João III.

V — Balanços economicos das donatarias.

VI — Fundamentos economicos de fixação definitiva do europeu no Brasil.

VII — O valor do ciclo do assucar e grafico de sua exportação nos tempos coloniaes.

VIII — As condições de trabalho do Brasil colonial, em comparação com os regimens de trabalho americano e europeu nos periodos correspondentes.

IX — Avaliação da importação dos escravos africanos, baseada em sua utilização na produção colonial. Tal criterio demonstra que essa importação foi inferior a 4 milhões, destruindo de vez os conceitos existentes que chegavam a atribuir-lhe 15 milhões... Somos menos "pretos" do que nos disseram...

X — Os quatro fundamentos economicos da ocupação do sertão brasileiro e da formação social do Brasil...

XI — Estudo conjunto de toda a formação pecuaria do Brasil na época colonial com mapa de sua expansão. O gado função do assucar: o sertão ao serviço do litoral ou o litoral obrigando a ocupação do sertão...

XII — Demonstração da influencia do comercio de couros na criação da Colonia do Sacramento. Enfim! uma explicação do que importou a tal Colonia tão falada e tão inexplicavel...

XIII — Os motivos da primeira expansão da pecuaria no Nordeste, como retaguarda economica dos engenhos e a necessidade de seu afastamento das zonas de cultura.

XIV — Influencia da pecuaria na formação economica e unitaria do Brasil. As tropas e os tropeiros.

XV — Os fundamentos economicos da expansão Paulista.

XVI — A formação do nucleo piratiningano e sua classificação em fase fixadora e definitiva, ciclo despovoador e ciclo repovoador.

XVII — Primeiro mapa geral das estradas e roteiros do Brasil nos tempos coloniais.

XVIII — Estudos comparativos e numericos entre a expansão do Norte e do Sul, na época colonial.

XIX — O problema de mineração no Brasil em confronto com a mineração no continente americano e a situação dos metais preciosos no mundo.

XX — A importancia da prata como fundamento economico da colonização hespanhola na America.

XXI — A contribuição do ouro do Brasil para a economia portugueza e para o enriquecimento e evolução social da Inglaterra.

XXII — A contribuição da mineração para a evolução economica do Brasil na era colonial.

XXIII — Estudo de conjunto dos processos de comercio luso-brasileiro na era colonial, até 1822.

XXV — A influencia das missões religiosas na formação economica do Brasil.

XXVI — A grande crise economica do Sul, de reajustamento do trabalho de mineração para o trabalho agrícola, dentro do qual se processou a fixação da Côrte Portuguesa no Rio de Janeiro e a independencia politica do Brasil.

XXVII — Valores trazidos por Dom João VI ao Brasil e os que daqui retirou. A contribuição de Dom João VI para a formação economica brasileira.

XXVIII — Critica da administração financeira de D. João VI, diante de documentos; repercussão desde seu Governo sobre a economia do Paiz.

XXXIX — Importancia da metropole portuguesa como mercado garantido para o producção brasileira.

XXX — Quando da Independencia, com o retraimento portugês, crise da economia brasileira, principalmente no Norte do Paiz, decaido pela perda do mercado metropolitano.

* * *

Relativamente á economia em geral, ou á economia applicada ao estudo de nossa evolução, quizeramos tambem acentuar esses outros assuntos que, pelos novos aspectos sob os quaes foram encarados, constituem de facto outras "novidades", que serão amanhã logares comuns, sequer sem citação, como convem á originalidade alheia :

XXXI — Apreciações sobre a politica colonial adotada por Portugal e Espanha e adotada por outras nações europeas, a partir de Cromwell e Colbert.

XXXII — As companhias privilegiadas e sua influencia na colonização e no estabelecimento do commercio internacional.

XXXIII — Conceito e definição de trabalho em diferentes épocas paralelas á formação do Brasil.

XXXIV — Conceito da criação de riquezas em países novos ; imigração com ou sem capitais proprios ; riquezas naturais e capitais invertidos.

XXXV — O conceito da moeda, o imperio da prata, o imperio do ouro. A influencia reciproca entre os metais preciosos e os preços.

XXXVI — Moeda circulantes e a primeira circulação fiduciaria no Brasil e em Portugal.

XXXVII — Os característicos de uma economia colonial. Relações reciprocas entre os factores “economicos” e “politicos”. Os tratados de commercio vigentes durante o Brasil colonial.

. * .

Não sou demasiado. Creio que fui muitas vezes omisso. Por este rol quis apenas mostrar as “novidades” dessa historia, impossiveis de serem achadas pela historia tradicional, apenas documental e que não sabe procurar a razão das coisas senão pelo criterio ideologico das referencias. E, daí, tantos historiadores, quantas interpretações. Gosto, palpite. Agora, não. Reduzido a um denominador comum — o facto economico iniludivel — já não haverá variações. Basta ver Dom João VI. Não ha um, ha muitos, tantos Dom João VI, quantos historiadores. . . Depois de Simonsen só haverá um, o mais benemerito dos soberanos ao serviço do Brasil.

. * .

Essa historia do Brasil, feita por um Paulista e em São Paulo, nos explica muita coisa. E’ de São Paulo que partem as bandeiras despovoadoras, tirando o indio de suas recuadas florestas, levando as fronteiras da patria até alem, muito alem das divisas do tratados politicos. Quando estes Paulistas encontram minas, é o Brasil inteiro que aflue para elas, que se locupleta com elas, e até a Corôa colabora na injustiça, amputando successivamente a Capitania de São Paulo. . . *Sic vos non vobis*. E mais, se lutam, os Emboabas, são vencidos pelo numero: José é expo-

lindo de suas vestes, e vendido pelos irmãos... Ele é um, embora José, o melhor, mas os outros são tantos!... A historia se repete outras vezes: 1932 teve precursores; mesmo na paz, um milhão de contos, da "mesada" do Brasil, é de São Paulo, que vem a ser o protector do pai e da familia...

Entretanto, essa historia não é "paulista", é brasileira. E' sempre o Brasil que vence, afinal. O bandeirante despovoador vai até onde pode ir, arredondando a periferia do Brasil. Com as minas achadas, é esse bandeirante o repovoador do deserto, com as cidades que se levantam em torno das catas. A pecuaria fôra a segunda linha do assucar litoranco: torna-se a subsistencia indispensavel das minas sertanejas. As tropas e tropeiros, de todas as proveniencias, para todas as direcções, são os vasos e nervos que comunicam os *orgãos* brasileiros *entre si*. A economia desparticularizou o Brasil: deu ao todo fracionado pela extensão, pela servidão, pelas necessidades, pelos interesses, uma unidade, mau grado dos homens transitorios, ás vezes injustos, maus, reprovaveis... Paginas como esta, entre tantas, de Simonsen, dão confiança no Brasil:

"Foi o gado o elemento de comercio por excellencia em toda a hinterlandia brasileira, na maior parte da fase colonial. Industria mais pobre, relativamente, que a do assucar, apresentava, porém, uma feição caracteristicamente local, formadora de gente livre e com capitais proprios. A industria assucareira, com outra organização social, funcionava, em grande parte, com capitais da metropole, aos quais eram atribuidos os maiores proventos. A produção da pecuaria

e o seu rendimento ficavam incorporados ao paiz. As suas feiras, entre as quaes avultava a de Sorocaba, exerceram uma função ineconfundível na formação da nossa infra-estrutura economica unitaria, antes da independencia.

Se a industria mineradora originou o rápido crescimento da população e a construção das cidades no interior do paiz, foi por intermedio da pecuaria e dos laços criados pelo commercio do gado bovino e cavalari, pelos transportes organizados pelas grandes tropas muares, que se estabeleceram élos indestructiveis na unidade economica brasileira.

A pecuaria goza da faculdade peculiar de ocupar grandes areas com pequena população ; é uma industria extensiva por excellencia. Desaparecido o interesse da caça ao bugre, e extinta praticamente a mineração, foi a pecuaria que consolidou economicamente a occupação de vastissimas regiões do paiz, as quaes, sem ella, teriam sido, talvez, condemnadas ao abandono. Foi ella igualmente que amparou as populações do Sul entre o fim da mineração e o advento do café.

Alargadas as fronteiras economicas, occupadas as vastas regiões dos sertões brasileiros, as economias e os capitais nacionaes estavam representados, em fins do periodo colonial, nos engenhos, na escravidão e na pecuaria. Foi a accumulção destes dois elementos, pela mineração, que facilitou a rapida expansão da cultura cafeeira, cultura esta que, pela sua natureza especial, exigiria fartos braços e amplos meios de transportes.

Não se houvesse acumulado no centro-sul brasileiro essas massas de gente e de gado e não teríamos os elementos suficientes ao desenvolvimento de outras actividades, á expansão da cultura cafeeira e ao reerguimento economico do paiz...”

Assim se fecha o ciclo : assucar, pecuaria, occupação do sertão, distenção das fronteiras, minas, cidades do interior, tropas, gado ainda e sempre, café finalmente... E não acabou. Os interesses se misturam de sul a norte, de leste a oeste, periferia e centro, e eles criaram, criam, criarão, uma unidade economica, preliminar á unidade politica, e á futura unidade sentimental. A raça, a lingua, a religião, a cultura, ajudarão aos mutuos interesses...

A “historia economica do Brasil”, como nos conta e nos documenta Roberto Cochrane Simonsen, neste grande livro, que outros anunciam, de imensa benemerencia, tem outro merito, ainda maior que esse todo, incomensuravel, do passado... E’ a confiança que nos dá, no futuro... São ineducados os nossos homens publicos, não sabem nada (perdoai-lhes, Senhor, eles não sabem o que *fazer*...), governam ao Deus-dará, apenas nomeações, demissões, promoções... Simonsen nos leva a crer que eles não têm sequer capacidade de fazer mal ao Brasil... Dizem os numeros da Historia Economica. Graças a Deus !

AFRANIO PEIXOTO.

INDICE DOS MAPPAS E GRAVURAS DO TOMO I.º

| | PAG. |
|--|---------|
| 1.º - Processos primitivos do fabrico do Assucar (<i>Johannes Visscher</i>). | 146/147 |
| 2.º - Engenho e casa grande no Nordeste Brasileiro, seculo XVII | 150/151 |
| 3.º - Senhor branco, do seculo XVII, dirigindo os trabalhos dos escravos negros no fabrico do assucar (<i>Guilielmi Pisanis, Amsterdam, 1648</i>). | 154/155 |
| 4.º - Engenho em principios do seculo XIX | 168/169 |
| 5.º - Frota batava no Brasil Hollandez, Parahyba, 1640. | 178/179 |
| 6.º - Viagem de tropa no interior do Brasil, no começo do seculo XIX (<i>Principe de Wied</i>). | 266/287 |
| 7.º - Acampamento nocturno de tropeiros e viajantes em pleno sertão mineiro (<i>Debret</i>). | 172/173 |
| 8.º - Mappa do Brasil na primeira metade do seculo XVII, mostrando a occupação effectiva do territorio ligada, principalmente, á industria do assucar, á pecuaria e a extracção de madeiras. No Centro, Oeste e Norte, o "viveiro" de escravos indios. A costa da America Portugueza se extendia da foz do Amazonas até o sul da Capitania de São Vicente. As missões jesuiticas do Guairá occupavam parte dos territorios actualmente incorporados aos Estados de São Paulo e Paraná, desenvolvendo-se rumo ao Atlantico. | 308/309 |
| 9.º - Planta da cidade de São Paulo em 1808, organizada pelo Engenheiro Rufino José Felisardo o Costa, mais tarde director da Uzina do Ipanema. (Museu do Ipiranga) | 360/361 |
| 10.º - Mappa do Brasil mostrando a expansão da pecuaria que, infiltrando-se pelos sertões, facilitou a sua occupação e contribuiu para a formação da unidade economica do então "Estado do Brasil". A unidade do valle amazonico, em grande parte incorporado ao antigo "Estado do Maranhão", derivou principalmente do factor geographico — ligações pela rede fluvial. (Final do Tomo) | |

INDICE GERAL DO TOMO I.º

| | PAG. |
|---|------|
| Préfacio. | 7 |
| Introdução | 27 |
| Programma da Cadeira de Historia Economica do Brasil, da Escola Livre de Sociologia e Politica de São Paulo. | 31 |

CAPITULO I

INTRODUÇÃO. ANTECEDENTES.

| | |
|--|----|
| Conceito de historia economica. A evolução economica nos tempos medievae e nos tempos modernos. A revolução agricola. A revolução commercial. O mercantilismo. A revolução industrial. O capitalismo e a formação dos paizes agricolas. Historia economica da America, Historia economica do Brasil. | 35 |
|--|----|

CAPITULO II

PHASES ECONOMICAS DE PORTUGAL E HESPAÑHA

| | |
|--|----|
| Phases economicas de Portugal e Hespanha, correlatas com os primeiros tempos do Brasil. Grandeza e decadencia de Hespanha e Portugal. A marcha da civilização e os meios de transportes. A evolução dos transportes maritimos e a sua influencia na evolução das colonias americanas. O papel de Portugal na historia da navegação. O custo dos transportes. Trabalho, natureza e capitães no seculo XVI. Valor das terras brasileiras . . | 55 |
|--|----|

CAPITULO III

APROVEITAMENTO ECONOMICO DAS TERRAS DE SANTA CRUZ

| | |
|---|--|
| Primeiro cyclo economico brasileiro. A industria extractiva. Riqueza do commercio portuguez com a Asia em face das perspectivas economicas das terras de Santa Cruz. Os productos naturaes utilizados na tinturaria. As | |
|---|--|

plantas tintoriaes. O valor do pau-brasil no seculo XVI e a sua exploração no continente americano. A concorrência dos francezes e o seu fundamento economico. A "costa do pau-brasil" e a "costa do ouro e prata". Os valores exportados. A renda auferida pela Corôa com a exploração do lenho tintorial. A destruição das florestas ao longo da costa brasileira. O que o meio social brasileiro lucrô com o cyclo das industrias extractivas. Moedas, cambios e poder acquisitivo no Brasil colonial.

81

CAPITULO IV

POLITICAS COLONIAES

As politicas coloniaes dos povos europeus. Feitorias e colonização. O plano de occupação portugueza e a collaboração de d. Diogo de Gouvêa. A escolha entre o augmento territorial de Santa Cruz e a posse das Molucas. A fixação definitiva do europeu no Brasil. Não é o feudalismo que caracteriza o systema das donatarias, mas sim a inversão capitalista que elle traduz. O regimen financeiro o fiscal. O regimen commercial. A actuação dos donatarios. A instituição do Governo Geral. O balanço economico das donatarias. Capitães dos donatarios, dos colonos e dos negociantes portuguezes. Sua rentabilidade. Os rendimentos da Corôa. Os valores exportados em 1570 pela America portugueza e hespanhola.

117

CAPITULO V

O CYCLO DO ASSUCAR

O primeiro assucar americano; o primeiro producto brasileiro. A evolução dos engenhos. O assucar, o maior artigo do commercio maritimo mundial no seculo XVII. A idade de ouro do producto. Valor da produção e da exportação do Brasil no periodo colonial. O fundamento economico da occupação hollandeza. Quanto o commercio hollandez desviou da produção brasileira. Valores comparativos dos cyclos do assucar e da mineração. A influencia do assucar sobre o cambio portuguez. O declinio dos preços e da exportação no seculo XVIII. A influencia da industria assucarcira sobre a formação brasileira. Consequencias economicas e financeiras.

143

CAPITULO VI

A MÃO DE OBRA SERVIL NO PERIODO COLONIAL

A mão de obra servil no periodo colonial. A noção do trabalho no passado e no presente. O imperativo economico do trabalho forçado na colonisação do Brasil. A escravidão vermelha. A escravidão negra. O trabalho no continente americano. O maior emprego do braço indigena, na America Hespanhola. A preferencia ao braço negro do Brasil. O trafico africano. Numero de escravos utilizados no paiz. A servidão no continente européu. O trabalho na America Septentrional. Numeros e comparações.

187

CAPITULO VII

OUTROS FACTORES ECONOMICOS DA OCCUPAÇÃO DA TERRA. A PECUARIA.

Revolução commercial. Trabalho livre. Costa e sertão. Criação de gado. Os caracteristicos da revolução commercial nos seculos XVI e XVII; sua repercussão no Brasil. O fundamento economico da expulsão dos holandezes, francezes e inglezes da costa americana. As cinco "condições de gente livre" no periodo colonial. O sertão e as quatro bases economicas da sua occupação: a criação do gado; a caça ao gentio; a mineração; a extracção de especiarias, productos sylvestres e plantas medicinas. As fazendas de criar, primeira retaguarda economica dos engenhos de assucar. A necessidade da separação das zonas de cultura e de criação; a ausencia da cerca de grame; os criadores na zona do assucar; os Valles do São Francisco, do Parnabyba, do Itapicuré, Mearim e outros; os sertões da Bahia e Pernambuco; o vaqueiro e a organização economica da fazenda de criar. Época do couro no Norte. O surto minerador e o grande consumo de gado nas regiões mineradoras. A expansão criadora em Minas, Goyaz e Matto Grosso. O affluxo do gado do sul. A predominancia sulina, dentro do cyclo da pecuaria, a partir do seculo XVIII.

219

CAPITULO VIII

AINDA A PECUARIA. SUA CONTRIBUIÇÃO PARA
A FORMAÇÃO UNITARIA DO BRASIL

Raças, pastos e climas ; preços do gado no periodo colonial. Numeros e valores. Epoca do couro no Sul. O commercio do couro. A importancia excepcional do artigo no seculo XVIII. Processos de preparo, typos de exportação e preços. A concorrência argentina. A fundação da Colonia da Sacramento estimulada pelo commercio do couro. A pecuaria e a sua influencia no traçado as fronteiras meridionaes. O gado cavallar e mular. Hostilidades régias contra o emprego do gado mular. Tropas, tropeiros e sua accentuada actuação na formação economica do interior do paiz. As feiras de gado. A Feira de Sorocaba. O sal. A possivel influencia de sua distribuição geographica na expansão da pecuaria. O estanco, a carencia do sal e suas repercussões economicas e sociaes. A pecuaria na formação economica brasileira. A existencia no "hinterland" de intensas correntes commerciaes de gado. Sua contribuição para a criação de uma infrastructura economica unitaria. A interferência dos paulistas.

251

CAPITULO IX

OS FUNDAMENTOS ECONOMICOS DA EXPANSÃO
PAULISTA

Aspectos que se apresentam nas migrações para os continentes novos. Os colonos dispõem de capitaes para seus commettimentos. Encontram industrias extractivas de assignalado valor, que supprem deficiencias de capitaes. Caso de migrações, com reduzidos capitaes, para zonas pobres. A formação das capitánias paulistas. O assucar em São Vicente e o seu rapido declínio. O clima do planalto e a pobreza, para a epoca, de suas condições naturaes. A influencia da orientação jesuitica na fundação de Piratininga. Phase fixadora e defensiva. Phase expansionista em busca de melhores condições de subsistencia. As bandeiras sob o ponto de vista economico. Cyclo despovoador dos sertões: expedições exploradoras, punitivas e de caça aos indios. Cyclo

repovoador: bandeiras de mineração e colonisação. A evolução economica dos nucleos paulistas. Seculos XVI e XVII. A pequena lavoura e o cyclo do ouro de lavagem. A pobreza das Capitancias do Sul em confronto com a riqueza do Nordeste. A moeda no Brasil e os motins da moeda em São Paulo. O grande surto minerador. Viação e meios de transportes. Caminhos, estradas e roteiros no Brasil Colonial. O "moving frontier". As fronteiras economicas e as fronteiras politicas. A maxima expansão das capitancias paulistas. Emigrações e desmembramentos territoriaes. A inferioridade demographica das primitivas populações do Sul, em face das novas correntes immigratorias. O predominio economico do Sul. Seu declínio com o arrefecimento minerador. A pobreza paulista em fins do seculo XVIII. O papel de São Paulo na formação da unidade economica brasileira.

INTRODUÇÃO

Historia Economica

EM principios de 1933, numa attribulada phase da vida paulista, consideravel pleiade de intellectuaes lançava, nesta cidade, um manifesto, que se ha de tornar memoravel com o correr dos tempos. Nesse documento, demonstravam que não tendo podido ver triumphante pela força das armas o seu ponto de vista, comprehendiam, mais do que nunca, a profunda desharmonia existente entre as nossas aspirações e a realidade politico-economio-social do paiz. Pregavam a urgente necessidade de se crearem escolas de formação de “elites”, em que se divulgassem as noções de politica, sociologia e economia, despertando e creando uma consciencia nacional, capaz de orientar a administração publica, de accordo com a realidade do nosso meio, concorrendo, assim, para fazer cessar, dentro do Brasil, a incompreensão reinante, de que São Paulo era, e é, a victima principal.

O quadro já é agora bem differente. Reconquistada a nossa autonomia, reintegrado o paiz no regimen da lei, poudo o governo de São Paulo tomar varias iniciativas no sentido de melhorar as nossas condições culturaes, applicando, com esse objectivo, consideraveis recursos.

A Escola de Sociologia e Politica

Nascida daquelle manifesto, não descurou tambem a nossa Escola de desenvolver honestamente o programma

que se traçara, e já ahí estão colhidos ponderaveis fructos da sua actuação, em sondagens sociaes, na elucidação de alguns de nossos problemas, no aproveitamento efficiente de varios elementos de sua organização, e na divulgação de utilissimos conhecimentos que o abnegado corpo de seus professores tem diffundido. Considerada com sympathia pelos homens de boa vontade, accentua-se cada vez mais a tendencia para se manter a Escola como um nucleo independente, em perfeita harmonia de acção com os demais centros culturaes, tendo, por essa forma, uma liberdade de movimentos que se pode tornar, em determinadas circumstancias, de real vantagem.

Iniciado o terceiro anno lectivo, fazia parte do seu programma o curso de Historia da Economia Nacional. Com a mesma surpresa com que nos vimos compellidos a pronunciar o discurso official da sua fundação, vimo-nos na contingencia de acceitar o lançamento desta cadeira, nova ainda no meio brasileiro. De inicio, devemos lisamente confessar que não nos julgamos aptos para tão alto commettimento. Não poude, a Escola, por varios motivos, obter que outros, mais doutos, professassem a materia e, assim, máo grado as nossas deficiencias, não nos pudemos furtar a esse pesado encargo.

Realisada a primeira parte do curso, não nos abalancaríamos a publicar a serie de conferencias que fizemos, se não fosse a emulação amiga recebida de Afranio Peixoto e o interesse que em varios pontos do paiz despertou a materia estudada.

Não existe, no Brasil, campo de actividade cultural que não tenha recebido o influxo benefico do espirito profundamente douto e patriotico de Afranio Peixoto. Muito devemos aos seus sabios conselhos.

Tivemos, na elaboração deste curso, que recorrer a uma somma enorme de publicações e documentos, assim como ás luzes de numerosos escriptores, principalmente brasileiros e portuguezes.

Referindo-nos apenas aos mortos, desejamos prestar nossas homenagens, dentre outros, a Calogeras, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima e João Lucio de Azevedo.

Queremos ainda registrar nossos agradecimentos aos Drs. Affonso d'Escragnolle Taunay, Rodolpho Garcia e Commandante Eugenio de Castro, pelos conselhos e indicações que nunca nos negaram.

Ao Snr. Coronel Jaguaribe de Mattos, o antigo e erudito chefe do escriptorio tecnico da commissão do eminente General Rondon, devemos os mappas mais exactos do Brasil e varias indicações geographicas de valor.

Não fazemos agradecimento espezial a Afranio Peixoto: elle participa, connosco, do successo ou insuccesso desta tentativa, pelos estimulos com que nos animou. Da generosidade de seu prefacio não deixa de repontar o sentimento dessa sua responsabilidade.

Devemos, finalmente, observar que não procuramos nos cingir a systematizações doutrinarias ou a conceitos methodologicos. Procuramos ser objectivistas, realistas, examinando os factos economicos, taes como se apresentaram na formação do Brasil, commentando-os ou os comparando com os que se processaram concomitantemente em outros povos, esforçando-nos, á luz das realidades economicas, saber dos "porques" dos acontecimentos verificados.

Ninguem, mais do que nós, reconhece a insufficiencia do que conseguimos fazer. Mas as contribuições que hão de vir, de outros e muitos, mais doutos que nós, permitirão, com o tempo, que se extractifique um

conceito mais exacto de nossa evolução, da nossa ecologia, verificada através da historia, e então surgirá uma sociogenia brasileira. Esta facilitará aos nossos elementos de direcção impregnar a grande massa da "consciencia nacional" — que dahi defluirá, e de que tanto carecemos, para que possamos ser realmente activos — na elaboração de nosso progresso, tirando todo o partido de nosso "possibilismo", ao envez de nos subordinarmos, em grande parte, aos determinismos do meio.

A observação de nosso passado já offerece, nesse sentido, farta messe de ensinamentos.

São Paulo, Julho de 1937.

ROBERTO SIMONSEN

Programma da Cadeira de Historia Economica
do Brasil
da
Escola Livre de Sociologia e Politica
de São Paulo

INTRODUÇÃO

Conceito de historia economica. Factores economicos na formação das nações americanas. Phases da economia portugueza. O valor das terras brasileiras na epoca do seu descobrimento. Contribuições relativn do trabalho, capital e recursos naturaes na produção do seculo XVI. Natureza e custo dos transportes.

- 1) — O aproveitamento economico das terras brasileiras. Phase das industrias extractivas; o pau brasil.
- 2) — Feitorias commerciaes e colonisação. A colonisação como emprehendimento economico. As difficuldades de mão de obra e as soluções adoptadas. A escravidão vermelha e a escravidão negra. Valor economico e aspectos moraes e sociais. Resultados economicos das primeiras tentativas de colonisação. Cyclo do assucar.
- 3) — Repercussão das guerras e lutas politicas na economia colonial. A evolução economica do Norte, Centro e Sul no Seculo XVI.
- 4) — Phase do assucar, fumo, gado e especiarias. A preponderancia do Brasil na produção mundial do assucar. O problema do sal e sua influencia na localisação da pecuaria. A predominancia economica do Nórte.
- 5) — A situação economica do Brasil em fins do Seculo XVII. Os monopolios da Corôa. A actuação dos jesuitas. A penetra-

ção dos paulistas, as origens das Bandeiras, seus reflexos economicos e sociais. *Cyclo do ouro e dos diamantes.*

- 6) — A mineração e sua repercussão na economia portugueza e mundial. A contribuição do Brasil para a evolução do capitalismo no Século XVIII. O declínio da mineração e a crise dahi resultante. Phase de reajustamento.
- 7) — O commercio e as companhias privilegiadas. Varias actividades economicas. O assucar. Primordios do café. Os couros. A pesca da baleia. O algodão, o arroz, o anil e outros productos. A situação economica em fins do Seculo XVIII. A independencia economica do Brasil em face de Portugal. *Repercussão economica da mudança da Córte portugueza.* Os serviços prestados pelas administrações portuguezas no Brasil. D. João VI.
- 8) — O Brasil independente. Politica commercial, rendas publicas e orçamentos. O seu aparelhamento economico em principios do Seculo XIX. O trafico africano.
- 9) — Evolução economica comparada dos povos americanos até principios do Seculo XIX.
- 10) — Factos economicos do primeiro Imperio. Factos economicos da Regencia. Guerras, revoluções, crises. Politica financeira. Politica commercial. Evolução do progresso economico. Fim da pbase de reajustamento.
- 11) — O segundo Imperio. Surto economico de 1850. *Cyclo de Mauá.* A guerra do Paraguay e suas repercussões economicas na America do Sul.
- 12) — A evolução economica em meiadós do Seculo XIX. O Norte, o Centro e o Sul. *Cyclo do café.* A predominancia economica do Sul.
- 13) — As crises e a sua influencia na vida economica do paiz. Ultimos dias do Imperio. O problema da mão de obra.
- 14) — As instituições republicanas e a sua repercussão na economia nacional. A situação economica em fins do Seculo XIX.

- 15) — A época do café e da borracha. Phase agro-pecu-industrial no Seculo XX. O declínio da borracha.
- 16) — A politica do café. Sua contribuição para o enriquecimento do paiz. As valorizações, suas causas e consequencias. Razões economicas da monocultura. A polycultura.
- 17) — A politica monetaria. Os meios de pagamento, as instituições de credito e o commercio.
- 18) — A politica financeira. Systema tributario e orçamentos.
- 19) — A politica commercial. Os tratados.
- 20) — Os capitães nacionaes e estrangeiros. Os empréstimos publicos.
- 21) — Immigração e colonisação. O quadro social e as condições de vida no paiz. A eficiencia economica do brasileiro. A politica do trabalho.
- 22) — O aparelhamento economico do paiz em face de sua produção e da concorrência mundial. Transportes terrestres e maritimos. Indices de pobreza. Indices de enriquecimento. Liberalismo e intervencionismo de Estado.
- 23) — As zonas economicas do Brasil. As fronteiras economicas. Federação politica e federação economica. Autonomia politica e unidade economica. A interdependencia economica dentro da federação politica. Os problemas financeiros dentro da federação.
- 24) — A evolução economica dos paizes americanos; razões da sua diferenciación.
- 25) — O Brasil em face da economia mundial. São Paulo na Federação.

CAPITULO I

INTRODUÇÃO. ANTECEDENTES.

SUMMARIO

Conceito de historia economica. A evolução economica nos tempos medievaes e nos tempos modernos. A revolução agricola. A revolução commercial. O mercantilismo. A revolução industrial. O capitalismo e a formação dos paizes agricolas. Historia economica da America. Historia economica do Brasil.

A Historia Economica

A HISTORIA DO BRASIL é ainda muito recente. Paiz que encontra suas origens não em migrações provenientes de zonas super-povoadas, mas como simples colonia de exploração de um povo bravo mas pouco numeroso, apresenta a sua historia economica aspectos que lhe são peculiarissimos. Sua divulgação se torna cada vez mais necessaria, para que possamos aproveitar os ensinamentos que as reacções do meio vêm offerecendo á actuação do homem, na porfiada luta em que, ha 400 annos, se vem empenhando pela formação de um organismo social forte, capaz de desfructar as mais favoraveis condições de vida. Do aperfeiçoamento dessas condições, resultará o fortalecimento do Estado, numa linha ascendente de progresso, e a segurança de uma posição respeitavel, economica e politicamente, no concerto das demais nações.

Sem irmos ao exaggero de tudo attribuir a motivos de ordem economica, não podemos deixar de reconhecer sua crescente importancia na evolução dos povos. Se é verdade que em determinados periodos historicos constatamos a influencia de factores religiosos, culturaes e politicos, affectando profundamente o desenvolvimento dos povos, o caracteristico fundamental dos tempos modernos, iniciados contemporaneamente com a descoberta do Brasil, é a preponderancia do factor economico. Dahi, alguns historiadores attribuirem á historia politica e militar a simples exposição descriptiva dos factos historicos, reservando para a historia economica a investigação do "porque" desses factos.

Não obstante o valor de que se reveste, não deve causar surpresa a ausencia desta cadeira nas Faculdades superiores do Brasil. Na Inglaterra, a grande creadora das principais instituições economicas, só em 1910 se creou, em Manchester, uma cadeira de historia economica, que logo desapareceu com a morte de Unwin, seu primeiro regedor. Cambridge adoptou-a em 1928, Oxford em 1931. Nos Estados Unidos, se a Universidade de Harvard instituiu a cadeira de Historia da Economia Americana, no ultimo quartel do seculo passado, foram poucas as universidades que seguiram o seu exemplo e assim mesmo em epoca muito recente.

Eram, até ha pouco tempo, relativamente raros os historiadores que se occupavam de tal assumpto. No Brasil, para só fallar dos mortos, possuímos eruditos estudos feitos por Varnhagen, Capistrano de Abreu, Vieira Souto, Amaro Cavalcanti, Calogeras e alguns outros. A Calogeras, cuja memoria cada vez mais veneramos, e sob cujas inspirações gostaríamos de poder lançar esta cadeira, devemos, entre outros, os notaveis trabalhos sobre a politica monetaria, as minas do Brasil e a politica exterior do Imperio.

O campo da historia economica é vastissimo e não nos cãncaremos de chamar para o seu estudo a attenção dos brasileiros, com o proposito de uma effectiva systematização, de que deverão resultar reaes e incontesteis proveitos para o paiz. Mesmo no estrangeiro, são relativamente recentes os historiadores e os economistas que se occupam do assumpto. No seculo passado, Cunningham, na Inglaterra, Schnoller e Knapp, na Allemanha, Fustel de Coulanges, na França, já accentuavam a inter-relação existente entre a historia economica e a historia politica.

Carlos Marx, em suas apaixonadas criticas sobre o capitalismo, via em todos os acontecimentos politicos, gerando-os e explicando-os, o substratum economico.

Dahi em deante, historiadores e economistas interessaram-se cada vez mais pela investigação das origens do capitalismo, systema economico, cuja predominancia accentuadamente se firmou nos tempos modernos. Mas a phase culminante e contemporanea desses estudos cabe a Sombart, em 1902, com sua notavel obra sobre o capitalismo moderno.

"O alimento, o vestuario e a habitação são os elementos fundamentaes da subsistencia humana"; uma vez assegurados, as sobras vão constituindo os factores do progresso. Este se traduz numa ascendente melhoria do padrão de vida, creando continuamente necessidades que se multiplicam. Em qualquer nucleo social, o primeiro passo para o progresso foi sempre caracterizado pela permuta dessas sobras. Não cabe aqui me estender sobre este thema, nem discorrer sobre a evolução da economia da troca, economia da moeda e economia do credito. A outros eursos compete essa materia, cujo conhecimento é basico para o de historia economica.

O nosso programma

A simples leitura do programma que elaboramos demonstra o maior desenvolvimento que procuramos dar ás phases de nossa economia, nos ultimos cincoenta annos.

Constatando, porém, ter sido na era colonial que se formou a trama social, asseguradora da estrutura unitaria do paiz, impuzemo-nos a fixação dos factores economicos que contribuíram para essa formação.

Para melhor conhecimento do que somos, devemos, ainda, determinar os factores externos que influenciaram o nosso periodo embryonario, que tiveram acção e que continuaram a actuar na modelagem de nossa formação economica.

De facto, o Brasil iniciou-se á sombra da civilização occidental, assim chamada em contraposição á asiática. A orientação da sua formação foi a européa, através dos elementos que para aqui vieram dirigida. Natural, por isso, que fixemos, em rapidos traços, os aspectos daquella civilização, do ponto de vista economico, á data do nosso descobrimento e, contemporaneamente, com o curso da nossa evolução.

Tempos medievaes

E' conhecida na historia a importancia commercial que sempre teve a bacia do Mediterraneo. São épicas as lutas travadas para o seu dominio, avultando, na Idade Média, as luctas entre christãos e Mussulmanos. Veneza, durante um millenio, ahí manteve a sua hegemonia commercial; Genova, Florença e Milão tiveram tambem sua idade de ouro, na epoca medieval e na Renascença.

Na Europa, o regimen politico do feudalismo era um entrave á expansão economica. Os feudos quasi que se bastavam a si proprios e era numa limitada agricultura que se concentrava quasi toda a actividade economica. Era relativamente escasso o uso da moeda, como instrumento de troca. Com a insufficiencia dos meios de transporte, com a falta de garantias então existente e com o atrazo dos processos de cultura, a produção era feita quasi que para consumo immediato. A's feiras, periodicamente realizadas em portos determinados, transportavam-se os excessos das produções por cujas trocas se compensavam as escassas necessidades reciprocas.

Sobre as preoccupações mercantis, predominavam, na Europa, os interesses religiosos e militares. Constituiam excepções as republicas italianas, que, por isso,

se enriqueceram, principalmente com o commercio do Oriente. De facto, os mercadores italianos iam buscar nos portos do Levante e do Egypto as especiarias que vinham da longinqua Asia, em transportes maritimos, atravez do Oceano Indico e Mar Vermelho, e por caravanas que atravessavam regiões inhospitas e difficeis da Asia.

O gosto da alimentação fortemente estimulante, que predominava na Idade Media, deu vultoso incremento á importação da pimenta, do gengibre, da noz moscada, do açafão e outras especiarias orientaes (1). Pannos e pedrarias do Oriente, assucar e outros artigos medicinaes, cuja introdução na Europa remontava aos Crusados, completavam o quadro de mercadorias, objecto do commercio veneziano. De Veneza, a sua frota as redistribuia aos demais portos do Mediterraneo. Pelos Alpes, a linha Veneza-Augsburgo-Brugges era o eixo de distribuição para a Europa Central. Ao norte, a frota hanseatica mantinha commercio, intenso para a epoca, entre o Mar do Norte e o Baltico.

Não nos impressionemos, porém, com as descripções de então; toda a capacidade da frota hanseatica, que por séculos dominou o commercio do Norte da Europa, com apoio nas cidades livres da costa do Baltico e do Mar do Norte, caberia dentro do porão de dois ou tres cargueiros de hoje; era inferior a 50 toneladas a media da capacidade de cada barco... Dois trens de mercadorias, atravessando o São Gotthardo conduzem, hoje, volume superior ao que as caravanas transportavam em um anno. E só se carregavam mercadorias de grande valor em pequeno peso.

Numa epoca em que os preços eram em sua grande maioria regulamentados, a relação abaixo, tirada do edito de Affonso III (2), em 1253, e que durante largo

(1) No capítulo III, do tomo II, esclarecemos os motivos da grande valia das especiarias nessa epoca.

(2) JOÃO LUCIO DE AZEVEDO. — *"Processo de Portugal Economico"*.

tempo vigorou em Portugal, dá uma idéa da natureza desse commercio :

- Escarlata ingleza — 70 soldos o covado
ou sejam hoje cerca de ...
600\$000 o metro ;
- Pimenta — 15 libras por arroba
ou sejam hoje 108\$000 o kilo;
- Cobre e estanho — 12 libras por quintal
ou sejam hoje cerca de ...
22\$000 o kilo.

Isso, quanto a artigos importados ; nos productos portuguezes, encontramos a vara de burel, de que se vestia a pobreza, valendo dois soldos, ou sejam 10\$000 o metro; o panno de linho, tres soldos, ou sejam 15\$000 o metro e o bragal commum, um soldo, ou sejam 5\$000 o metro, moeda de hoje.

Nas cidades pouco populosas da Idade Media, imperava o regimen corporativo, em que os preços eram regulamentados e a producção limitada ás necessidades do consumo. Ahi se concentravam os mercadores e os pequenos industriaes. Logo se accentuaram as lutas entre os barões feudaes e as cidades livres, que então se formavam.

Os monopolios eram vigorosamente defendidos. Nas cidades italianas, castigavam-se com pena de morte os artesãos que trahiam seus segredos. Com a insufficiencia da producção, limitada pela carencia de processos technicos e pela mentalidade economica vigente, adstrieta ao indispensavel, prohibia-se em certos lugares, e sob penas severas, a exportação de cereaes.

Tempos modernos

Era escassa a circulação de metaes preciosos, sendo estimado em menos de 50 milhões de libras o valor da moeda em giro na Europa em fins do século XV. As primeiras massas de moedas foram-se accumulando em mãos de banqueiros italianos e allemães, que iniciaram a applicação de capitaes em operações de finanças publicas e de commercio.

Esse estado geral de estagnação da producção e no commercio da Europa soffreu uma alteração violenta, a partir do seculo XV. Deram-se, simultaneamente, verdadeiras revoluções na ordem economica, politica e social. O espirito guerreiro-religioso foi-se substituindo pelo espirito mercantil. O enriquecimento das cidades italianas provocou um surto de cultura, do qual proceio, *magna pars*, a Renascença, movimento de que resultou geral emulação na Europa. A descoberta da imprensa, coincidindo com a reforma religiosa, acarretou uma intensa troca de ideas entre os povos europeus.

A evolução natural do systema politico reinante na Idade Media traduziu-se na formação de grandes Estados, em que o poder absoluto absorveu os feudos e os governos das cidades. As descobertas maritimas constituiram novo e mais accentuado motivo de emulação entre os grandes Estados, que passaram a comprehender a importancia de uma economia nacional forte para garantir uma potencia militar fortalecida.

O affluxo de metaes preciosos, cuja existencia na Europa estava adstricta á pequena producção das suas minas, da Austria e da Bohemia e á contribuição portugueza provinda da Africa, viu-se de repente accrescido pela inundação de ouro e prata, que a Hespanha trouxe do Mexico e do Perú.

No seculo XVI, a produccão de ouro e prata no mundo já se elevava á importancia de 250 milhões de libras ; no XVII, a mais de 300 milhões. Esta invasão de metaes, occorrendo conjuntamente com a formação dos grandes Estados, com as descobertas maritimas, com as invenções technicas e com a consequente intensificação das relações commerciaes, provocou uma profunda mudança na mentalidade européa e na organização social e politica, caracterisando uma epoca que os historiadores classificam de Revolução Commercial. Coincidiu o seu inicio com o descobrimento do Brasil.

A revolução commercial (3)

De facto, a preocupação mercantil se accentuou, passando a ser considerada o meio mais rapido de enriquecimento e, portanto, de fortalecimento do poder dos povos. A navegação deixou de ter o caracter costeiro e passou a ser oceanica, alargando-se, em consequencia, brusca e consideravelmente o campo de actividade das nações. O continente europeu, que, ainda em fins do seculo XV, soffria a sua ultima invasão, a dos Turcos, transformou-se em dominador do mundo, num crescente progresso, sem parallelo em toda a historia.

Portugal, pioneiro do movimento navegador, após curto reinado, cedeu á Hespanha o sceptro dos mares ; esta á Hollanda que, mais tarde, teve que o passar ás mãos da Inglaterra. A competição e a rivalidade commercial entre a Hollanda, a França e a Inglaterra foram um dos caracteristicos da revolução commercial.

A intensificação do commercio, o barateamento dos productos e o crescimento das populações trouxeram um

(3) KNIGHT, BARNETT AND FLÜGEL — *Economic History of Europe* — 1928.

augmento no consumo, o que, por sua vez, de tal fórma estimulou a producção industrial, que em fins do seculo XVIII assistimos ao surto do seguinte periodo da época capitalista — a revolução industrial, com as suas profundas repercussões no campo economico-social e a formação do capitalismo industrial.

Os capitaes, que se concentravam quasi que exclusivamente em empreendimentos commerciaes e alguns commettimentos financeiros, passaram a se interessar pela industria, originando a criação das grandes divisões de trabalho, gerando os notaveis aperfeiçoamentos, resultantes, tambem, do emprego sempre crescente do machinário.

A progressiva accumulacão de capitaes, cuja remuneração em fórma de juro, na aurora dos tempos modernos, pela reacção calvinista, tinha deixado de ser um crime, errou outra feição do capitalismo. Surgiram os grandes systemas bancarios, as bolsas, a especulacão de titulos e moddas, a expansão do credito e o predominio incontestavel das entidades financeiras na orientacão dos negocios.

O mercantilismo

O apparecimento dos grandes Estados veio facilitar a intensificacão das correntes de commercio dentro de suas fronteiras, pela suppressão de muitos entraves e pelas garantias de segurança que passaram a offerecer. Mas, absorvendo as cidades mercadoras medievas, comprehendoram que não podiam desorganizar a sua producção especializada, seus monopolios commerciaes, adoptando, de chofre, uma liberdade de circulacão, de que pudesse resultar o seu esmagamento, na concorrência com outros nucleos exteriores, porventura melhor organizados.

Com o advento da mentalidade mercantil, numa época em que a produção, pela ausência de machinários e aperfeiçoamentos técnicos, hoje tão vulgarizados, era limitada e adstricta á area de seus solos, foram os Estados também compreendendo a necessidade de saldos favoráveis na balança do commercio. De facto, na liquidação das trocas, entre os particulares, como entre as nações, os que sabiam conservar os maiores saldos eram os que mais enriqueciam.

Desde que se pronunciasse uma falta de metaes monetarios dentro de um paiz, cahiam immediatamente os preços de seus productos. E os Estados, com essa desvalorização, sentiam um rapido empobrecimento, porque não estava em suas mãos o augmento de sua capacidade productora...

Dahi a politica de se procurar a attracção dos metaes preciosos, que não só indicavam, com a sua presença, que os saldos commerciaes lhes tinham sido favoráveis, como também representavam a segurança de poderem melhor agir nos casos de guerra, tão frequentes na época.

Essa orientação da politica economica promoveu o surto progressista em paizes, como a Inglaterra, que, não tendo metaes preciosos, emprehendiam, alargando sua produção industrial, attrahir a importação do ouro [que, de outra fórma, lhes escassearia.

Nos primeiros tempos da idade moderna, não obstante as novas correntes de metaes preciosos, sentiu-se, por mais de uma vez, a falta de numerario em relação ao volume das transacções, que se iam desenvolvendo.

O commercio com a Asia, da qual se importavam pimenta, pennas de avestruz e marfim, drogas, gomas, oleos, anil em grandes quantidades, cochonilha, tinta da China, curcuma, lacca e gomma lacca, leques, tape-

tes, canella, cravo, noz moscada, gengibre, sagú, assucar, chá, arroz, café, madre-perolas, salitre, araca, algodão, seda crua, musselinas, ebano, sandalo, setim, porcellanas, pelles de tigre e pedras preciosas, provocava um consideravel exode monetario para aquelle continente. Essa drenagem só podia ser compensada pela exportação de productos manufacturados da Europa ou pelo affluxo de massas de metaes, como posteriormente se verificou com as frotas do Mexico e do Perú, entre os seculos XVI e XVIII, com o ouro do Brasil, no seculo XVIII, e com as novas minas da America do Norte e da Africa do Sul, nos seculos XIX e XX.

Sómente após a revolução industrial, em que os volumes de produção e consumo se tornaram muito elevados em relação ao meio circulante, e a economia do credito attingiu sua grande expansão, é que desapareceram, em grande parte, certas preocupações das chamadas escolas mercantilistas, tornadas então desnecessarias.

A applicação de novas doutrinas, as dos economistas do seculo XVIII, só se tornou possivel, quando o ambiente economo-social o permittiu. Estas doutrinas surgiram, pois, antes como effeitos do que como causas, na evolução dos phenomenos economicos. Numa reciproca relação de causa e effeito, a applicação systematizada das novas ideas produziu, porem, posteriormente, um novo surto do capitalismo, cujo cyclo terminou com a Grande Guerra mundial.

Verifica-se, dessa fórma, como é insufficiente a apreciação de phenomenos economicos vistos sob o prisma exclusivo da doutrina da Economia ou da Politica. A' historia economica compete uma interpretação mais objectiva desses factos.

O Capitalismo e a formação dos raízes agrícolas

Todas essas circumstancias não escaparam á fina argucia de Sombart, quando, analysando-as, bem accentuou as differenças profundas da mentalidade economica moderna, face á das eras pre-capitalistas. Emquanto na Idade Média a preocupação foi a de produzir para consumo immediato e para as necessidades minimas do homem, que se achava principalmente absorvido por actividades religiosas, politicas e sociaes, o pensamento dominante na era capitalista já é o do augmento, sempre ascendente da posse de riquezas. E a produção, o commercio e o credito foram se tornando impessoaes.

Para que tal systema economico pudesse proseguir na sua phase evolutiva, tornou-se necessaria a mais ampla liberdade individual, quanto á locomoção, á politica e á aquisição da propriedade. Dessa liberdade, resultou a emulação e o espirito de competição que alcançaram, já em nossos tempos, tão grande acuidade. E o progresso desenvolveu-se com seus aspectos multiformes.

A população da Europa, que era de 50 milhões de habitantes no começo do seculo XVI, passou a 150 em fins do seculo XVII e a 450 milhões em principios do seculo XX. A progressão deste augmento correu parallela com as etapas do capitalismo.

O padrão de vida dos povos foi-se alterando rapidamente. Com o barateamento do algodão e do linho, passaram-se a usar typos mais confortaveis de roupas. O emprego do algodão proveniente da Asia e da America começou a ser vulgarizado.

Roupas de baixo e roupas de cama, raramente utilizadas em épocas anteriores, passaram a ser artigos de uso commum, nos seculos XVII e XVIII.

A intensificação do commercio e os novos consumos podem ser bem focalizados com o café, artigo ainda pouco consumido na Europa antes do seculo XVIII. O seu consumo dobrou entre 1710 e 1720. Entre 1720 e 1730, epoca em que vieram as primeiras sementes para o Brasil, duplicou de novo. Mas entre 1730 e 1735, triplicou !

A producção de metaes preciosos, tão avolumada nos dois primeiros seculos dos tempos modernos, principalmente com referencia á prata, pela contribuição hespanhola, foi acelerada e alterada, no seculo XVIII, pela cooperação do Brasil. Neste seculo, o ouro brasileiro elevou em muito o valor da producção deste metal, fornecendo novos elementos á revolução industrial, como teremos oportunidade de esclarecer. Posteriormente, já no seculo XIX, essa situação foi muitas vezes ultrapassada pela descoberta das grandes minas norte-americanas e africanas.

Toda essa riqueza metallica deu ainda exaggerado impulso á evolução capitalista, ao grande surto industrial da Europa e da Norte America e a uma accentuada differenciação e divisão do trabalho, com a consequente criação dos grandes paizes agricolas.

E' fructo tambem desse systema economico a adopção, pelos grandes Estados, de definidas politicas colonias, cuja interferencia soffremos no passado e que ainda hoje actuam de modo inequivoco em nossa evolução, devida, principalmente, á natureza tropical da maioria de nossas produções.

Como complemento deste estudo introductorio, impõe-se o exame das epocas economicas correlatas de Portugal e Hespanha, os paizes iniciadores da phase colonisadora dos tempos modernos e a que estivemos ligados em tão largos periodos de nossa existencia.

Tal apreciação, completada com uma analyse do crescimento da navegação oceanica, que tambem nasceu

na mesma década que o Brasil, constituirá o objecto do capítulo seguinte.

Historia Brasileira

Mas ficam esboçadas, em largas pinceladas, as grandes tendencias economicas que se verificaram em épocas immediatamente anterior e contemporaneas com as da existencia do Brasil. O rapido enriquecimento decorrente do commercio com o Oriente foi o detonador de uma revolução economo-politica-social, a maior de todos os tempos. Contrapondo-se ao systematico programma de governo adoptado por Portugal e ahi seguido durante 80 annos — a descoberta de um accesso á India pelo périplo africano, — os hespanhoes, por espirito aventureiro, procuraram, com Colombo, alcançar o Oriente pelo Occidente, descobrindo as Antilhas.

Mais tarde, Inglezes, Hollandezes e Francezes, objectivando a mesma via pelo norte, para a conquista dos mercados asiaticos, descobriram as regiões septentrionaes do continente americano. A preocupação mercantil de lucro já se traduz na mensagem de Colombo, quando, communicando á Côrte hespanhola a sua descoberta, propõe com aquelle proposito, a escravização e o trafico dos autochthones.

As primeiras expedições portuguezas da Asia voltaram enriquecidas com productos resultantes das trocas alli effectuadas, accrescidos, em grande parte, de fructos do saque e dos tributos impostos. Era a mentalidade da epoca.

Os saques aos thesouros das antigas civilizações americanas dos Incas e dos Aztecas despertaram a attenção de todo o mundo para o continente Colombiano, promovendo a acção politico-colonial da Hespanha e as investidas das nações rivaes.

No Brasil, onde só constava, de inicio, a existencia de pau-brasil, bugios e papagaios, não se justificava uma larga exploração mercantil á moda do tempo.

Que o espirito religioso já não era o dominante e cedia lugar ao mercantil, prova-o o proprio nome dado á nossa terra que, de Vera Cruz ou Santa Cruz, como fôra officialmente baptizada, teve esse nome alterado para a da riqueza que então se suppunha principal. João de Barros, em sua acrisolada fé christã, já clamava que “por artes diabolicas se mudava o nome de Santa Cruz, tão pio e devoto para o de um pau de tingir pannos”.

A Europa, ainda pouco povoada, não tinha necessidade, por motivos demographicos, de promover emigrações. A ambição dos grandes Estados absolutos norteava-se para um maior enriquecimento, do qual derivaria o poder militar. Foram, pois, principalmente de ordem economica, os factores dominantes, no inicio da exploração da America.

No estudo que vamos emprender, procuraremos fazer um trabalho sinceramente objectivo, vizando focalizar os factos ligados ás actividades economicas do homem em nossa terra, desde a sua descoberta, analysando a formação economica que acompanhou a da sociedade brasileira.

De partida, devemos assignalar que são profundas as diferenças das condições em que se processou a nossa economia, comparativamente com as das demais nações, cujas vidas principiaram contemporaneamente com a nossa. A phase inicial das colonias hespanho'as se assignala com a exploração dos metaes ricos, pelo aproveitamento do trabalho servil das populações autochthones. Apesar de serem aventureiros os primeiros exploradores, houve mais tarde a preoccupação, por parte dos Hespanhoes, da selecção dos elementos que partiram para proseguir a colonização branca. Posteriormente, quando se passou á phase da exploração de productos tropicaes,

foi bastante intensa a remessa do escravo africano para as Indias de Castella.

Nos Estados Unidos, a colonização foi iniciada um seculo depois da nossa e em condições excepçõaes. De facto, os colonos europeus que para alli seguiram, eram constituídos em grande parte de elementos escolhidos que se retiravam da terra natal, principalmente por motivos religiosos. Encontraram no solo americano um ambiente igual ou superior ao que tinham deixado, quanto ao clima, productividade e riquezas naturaes. A zona temperada e fria da America do Norte é excepcionalmente favoravel ao immigrante europeu, cuja evolução biologica melhorou, mesmo sem cruzamento, conforme tem sido verificado nos estudos alli realizados. O meio physico em tuac facilitava ao novo immigrante o accesso ao interior (*).

No Brasil, sem encontrar, a principio, os metaes preciosos, compellidos, por circumstancias que teremos oportunidade de analysar, a occupar effectivamente a terra, foram os Portuguezes forçados a recorrer á agricultura, afim de assegurar a base e o rendimento da nova colonia. Deparando um meio pouco attrahente ao elemento europeu, e adstricto a producções tropicaes, para aqui trouxeram uma grande massa de população africana, que se reuniu á população autochthone, povo primitivo, ainda na idade da pedra polida. Com taes elementos, o diminuto contingente de brancos formou uma civilização inteiramente nova, em ambiente reconhecidamente difficil.

Méra colonia de exploração, a principio, colonia mixta de povoamento e de exploração mais tarde, é interessante acompanhar ainda que syntheticamente a evolução das actividades economicas aqui exercidas pelos primeiros habitantes, a formação dos nucleos sociaes,

(*) FAULKNER — *American Economic History*.

o nascimento do espirito de autonomia economica e politica, as applicações de instituições economicas europeas numa grande massa em que avultavam povos incultos daqui e da Africa, num meio inteiramente novo e pouco conhecido.

Focalizados os caracteristicos de nossa evolução economica, procuraremos projectal-a sobre os acontecimentos que se processavam na Europa e contra o plano de evolução dos demais paizes americanos que, contemporaneamente connosco, se fizeram e cresceram.

Neste estado evolutivo e comparativo, envidaremos explicar a razão das etapas de nosso processo economico, nas diferentes epochas e no momento actual. Estudando a historia economica do Brasil, verificaremos os periodos em que a colonia, em seus primeiros passos, foi deficitaria á Corôa portugueza. Apontaremos as phases em que determinadas zonas economicas deram saldo real em sua exploração, enquanto outras se apresentavam em situação deficitaria.

Procuraremos determinar, pela evolução comparativa entre os povos, a razão do atrazo de nossas actividades economicas em determinadas epochas e para determinadas regiões. Investigaremos a evolução de nossas instituições economicas, muitas tomadas de emprestimo a outros povos, de diferentes estados de cultura, e que, por isso, não se adaptaram com vantagem e efficientemente ás nossas realidades. Esforçar-nos-emos, enfim, por indagar a origem dos muitos entraves que dificultaram, e difficultam, a nossa evolução progressista.

A um estudioso sincero de nossas questões economicas uma conclusão, porém, desde logo se impõe: os povos que hoje se contam na vanguarda do progresso e da civilização libertaram-se, nos tempos modernos, de uma desorganização que os estiolava; e a primeira manifestação de sua força foi a fixação de uma consciencia nacional de suas proprias aspirações e necessidades,

permittindo-lhes rôtas politicas que lhes facilitaram uma mais rapida evoluçào economica.

No Brasil, apezar dos esforços dos nossos maiores e do quanto já realisamos, em face dos multiplos factores adversos, que se nos deparam, ainda não chegamos, no emtanto, á inteira formação dessa consciencia. Dahi o programma da Escola Livre de Sociologia e Politica de São Paulo, com esse relevante objectivo. Se as explanações e as criticas que fizermos concorrerem, de alguma fórma, para esse proposito, dar-nos-emos por pagos dos nossos esforços e das nossas penas.

Foi esta a primeira lição dada na Escola Livre de Sociologia e Politica de São Paulo, em 8 de Abril de 1930, e, como as outras, resumida na imprensa, e mimeographada para uso dos alumnos e de interessados.

CAPITULO II

PHASES ECONOMICAS DE PORTUGAL E HESPAÑHA

SUMMARIO

Phases economicas de Portugal e Hespanha, correlatas com os primeiros tempos do Brasil. Grandeza e decadencia de Hespanha e Portugal. A marcha da civilisação e os meios de transportes. A evolução dos transportes maritimos e a sua influencia na evolução das colonias americanas. O papel de Portugal na historia da navegação. O custo dos transportes.

Trabalho, natureza e capitães no seculo XVI.

Valor das terras brasileiras.

A historia economica do Brasil se processa atravez da formação evolutiva de um organismo social em ambiente inteiramente novo, permittindo que se percebam, nitidamente, as reacções reciprocas do homem e do meio, no desenvolvimento das actividades economicas.

E' natural que, no limiar de sua critica, seja desde logo dispensada especial attenção ás condições de Portugal na epoca do descobrimento e ao tempo em que tivemos ligados os respectivos destinos.

Nascida na segunda metade da Idade Media, a monarchia portugueza se mostrou desde logo com uma forte organização de governo central, pois que foi deste que os barões feudaes receberam terra e poder.

Logo de inicio, puderam os soberanos portuguezes assegurar á Corôa a maior somma de terras e de riquezas. Poupados e ricos foram os primeiros reis. A economia naturista predominava, recebendo os monarchas de seus feudos e rendeiros 50% do vinho, 1/3 do trigo e differentes prestações em outros generos, em trabalho e em serviço militar. Os feudos, unidades economicas, quasi que se bastavam a si proprios, com poucas deficiencias. Havia equilibrio entre a producção e o consumo, e nas feiras, as suas faltas ou sobras reciprocamente se compensavam. O ouro das arcas reaes provinha, principalmente, dos tributos e presas de guerra.

Comprimido entre o mar e os reinos que mais tarde vieram a constituir a Hespanha, era natural a tendencia expansionista pela via maritima, que, desde os primeiros

tempos, se foi esboçando no commercio portuguez. Foi portugueza a primeira feira estrangeira estabelecida em Bruges. Na Inglaterra, ao tempo de João-Sem-Terra, registaram-se muitas licenças para a entrada de mercadores portuguezes, que, em pagamentos de vinhos, azeite, cortiça, cereaes, pescarias, mel e pelles, dalli retornavam com pannos e metaes.

Nos pequenos centros urbanos em formação, as corporações de officio controlavam os preços e respectivas fabricações, que se produziam quasi que exclusivamente para consumo immediato. Os preços das mercadorias e dos serviços eram praticamente estaveis e tabellados.

Não perdurou, porém, na monarchia agraria portugueza, a sequencia de reis economicos e, com o tempo, se foi accentuando o desequilibrio financeiro do erario real. Os reis passaram, então, a estimular a criação de villas e conselhos, de que poderiam auferir novas contribuições, fomentando, dest'arte, a independencia dos municipios, face aos senhores feudaes. Por essas e outras causas, verificou-se uma crise de braços no campo e um êxodo das populações para as villas e cidades, com grave prejuizo para a agricultura. O commercio interno, numa epoca em que não havia estradas, vehiculos de transportes e seguranças para o trafego, era precario e diminuto. Como nos demais povos da Europa, era baixissimo o padrão de vida. Facilitado pela politica das ordens religiosas, a vagabundagem cresceu e contra ella não se instituiu, como na Inglaterra, o trabalho forçado.

A pescaria e o commercio maritimo evoluíam lentamente. D. Diniz, em 1293, instituiu a marinha do Estado para a sua protecção. A população urbana, central e da costa, formavam o traço de união entre o campo e o mar. "A' beira-mar", commenta Lucio de Azevedo, "a extensa costa proporcionava á vista largos horizontes, desvendando-os, ainda mais vastos á imaginação; allí não se deparavam a empatar o caminhante os matta-

gaes invios, os ingremes cêrros, os rios sem pontes, ladrões do êrmo, e a cada passo as peagens, quando não as exacções do fidalgo saltecedor. Para qualquer se lançar á estrada, pelo mundo fóra, requer-se alguma industria e certa somma de audacia. Nenhum dos requisitos faltava á gente do paiz. As pescarias foram para este, como em toda a parte, a primeira escola nautica. A' proporção que de norte a sul retirava o agareno, ensaiar-se-ia a navegação costeira. E não seria sem effeito a vinda dos crusados, suscitando pelos exemplos o appetite dos rumos distantes. E' provavel terem elles ministrado aos Portuguezes conhecimentos da arte da construcção, assim como da arte de navegar em mar alto; talvez, igualmente, noções de geographia commercial."

O Infante D. Henrique

Gonzalo de Reparaz, em sua *Historia de la Colonizacion*, refere: "No final do seculo XIV, havia já em Portugal uma classe mereantil cosmopolita, rica e influente, com gostos e interesses oppostos aos dos barões feudaes. Embarcadores e commerciantes, unidos aos povos das cidades maritimas, fizeram a revolução de 1383 a 1385, recusando-se a reconhecer D. João de Castella, casado com a filha de D. Fernando, proclamando rei D. João de Avis, filho bastardo de D. Pedro. Com o Rei de Castella, estavam os magnatas e os grandes proprietarios de terras. Em Aljubarrota triumpharam os negociantes e embarcadores, o littoral e a politica oceanica e de transporte, ao dominador dos campos; venceu o mar á terra."

Com a victoria do Mestre de Avis, houve, em Portugal, uma redistribuição de propriedades e honrarias. Não se tendo extinguido o prurido guerreiro, derivou-o

D. João I para a conquista de Ceuta, rica cidade em que os mouros se apoiavam para a pratica da pirataria, que muito dificultavam a incipiente navegação portugueza nos mares do estreito. Começou, assim, em 1415, a jornada africana.

O infante D. Henrique, que fez parte da expedição contra Ceuta, procurou inteirar-se dos mysterios da Africa, alli se orientando com os mercadores viajados. Regressando, fundou a Escola de Sagres, onde reuniu marujos experimentados e homens de sciencia de varias nacionalidades, todes, emfim, quantos lhes pudessem esclarecer sobre a arte da navegação e sobre as possibilidades em terras desconhecidas.

Iniciou-se, então, a expansão maritima portugueza ; foram descobertas e occupadas as Ilhas Açorianas e as da costa africana. Foi de D. Henrique o plano que, seguido com pertinacia, conduziu a monarchia portugueza a procurar, pelo périplo africano, o accesso ás longinquoas terras da Asia, de onde vinham as especiarias, as maiores fontes de enriquecimento commercial. Essa politica não resultou de uma necessidade emigratoria, escassamente povoado como era o paiz, por pouco mais de um milhão de habitantes. Era um plano de governo, que visava, a um só tempo, a conquista de riquezas, a expansão da fé e a oportunidade de satisfazer uma nobreza irriquieta e turbulenta. A occupação das ilhas e as descobertas da costa africana proporcionariam o estabelecimento de senhorios, os transportes de colonos, lutas, guerras, trabalhos e saques.

Pioneiros da navegação em alto mar, orientavam-se pela bussola e determinavam, pelo astrolabio, a sua posição no oceano. Mas á medida que se distanciavam para o sul, eram forçados a abandonar a estrella polar e a se guiarem pela altura do sol. E dada a continua variação da declinação, eram os navegantes obrigados a fazer calculos de correcção, bem difficeis para a epoca.

Foram os portuguezes que, pela primeira vez, fizeram uso duplo da véla quadrada e da vela latina, dispositivo que permittiu o aproveitamento dos ventos alisios para a navegação a barlavento, invenção que um recente escriptor hespanhol considera, para a epoca, quasi que tão importante como a da imprensa.

As descobertas ao longo da costa offerceram oppor-
tunidades para o commercio com os indigenas, e assim é que foram buscar ao sul do Sahara a pimenta malagueta, ameaçando o monopolio veneziano, o marfim, o ouro e escravos. O braço escravo se tornava cada vez mais necessario em Portugal, dada a carencia da mão de obra nas cidades e nos campos. A emulação que as riquezas italianas produziam e o espirito aventureiro que se apossou de Portugal com a chegada dos carregamentos de malagueta, ouro, marfim e escravos, foi consolidando a politica maritima traçada pelo Infante D. Henrique.

Como emprehendimento economico, se muitas das expedições resultaram fructíferas, outras foram deficitarias, e as difficuldades de toda a sorte se foram avolumando pelas guerras continuas que os Portuguezes eram obrigados a manter para garantir as suas feitorias e a respectiva occupação. Mas o avanço para o sul e a posse da costa africana iam tornando cada vez melhor orientado o governo portuguez na arte da navegação e na possibilidade do contôrno do continente africano.

O caminho das Indias

Quando o erario publico lutava com enormes difficuldades para manter a politica que a corôa se traçára — de encontrar um caminho para as Indias — Vasco da Gama conseguiu, em 1497, alcançar esse objectivo. Com as especiarias, tributos e presas de guerra que trou-

xe, pagou a expedição muitas vezes o seu custo; a segunda expedição para as Indias, a de Pedro Alvares Cabral, cobriu o seu custo duas vezes, computada, neste, a perda de quatro barcos.

Com taes resultados, não é difficil prever a expansão maritima que, na época, teve o pequeno reino e a mentalidade que alli se creou. Organizaram-se successivas expedições, que vinham pejudadas de productos orientaes e de presas de guerra. O commercio da pimenta da India, que constituia a mais rica especiaria do tempo, e que era monopolio de Veneza, passou para as mãos dos Portuguezes. Seu custo, na India, seria de menos de 3 cruzados por quintal — pouco mais de 20 réis por kilo, ou sejam mais de 13\$000, em moeda de poder acquisitivo de hoje, — alcançando no mercado de Antuerpia acima de 20 vezes o seu custo no paiz de origem. Alterou-se profundamente a velha monarchia agraria portugueza; toda a attenção se concentrou na exploração de suas novas descobertas, que proporecionavam fartos lucros e rapidas riquezas.

Foi creado o Vice-Reinado da India e as conquistas, com a victoria naval de Diu, no mar Oman, se estenderam até o Mar Vermelho, no proposito de impedir, de vez, a remessa de artigos pelos roteiros primitivos, e garantir, de facto, o monopolio portuguez. Com o objectivo de assegurar o predominio lusitano, em tão vastas zonas, foram usados, como armas, a conquista e o terror, meios que então pareceram os mais efficazes.

A navegação offerceia ainda riscos sem conta aos navegantes e guerreiros. Adoptou, então, o monarcha o criterio de pagar regiamente os Chefes de Expedições e os prepostos de responsabilidade nas Indias, limitando a tres annos a duração do exercicio de seus cargos, para que um grande numero tivesse oportunidade de correr os mesmos riscos e obter as mesmas vantagens.

As tripulações dos barcos eram todas interessadas nos transportes de suas cargas. O governo, grande negociante atacadista, adquiria na India a pimenta, que vinha em fardos de 60 kilos approximadamente. A tripulação era attribuido o direito das "quintaladas", variaveis e proporcionaes aos postos. Houve Vice-Reis na India que ganharam milhares de contos annuaes, fructos de seus vencimentos e privilegios de carregamentos.

Permittia tambem, o governo, que se carregassem nas expedições algumas mercadorias de negociantes particulares. Mas toda a pimenta era vendida pela Casa da India, afim de que a eventualidade de um affluxo de offertas não determinasse a baixa dos preços. Orçavam por 2.000 toneladas annuaes as importações de especiarias orientaes.

Repercussões economico-sociaes

Foram profundamente nocivas as repercussões sociaes de uma tal revolução economica. O reino foi se despovoando, pois que, dos que dalli partiam, pouco mais de 10% regressavam. São assustadoras as estatisticas de viuvias, que as publicações da epoca mencionavam nas regiões de onde seguiam os homens validos. Os campos foram em boa parte abandonados e não possuindo Portugal industria, nem artigos de maior procura para permutas na India, era de fóra que vinha a maioria dos productos para a exportação do Reino. As lutas religiosas e a expulsão dos Judeus, que representavam uma grande classe, rica e efficiente, aggravaram a situação interna. De Flandres vinha o cobre, um dos principaes artigos de commercio com a India. E Portugal passou a importar até artigos de alimentação...

Nos primeiros tempos foram lucrativas as importações asiaticas, mercê, principalmente, dos tributos e

das presas de guerra, que se juntavam aos lucros das especiarias. Com o tempo, porém, foi-se verificando que o commercio normal, com a administração pesada que se havia organizado, tornára-se um monopólio deficitario para a Corôa, e surgiram as crises que eram sangradas pelos empréstimos contrahidos em Antuerpia e nas feiras da Europa Central. No reinado de D. João III, a divida externa alcançava cerca de 3 milhões de cruzados, ou sejam mais de 500 mil contos de hoje; as receitas e proventos da Corôa alcançariam 200 mil contos annuaes. Internamente, lançava mão o governo dos padrões de juros para enfrentar as difficuldades financeiras. Com o desastre de Alcacerquibir e a consequente reunião dos thronos de Portugal ao de Hespanha, aggravou-se a situação nas Indias.

Em 1588, com a derrota da Invencivel Armada, quebrou-se o poderio maritimo da Hespanha. A Hollanda proclamava a sua independencia e, em guerra com a Hespanha, impedida, assim, de mandar seus navios á Lisboa, procurou buscar directamente as especiarias, com cujo commercio de distribuição pelo norte da Europa, de ha muito se vinha enriquecendo (1).

Occupando a Cidade do Cabo e varias colonias portuguezas, cortou de vez o monopólio lusitano. E o cyclo da pimenta, que caracterizou a grandeza do commercio portuguez no seculo anterior, findou-se, praticamente, nos primeiros annos do seculo XVII. Portugal e Hespanha, que tão grandes empreendimentos levaram a effeito, não puderam tirar delles o devido partido. De começo, eram os proprios navios portuguezes que levavam as especiarias para Antuerpia; mais tarde, o porto de Lisboa foi-se coalhando de navios de varias

(1) DAVID LOPES, *n'A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos seculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelona, 1936. estuda, numa erudita synthese, a luta que se processou entre os portuguezes e outros povos da Europa para a conquista dos mercados asiaticos.

nacionalidades, que alli as iam buscar, levando outros artigos que serviam a Portugal para manter no Oriente as suas permutas.

Lisboa trocava productos do Oriente pelos que as outras nações, mais industriosas, fabricavam, ganhando apenas a differença nos preços de compra e venda e no que arrecadava em tributos e presas. Enorme era a sua desorganização economica interna e custosa demais a manutenção de um tão grande imperio. Epocas houve em que, da conquista, o reino nadava em dinheiro. Mas, na realidade, a guerra e outros factores concorreram para absorver os lucros e ultrapassal-os. Verificou-se, mais tarde, que ao menos em relação ao governo portuguez, os lucros commerciaes não davam para o custeio da exploração.

Outros cyclos economicos

Lucio de Azevedo, em suas *Epocas de Portugal Economico*, mostra os cyclos successivos em que gravitou, dahi por deante, a economia portugueza. O cyclo do assucar, em que Portugal pode tomar novo alento, baseado na produção brasileira que, no seculo XVII, predominou no mundo; o cyclo do ouro e dos diamantes no seculo XVIII, em que o Brasil produziu tanto quanto o ouro dos demais paizes, nos dois seculos precedentes; a reacção nacionalista, de Pombal, e, finalmente, as attribuições provindas das guerras napoleonicas que por tanto tempo desorganizaram o velho Portugal.

Essas phases serão examinadas em conjuncto com as etapas correspondentes da economia brasileira. Teremos, então, oportunidade de melhor salientar as epocas em que a colonia produziu saldos, e em que foi deficitaria para a metropole, assim como os proveitos

que, ambas, souberam tirar desses tempos de nosso passado commum, quando o mundo estava empolgado pela revolução capitalista.

Portugal e Hespanha

Nascemos e crescemos acompanhados de perto, na metropole e no continente americano, pela visinhança hespanhola.

Já no seculo IX constituia a Hespanha, sob a influencia da civilização mourisca, uma das regiões mais adiantadas da epoca. Guerras religiosas, competições de raça dividiam os povos ibericos. Conseguida a unificação, no seculo XV, pela actuação de Fernando e Izabel, viveu então a Hespanha os tempos aureos de sua grandeza. A agricultura, em que se empregavam processos de irrigação, introduzidos pelos Mouros, produzia trigo, fruetas, laranjas, canna de assucar e o azeite das oliveiras; eram afamadas as manufacturas de couro de Cordova, as armas, lãs e sedas de Toledo, as luvas de Oeana, os pannos de Saragoça, Barcelona e Valença. Atravez de pintores e escriptores celebres, ahi se manifestou a Renascença.

Ao contrario do que acontecera em Portugal, onde a expansão maritima obedeceu a um plano preconcebido e maduramente reflectido, a Hespanha entrou para a grande navegação por acaso. Quando resolveu custear a descoberta, pelo Occidente, de um roteiro para o Oriente, Izabel de Castella cedeu ás reiteradas instancias de Christovão Colombo. Sempre a mesma preocupação mercantil: a procura de um acesso mais facil á posse das especiarias, em cujo commercio Veneza tanto enriquecera.

Era de grandeza

Descoberta a America, sómente depois do saque aos thesouros dos Incas e dos Aztecas pelos aventureiros hespanhoes, é que a Hespanha se occupou seriamente de sua politica colonial. E este povo, de 7 milhões de almas, dividido por fortes rivalidades locais, mas politicamente unido, poude, em curto prazo, tornar-se a maior potencia maritima do mundo. Em principios do seculo XVI, a Hespanha possuia cerca de 1.000 navios. Portugal lutava á mão armada contra as antigas civilizações asiaticas para manter a sua supremacia e o monopolio de seu commercio no Oriente, ao passo que a Hespanha, lidando com povos mais atrazados, ou civilizações menos aguerridas, teve maiores facilidades nos proveitos alcançados. Verificada a existencia de metaes preciosos, organizou a sua mineração no Mexico e no Perú ; depois de 1541 recebia annualmente, de suas colonias, cerca de 300 toneladas de prata.

A ascenção tinha sido por demais rapida; e a Hespanha foi dominada por um verdadeiro delirio de grandezas. Tinha-se tornado, quasi que repentinamente, o maior imperio colonial do mundo, onde o sol nunca se deitava. Sem embargo, a sua metropole não se constituiu, por uma adequada evolução, uma solida base politica economica e social, reclamada por tal imperio. Dahi a causa fundamental da transitoriedade do seu poderio.

A decadencia

Da critica economo-social da ascenção e decadencia do imperio hespanhol, resaltam claras as causas de ordem economica, moral e politica que apressaram a sua ruína :

1.^a — Soffria a Hespanha, como Portugal, a concorrência de nações vizinhas, mais bem organizadas e mais activas, a Hollanda, a Inglaterra, e a França. Estavam esses paizes mais proximos dos centros de maior riqueza e de populações mais densas da Europa, e eram mais experimentados nas porfias commerciaes.

2.^a — Dominava a Hespanha um despotismo religioso sem paralelo. As ordens religiosas absorviam nos conventos 1/30 de sua população. O trabalho era grandemente affectado pela influencia religiosa. A riqueza affluia em magna parte para as igrejas. A inquisição hespanhola era perseguidora e inexoravel. A censura exercida na imprensa e nos livros difficultava a livre expansão das idéas. A expulsão dos Mouros, que constituíam uma parte laboriosissima da população iberica, alcançou algarismos que desorganizaram a produção industrial e agricola. A expulsão dos Judeus, que tambem attingira cifras elevadissimas, levou para a França e para a Hollanda capitaes e apreciaveis actividades. Finalmente, a guerra religiosa contra a Inglaterra e contra os Calvinistas e Lutheranos, nos Paizes Baixos, provocou, nesses paizes, principalmente no ultimo, vivissimas reacções contra o imperio hespanhol. A derrota da Invencivel Armada, mandada contra a Inglaterra protestante, em 1588, marca o inicio da decadencia do seu poderio.

3.^a — Ao mesmo tempo que se expulsavam classes laboriosas, integradas na economia do paiz, crescia assombrosamente a casta dos nobres, que, não trabalhando por principio, constituia onerosissimo parasita social. No seculo XVIII, abi se contavam mais de .. 600.000 nobres (2).

(2) Os mouros expulsos teriam attingido cerca de 400.000, os judeus tambem banidos, 100.000: os individuos reclusos em conventos 250.000. Acrescentando-se a estas os 600.000 nobres, que não trabalhavam, verifica-se o elevadissimo desfalque que devoria ter soffrido a população productiva na Hespanha, que contaria, em fins do seculo XV, cerca de 7.000.000 de habitantes.

4.^a — O regimen de monopolio, estabelecido para o commercio com as suas possessões, que se operava atravez da “casa de contratacion”, estabelecida em Sevilha, difficultava sua expansão e incrementava o contrabando.

5.^a — A exaggerada fiscalidade da legislação, e uma errada politica monetaria, concorriam para a anarchia financeira do paiz.

6.^a — O espirito de grandeza e de aventuras, de que se viu possuida a população, desviou-a por completo dos affazeres productivos.

7.^a — Os emprestimos, contrahidos com banqueiros italianos e allemães, para cobertura dos deficits do erario, os grandes gastos com a armada, com o exercito e com as guerras, a invasão de productos estrangeiros e o curso impiedoso que se exercia contra o commercio hespanhol, acabaram a obra de destruição de tão poderoso imperio.

Os metaes preciosos que affluiram á Hespanha serviram apenas para o fomento das industrias de outros paizes que, de facto, trabalhavam para o supprimento das colonias hespanholas, directamente, ou por intermedio da propria metropole.

A repartição pela Europa inteira dos beneficios das descobertas maritimas, apesar dos esforços monopolisadores de Portugal e Hespanha constituiu facto incontestavel. Essas nações não eram sufficientemente productoras para assegurar o commercio com suas proprias colonias; não conseguiram fazer retornar seus navios carregados com seus proprios productos, nem estavam em situação de exercer o papel activo que devia caber ás metropoles ne pacto colonial.

A descoberta de um accesso mais facil ás grandes riquezas do Oriente, e os metaes americanos, provocaram uma forte emulação entre as demais nações euro-

péas, cuja politica exterior orientou-se para a apropriação da maxima parte dos lucros desse commercio. Dahi, um dos aspectos da politica mercantilista, visando a obtenção dos metaes preciosos pela venda de outros productos, já que essas nações não podiam extrahil-os, directamente, das minas descobertas. Dahi, ainda, a ansia de encenstrar outro caminho para o Occidente atravez da America septentrional, e a luta em que, para isso, se empenharam a Inglaterra, a Hollanda e a França.

Os acontecimentos lhes iam demonstrando que seria mais facil a obtenção dos proventos, agindo directamente contra o proprio imperio hespanhol, que, senhor de tão grandes riquezas, não tinha a capacidade sufficiente para conserval-as e defendel-as. Iniciaram-se, então, os corsos e os ataques directos contra os seus galeões que conduziam metaes preciosos e especiarias. Mais tarde, por via diplomatica, alcançaram situações favoraveis no commercio hespanhol, como se verifica dos tratados que lhe foram impostos e da luta entre essas nações para a conquista de monoplios para o trafico africano, os celebres "assientos". O contrabando, exercido em larga escala, proporcionava tambem vastos lucros ao commercio e aos embarcadores nas nações septentrionaes, em detrimento dos monoplios hespanhoes. (3)

Portugal, com sua diminuta população, fóra das rotas commerciaes da Idade Media, não estava preparado, assim como a Hespanha, para a manutenção de seus dominios coloniaes, por falta de uma base solida com estrutura economica apropriada ás suas novas condições. E ao passo que a Hespanha perdia, praticamente, todas as suas possessões, Portugal, apesar de

(3) ARTHUR PERCIVAL NEWTON, *The European Nations in the West Indies*.

todas as vicissitudes por que passou, ainda conserva um notavel imperio colonial. Isso se explica, porque, entre outras causas que opportunamente examinaremos, as suas conquistas, feitas mediante um pertinaz esforço de mais de um seculo, geraram uma tradição e um espirito de continuidade, que constituiram fortes elementos de unidade e defesa.

Os transportes maritimos

A' medida que a civilização progride, diminue a estreita dependencia do homem ao meio geographico.

Os rios, antes que se utilisassem as primeiras jangadas, constituiam obstaculos, e não vias de transporte. O mar, a dilatada estrada de hoje, de cujo dominio resulta o imperio do mundo, era a barreira intransponivel, que separava os continentes.

A marcha da colonização civilisadora se manifesta nos meios de transportes : primitivamente, é o proprio homem que se desloca ; utiliza-se, posteriormente, dos animaes domesticos ; e, finalmente, do barco e do vehiculo motorizado. A cada um desses avanços, corresponderam estagios distinctos da civilização. A propria epoca da navegação maritima se subdivide em etapas de progresso : navegação costeira, penetração do Atlantico e navegação inter-oceanica. Nada melhor traduz a revolução commercial nos tempos modernos do que o seu desenvolvimento da Idade Media até nossos dias. E' do seu exame que se pôde aferir o pequeno vulto do commercio medieval e dos primeiros tempos da era maritima, em relação á importancia que hoje alcança.

O progresso da navegação está ligado á profunda alteração realizada na vida economica dos povos, á mudança radical nos costumes, no padrão de vida, á completa transformação dos systemas de producção, alarga-

mento dos mercados, divisão de trabalho, e augmento acelerado das populações. De sua historia, resalta o extraordinario serviço prestado ao mundo pelo pequeno Portugal, o pioneiro incontestavel da grande navegação.

Antes da expansão portugueza, eram os barcos de modestissima capacidade, feitos para a navegação costeira e mares fechados. A celebre esquadra da Confederação Hanseatica, que, nos tempos medievaes, mantinha um intenso commercio no Mar Baltico e no Mar do Norte, tinha uma capacidade total talvez inferior a 15.000 toneladas. As galés genovezas e venezianas, impulsionadas por um systema mixto de velas e remos, e que por tanto tempo dominaram no Mediterraneo, alcançavam um comprimento de 41 metros e apenas 6 metros de largura.

Os Portuguezes

O atrazo na arte nautica não se verificava sómente quanto á construcção, mas por egual com referencia aos processos de navegação. Portugal, formando a celebre escola de pilotos, em Sagres, foi accumulando conhecimentos nauticos, que lhe permittiram, em tenaz continuidade de esforços, um notavel aperfeiçoamento naquella arte.

Até Bartholomeu Dias, as viagens eram feitas em tres typos de navios. Gil Eanes dobrou o Cabo do Bojador em uma "barcha" de cerca de 25 toneladas, coberta sómente em parte, levando 14 homens de tripulação e dotada de 1 mastro e 2 velas. Na expedição seguinte, Gil Eanes voltou em sua "barcha" acompanhado por Affonso Baldaya, já no "barinél", navio de vela, maior que a "barcha" com dois mastros, providos de velas redondas e cestas de gavea. O barinél, se bem que equipado com velas, podia ser propulsionado com

remos, tal como a galé. Mas se taes dispositivos permittiam uma marcha melhor, demandava o seu emprego uma tripulação maior (4).

As caravelas, usadas pela primeira vez em 1400, já representavam um grande progresso; eram barcos de mais de 50 toneladas, medindo 20 a 30 metros de comprimento e 6 a 8 de bocca, com 3 mastros, castello na pôpa, possuindo um systema de duplo velame; velas quadradas para os ventos de pôpa e velas latinas para o barlaventear. Foi uma grande invenção portugueza.

“Na forma e proporções das caravelas foram certamente felizes os Portuguezes, pois que, oppondo menor resistencia á deriva, maior facilidade tinham em virar, como se se tratasse de navios de remo” (5).

Passou a caravela a ser a rainha da navegação, por curto periodo, é verdade, mas periodo que foi decisivo (6).

Quando principiaram as viagens transatlanticas, a sua capacidade foi augmentada para 150 a 200 toneladas; levavam 4 mastros, o da frente com velas redondas e os demais com velas latinas. Alcançado o Cabo das Tormentas, não se mostraram as caravelas bastante resistentes para enfrentar os mares tempestuosos da costa oriental africana, e foram, então, construidas as *naus* portuguezas, usadas pela primeira vez na expedição de Vasco da Gama.

Divergem os historiadores quanto á capacidade dessas naus. A “São Gabriel”, segundo Braz de Oliveira, teria 120 toneladas e 19 metros de comprimento por 6 de bocca. O Vice-Almirante Moraes e Souza con-

(4) EDGAR PNESTAGE — *The Portuguese Pioneers* — Londres, 1933.

(5) ROERIE ET VIVIELLE — *Nautica et Marius* — Paris, 1930.

Prof. MARIO DE VASCONCELLOS E SÁ — *Os navios dos descobrimentos* — Hist. do Portugal, 1931.

(6) QUIRINO DA FONSECA N'A *Caravela Portuguesa e a Prioridade das Navegações Henriquinas*, Coimbra, 1934, estuda exaustivamente a evolução e a construção desse typo de barco.

testa, allegando que ha um equívoco entre a tonelagem de capacidade e a tonelagem de carga transportavel, attribuindo, então, á nau São Gabriel um comprimento de 27 a 31 metros, por 8 a 9 de bocca e uma tonelagem de deslocamento superior a 500. Como quer que seja, as naus, cuidadosamente construidas, para riar grosso, chegaram a alcançar de 800 a 1000 toneladas. Seguiram-se, depois, os galeões, e, mais tarde, as "caracas". Estas ultimas chegavam a ter sete a oito pontes e eram capazes de comportar até 2 mil pessoas. As caravelas eram consideradas navios essencialmente portuguezes; e os segredos de sua construcção foram durante muito tempo cuidadosamente guardados.

"As viagens, desde que transpunham a linha do Equador, para o Sul, eram mais difficeis e perigosas. A estrella polar, que até alli servia aos marítimos para tomar a sua altitude, não era mais visivel no hemispherio sul. O unico recurso tinha de ser o sol, cuja altura, marcada pelo astrolabio, devia indicar ao navegante a distancia em que se encontrava a linha equinoxial. Mas o uso do astrolabio se complicava, dada a declinação do sol; dahi o uso necessario das tabellas para as correções diarias, etc." (?).

Foi devido á audaciosa e systematizada actuação dos Portuguezes que o commercio maritimo se tornou oceanico, realizando, assim, um notavel avanço. Abandonaram-se as galeras a remo. Recorreram-se a outros typos de barcos; e para melhor aproveitar os ventos, foi preciso levantar os mastros, multiplicar as velas, augmentar suas dimensões, alterar sua forma. Para sustentar a pressão dos ventos, fez-se mistér o augmento da altura e proporções dos navios e o reforço de sua estrutura. Com o augmento da capacidade dos navios, as antigas praças maritimas, que eram muitas vezes situadas ao

abrigo das incursões dos piratas e o mais perto possível dos mercados interiores, ao envez de se esconderem pelos estuários e lagunas, approximaram-se corajosamente do mar.

O Custo dos transportes

O custo do transporte era, nos primeiros tempos, de tal monta que só eram conduzidas mercadorias de grande valor, por unidades de peso. Para se aquilatar dos perigos da navegação, basta mencionar que entre 1497, data da expedição de Vasco da Gama e 1612, quando praticamente terminou o cyclo portuguez do monopolio das especiarias, sahiram de Lisboa para a India 806 naus (⁸). Dessas, voltaram 425, perderam-se, arribaram ou se queimaram 92, cahiram nas mãos de inimigos 4, e ficaram na India 285. As naus, quando muito bem construidas, supportavam até 10 viagens á India; muitas não aguentavam mais de duas. Cada navio representava um capital superior a 20 mil cruzados ou sejam, em nossa moeda de hoje, mais de 4.000 contos de réis! Conduzia uma tripulação de 100 a 150 homens, uma guarnição de 250 soldados e viveres para toda essa gente. Além do perigo dos naufragios, grande numero de passageiros succumbia á fome e por doenças. O escorbuto e doenças contagiosas, levadas de terra em terra, dizimavam as tripulações. Attingidas 800 toneladas, reuniam-se nos barcos, entre tripulação, soldados e passageiros, 900 pessoas, e mesmo mais! Em 1585, dizia Philippe Sassati, sahiam annualmente de Portugal de 2.500 a 3.000 homens, morrendo ás vezes mais da terça parte.

(⁸) *Livro de Toda a Fazenda e Real Patrimonio dos Reinos de Portugal*, etc. - 1612.

Computando-se o custo das embarcações, a forte amortização a que obrigava a sua curta duração, os frequentes naufragios, perdas pelo corso e accidentes de toda a ordem, a pequena capacidade dos barcos e os altos salarios pagos, comprehende-se, hoje, o custo elevado dos transportes, que representava naquelle tempo, em geral, varias vezes o valor inicial das mercadorias.

O crescimento das esquadras

Após a destruição, em 1588, da grande armada hespanhola, nas costas britannicas, a Hollanda, Inglaterra e França porfiaram no augmento de suas esquadras, passando a dominar os mares, dos quaes haviam sido senhores os Portuguezes e Hespanhoes. No fim do seculo XVI o conjuncto da navegação européa talvez não alcançasse 300 mil toneladas (9); já em meados do seculo XVII, porém, attingia a 2 milhões. A Hollanda tinha a primazia com 900 mil toneladas; seguia-se-lhe a Inglaterra, com 500 mil; a Hespanha, Portugal e Italia, com 350 mil e a França, Hamburgo, Suecia e Dinamarca, com 250 mil. No começo do seculo XVII accentuava-se o primado hollandez, chegando os Paizes Baixos a construir 1.000 navios em um só anno! Proseguindo em sua evolução, de 1656 a 1800 a marinha mercante mundial duplicou.

Com a crescente expansão do commercio internacional, com o surto da revolução industrial, com a invenção do vapor, com o emprego das machinas, a invenção da hélice (1839), a utilização do ferro em construcções navaes (1837) essa tonelagem passou, no se-

(9) A Hollanda, em 1652 tinha perto de 1000 navios, o dobro do que possuia a Inglaterra — *Histoire de l'expansion coloniale des peuples européens* — CHARLES DE LANNOR.

culo XIX, de 4 milhões para 40 milhões! Entre 1885 e 1890 a tonelagem da marinha movida a vapor igualou a tonelagem da marinha á vela. Hoje, a marinha á vela talvez não attinja a 5% do total da tonelagem mundial.

São agora minimos os riscos da navegação em relação aos primeiros tempos do Brasil, em que a pequena capacidade dos barcos, a duração das viagens, as insufficiencias de ordem technica, as continuas guerras maritimas e o curso legalmente organizado, se sommavam para augmentar os perigos e os accidentes. Em principios do seculo XVI, em viagens normaes, durava 40 dias a travessia para o Brasil e mais de 4 mezes a viagem para as Indias. Os primeiros tempos de nossa historia estão marcados pelo luto e pelo sacrificio, nos innumerados naufragios e accidentes maritimos de toda a ordem.

Não é sómente quanto á tonelagem de transporte que as cifras actuaes são expressivas, no consideravel crescer do commercio internacional. A velocidade dos transportes maritimos triplicou com a propulsão mechanica. E á maior velocidade, vieram alliar-se a accentuada diminuição no seu custo e a precisão nos horarios, pois que, em principios do seculo XIX, ficava-se, por vezes, semanas á espera de ventos propicios para poder navegar.

Foi este gigantesco augmento na capacidade de transportes maritimos, que possibilitou as grandes correntes migratorias, verificadas no seculo XIX, de que é frizante exemplo a transladação de grande massa européa para os Estados Unidos. Foi elle que tambem tornou possível o rapido crescimento das nações industriaes, que passaram a ter a sua alimentação assegurada pelas facilidades de importação. Foi, finalmente, este novo factor da expansãe commercial que permittiu o

levantamento geral do padrão de vida, dando um formidável impulso aos nucleos mundiaes de civilização.

A politica colonial seguida pelas nações, alliada a varias outras circumstancias, que teremos opportunidade de examinar, não permittiu que o Brasil colonia tirasse o devido partido da grande navegação, de que Portugal tinha sido o pioneiro, e não consentiu, outrossim, ao paiz um progresso economico na proporção da maioria dos povos civilizados. A abertura do Canal de Suez, em 1869, mais accentuou a concorrência victoriosa que os povos orientaes e as Indias Occidentaes já nos faziam nos mercados de productos tropicaes. A historia economica do Brasil salienta, por certo, a incontrastavel influencia que tivera e terão sempre o custo e as facilidades dos transportes maritimos na evolução de nossa economia.

Trabalho, Natureza e Capitaes. Valor das terras brasileiras.

As considerações já expendidas são de molde a deixar claro o pequeno valor economico que representava, para Portugal, o Brasil no momento de sua descoberta.

A possivel industria extractiva não justificaria uma occupação mais effectiva do novo territorio, principalmente por um paiz de população escassa, defrontando uma inundação de riquezas sem precedentes, provenientes do commercio com o continente mais populoso e de mais antiga civilização mundial, e ainda, do saque e dos tributos impostos e correntes naquelle tempo. O capital era escasso e estava absorvido na revolução commercial. A carencia de mercados, que só então come-

cavam a se desenvolver, as difficuldades de transportes e o meio physico brasileiro não justificavam que se fizesse, naquelle instante, um esforço para a implantação da agricultura, sómente permíssivel em ambiente de maior segurança, alliada a uma facil e abundante mão de obra e a outras circumstancias.

Com a falta de machinarios, com o atrazo dos processos technicos e por força da concorrência dos productos asiaticos, só o braço escravo, e na devida oportunidade, poderia offerecer as condições de apoio necessarias. Foi o que os factos posteriormente demonstraram, quando a procura violenta de productos tropicaes, resultante da intensificação do commercio e do crescimento gigantesco que iam tendo as populações na Europa, em numero e em poder acquisitivo, creou no mercado as grandes necessidades de mão de obra e o vultoso trafico africano, cujas cifras, no seculo XIX, haveriam de espantar a civilização.

O commercio, no inicio da era moderna, tinha que principiar com o escambo dos artigos já produzidos. Muito mais subordinados do que hoje á capacidade productora da terra, os homens emprestavam ás condições da natureza um valor excepcional; e quando se operou o brusco alargamento dos mercados, os mais fortes compelliram em seu proveito os mais fracos no trato das novas terras. E a força bruta foi o meio empregado nesse objectivo.

Com o evoluir do capitalismo e do progresso, foram os capitaes assumindo o papel de força preponderante na organização da produção, procurando tirar della os maiores proventos; mas a propria organização social que auxiliaram a crear, permittiu uma maior diffusão da cultura, e surgiu, enfim, a tendencia de tornar predominante, em valor e em remuneração, o homem livre como factor da produção.

O Brasil, nos seus quatrocentos annos de existencia, assistiu á manifestacão mundial dessas tres phases, com suas fluctuações e exaggeros, sentindo a sua repercussão e participando, tambem, em proporções diferentes, da sua evolução.

CAPITULO III

APROVEITAMENTO ECONOMICO DAS TERRAS DE SANTA CRUZ

SUMMARIO

Primeiro cyclo economico brasileiro. A industria extractiva. Riqueza do commercio portuguez com a Asia em face das perspectivas economicas das terras de Santa Cruz. Os productos naturaes utilizados na tinturaria. As plantas tintoriaes. O valor do pau-brasil no seculo XVI e a sua exploração no continente americano. A concorrência dos francezes e o seu fundamento economico. A "costa do pau-brasil" e a "costa do ouro e prata". Os valores exportados. A renda auferida pela Corôa com a exploração do lenho tintorial. A destruição das florestas no longo da costa brasileira. O que o meio social brasileiro lucrô com o cyclo das industrias extractivas. Moedas, cambios e poder acquisitivo no Brasil colonial.

A descoberta do Brasil coincidiu com o inicio da etapa da evolução commercial maritima, conhecida por "era oceanica".

Com a deficiencia dos processos technicos, da mão de obra e de pessoal especializado, não era facil improvisar a construcção e o equipamento de grande numero de navios que o trafico com a costa da Africa e o novo commercio com as Indias Orientaes estavam exigindo.

As florestas portuguezas forneciam, a principio, o lenho para a construcção das naus e caravelas, que, não obstante sua relativa e pequena arqueação, alcançavam um elevado custo para a epoca, em que os capitães eram escassos e as ferramentas deficientes.

Portugal adoptou o systema de monopolio de Estado para o commercio com as Indias; e as esquadras que para lá partiam, eram, na sua grande maioria, de propriedade da Corôa, sendo a ellas incorporadas, sob condições especiaes, algumas naus particulares.

Commercio com as Indias

Era variada e riquissima a série de productos, especiarias e artigos manufacturados, que podiam ser importados da Asia, continente muitissimo mais populoso e de civilização muito mais antiga que a Europa, com povos muito afeitos ás lides do commercio.

Cabral, que commandou, em 1500, a segunda expedição portugueza para a India, trouxe d'alli grandes

quantidades de pimenta, gengibre, nóz moscada, almiscar, açafrão, canna fistula, almarega, sandalo, aloés, ambar, canna indica, louças, porcellanas, diamantes, perolas, rubis, etc. Apesar da perda de boa parte de sua esquadra, a expedição pagou-se de mais de duas vezes o seu custo.

Na costa d'África, os Portuguezes se abasteciam de ouro, marfim e escravos, negociando com populações já afeitas a esse genero de commercio, com secular pratica havida com os Mussulmanos, por intermedio das caravanas que atravessavam os desertos africanos.

Era, portanto, por demais violento o contraste que uma terra inteiramente selvagem, habitada por povos ainda no limiar da civilização, offerecia aos mercadores e navegantes Portuguezes. De nada valeriam aqui os processos de força com que Portugal impôz a sua suzerania e o seu monopolio commercial na Asia.

Productos promptos, para um trafego commercial normal, não existiam; povoações de character estavel, para serem occupadas e exploradas, que pagassem com tributos o direito de existencia, tambem não eram encontradas. O Brasil era um problema novo em face á expansão commercial e maritima que os povos europeus estavam iniciando. As primeiras inspecções indiearam apenas as possibilidades mercantis do pau-brasil e canna fistula; os bugios, os papagaios e outra aves constituíam, talvez, curiosidades exóticas a serem exploradas por pouco tempo.

Os proprios indigenas não despertaram nos mereadores portuguezes uma idéa da possibilidade de grandes lucros, pelo trafico de sua escravidão.

A exploração commercial da terra de Santa Cruz não podia, portanto, offerecer, de inicio, atractivos a Portugal, absorvido como estava nos problemas de seu riquissimo escambo com o Oriente. E a nau com que Cabral communicou a El-Rei D. Manoel a nova da des-

coberta, levou tambem as primeiras amostras do pau-brasil, como sendo a unica mercadoria de valor real que se apresentava facil aos olhos dos mercadores Portuguezes. As plantas e as substancias tintoriaes, numa epoca em que não se conheciam as anilinas artificiaes, apresentavam real interesse ao commercio.

O arrendamento de Santa Cruz

Desde os tempos antigos, as conchas de purpura eram procuradas pelos navegadores Phenicios nas costas do Mediterraneo. O Oriente, que absorvia, para tingir os finissimos pannos que fabricava, uma serie de productos naturaes, tinha preferencia especial pela côr rubra, symbolo de dignidade e nobreza naquelles povos.

Com os Cruzados, a Europa ficou conhecendo varias das substancias tintoriaes do Oriente, e já no seculo XII se importava o "verzino", o brasil, empregado em Florença, para tingir os pannos que então se fabricavam.

Das ilhas africanas, Portugal extrahia a urzella e Colombo já tinha demonstrado á Hespanha a presença do pau-brasil e outras plantas tintoriaes nas terras que descobrira (1).

(1) NAVARRETE, "*Viagem de Christovão Colombo*".

"Na terceira viagem de Christovão Colombo, constam do relatorio enviado em 1498 pelo mesmo ao Rei e Rainha catholicos de Hespanha as seguintes considerações: "Eu lhes fallei da grande quantidade de madeira de tinturaria e d'uma infinidade de outras cousas".

HUMBOLDT, "*Essai Critique de l'Histoire et de la Geographie du N. Continent*."

"Procurando os diarios de viagem e as cartas de Colombo, não encontroi uma unica vez o nome de pau (madeira) de brasil; é certo, no entretanto, que desde 1495, e, portanto, muito tempo antes da descoberta da "Terra Sanctae Crucis" que chamamos hoje de Brasil, uma cisalpina de São Domingos, a *Cacsalpinia Brasilensis*, foi tomada pelo "brasilis" das Grandes Indias, do commercio dos arabes. *Angliceri* conta, no quarto livro da primeira decada das "Oceanicas", que na segunda viagem de Colombo, encontraram-se em Haïti: "Sylvas immensas, quae arbores nullas nutriebant alias praeternatam coecitatem quam lignum mercatores Itali verzinum, Hispani brasilum appellant". Na terceira via-

A expedição exploradora, enviada á Santa Cruz, em 1501, voltou a Portugal com um carregamento dessa madeira. D. Manoel declarou desde logo o pau-brasil monopolio da Corôa, e julgou mais acertado aos interesses portuguezes arrendar as novas terras descobertas a um rico mercador de Lisboa, D. Fernão de Loronha. Sobre os termos exactos desse arrendamento, divergem as noticias e os historiadores. O que parece certo é que de facto esse arrendamento, feito inicialmente por tres annos, foi com elle ou com outros renovado por algumas vezes; que, por exigencia do arrendatario, o soberano portuguez concordou em supprimir a importação do brasil asiatico e, que, por sua vez, o arrendatario ou, mais tarde, os arrendatarios, porque parece que Fernão de Loronha teve posteriormente varios associados, se obrigaram a mandar annualmente tres naus á terra de Santa Cruz, a descobrir 300 leguas de costa e pagar 1/5 do valor da madeira ao soberano portuguez. Obrigaram-se, ainda, a installar fortalezas para a defeza dos novos territorios.

Foi no seu commercio que se utilisou da nau "Bre-tôa", de cujo regimento circumstanciado existe copia nos archivos portuguezes. Na sua viagem em 1511, diz-se que essa nau transportara 5.000 tóros de pau-brasil, alguns escravos e muitos papagaios e macacos. Os tóros deviam pesar de 20 a 30 kilos, uns pelos outros.

Arrendadas as terras e correndo por conta dos arrendatarios os gastos com sua manutenção, redundava em lucro para a fazenda real a somma que pagavam. O systema funcionou bem por algum tempo, até que se

gem de Colombo, carregaram-se, na costa de Paris, tres mil libras de brasil, superior ao do Haiti.

Todo o mundo sabe que pouco a pouco, na primeira metade do seculo XVI, esta mesma abundancia de madeira tintorial fez mudar o nome de "Terra de Sancta Cruz" para o de "Terra do Brasil", "mudança inspirada pelo demanio, diz o historiographo Barros, pois a vil madeira que tingia o panno de vermelho não vale o sangue vertido para a nossa salvação."

tornou evidente não poder o concessionario, mais tarde (1504) donatario da Ilha de São João, que lhe recebeu o nome, manter o seu negocio em lutas constantes contra os inimigos de fóra e domesticos. Com o augmento dos riscos, parece que a defeza do dominio passou a ser feita pela Corôa e os rendimentos não poderiam ter o desenvolvimento desejado.

Os rendimentos da Corôa

Não temos dados que mostrem certamente a quanto montavam essas rendas, mas as informações esparsamente collidas aqui e acolá são sufficientes para se fazer uma idea geral. Sabe-se, por exemplo, que, depois dos primeiros annos, Fernão de Loronha pagava annualmente 4 mil cruzados pela concessão, o que representa, hoje, um poder acquisitivo de cerca de 1000 contos de réis.

Em principios do seculo XVI, uma barca de 120 toneladas de capacidade parece corresponder a valor superior a 1.500 contos de réis em poder acquisitivo de hoje⁽²⁾. Um carregamento de pau-brasil, nesse barco, representaria pouco mais de mil contos. Um carregamento de especiarias da India, não incluindo pedras e finos productos manufacturados, traduziria sete vezes esse valor, isto é, orçaria por 10 mil contos de réis. E' cla-

(2) São relativamente escassos os documentos publicados sobre o custo das embarcações nos seculos XVI, XVII e XVIII.

Souza VITENBO, nos "*Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*" publica uma Carta Regia de D. Manoel, approvando a prestação de contas de dinheiros adentados para a construcção de naus — pela qual se pode inferir que custariam cada uma menos de 2 contos, nas proximidades de 1505. (cerca de £ 2500).

Mas as naus de então eram de pequeno porte, de menos de cem toneladas. Informa QUEIROZ DA FONSECA, na "*Caravela Portuguesa*", (Coimbra, 1934) que no "*Livro Nautico*", existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, collectanea de manuscriptos em grande parte relativos a assumptos nauticos, consta que uma caravela de 160 toneladas, em fins do seculo XVI, custaria 3:1253000; a artilharia, munições e outros materiais de guerra, 1:9328000, e os mantimentos

ro que estas proporções não se conservaram sempre as mesmas, pois que as embarcações foram barateando, com a pratica de sua construcção, e as cotações dos productos já então experimentavam fluctuações accentuadas, de accordo com o volume dos abastecimentos e com as diversas circumstancias, que se assignalaram naquella epoca de inicio da revolução commercial.

O agente veneziano, Leonardo de Cá Messer, em correspondencia de Lisboa, avaliou em cerca de 20 mil quintaes annuaes a exportação do pau-brasil para a Europa; em 2-1/2 ducados o valor do quintal e em 4 mil ducados a contribuição annual de Fernão de Loronha

para 120 tripulantes, durante oito mezes, 1.772\$300, tudo importando em Rs... 8.829\$300 (£ 6600).

Um caravelão de 40 a 50 toneladas, com 25 tripulantes e mantimento, 717\$550 (cerca de £ 700).

Nessa mesma epoca, ainda de accordo com o Livro Nautico, um galeão de 500 a 600 toneladas custava 11.943\$200 (cerca de £ 11.500)

Em 1610, um galeão de 550 toneladas custava 13.250\$000 (£ 13.000), e conforme se verifica do "*Livro em que se contém Toda a Fazenda, etc.*", do Luiz de Figueiredo Faleão.

Uma nau da India, construida "com todos os sobrecellentes, mantimentos de gente do mar e guerra o o mais necessario té posta á vela" — 29.351\$000, sendo 14.411\$000 "a custo da não em preto, feita e acabada, de maneira que possa fazer vingem" e 14.947\$000 o "a ato dos mastros, zarreas, velas, sobrecellentes, mantimentos de gente do mar e guerra, o mais couzas necessarias té a dita não ser posta á vela".

Dom Melchior Teves allegava em 1610 que, em 1608, havia contractado o fornecimento da galera capitanea do Brasil por 39 contos (Gonzes SUELLE, "*La Traite Negrière*").

BRANONIO ("*Dialogos das Grandezas do Brasil*") faz notar que as grandes naus das Indias custavam 40.000 cruzados, ou sejam 16 contos do réis (cerca de £.. 15.000), em 1618.

Oliveira Martins admittia um custo medio de 20 contos, para as naus da India.

Mas as naus que faziam o commercio com o Brasil eram de muito menor porte. Brandonio faz sentir que seriam de menos de 100 toneladas, em media, as que se occupavam do transporte do assucar do Norte.

Em 1649, o padre Vieira estimava em 300.000 cruzados a construcção de 15 naus para o commercio com o Brasil, ou sejam 20.000 cada uma, cerca de 8 contos. Já nesta epoca, com a alteração do cambio, seriam cerca de £ 4.000 cada uma.

Parece, portanto, que variava de £ 20 a £ 30 o preço por tonelada, das embarcações, nos seculos XVI e XVII. Isso representaria cerca de 7 a 12 contos por toneladas, poder aquisitivo de hoje.

Conforme explica ainda Quirino da Fonseca, a capacidade dos navios indicadas em toneladas portuguezes ou antigas toneladas, era cerca de 1,2 acima da actual tonelagem, correspondendo, assim, aquella tonelada antiga a 1,500 metro cubico.

O tonel ou tonelada de Sevilha era um pouco menor que a portugueza, representando cerca de 1,405 metro cubico.

ao soberano portuguez. A prevalecer tal informação, que nos parece exaggerada quanto á quantidade, o valor da exportação nos primeiros annos seria de 13.500 contos de réis, tomando-se por base o ducado ouro de 1503 como equivalendo, approximadamente, o cruzado e o quintal na base de 60 kilos. A contribuição á Corôa teria sido de 1100 contos de réis, valor actual.

A exploração do pau-brasil só poderia ser feita por intermedio das feitorias, ás quaes competia preparar os tóros e accumular os *stocks* em pontos convenientes, para serem transportados. Esse serviço era feito pelos selvagens, que se utilizavam para a derrubada dos troncos, alguns de duas a tres braças de circumferencia, de machado e outras ferramentas fornecidas pelos Portuguezes; as achas e os tóros eram carregados aos hombros pelos selvagens, ás vezes em caminhadas de 15 a 20 leguas. Eram elles tambem que conduziã para bordo os paus assim accumulados (*).

Se em comparação com outros commercios mais rendosos, não era interessante para os Portuguezes a creação de uma corrente commercial dos productos da terra de Santa Cruz, já não se poderia dizer o mesmo quanto aos mercadores e corsarios francezes, que não dispondo de tal faculdade de escolha, poderiam tirar largos proventos de sua exploração nas costas brasileiras, nas quaes tambem se poderiam apoiar para suas investidas de corso contra a navegação portugueza.

A concorrência dos Francezes

A França, muito mais populosa que Portugal, apresentava nessa epoca, com suas industrias nascentes, um mercado fertil não só para as madeiras tinto-

(*) JEAN DE LÉRY — *Voyage au Brésil.*

riaes, como para as especiarias. Dahi, as investidas dos Francezes ao commercio com os indigenas do Brasil. Não disputando á terra aos autochthones, procuravam agradar-lhes quanto possivel, por intermedio de habeis interpretes, que ali deixavam, facilitando a obtenção dos productos que ambicionavam, em troca de bugangas e instrumentos que os indigenas tanto apreciavam. Dahi a sympathia de que gozavam os "Mair" francezes, em contraposição ao odio que lhes inspiravam os "Perós", portuguezes, appellidos que lhes davam os indigenas.

Duas classes de prejuizos soffria o commercio portuguez por parte dos Francezes: dos mercadores francezes, que organizavam expedições para vir buscar na terra de Santa Cruz a madeira tintorial e outros productos, bascados na excusa de que havia liberdade nos mares e que não era vedado aos subditos francezes o commercio com as colonias portuguezas ou com as terras virgens da America: e dos corsarios, muitos dos quaes estavam munidos de carta de corso, concedidas pelo proprio rei de França.

Os prejuizos verificados na navegação portugueza, principalmente a relativa ao commercio de especiarias com a Africa e com a Asia, tomaram um vulto tão grande, que Portugal começou a desenvolver um forte trabalho diplomatico junto á Córte de França e ás autoridades maritimas francezas, para que cessasse tal abuso. As relações entre os dois reinos eram, apparentemente, cordeaes, mas os prejuizos verificados attingiam taes cifras que era quasi como se uma guerra aberta houvesse, na expressão do proprio D. João III (4).

Com a pressão exercida junto ás autoridades maritimas de França e pela sua actuação diplomatica, con-

(4) M. E. GOMES DE CARVALHO — *D. João III e os Francezes*. Lisboa, 1909.

seguiu Portugal fazer arrefecer, por algum tempo, a acção dos Francezes. Com a rapida evolução verificada no commercio e com as difficuldades que tinham os Francezes de negociar com as praças do norte da Europa, devido ao constante estado de guerra, recrudescceu, porém, a sua actividade em relação á costa do Brasil. Foi enviada á Santa Cruz a expedição de Christovão Jacques, que aprisionou e destruiu varias naus francezas, com requintes de barbaria, segundo algumas chronicas da epoca. Avaliaram os Francezes em 600.000 escudos, ou sejam, cerca de 136.000 contos actuaes os prejuizos infligidos á economia franceza, com tal expedição (5).

Martim Affonso de Souza

D. João III agia a um só tempo pela força e pela diplomacia. Enquanto Portugal conseguia que dos portos francezes do Atlantico não sahissem naus com rumo ao Brasil, de Marselha partiu a celebre nau *Pelerine*, armada pelo proprio commandante da esquadra franceza no Mediterraneo. Tomou essa nau a feitoria portugueza existente em Pernambuco, alli installando uma franceza. D. João III, estimulado pelas noticias das minas que os Hespanhóes iam descobrindo em suas colonias americanas e assustado com as novas que lhe chegavam de França, aggravadas com a concessão de uma carta de corso ao celebre João Angô, mandou Martim Affonso de Souza estabelecer uma occupação mais definida nas terras de Santa Cruz e fazer alli novas pesquisas quanto á possibilidade de metacs preciosos.

Deduz-se das chronicas do tempo que foi principalmente devido ás noticias que teve em Cananéa e São Vicente, da possibilidade da existencia de ricas minas

(5) PAUL GAFFAREL — *Historie du Brésil Français* - Paris, 1878.

de ouro, é que devemos a sua permanencia no ultimo porto e o seu accesso ao planalto para fundar Piratininga, enquanto esperava a volta da mallograda expedição que, de Cananéa, enviara ao sertão, sob o commando de Pero Lobo, guiada pelo grande lingua da terra, Francisco Chaves.

Parece ter sido, portanto, precipuamente ao objectivo mercantil, de maiores lucros, á busca de metaes preciosos, que ficamos devendo a preferencia cã escolha das terras paulistas para uma maior occupação portugueza, pois, muito mais proximas de Portugal estavam as terras do Norte, de onde se tiravam os productos da industria extractiva que então interessavam aos mercados europeus.

A nau "Pelérine"

O aprisionamento da nau *Pelérine*, já em aguas europeas, pela esquadra portugueza, e o processo que dahi resultou perante o tribunal de presas, instituido pelas côrtes portugueza e franceza, nos fornecem algumas indicações sobre o valor dos productos levados daqui.

O total das reclamações formuladas por Saint Blancard, sómente quanto ao carregamento, alcançava 62.300 ducados, cifra evidentemente exaggerada, que hoje corresponde a cerca de 12.000 contos. Attribuiam nessa cifra o maior valor ao pau-brasil; logo a seguir ás pelles de onça e de outros animaes; e em terceiro lugar aos papagaios. E' que os gaulezes levavam muitas destas aves que eram vendidas a 6 ducados cada uma quando começavam a fallar francez, alcançando alguns especimens mais raros (principalmente as de pennas amarellas) preços excepçionaes... (6)

(6) Referem-se alguns chronicistas que, verificando essa preferencia, os indigenas conseguiram amarellar as pennas dos papagaios, applicando-lhes, quando nòvos, sangue de certas rãs.

Allegou St. Blancard nas suas relamações ter sido a nau carregada com 5000 quintaes de pau-brasil, 3000 pelles de leopardo e outros animaes 600 papagaios, 300 bugios e saguis, 300 quintaes de algodão, 300 quintaes de caroço de algodão, minerios de ouro e oleos medicinaes. (?)

A ambição despertada na França pelas novidades do Brasil, num momento em que os paizes ibericos estavam em grande expansão commercial, não passou despercebida a Mestre Diogo de Gouvêa, sabio portuguez, reitor da Universidade de Bordeus, que de tudo trazia El-Rei D. João III bem informado, aconselhando-o, como medida de defeza, uma occupação mais effectiva das terras de Santa Cruz.

A politica seguida por D. João III, de diplomacia, suborno e violencia, com respeito ás ineursões francezas ás costas brasileiras, pareceu perigosa a Mestre Diogo de Gouvêa que, em cartas a El-Rei, aconselhava: "Sete a oito povoações seriam bastante para defender a terra que não vendam o brasil a ninguem e não o vendendo as naus não bão de querer allí ir para voltarem vazias."

Muita razão assistia ao mestre portuguez, pois que não havendo *stocks* accumulados do lenho tintorial, muito difficil se tornaria a pilhagem e o embarque do producto dentro de poucos mezes.

A situação exigia, portanto, uma solução radical por parte do Reino. A colonia, com as perdas infligidas pelos corsarios e pelos naufragios tão communs áquella

(?) VANDERBEEK publica a reclamação do Saint-Blancard perante os Commissarios francezes do Tribunal de Preaus do Bayonno. O Commandante ESCOBRO DE CASTRO, no "Diario de Navegação de Pero Lopes de Souza" reproduz o segundo libello do Barão de Saint-Blancard, traduzido do latim por Calogeras, assim como o contra libello dos commissarios portuguezes, de Pero Lopes e outros. São documentos altamente interessantes e que elucidam preços, valores e costumes da epocha. A baixa avaliação attribuida, isoladamente, á embarcação, na reclamação dos francezes está explicada na contradita portugueza: tratava-se de barco já roubado aos proprios portuguezes! A alta avaliação da carga é ainda quadruplicada na reivindicção do Saint Blancard "por causa dos roubos feitos", elevando o total geral a 1.073.130 ducados!

epoca, não dava saldo á Corôa, mesmo porque tudo nos leva a crer que era irregularissimo o commercio portuguez de pau-brasil. Mas a perda da colonia representava um risco para a navegação portugueza das Indias Orientaes e um golpe nas suas esperanças de encontrar metaes preciosos, cujas possibilidades se accentuaram com a descoberta das minas do Perú e Mexico e as noticias do accesso ao Rio da Prata. Estava em jogo, ainda, o prestigio do imperio colonial portuguez, em pleno fastigio do poder e em franca competição de empreendimentos maritimos com a Hespanha. Dahi, a decisão das côrtes portuguezas de estabelecerem as donatarias como um meio de garantir a posse das terras de Santa Cruz, sem maior onus para a Corôa Portugueza.

A destruição das florestas

Paul Gaffarel, em sua *Histoire du Brésil Français*, assim assignala o interesse e a natureza das explorações effectuadas pelos francezes nas costas de Santa Cruz: "O algodão e as especiarias só figuravam nos carregamentos a titulo de curiosidade, mas o mesmo não se pôde dizer quanto ás madeiras preciosas, especialmente as de tinturaria, que formavam o carregamento essencial de nossos navios.

Conhecia-se a prodigiosa fertildade do Brasil em essencias de primeira ordem. Nossos negociantes em breve ficaram consciences desses recursos, quasi inexgotaveis, que lhes offereciam essas florestas, e como os Brasileiros, por seu lado, se consideravam muito felizes em possuir á sua disposição artigos para intercambio e em tal abundancia, a exploração das riquezas vegetaes do paiz começou para não mais se paralyzar. Não foi mesmo uma exploração, mas, antes, uma destruição.

Como os paus de tinturaria custavam muito caro em França e como delles alli se serviam não sómente para dar aos pannos uma magnifica côr purpúrea, mas tambem para a fabricação de moveis preciosos, cada navio francez que chegava ao Brasil procurava logo indagar onde poderia fazer sua provisão de madeira.

Os indigenas, estimulados pela procura de nossos negociantes, preparavam enormes depositos de madeira, que amontoavam sobre a costa; sómente como não sabiam poupar suas riquezas, abatiam essas arvores ao acaso. Muitas vezes mesmo, afim de evitar o trabalho de as cortar, punham fogo em sua parte inferior e o incendio se propagava pelo resto da floresta.

Alguns annos deste desperdicio sem conta bastaram para aniquilar muitas essencias preciosas. Facto semelhante é o que se verifica hoje nas florestas bolivianas na procura de quina, a tal ponto que se é forçado, para encontral-a, a ir buscal-a em vallados quasi inacessiveis.

Era essencia das mais procuradas por nossos compatriotas a que se chamava *arabutan*. Esta arvore attingia, ás vezes, proporções gigantescas. Como crescia nas alturas e muitas vezes longe da costa, eram os Brasileiros obrigados a cortal-as em pedaços para as transportar mais facilmente e, assim, eram abatidas em quantidades consideraveis.

Assignalemos ainda o *ibirapitanga*, que crescia á altura de um carvalho, cujas folhas se pareciam com a do buxo e as flores eram de um branco amarellado como o lyrio. Distinguiam-se tres especies: a melhor se chamava "ibirapitanga-brasil", que fornecia uma tinctura muito brilhante; o "brasil-assú" era de qualidade inferior e o "braziêto" só tinha propriedades medioeres. Faziam-se com elle moveis preciosos e devido á sua resistencia fornecia excellent madeira para carpintaria. Mergulhado na agua, endurecia e, assim, era muito estimado para navios.

Nossos negociantes recolhiam ainda o "jacarandá", cuja coloração escura apresentava tons violáceos. Conheciam, também, sem parecer ligar importância excepcional, o acajú."

Materias corantes

A' medida que esses factos se processavam, augmentava nos mercados europeus a procura de plantas tinctoriaes. O "brasil", (o "arabutan" e o "ikirapitanga" dos indigenas) era vendido em tóros dos quaes se retirava a casca e o alburno, restando o amago vermelho, contendo materia corante muito usada para a tinturaria de pannos, principalmente das lãs e das sedas e nas miniaturas de manuscriptos. Servia também a madeira para certos trabalhos de marcenaria. Segundo Capistrano de Abreu, havia o brasil domestico, mais apreciado, e o selvático. Os negociantes antes do apparecimento do lenho americano, distinguiam tres classes de brasis: o *colombiano*, exportado de Ceylão, na costa de Malabar; o *ameri*, vindo de Sumatra e o *seni*, procedente da India interior.

Com a rapida evolução que, nos tempos modernos tiveram as industrias textis, foi crescendo, na epoca da Revolução Commercial, e mais intensamente, na phase da Revolução Industrial, a procura de materias corantes naturaes, vegetaes, animaes e mineraes, pois que foi sómente na segunda metade do seculo XIX que se registou o apparecimento da grande variedade de anilinas syntheticas. E foram surgindo novos especimens dessa industria extractiva, quea ugmentaram as classificações dos brasis e de outros numerosos productos naturaes.

Já em tempos recentes, no reino vegetal, quanto ás madeiras de tinturaria *vermelha*, distinguam-se os

brasis de Pernambuco (*Caesalpina crista*) e pau-brasil propriamente (*Caesalpina brasiliensis*), o pau de Santa Martha (Mexico e Colombia) o pau de Nicaragua, o sappan ou pau do Japão, o brasilete (Antilhas e Guyanas) e pau de California, o de Terra Firme (Colombia), o sandalo roxo, etc..

O *pau campeche*, com suas diversas variedades, teria larga applicação para os corantes azues, tendo até hoje accentuada procura para certas especialidades. O pau amarello de Cuba, o fustete e outros forneceriam as cores *amarellas*.

As raizes de rubia, ancusa, morinda e eucuma tiveram tambem os seus mercados. Outras substancias vegetaes, como a urzella, o indigo, o pastel, açafão, o carcamo, a chlorofila, orellana, iriam sendo absorvidas, á medida que mais se desenvolviam as industrias textis, facilitada pelo algodão das Americas e os successivos aperfeiçoamentos mechanicos.

Até insectos, como a cochonilha, iriam encontrar larga applicação como fornecedores de substancias corantes (carmin).

Essas substancias, em sua maioria, eram procedentes da America e da Asia. E' que a natureza fixou nas zonas tropicaes essa classe de industrias extractivas. Já Gandavo, quando se referia ao brasil, dizia: "o qual se mostra, claro, ser produzido da quentura do sol e creado com a influencia de seus raios, porque quanto mais proximo da torrida zona e quanto mais perto da linha equinoxial tanto é mais vivo e de melhor qualidade. E esta é a causa por que o não ha na Capitania de São Vicente, nem dáhi para o sul." (8)

(8) PERO DE MAGALHÃES GANDAVO — *Tratado da Terra do Brasil*.

Ainda o Pau-Brasil

O trecho de nossa costa, em que se fazia a exploração da madeira tintorial, era comprehendido entre o Cabo São Roque e o Cabo Frio; mas entre o cabo de Santo Agostinho e o Rio Real (latitude 12.º) é onde se encontrava a melhor.

Podemos tentar um balanço approximado da exploração do pau-brasil nos primeiros annos do seculo XVI (1500-1532).

Admittindo-se como base do arrendamento 4.000 cruzados e suppondo-se que representasse essa quota 1/4 do valor do material extrahido, teriamos, para valor da exportação, nos 30 annos:

$$30 \times 16.000 \times 250\$000 = 120.000 \text{ contos,}$$

dos quaes 30.000 contos pertenceriam á Corôa Portuguesa.

Esse valor corresponde a cerca de 300 toneladas annuaes, ou sejam a carga de 3 a 5 naus daquelle tempo.

E' possivel que a exportação tenha sido maior em algumas phases do periodo considerado. Mas a descripção das lutas havidas com os Francezes demonstra a irregularidade de tal commercio.

D. João III allegou que em 1530 subiam a mais de 100.000 contos, valor de hoje, os prejuizos, sómente, quanto aos carregamentos dos navios, infligidos ao commercio portuguez pelos corsarios francezes. Como quer que seja, parece-nos que, nessa primeira phase, o lucro da Corôa não cobria as despezas com a defeza do dominio. E se na terra de Santa Cruz quasi nada ficou incorporado da riqueza dalli extrahida, essa exploração preliminar iria preceder, porém, a uma entrada de capitães, por parte dos donatarios portuguezes, que repre-

sentariam, como veremos, bem maior somma do que o total alcançado pela exportação do lenho brasileiro.

As esparsas explorações que aqui se fizeram nos primeiros tempos nos foram, portanto, pouco proveitosas. Os resultados reaes da industria extractiva da nova terra só poderiam ser colhidos depois da formação de um organismo social proprio, com a definitiva occupação do solo e os beneficios da sua exploração, fixados em benfeytorias e aparelhamentos, que proporcionassem crescente adaptação do homem ao meio, o que vale dizer o progresso.

Cem annos mais tarde (1618) Brandonio (nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*) faz notar que houve um tempo em que era licito a todos negociar com o pau-brasil, pagando á fazenda de Sua Magestade um cruzado por quintal de sahida (hoje 1\$500 o kilo), mas por não provar bem tal processo, voltou-se ao systema de arrendamento, limitando-se o total a exportar.

Quanto ao systema de exploração, assim descreve : "O modo é este : vão-no buscar doze, quinze, e ainda vinte leguas distante da capitania de Pernambuco, aonde ha o maior concurso delle ; porque se não se pôde achar mais perto pelo muito que é buscado, e alli, entre grandes matas, o acham, o qual tem uma folha miuda e alguns espinhos pelo tronco; e estes homens occupados neste exercicio, levam consigo pera a feitura do páo muitos escravos de Guiné e da terra, que, a golpes de machado, derribam a arvore, á qual depois de estar no chão, lhe tiram todo o branco ; porque no amago delle está o brasil, e por este modo uma arvore de muita grossura vem a dar o páo, que a não tem maior de uma perna ; o qual, depois de limpo se ajunta em rumas, donde o vão acarretando em carros por pousas, até o pôrem nos passos, pera que os bateis possam vir a tomar."

E quanto aos resultados para a terra, assim se exprime : "Sim, dá grande proveito ; porque ha muitos

homens, destes que fazem brasil, que colhem em cada um anno a mil e a dous mil quintaes delle, que todos acarretam com seus bois ; e despois de posto no passo o vendem por preço de sete a oito tostões o quintal, (cerca de 3\$000 o kilo, valor de hoje) e ás vezes mais, no que vêm a grangear grande copia de dinheiro, e por este modo se tem feito muitos homens ricos."

Teremos, porém, oportunidade de verificar que, mesmo quanto á industria extractiva em geral, não soubemos tirar todos os beneficios que poderia proporcionar ao meio social brasileiro. Ainda ahi, a política colonial, seguida desde os primeiros tempos modernos pelas nações do norte da Europa, fizeram com que sempre tivessem preferencia em seus mercados os productos da industria extractiva oriundos de seus proprios dominios. Accresciam as circumstancias do atrazo de nossa cultura, do relativo isolamento em que viviamos, e da nossa ignorancia quanto ao valor exacto das riquezas naturaes que possuamos.

Portugal, que exercia o monopolio do commercio com o Brasil, era pouco populoso e pouco industrial ; com o systema de monopolios, tambem adoptado pelos demais imperios coloniacs, os artigos da industria extractiva brasileira só eram procurados e, irregularmente, quando, devido á grande expansão industrial, não bastava, aos paizes europeus, o supprimento de suas proprias colonias.

No reinado de D. João III a renda do pau-brasil não representava ainda 5% da receita total do erario publico portuguez, não dando para cobrir as despezas com a defeza das novas terras e do commercio lusitano. Nos *Dialogos das Grandezas do Brasil* ha menção que, no fim do seculo XVI, o arrendamento do pau-brasil rendia mais de 40 mil cruzados por anno, isto é cerca de 3.600 contos, em valor de hoje. Nos tempos dos Philippes, o monopolio real da madeira tintorial estava arren-

dado por 21 contos de réis, no decennio que principiou em 1602, ou sejam 4.800 contos, em poder acquisitivo de hoje. No final do dominio hespanhol, já rendia 24 contos, ou sejam 5.500 contos de hoje.

Quaes seriam os lucros dos arrendatarios desse commercio?

Em 1602, esse pau adquirido pelo contractante no Brasil, a 1\$000 o quintal, era vendido a 4\$000 em Lisboa, dando por quintal um lucro bruto de 3\$000.

Num embarque de 10.000 quintaes, limite maximo admittido no contracto, regista-se :

| | | |
|---|-----------|-----------|
| <i>Renda bruta</i> | | 40 contos |
| A DEDUZIR : | | |
| Custo no Brazil | 10 contos | |
| Despezas com transportes para Portugal | 3 „ | |
| Pago á Fazenda Real. | 21 „ | 34 contos |
| | | <hr/> |
| Saldo. | | 6 contos |

ou sejam 15% sobre o valor total da venda

Constituia, no emtanto, o negocio uma operação arriscada porque, além do empate do capital e demora possivel das vendas, havia os riscos do mar, naufragios, pirataria, irregularidade de supprimentos, etc..

Em 1606 o arrendatario devia 3 annuidades á Corôa ; foi executado e parece que, com a garantia dos 5000 quintacs em deposito e mais 9109 quintacs apprehendidos, a Corôa pouco perdeu.

Passados 200 annos, ainda o pau-brasil constituia verba ponderavel na receita do erario, avaliada em 120 contos de réis no orçamento de 1823, ou sejam 7.000 contos em poder acquisitivo actual. (9)

(9) Em 1827 ainda foram remettidos para Londres pau brasil no valor de £ 87.000 ; em 1834, £ 51.909 ; em 1856, £ 18.011.

Portanto, mesmo depois do grito do Ypiranga, conservou a Corôa o monopólio do producto, até que os progressos da industria chimica e a nossa ignorancia na opportuna defesa agricola de nossas plantas tintoriaes, extinguiram o seu commercio.

E assim se explica que, ao evocar o nome da nossa terra, ninguem mais o ligue ás preoccupações mercantis com que foi adoptado, e a nenhuma razão, em nossos dias, desta acrimoniosa exclamação de um jesuita daquelle época: "Vergonha, que a cupidez do homem, por preoccupações de trafico, substituisse o lenho da cruz, tinto com o real sangue de Christo, pelo de outra madeira, semelhante sómente na côr."

Moedas, Cambio e Poder aquisitivo

Antes de proseguirmos nas considerações sobre a historia da economia brasileira, torna-se mister accentuar os grandes obstaculos que deparamos na determinação dos algarismos indicadores dos valores economicos nas differentes epochas, não só pela deficiência de fontes informativas, mas também pela disparidade de muitos dados encontrados e a dança dos cambios e das moedas. Resolvemos adoptar como padrão de referencias o valor ouro.

Ora, ha, sem duvida alguma, grande difficuldade em se comparar o valor aquisitivo do ouro em epochas muito distantes. E essa difficuldade surge, quasi intransponivel, na escolha dos elementos para a formação dos indices de "custo de vida", dada a circumstancia de desconhecermos de um modo preciso a quantidade de mercadorias de maior consumo, na época considerada, para comparal-a com a quantidade de mercadorias adquiridas em nossos dias e que servem de base á

elaboração dos indices do "custo de vida", para a moeda hoje em curso.

Comtudo, certos economistas se dedicam a essa especie de estudos e, entre elles, um dos mais distinguidos é D'Avenel.

Em seu trabalho *La Fortune Privée a Travers Sept Siècles*, publicado em 1895, apresenta como indicadores do poder aquisitivo, approximado, dos metaes preciosos, de 1200 a 1800, em comparação com seu poder actual; tomado como unidade, os seguintes numeros (1º):

| | | | |
|-------------|------------|-------------|------------|
| 1201 a 1225 | 4.50 | 1551 a 1575 | 3 |
| 1226 a 1300 | 4 | 1576 a 1600 | 2.50 |
| 1301 a 1350 | 3.50 | 1601 a 1625 | 3.00 |
| 1351 a 1375 | 3 | 1626 a 1650 | 2.50 |
| 1376 a 1400 | 4 | 1651 a 1675 | 2.00 |
| 1401 a 1425 | 4.25 | 1676 a 1700 | 2.33 |
| 1426 a 1450 | 4.50 | 1701 a 1725 | 2.75 |
| 1451 a 1500 | 6 | 1726 a 1750 | 3.00 |
| 1501 a 1525 | 5 | 1751 a 1775 | 2.33 |
| 1526 a 1550 | 4 | 1776 a 1790 | 2.00 |

A verificação a que procedemos, em confronto com os indices de preços apresentados por Warren e Pearson, para a Hespanha, entre 1500 e 1650, e com outros elementos contidos no *Diccionario*, de Mulhall (12), levou-nos á convicção de que se approximam muito da verdade para as epochas anteriores a 1750.

Estando hoje o poder aquisitivo do ouro nas proximidades da paridade de 1895, resolvemos adoptar

(1º) A documentação que servio de base aos estudos d'Avenel está publicada em 7 volumes "Histoire Economique de la Propriété, des salaires, des denrées et de tous les prix en général, depuis l'an 1200", obra coroadada pela Academia de Sciencias de França. Em sua "Histoire de la Fortune Française", publicada em 1927, elle revalida seus coefficients para essa epocha. Para accentuar a relatividade desses elementos, recorda o conceito de Baptiste Say, quando chamou de quadratura do circulo da economia politica a solução desse problema.

(12) MICHAEL G. MULHALL, — *The Dictionary of Statistics*, London, 1892

esses coefficients nos quadros que organisámos, contendo a relação geral das moedas portuguezas anteriores a 1800, com a sua conversão ao poder aquisitivo actual, entrando, porém, com um coefficiente de ponderação de 25%. (13) Para o valor actual do ouro, consideramos a gramma a 17\$000, preço que vigorou em principio de Junho ultimo, nas aquisições do Banco do Brasil.

Nas avaliações de produção e commercio, preferimos sempre a conversão em libra esterlina que, desde 1601 até a guerra mundial, com pequena interrupção durante as campanhas napoleonicas, conservou o mesmo conteúdo metallico. (13).

A' pags. 170/171 publicamos uma tabella de cambio sobre Londres, de 1500 a 1820, considerando o esterlino com o titulo de 1601, mesmo para o periodo 1500-1600, não obstante terem havido varias oscillações no peso dessa moeda durante o seculo XVI.

Desde que Portugal passou a ter preocupações expansionistas, tornou-se mais necessaria a moeda metallea, indispensavel para suas transacções no exterior. Naquelles tempos, fóra da economia naturista, eram os metaes preciosos os meios habituaes de pagamento. Para fazer face ao desequilibrio do Erario Regio, a unica forma de inflação que se conhecia era a *quebra da moeda*. Desse recurso lançavam mão todos os paizes. Portugal, a braços com continuas guerras e desenvolvendo um esforço expansionista muito superior ao que lhe permittiria sua base economica,

(13) JOÃO LUCIO AZEVEDO fez a conversão da moeda portugueza, para 1920, adoptando esses coefficientes integros. V. *Epocas de Portugal Economico*.

(13) A libra esterlina deve sua denominação aos "Easterlings", negociantes germanicos, de quem os bretões tomaram a moeda como modelo. Primitivamente, era uma libra de prata "troy", com 12 onças. Com as quebras de moeda que foi soffrendo desde 1066, em 1601 estava reduzida a um terço do seu peso primitivo, sempre dividida, porém, em 20 shillings ("History of the English Pound Sterling" - WARREN and PEARSON; "Great Britain from Adam Smith to the Present Day", C. R. FAY).

teve que adoptar aquelle mesmo recurso, mas em maior escala.

E' o que se verifica da evolução da moeda portugueza e do estudo da origem do "real", unidade de conta conservada até hoje para o nosso systema monetario.

"O marco", ensina Costa Lobo, (14) "foi desde o berço de Portugal, até á adopção, em nossos dias, do systema metrico, a unidade de pezo a que se reportava a quantidade de metal precioso em todas as moedas cunhadas. Mas para se declarar, tanto nos preccitos legislativos, como no troco, qual a quantidade partitiva de metal fino contida em cada uma das peças talladas em um marco de ouro ou de prata, não se adoptavam as divisões ordinarias do marco em onças, oitavas e grãos; usava-se, na Idade Média, o systema de contagem por libras, que vamos explicar.

O ouro e a prata nunca se empregaram, estremes de toda a liga, no lavramento da moeda: a adjuncção de pequena porção de metal somenos, geralmente o cobre, produz um composto muito mais malleavel, e resistente ao desgaste. A quantidade desse metal, que é, por diminuta, sem valor consideravel, determina o que se chama o *toque*, *liga* ou *lei* da moeda.

O toque dos metaes preciosos, que actualmente, no systema metrico, se computa por millesimos, exprimiam-se, anteriormente, e ainda hoje, na linguagem vulgar, em *dinheiros* para a prata, em *quilates* para o ouro; a prata estreme dizia-se ter doze dinheiros, o ouro estreme vinte e quatro quilates.

O marco de prata, reconhecido como legitimo padrão monetario, foi sempre em Portugal, como geralmente no resto da Europa, de onze dinheiros de metal fino e um de liga.

.....

(14) COSTA LOBO, *Historia da Sociedade em Portugal no Seculo XV.*

Em relação ao marco de ouro, não havia regra determinada, porque as moedas de ouro tinham pouco uso no intercuro interno, e, como dizia el-rei D. Fernando, "correm mais por mercadorias que por moedas"; mas, por isso mesmo, cunhavam-se de boa lei, sendo o cruzado, até ao fim do século XV, e em parte ainda do seguinte, de vinte e tres quilates e tres quartos".

A libra era uma moeda de conta, sub divisão do marco de prata. Da mesma forma, eram o *dinheiro* e *soldos*, inda que esporadicamente se cunhassem moedas com taes designações.

No tempo de D. Affonso III, 1213, subdividia-se o marco de prata em 12 libras, a libra em 20 soldos e o soldo em 12 dinheiros.

Com as necessidades do Erario, foram se alterando os valores das libras, que passaram a ser 1/14, 1/18, 1/19 e até 1/307 do marco, no reinado de D. Fernando, durante as guerras com Castella (1364-1373). Na paz, conseguiu o Rei estabilisar a libra a 1/25 do marco.

Conforme Teixeira de Aragão ⁽¹⁵⁾ o Rei D. Fernando mandou cunhar reaes e meio-reaes de prata, pesando esses reaes de 69 a 78 grãos.

Na base do marco a 25 libras, cada libra representaria, portanto, 2 1/3 a 2 1/2 reaes de D. Fernando.

O Mestre de Aviz mandou cunhar, em 1383, reaes de prata, com titulo de 9 dinheiros e de 10 soldos, equivalendo cada libra de então 2 reaes.

A denominação dessa moeda viria das armas reaes nella estampadas ⁽¹⁶⁾ ou por serem moedas realmente cunhadas.

⁽¹⁵⁾ TEIXEIRA DE ARAGÃO — *Designação Geral Historica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal.* — 1874.

⁽¹⁶⁾ VITRUVIO, no *Elucidario*, assim explica: "Real — moeda d'ouro, prata e cobre. O real de ouro he dos principios deste reino. E dizem se lhe deve este nome por nelle se achat a real escudo das armas portuguezas".

Em 1398, o Mestre de Aviz, já Rei D. João I, lançou em circulação os reaes com valor nominal de 3 1/2 libras, de principio com titulo de 10 dinheiros, que foram reduzidos, mais tarde, até 1 1/2 dinheiro.

Em 1408, apparecem os meio-reaes cruzados, de 35 soldos. Em 1415, o real de 10 reaes ou real branco, com valor nominal de 35 libras, quebrando-se novamente o valor da moeda. O real preto valia 3 1/2 libras. Em 1422, houve nova quebra de moeda, ficando a libra valendo, nesse tempo, 1173 vezes menos que a de D. Fernando. Como o marco no reinado de D. Fernando estava dividido em 25 libras, ficou então subdividido em 29.325 das novas libras! O real de meia libra depreciou-se, assim, 1173 vezes.

A libra era moeda de conta "mas todas as obrigações pecuniarias se achavam determinadas em libras", ficando o devedor fortemente alliviado por essas depreciações.

"E é principalmente esse resultado que induzia os governantes a decretar a alteração nominal. O motivo da quebra da moeda é sempre o mesmo, libertar o Estado do pagamento integral das obrigações contrahidas" (17).

O quadro que publicamos mostra as quebras successivas que foram tendo as moedas em seu conteúdo metallico. A partir de D. João I, em 1435, cessou o uso da libra como moeda de conta, substituida pelo real. No seculo XVI, já havia desaparecido o real preto e cessado a designação de real branco, passando-se a se utilizar da expressão "réis" para plural de real.

(17) *Costa Lobo, op. cit.*

QUADRO DAS MOEDAS EM OURO, CUNHADAS
ATE 1826, COM SEUS PESOS, "TITULOS" E
DAS MOEDAS DE CONTA EM

| A | | B | C |
|-------------------------|-------------|--------------------------|-------------------|
| REINADO | | MOEDA CUNHADA EM OURO | MOEDA DE CONTA |
| MONARCA | DATA | | |
| D. Affonso I. | 1128 a 1185 | Morabitino | |
| D. Sancho I. | 1185 a 1211 | | |
| D. Affonso II. | 1211 a 1223 | | |
| D. Sancho II. | 1223 a 1245 | | |
| D. Affonso III. | 1248 a 1279 | Morabitino | Libra |
| D. Diniz. | 1279 a 1325 | Morabitino | Libra |
| D. Affonso IV. | 1325 a 1357 | — | Libra |
| D. Pedro I. | 1357 a 1367 | Dobra | Libra |
| D. Fernando I. | 1367 a 1383 | Dobra pé-terra | Libra |
| D. João I. | 1383 a 1433 | — | |
| D. Duarte. | 1433 a 1438 | Escudo = 140 reaes | Real branco |
| D. Affonso V. | 1438 a 1481 | Cruzado = 253 reaes | Real branco |
| | | Cruzado = 255 reaes | Real branco |
| | | Cruzado = 324 reaes | Real branco |

(1) Os elementos legaes deste quadro foram baseados na obra
das em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal.

EM PORTUGAL, DESDE A FUNDAÇÃO DO REINO
 PODER ACQUISITIVO ACTUAL, BEM COMO .
 USO NO MESMO PERIODO

| D | E | F | G | H | I | J |
|----------------------------|----------|--|---|--|--|---------------------------------|
| PESO OURO EM GRAMMAS | QUILATES | DATA DO DOCUMENTO COMPRO- BATIVO (1) | VALOR DA GRAMMA DE OURO EM MOEDA NA BASE DE 175000 POR 24 QUILATES | VALOR DA MOEDA NA BASE DE 175000 A GRAMMA DE OURO DE 24 QUILATES | 75% dos COMP. D' AVENEL EM RELA- ÇÃO AO PO- DER ACQUI- SITIVO EM 1937 | PODER ACQUISITIVO EM 1937 |
| 3,896 | 23 3/4 | | 168822 | 658538 | 3,375 | 2218190 |
| 3,896 | 23 3/4 | | 168822 | 658538 | 3 | 1968644 |
| 2,597 | 23 3/4 | | 168822 | 438686 | 3 | 1318058 |
| 3,896 | 23 3/4 | | 168822 | 658538 | 3 | 1968614 |
| 1,558 | 23 3/4 | | 168822 | 268208 | 3 | 788624 |
| 4,675 | 23 3/4 | | 168822 | 788642 | 2,625 | 2068435 |
| 1,140 | 23 3/4 | | 168822 | 198177 | 2,625 | 508339 |
| 4,675 | 23 3/4 | | 168822 | 788642 | 2,25 | 1768944 |
| 1,140 | 23 3/4 | | 168822 | 198177 | 2,25 | 438148 |
| 4,675 | 18 | | 128749 | 598601 | 3,375 | 2018153 |
| 0,033 | 18 | | 128749 | 8420 | 3,375 | 18417 |
| 3,614 | 23 3/4 | 1457 | 168822 | 608794 | 4,5 | 2738573 |
| 0,0143 | 23 3/4 | | 168822 | 8240 | 4,5 | 18080 |
| 3,614 | 23 3/4 | 1460 | 168822 | 608794 | 4,5 | 2738573 |
| 0,0142 | 23 3/4 | | 168822 | 8238 | 4,5 | 18071 |
| 3,614 | 23 3/4 | 1472 | 168822 | 608794 | 4,5 | 2738573 |
| 0,0111 | 23 3/4 | | 168822 | 8186 | 4,5 | 8837 |

(Continúa)

(Continuação)

| A | | B | C |
|---------------------|-------------|--|----------------------------|
| REFINADO | | MOEDA CUNHADA EM OURO | MOEDA DE CONTA |
| MONARCA | DATA | | |
| D. João II. . . . | 1481 a 1495 | Cruzado = 324 reaes Cruzado = 380 reaes | Real branco Real branco |
| D. Manuel I. . . | 1495 a 1521 | Cruzado = 390 reaes Cruzado = 400 reaes | Real branco Real branco |
| D. João III. . . . | 1521 a 1557 | Cruzado = 400 reaes Cruzado = 400 reaes | Real branco Real branco |
| D. Sebastião . . . | 1557 a 1578 | 500 réis | Real |
| D. Henrique . . . | 1578 a 1580 | 500 réis | Real |
| Governadores. . . | 1580 | 500 réis | Real |
| D. Antonio. . . . | 1580 a 1583 | 500 réis 500 réis | Real Real |
| D. Filippe I. . . . | 1580 a 1598 | 500 réis Cruzado = 400 reaes | Real Real |
| D. Filippe II. . . | 1598 a 1621 | Cruzado = 400 reaes | Real |
| D. Filippe III. . . | 1621 a 1640 | Cruzado = 400 reaes | Real |

| D | E | F | G | H | I | J |
|---------------------------|---------|--|--|---|--|---------------------------------|
| PEÇO OURO EM GRAMAS | QUILATE | DATA DO DOCUMENTO COMPRO- BATIVO (1) | VALOR DA GRAMA DE OURO EM MOEDA NA BASE DE 175000 POR 24 QUILATES | VALOR DA MOEDA NA BASE DE 175000 A GRAMA DE OURO DE 24 QUILATES | 75% dos COEF. D' AVENEL EM RELA- ÇÃO AO PO- DER ACQUI- SITIVO EM 1937 | PODER ACQUISITIVO EM 1937 |
| 3,614 | 23 3/4 | 1472 | 168822 | 608794 | 4,5 | 2738573 |
| 0,0111 | 23 3/4 | | 168822 | \$156 | 4,5 | \$837 |
| 3,614 | 23 3/4 | 1489 | 168822 | 608794 | 4,5 | 2738573 |
| 0,0095 | 23 3/4 | | 168822 | \$159 | 4,5 | \$715 |
| 3,614 | 23 3/4 | | 168822 | 608794 | 4,5 | 2738573 |
| 0,0093 | 23 3/4 | | 168822 | \$156 | 4,5 | \$702 |
| 3,614 | 23 3/4 | 1517 | 168822 | 608794 | 3,75 | 2278977 |
| 0,009 | 23 3/4 | | 168822 | \$151 | 3,75 | \$566 |
| 3,614 | 23 3/4 | | 168822 | 608794 | 3,75 | 2278977 |
| 0,009 | 23 3/4 | | 168822 | \$151 | 3,75 | \$566 |
| 3,614 | 22 5/8 | 1537 | 168025 | 578914 | 3 | 1738742 |
| 0,009 | 22 5/8 | | 168025 | \$144 | 3 | \$432 |
| 3,896 | 22 1/8 | 1560 | 158671 | 618054 | 2,25 | 1378371 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 2,25 | \$274 |
| 3,896 | 22 1/8 | 1560 | 158671 | 618054 | 2,25 | 1378371 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 2,25 | \$274 |
| 3,896 | 22 1/8 | 1560 | 158671 | 618054 | 2,25 | 1378371 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 2,25 | \$274 |
| 2,922 | 22 1/8 | 1580 | 158671 | 458790 | 1,875 | 858850 |
| 0,0058 | 22 1/8 | | 158671 | \$900 | 1,875 | \$168 |
| 3,896 | 19 | | 138457 | 528428 | 1,875 | 988302 |
| 0,0078 | 19 | | 138457 | \$104 | 1,875 | \$195 |
| 3,896 | 22 1/8 | 1581 | 158671 | 618054 | 1,875 | 1148470 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 1,875 | \$228 |
| 3,116 | 22 1/8 | 1584 | 158671 | 488830 | 1,875 | 918556 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 1,875 | \$228 |
| 3,116 | 22 1/8 | 1584 | 158671 | 488830 | 1,875 | 918556 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 1,875 | \$228 |
| 3,116 | 22 1/8 | 1584 | 158671 | 488830 | 1,875 | 918558 |
| 0,0078 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 1,875 | \$228 |

(Continua)

| A | | B | O _i |
|---------------------|-------------|--------------------------|-------------------|
| REINADO | | MOEDA CUNHADA EM OURO | MOEDA DE CONTA |
| MONARCHA | DATA | | |
| D. João IV | 1640 a 1656 | Cruzado = 400 reaes | Real |
| | | Cruzado = 750 reaes | Real |
| | | Cruzado = 875 reaes | Real |
| D. Affonso VI . . . | 1656 a 1667 | Cruzado = 875 reaes | Real |
| | | Cruzado = 1000 reaes | Real |
| D. Pedro II | 1667 a 1706 | Moeda = 4.000 reaes | Real |
| | | Moeda = 4.400 reaes | Real |
| | | Moeda = 4.000 reaes | Real |
| | | Moeda = 4.800 reaes | Real |
| D. João V | 1706 a 1750 | Moeda = 4.800 reaes | Real |
| | | Cruz.novo = 480 reaes | Real |
| | | Escudo = 1.600 reaes | Real |
| D. José I | 1750 a 1777 | Escudo = 1.600 reaes | Real |
| | | Cruz.novo = 480 reaes | Real |
| D. Maria I | 1777 a 1799 | Escudo = 1.600 reaes | Real |
| | | Cruz.novo = 480 reaes | Real |
| D. João VI | 1799 a 1826 | Escudo = 1.600 reaes | Real |
| | | Cruz.novo = 480 reaes | Real |

| D | E | F | G | H | I | J |
|---------------------------|---------|--|--|---|--|---------------------------------|
| PESO OURO EM GRAMAS | QUILATE | DATA DO DOCUMENTO COMPRO- BATIVO (1) | VALOR DA GRAMA DE OURO EM MOEDA NA BASE DE 175000 POR 21 QUILATES | VALOR DA MOEDA NA BASE DE 175000 A GRAMA DE OURO DE 24 QUILATES | 75% dos COEF. D' AVENEL EM RELA- ÇÃO AO PO- DER ACQUIS- ITIVO EM 1937 | PODER ACQUISITIVO EM 1937 |
| 3,116 | 22 1/8 | 1641 | 158671 | 488830 | 1,875 | 913556 |
| 0,0978 | 22 1/8 | | 158671 | \$122 | 1,875 | \$228 |
| 3,116 | 22 | 1642 | 158582 | 488553 | 1,875 | 918036 |
| 0,0042 | 22 | | 158582 | \$065 | 1,875 | \$121 |
| 3,116 | 22 | 1616 | 158582 | 488553 | 1,875 | 918036 |
| 0,0036 | 22 | | 158582 | \$056 | 1,875 | \$105 |
| 3,116 | 22 | 1616 | 158582 | 488553 | 1,875 | 918036 |
| 0,0036 | 22 | | 158582 | \$056 | 1,875 | \$105 |
| 3,116 | 22 | 1662 | 158582 | 488553 | 1,50 | 728829 |
| 0,0031 | 22 | | 158582 | \$048 | 1,50 | \$072 |
| 12,467 | 22 | 1662 | 158582 | 1948260 | 1,50 | 2918390 |
| 0,0031 | 22 | | 158582 | \$048 | 1,50 | \$072 |
| 12,467 | 22 | 1638 | 158582 | 1948260 | 1,50 | 2918390 |
| 0,0028 | 22 | | 158582 | \$043 | 1,50 | \$064 |
| 10,975 | 22 | 1677 | 158582 | 1718012 | 1,7475 | 2988843 |
| 0,0027 | 22 | | 158582 | \$042 | 1,7475 | \$073 |
| 10,975 | 22 | 1688 | 158582 | 1718012 | 1,7475 | 2988843 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 1,7475 | \$091 |
| 10,975 | 22 | 1688 | 158582 | 1718012 | 1,7475 | 2988843 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 1,7475 | \$091 |
| 1,095 | 22 | 1718 | 158582 | 178062 | 2,0625 | 358190 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,0625 | \$072 |
| 3,652 | 22 | 1722 | 158582 | 568905 | 2,0625 | 1178366 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,0625 | \$072 |
| 3,652 | 22 | 1730 | 158582 | 568905 | 2,25 | 1288036 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,25 | \$078 |
| 1,095 | 22 | 1730 | 158582 | 178062 | 2,25 | 388889 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,25 | \$078 |
| 3,652 | 22 | 1730 | 158582 | 568905 | 2,25 | 1288036 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,25 | \$078 |
| 1,095 | 22 | 1730 | 158582 | 178062 | 2,25 | 388889 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,25 | \$078 |
| 3,652 | 22 | 1730 | 158582 | 568905 | 2,25 | 1288036 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,25 | \$078 |
| 1,095 | 22 | 1730 | 158582 | 178062 | 2,25 | 388889 |
| 0,0023 | 22 | | 158582 | \$035 | 2,25 | \$078 |

Em 1688, a moeda de cruzado passou a valer 480 réis, denominando-se "cruzado novo", mas continuou em uso com o nome e valor antigos o cruzado de 400 réis, para a moeda de conta.

O quadro contem a relação das principaes moedas cunbadas. Os elementos nella insertos, permittirão em combinação com a tabella de cambio das fis. 170/171, uma apreciação approximada dos valores monetaries referentes ao nosso periodo colonial.

Observemos ainda que, entre 1383 e 1500, o marco de prata variou de 50 para 2.340 réis, depreciando-se, assim, o valor do "real" em cerca de 47 vezes. Entre 1435, quando o "real" começou a ser usado como moeda de conta, e 1500, essa depreciação foi apenas de 3 vezes. Entre 1500 e o periodo de 1700 a 1808, a moeda metalleica portugueza se depreciou em cerca de 4 vezes. Entre 1808 e 1937, o real brasileiro se depreciou 35 vezes e o portuguez, cerca de 50. Desde o descobrimento do Brasil, o real já se depreciou, portanto, para nós, em mais de 140 vezes, das quaes uma quebra de 4 vezes cabe á era colonial. Isso sem entrarmos em consideração quantos ás fluctuações do poder acquisitivo dos metaes preciosos.

Salientemos ainda que, no Brasil, desde os primeiros tempos, até o seculo XVIII, o uso da moeda era escasso. Durante o dominio hespanhol houve mais abundancia de moeda de prata.

Após a restauração, voltou a se accentuar a deficiencia e ficaram registados na historia varias crises de moeda. (16).

Em fins do seculo XVII, havia uma moeda metalleica nacional, outra provincial, uma "paulista" e, no Estado do Maranhão, os fios e novellos de algodão corriam como moeda, tudo numa mesma epoca.

(16) Vejam-se pag. 256 e seguintes.

Na França, entre varias categorias de libras, era a "turneza" a que predominava. Entre 1200 e 1500, ella se depreciou, quanto ao conteudo metalico, cerca de 5 vezes. Entre 1500 e 1795, novamente 5 vezes. Em 1795, no periodo da Revolução Franceza, mudou-se para o franco a denominação da moeda, cujo titulo e demais condições ficaram regulados pela lei de 17 Germinal, anno XI (28/3/1803). Vigoraram essas condições, nominalmente, até 28 de Junho de 1928, em que se depreciou, novamente, para 1/5 o conteúdo metalico da moeda franceza.

A libra ingleza, de 1066 a 1527 desvalorizou-se de metade. De 1527 a 1601, desvalorizou-se de 25%.

Na Hespanha, o *maravedi* ou *morabitino*, de origem arabe, foi a moeda basica de conta até os tempos modernos. A cunhagem do *real* de prata foi iniciada no reinado de Affonso XI (1312). De então até os Reis Catholicos (Fernando o Isabel, 1474) o *maravedi* se desvalorizou 18 vezes. Cunharam-se na Hespanha unificada uma grande variedade de moedas — *dobra*, *peso*, *castelhano*, *cruzado* ou *ducado*, *real de prata*, *dobrão* de 8 e 2 escudos, *piastras*, etc. De 1474 até 1808 (D. Fernando VII) a desvalorização das moedas, quanto ao conteúdo metalico, foi apenas de 2,4 — a Hespanha tendo guardado durante tres seculos a posição de maior productora de metaes preciosos do mundo.

Durante o seculo XVIII, conheciam-se na Hespanha, como moeda de conta, quatro especies de reaes :

1. — *Real de Vellon*, com 34 *maravedis* — era o mais communmente usado no interior da Hespanha. Equivalia a 1/20 do *peso duro*.

2. — *Real de prata provincial*, valendo o dobro do precedente.

3. — *Real de prata antiga*, um pouco inferior ao precedente ; 10 5/8 valendo um *peso duro*.

4. — *Real de prata mexicana*, com 84 maravedis de vellon, 8 desses reaes perfazendo um *peso duro*.

Nessa mesma epoca, como moeda de ouro, figuravam mais communmente o *dobrão*, a *pistola* e a *piastra*, e, como moedas de prata, a *piastra* com 20 reaes de vellon, a *peseta mexicana* com 5 reaes de vellon, a *peseta provincial*, com 4 reaes de vellon, o *real provincial*, com 2 reaes de vellon, etc.

Durante esse mesmo seculo, em que o cambio portuguez estava praticamente estabilisado em torno de 67 1/2 (libra esterlina valendo cerca de 3\$600) o real de vellon equivaleria de 40 a 45 réis portuguezes, o peso duro, ouro, de 800 a 845 réis, o castelhana, 1640 réis; o peso, piastra e a pataca de prata de 750 a 800 réis. (19)

22 No seculo XVI, começou-se a chamar, no Mexico, a moeda de prata com 8 reales de *peso forte* ou *duro* e de *peseta* a moeda com 2 reales. Dahi espalharam-se pela America Hespanhola as denominações de *peso* e *peseta* ás suas moedas basicas.

(19) Conforme *Encyclopedie Methodique. Commerce*, Paris, 1781 e *Dictionario Universal das Moedas*, Lisboa, 1743.

Foi esta a terceira lição dada em 24 de Abril de 1936, nas condições das anteriores.

CAPITULO IV

POLITICAS COLONIAES

SUMMARIO

As politicas colonias dos povos europeus. Feitorias e colonização. O plano de occupação portugueza e a collaboração de d. Diogo de Gouvêa. A escolha entre o augmento territorial de Santa Cruz e a posse das Molucas. A fixação definitiva do europeu no Brasil. Não é o feudalismo que caracteriza o systema das donatarias, mas sim a inversão capitalista que elle traduz. O regimen financeiro e fiscal. O regimen commercial. A actuação dos donatarios. A instituição do Governo Geral. O balanço economico das donatarias. Capitães dos donatarios, dos colonos e dos negociantes portuguezes. Sua rentabilidade. Os rendimentos da Corôa. Os valores exportados em 1570 pela America portugueza e hespanhola.

O continente europeu apresenta-se hoje super-povoado em varias de suas zonas. Grandes Estados, alli existentes, disputam uma supremacia, para a qualhes são basicos extensos imperios coloniaes.

Os poderosos recursos da cultura e da technica moderna, a experiencia do passado e as concentrações de capitaes, permittem-lhes a adopção de politicas coloniaes fixadas em bases scientificamente determinadas e adaptaveis ás mais variadas condições mesologicas.

Em differentes phases do estudo da evolução da Economia Brasileira, teremos oportunidade de verificar a profunda interferencia que soffremos dessas politicas coloniaes, applicadas a dominios que offerecem artigos semelhantes aos da nossa produção.

Não é com a mentalidade, ora imperante, que podemos julgar devidamente a politica de occupação e colonização seguida por Portugal na terra de Santa Cruz, no seculo XVI. Não se apresentava á Europa de então, sob o ponto de vista demographico, a necessidade de expansão. Sua população não alcançava 50 milhões sendo, portanto, pouco densa, mesmo computados os meios atrazados com que se contava para a produção e transporte. Portugal dispunha de pouco mais de um milhão.

Já vimos que predominaram, a principio, razões de ordem politica e religiosa como incentivos da expansão maritima portugueza. Desde, porém, que essas empresas começaram a apresentar resultados materiaes, accentuou-se uma ambição immoderada de euri-

quecimento que, aliás, se tornou a mentalidade dominante em toda a Europa nesse início da era capitalista.

A não ser em relação ás ilhas do Atlantico, descobertas no seculo XV, em que se traçou orientação diferente, Portugal seguiu, quanto á costa africana e ao imperio asiatico, a politica das feitorias commerciaes, pelas quaes assegurava o seu dominio e organizava o seu commercio.

Aquellas ilhas eram, em sua grande maioria, territorios despovoados. Fez-se a sua colonização pelo systema de capitánias. A Madeira e o Porto Santo foram, em 1426, divididas em duas capitánias: Funchal e Manchiu. Nos Açores seguiu-se o mesmo systema. Colonizadas por Algarvios e Minhotos, as ilhas do Atlantico em breve prosperaram á sombra de um clima benigno e de um solo uberrimo. Funchal, villa em 1451, era cidade em 1508. Em 1498, a Madeira possuía varias povoações importantes e já produzia 1800 toneladas de assucar; em meados do seculo XVI, produzia mais de 4 mil toneladas (300.000 arrobas).

Apresentavam essas ilhas outras condições favoráveis ao estabelecimento de colonias agricolas: relativa proximidade da metropole, facilidade de acesso e de segurança, externa e interna.

Feitorias e Colonização

As feitorias estabelecidas pelos Portuguezes na costa africana e na Asia foram dotadas de uma organização especial, com fortes elementos de defesa; por diversas vezes, tiveram de sustentar luctas memoráveis contra os ataques dos povos dominados, dos corsarios e dos navios das nações em guerra com Portugal.

Na terra de Santa Cruz, o valor e as possibilidades de commercio não justificavam, como já vimos,

organizações da mesma importancia. Mas, ainda assim, foram installadas, quer pelos concessionarios do commercio do pau-brasil, quer pelo proprio Governo portuguez, varias feitorias, postos de resgate, em sua maioria de character temporario, onde se concentravam, sob o abrigo de fortificações primitivas, os artigos da terra que as naus vinham buscar. São por demais deficientes até hoje as noticias sobre essas feitorias, Igaracú, Itamaracá, Bahia, Porto Seguro, Cabo Frio, São Vicente e outras intermediarias, que desappareciam, ora esmagadas pelo gentio, ora conquistadas pelos Francezes. Mas o proprio commercio do pau-brasil é uma demonstração de sua existencia e as noticias que se têm, referentes á decada anterior a 1530, salientam a preocupação do Governo portuguez de defendel-as. Nessa epoca apresentou-se iniludivel ao Rei de Portugal, este dilemma: ou occupar effectivamente a terra de Santa Cruz, ou correr o risco de perdela. Dahi a expedição de Martim Affonso de Souza que foi a primeira de character verdadeiramente colonizador e que se nos mostra tão bem estudada pelo erudito patricio, Commandante Eugenio de Castro, a quem devemos, tambem, as annotações do precioso diario de navegação de Pero Lopes de Souza.

Além dos motivos já especificados em nossa conferencia anterior, a série de expedições hespanholas que penetraram o estuario do Prata e em demanda do Pacifico (1511, 1515, 1519 e 1526) e que passaram pelas terras brasileiras, influiram egualmente na decisão real. Mas a attenção que despertavam, no Velho Mundo, a descoberta dos metaes preciosos nas Indias de Castella, constituia, quiçá, a mais forte emulação. Resulta dahi, talvez, a preferencia demonstrada pelo grande cabo de guerra na escolha, como primeiro ponto de occupação definitiva, de um local proximo á provavel "costa do ouro e da prata", a outro da costa do pau-brasil.

Esta se extendia do Cabo Frio ao de São Roque e já estava sendo explorada, se bem que de modo irregular.

A partida da bandeira de Cananéa, com gente escolhida da expedição de Martim Affonso, que ambicionava voltar com 400 escravos carregados de metaes preciosos e que nunca regressou; o accesso ao planalto de Piratininga, ponto de partida provavel para novas explorações desse genero, são elementos que demonstram a mentalidade e as esperanças dos expedicionarios. Não se satisfez, porém, D. João III (1) com essa investida e no mesmo anno resolveu promover a occupação mais effectiva do territorio, creando as donatarias.

D. Diogo de Gouvea e as Donatarias

O exame profundo desse empreendimento, da sua orientação e dos detalhes previstos para a montagem administrativa indicam, em face dos recursos de que dispunha Portugal, uma criação notavel para a epoca.

Acredita-se hoje que na concepção de um tal systema o governo portuguez teria tido a collaboração do mestre Diogo de Gouvêa (2), cuja cultura permittiu o aproveitamento dos ensinamentos da historia das colonizações gregas e phenicias, no mundo antigo. Como quer que seja, aos eruditos em anthropogeographia, essa ini-

(1) D. João III (1522-1557) foi um notavel monarcha. Alfredo Pimenta acaba de publicar, no Porto, um interessante estudo sobre sua personalidade e actuação á testa dos negocios portuguezes. Esse Rei, que alguns cognominam "o colonizador" e que contava, conforme Damilo de Góes, cerca de 300 velas a serviço nas "suas conquistas", teve, em seu longo reinado, iniciativas de vulto das quaes as maiores não ser am a colonização do Brasil e o appello á collaboração da Companhia de Jesus, em Portugal.

(2) D. Diogo de Gouvea era um illustrado portuguez que morava em Paris, onde dirigiu o Collegio Santa Barbara, do qual sahiram, para o mundo literario não poucos alumnos que lhe deram gloria. Gouvea, que desde 1513 prestava, em França, nos negocios das localidades, valiosos serviços, empenhou-se com El-Rei para que levasse avante os intentos primeiramente expostos por Christovam Jacques, que se propunha a ser donatario do Brasil, levando para alli um millhar de colonos. (Conforme Porto Seguro, *Historia Geral do Brasil*).

ciativa portugueza, estudada em seus minimos detalhes, poderá ainda offerecer grande messe de preciosas informações á nossa historia economo-social.

De partida, devemos observar que a area, então objecto das doações, comprehendida entre o meridiano de Tordezilhas e a costa do oceano, abrangia apenas um terço do Brasil actual.

Santa Cruz e as Molucas

Nos primeiros tempos do seculo XVI, não convinha a Portugal que o limite occidental da terra de Santa Cruz se aprofundasse pelo continente. As novas terras que no mundo fossem descobertas estavam divididas entre Portugal e Hespanha pelo tratado de Tordezilhas, de 1484, confirmado pelo Papa em 1506. Acontecia, porém, que as Ilhas Molucas, nossas antipodas, eram regiões riquissimas em especiarias e objectos de graves disputas entre Hespanha e Portugal. (3) Se o meridiano divisor entrasse em demasia pelo continente americano, as Molucas passariam a fazer parte do semi-hemispherio hespanhol... Dahi a extranha attitude dos delegados portuguezes, procurando, nesse tempo, fazer com que as 370 leguas, q e marcariam a locação do meridiano, não fossem contadas a partir da parte mais occidental das Ilhas de Cabo Verde como desejavam os hespanhoes. As Molucas foram, durante certo tempo, muito mais estimadas á Portugal do que as regiões inhospitas da terra de Santa Cruz...

Em 1529, em Saragoça, haviam os dois reinos chegado a um accordo, ficando as Molucas com Portugal, mediante uma indemnisação de 350 mil ducados, equivalentes a cerca de 70 mil contos em poder acquisitivo

(3) As Molucas produziam o melhor cravo da India, uma das especiarias de mais alto preço.

de hoje. Mas essa indemnisação deveria ser devolvida, caso os geographos verificassem, mais tarde, que as ilhas Molucas estavam incluídas no semi-hemispherio portuguez...

Capitalismo ou regimen feudal?

Sendo a divisão das donatarias feita por leguas contadas ao longo da costa, acontecia que a largura das fachas variava de accordo com a inclinação litoranea. E' interessante observar que a capitania doada a Pero Lopes de Souza, conhecedor de toda a nossa costa, era constituída por tres quinhões separados, não se tendo satisfeito com faixas na "costa do ouro e da prata", mas se assegurando com um lote em Itamaracá, em plena região do pau-brasil e muito mais proxima a Portugal.

Não nos parece razoavel que a quasi totalidade dos historiadores patrios accentuem, em demasia, o aspecto feudal do systema das donatarias, chegando alguns a classificá-lo como um retrocesso em relação ás conquistas politicas da epoca. Portugal, desejando occupar e colonizar a nova terra e não tendo recursos para fazel-o á custa do erario real, outorgou para isso grandes concessões a nobres e fidalgos, alguns delles ricos proprietarios, e outros já experimentados nas expedições ás Indias. Concedeu-lhes, outrosim, o Rei, varios de seus direitos politicos, indispensaveis ao fortalecimento da autoridade de quem ia correr tão graves riscos. Mas, para estimular a colonização, conservando, para si, o dizimo das colheitas e do pescadao, o monopolio do commercio de pau-brasil, das especiarias e das drogas e o quinto das pedras e dos metaes preciosos, o Soberano regulou, nos foracs, os direitos politicos e a percepção de rendas dos donatarios e definiu-lhes tambem as responsabilidades perante a Corôa.

Visava o governo prestigiar e favorecer os donatarios que, ás suas expensas, iam emprehender tão grande tarefa, favoreccendo igualmente os colonos, para que tivessem todo o interesse em se estabelecer nas novas terras. "Mas essas vantagens a serem auferidas pelos donatarios presuppõem povoações, lavouras, commercio, trabalho organizado e capital accumulado, o que tinha de ser obra do tempo longo e do immediato dinheiro." (4)

Sob o ponto de vista economico, que não deixa de ser basico em qualquer emprehendimento colonial, não me parece razoavel a assemelhação desse systema ao feudalismo.

Na economia fedual, não ha o fito de lucro porque sendo demarcadas as classes sociaes, a remuneração se torna função da condição social de cada classe. Os artesãos viviam de maneira certa e o que elles recebiam era para o sustento desse padrão de vida. Cada classe tem o seu padrão de vida e o numero de pessoas de cada classe é mais ou menos limitado. Quem é servo ou filho de servo não aspira ao artesanato. E o artezão ou o filho de artezão não pensa em ser fidalgo. E' isso que caracteriza a economia feudal. As trocas se realizavam atravez de uma divisão de profissões pre-estabelecidas. Dahi o dizer de Schmoller, que a divisão de trabalho na Idade Media é uma divisão profissional e social.

Ora, por mais que estudemos os elementos historicos, não podemos concluir que o regimen das donatarias apresente pronunciada semelhança com o da economia medieval. Em primeiro lugar todos procuravam a nova terra em busca da fortuna; todos visavam melhorar sua situação economica. O fito de lucro era a causa primordial da vinda para o Brasil. Os pedreiros, carpinteiros, mechanicos e demais artifices procuravam

(4) João Lucio de Azevedo — op. cit.

ganhar para formar o seu peculio. Quem quizesse embarcar podia fazel-o. Não havia limites! Ao contrario, quanto maior o numero, tanto melhor. Em boa parte, quem para aqui vinha era com o animo de voltar enriquecido. Quem tivesse capital podia pleitear a exploração da terra. Os donatarios não eram mais do que exploradores em grande escala. As concessões dadas pelo Rei a esses homens eram o meio de os estimular, facilitando o empreendimento. Veremos, no seculo immediato, outras nações europeás adoptando processos semelhantes de colonização, utilizando-se, porém, de preferencia, da iniciativa privada mediante companhias colonizadoras privilegiadas.

Assim como hoje se concede a certas empresas a isenção de impostos, a par de uma alta tributação dos productos estrangeiros que lhes fazem concorrência, da mesma forma, usando desses processos caracteristicamente capitalistas, o Rei de Portugal concedeu uma série de favores áquelles que com seus capitães e seus serviços podiam incrementar a colonização das terras recém descobertas.

Os nossos historiadores não têm encarado o caso sob esse aspecto. Quando se referem a donatarismo, o consideram como se estivessem deante de um regimen feudal. O facto se explica pela falta de conhecimento das características da vida medieval que somente os recentes estudos da historia economica têm esclarecido sufficientemente: Na verdade, Portugal, em 1500, já não vivia sob o regimen feudal. D. Manoel, com sua politica de navegação, com seu regimen de monopolios internacionais, com suas manobras economicas de desbancamento do commercio de especiarias de Veneza, é um authentico capitalista. Os seus "vassallos" não ficam atraz. Não fazem a conquista como os cavalleiros da Idade Media. Procuram engrandecer e enriquecer o paiz. Querem que Portugal seja uma

potencia. Conquistaram as Indias com o mesmo espirito com que, mais tarde, os Inglezes vieram a constituir o grande Imperio Britannico. Tal estado de coisas é tão accentuado, que, mostram os historiadores, as concessões aos donatarios vão de encontro á lei mental, ou seja aquella que o mestre de Aviz tinha "em mente" para desfazer o poderio dos feudos. Mas a verdade é que a lei mental não foi contrariada. Pelo facto dos accordos entre o Rei e os donatarios serem feitos mediante o "Foral dos direitos, fóros e tributos e cousas que na dita terra haviam os colonos de pagar", não se ha de fechar os olhos á realidade economica. A hereditariedade das donatarias não nos parece sufficiente para emprestar o cunho feudal a todo o systema: representaria concessão a prazo illimitado, cuja duração a historia ia provar que seria regulada pela força das circumstancias. . .

Os immensos poderes outorgados aos donatarios tambem não significam feudalismo; esses poderes ainda existem em nossos dias. O chefe de uma esquadra em alto mar, os commandantes de exercitos, os governadores em occasiões excepcionaes dispõem ainda hoje de poderes quasi tão grandes quanto os que eram concedidos áquelles donatarios.

Estejamos, pois, bem certos de que nas donatarias, alem da hereditariedade das concessões, só existem de feudaes os termos, muitos delles ainda hoje em uso.

Pode-se ainda allegar que, no que concerne á concessão das terras, o seu aspecto juridico se assemelha ás instituções feudaes. Mas isto vem até os nossos dias. O regimen dominical das nossas minas caracteriza esse aspecto de nosso direito de propriedade. O possuidor da mina não é senão um concessionario, que della se utiliza, exercendo uma função social.

O Regimen Financeiro e Fiscal

Para a exploração das capitánias, assegurava-se aos donatarios :

1.º — a doação effectiva de cerca de 20% das terras da capitania ;

2.º — as marinhãs de sal, as moendas de agua e quaesquer outros engenhos, que se levantassem em suas terras, não podendo pessoa alguma construil-os sem sua licença ou sem lhes pagar o fôro devido ;

3.º — a escravização dos indios em numero illimitado e a autorização para a venda de uma certa quota no mercado de Lisboa (geralmente limitada a 39 por anno) ;

4.º — 5% do valor do pau-brasil e do peseado ;

5.º — a redizima das rendas e direitos pertencentes á Corôa ;

6.º — o direito de portagem dos barcos que puzessem nos rios, precedendo a taxaço das camaras, com a approvaço do Rei ;

7.º — as alcaidarias môres das villas e povoaçoês, com os fóros, rendas e direitos, devendo-lhes contribuição e homenagem os beneficiados com taes concessões ;

8.º — uma contribuição de 500 réis annuaes nos tabellionatos das villas e povoados creados na capitania ;

9.º — o exercicio da jurisdicçoão civil e commercial dentro de determinados limites.

Quanto aos colonos, eram seus deveres e direitos :

1.º — obrigarem-se, com sua gente, filhos, aggregados ou escravos a servir com o capitão em caso de guerra ;

2.º — pagarem ao alcaide mór das villas e povoados os fóros, direitos e tributos que se pagavam no reino, de accordo com as ordenações (para fazer mercê aos colonos e donatarios, compromettia-se El-Rei a não consentir em que bouvesse em tempo algum, na capitania, direitos de siza, nem de saboaria, nem tributo de sal, nem outro algum, além dos que se consignavam no foral);

3.º — direito de pedir e receber sesmarias sem maiores onus que o dizimo devido ao Mestrado de Christo;

4.º — o serviço de culto, pago por El-Rei.

O regimen commercial

Com excepção dos artigos privilegiados pela Corôa, poderiam tanto os donatarios como os colonos enviar quaesquer productos da terra para o commercio de quaesquer cidades ou partes do reino, ou ainda a mercados estrangeiros, livremente, e segundo mais lhes conviesse, sem sujeição a mais nenhum imposto além da siza.

Os navios do reino e senhorios que viessem ao Brasil com mercadorias não pagariam aqui nenhum imposto, desde que já o tivessem pago nas alfandegas do reino; e os que carregassem aqui e fossem a portos estrangeiros, pagariam dizimo á Corôa; nada pagariam se se destinassem ao reino ou aos senhorios. Taes favores, com excepção de mantimentos, armanentos e munições de guerra, não eram extensivos aos navios estrangeiros, que pagavam aqui o dizimo d'El-Rei ou nas alfandegas do reino quando iam daqui para lá. Os navios nos portos das capitancias não podiam carregar nem sahir sem licença dos donatarios. O commercio entre os capitães e moradores de umas e outras capitancias era livre de todo e qualquer imposto. (5)

(5) Rocha Pombo — *Historia do Brasil*.

E' de salientar o contraste de orientação entre o aspecto commercial da politica colonizadora traçada para o Brasil e o systema de monopolio de Estado observado, na mesma epoca, no commercio portuguez com as Indias Orientaes.

A Actividade dos Donatarios

Outorgadas as doações, a partir de 1534, houve um esforço sincero da parte da maioria dos donatarios de effectivar o empreendimento colonizador. Para isso, muitos venderam o que possuíam em Portugal, outros obtiveram recursos por emprestimo, pois que não eram de somenos os capitães necessarios a commettimento de tal monta. Respeitada a linha da convenção de Tordesilhas, teria fundo diminuto o ultimo lote concedido a Pero Lopes de Souza e não caberia aos Portuguezes a iniciativa de qualquer novo empreendimento no Rio da Prata.

Não cabe aqui fazer a descripção da vida aventureira e das lutas que tiveram os concessionarios para se instalar em suas capitánias. Dos 12 donatarios, só um, o da Capitania do Ceará, não providenciou a exploração de seus dominios. Mas ao contrario do que acontecia nas ilhas do Atlantico, além das hostilidades climatericas e da natureza, esbarravam com a forte reacção dos amerindios e soffriam reiteradas investidas dos corsarios estrangeiros. "Somos obrigados a conquistar por pollegadas" escrevia Duarte Coelho a El-Rei, "as terras que Vossa Magestade nos fez mercê por leguas" (1).

(1) "A missão dos donatários das capitánias consistia, de um modo geral, em levar para o Brasil gado, gados, sementes, ferramentas de lavoura. O gado, para povoar as terras e as defender do selvagem, e conseguir a conversão desta á fé católica; sementes, para fecundar as terras; ferramentas de lavoura e gados, para as modificar. O Rei pensava em dar as terras só por uma vida. Isso não

Toda a especie de accidentes maritimos, de lutas contra o interior e contra o exterior, o desconhecimento e a adversidade do meio, impossibilitaram o inteiro exito da iniciativa. A falta de um organo coordenador das donatarias não permittia a sua cooperação; ao contrario, as hostilidades reciprocas vieram agravar ainda mais os males reinantes.

A experiencia demonstrou o que vemos hoje com clareza: a empreza estava acima das forças dos donatarios. Não tendo sido o grande successo que esperavam os seus ideadores, não constituiu, porem, a tentativa, para o ponto de vista portuguez, o fracasso com que muitos injustamente a consideram.

A Instituição do Governo Geral

Em seu auxilio, instituiu o governo luzitano, em 1549, o Governo Geral do Brasil. Mas o que este governo vinha principalmente fazer era proporcionar a segurança indispensavel ao trabalho e garantir a ordem e a cooperação entre as donatarias.

A força de fixação que o systema de colonização promoveu e a trama de interesses que creou, estão demonstradas atravez de toda a evolução economico-social posterior e pela propria divisão politica territorial hoje existente.

São de Jayme Cortesão, antigo director da Bibliotheca de Lisboa, as seguintes apreciações: "Ao Norte e ao Sul a colonia ficava solidamente balizada pelos dois nucleos mais bem organizados e resistentes da po-

atrasa capitais e homene. Transformou esse dominio em hereditario: uma especie do feudalismo: elle tinha a suzerania das terras; mas os capitães donatários tinham o seu dominio directo e útil.

E' a primeira fase da Colonização systemática do Brasil, o em quo á empresa ingente tudo é sacrificado: vidas e haveres. No desbravamento da selva torrens e humana, o sangue portuguez correu, sem péso em medida". (Alfredo Pimenta D. *Jolo III*, Porto 1936).

pulação portugueza : as vilas de Santos e Olinda, nas duas capitánias de São Vicente e Pernambuco. Ao centro, na vila e capitania de Porto Seguro, a actividade colonizadora tambem não fôra interrompida. O mesmo succedia nos Ilhéos, onde a colonização proseguia, e da qual Thomé de Souza diria em 1535", que é a melhor cousa desta costa para fazendas e a que mais agora rende para V. Alteza". E até nas mesmas capitánias onde o desastre attingira as proporções do horror ou que os donatarios haviam abandonado, como na Bahia e em Itamaracá, pequenos nucleos persistiram arraigados ao sólo, e breve se tornaram o laço benéfico que reatava a obra colonizadora, sob o regime do Governo-geral.

Apesar de todos os desastres horrificos ou vergonhosos a semente duma patria fôra lançada á terra. Os colonos haviam abalado para sempre, levando consigo todos os instrumentos e normas duma civilização." (7)

Em 1548 contavam-se já, fundadas no extenso litoral do Brasil, cerca de 16 villas e povoados que exportavam para a Metropole algodão, assucar, fumo, pau-brasil e outros productos da terra.

Alguns desses povoados eram fortificados, possuíam estaleiros e officinas de fabricação de bergantins para a navegação fluvial ou para reparo das naus. Armadores particulares entretinham o difficiloso serviço de communicações marítimas com o reino. (8)

A fixação definitiva do europeu no Brasil

Foi das costas brasileiras que partiu a fixação do homem á terra. As donatarias não puderam, porém, conservar como limites as balisas determinadas no

(7) *Historia de Portugal*. — Portucalense Editorn.

(8) Max Fleuias — *Apostilas de Historia do Brasil*. R.I.H.R.J. — 1933.

litoral e estes tão pouco o parallelismo geometrico estabelecido por D. João III ; á medida que se desenvolveram, desmembraram-se ou receberam novos accrescimos. Os seus colonizadores, quando penetraram pelo sertão, alli se foram estabelecendo e fixando fronteiras naturaes, ou outras, resultantes das lutas e transacções entre os varios e complexos elementos em jogo.

A conquista, o povoamento e a colonização do continente americano pelos povos europeus, traduzem um dos mais importantes acontecimentos da historia. A Africa, inteiramente dominada, apresenta, ainda hoje, apenas pequenos nucleos europeizados. Na Asia, continente fortemente populoso e dotado de velhas civilizações, o dominio europeu se revela pelo typo de colonias de occupação e de exploração. Na America, no emtanto, formaram-se novas nações, filhas da civilização occidental e a melhor iniciativa systematisada de colonização foi oriunda de Portugal e applicada no Brasil.

Numa epoca em que os hespanhoes estavam principalmente absorvidos na conquista e na extracção dos metacs preciosos, Portugal promovia uma politica colonizadora baseada na occupação, no povoamento e na exploração das industrias extractivas e agricolas.

O crescente interesse que se manifestava na Europa pelo assucar favorecia o fundamento economico do empreendimento colonizador. A parte administrativa e politica e a carencia de capitães é que o prejudicavam em face dos problemas americanos. Não foi a deficiencia economica da terra que derrotou muitos dos donatarios ; foi, principalmente, a falta de segurança para o trabalho, oriunda da hostilidade dos selvicolas, da aggressividade dos entrelopos extrangeiros e do proprio curso entre as capitancias, agravada essa situação pelo acanhado dos capitães disponiveis. O regimento traçado ás actividades de Thomé de Souza, primeiro

Governador do Brasil, esclarece bem essas circumstan-
cias :

“Eu El-Rei faço saber a vós Thomé de Souza, fidalgo de minha casa que vendo eu quanto serviço de Deos e meu he conservar e nobrecer as capitánias e povoações das terras do brasil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando para eixalçamento de nossa santa fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturacs delles, ordenci ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para dahy se dar favor e ajuda as outras povoações e se ministrar justiça e proveito nas cousas que cumprirem a meus serviços e aos negocios de minha fazenda e a bem das partes, etc.”

O balanço economico das capitánias, a que vamos proceder, mais elucida as circumstancias que acima apontamos. Os primeiros capitães móres, que vieram ao Brasil, como sôe acontecer a todos os pioneiros, travaram á sua propria custa o conhecimento do meio, fornecendo, com o seu sacrificio, os ensinamentos quanto aos systems de administração e de exploração economica que mais conviriam á terra.

Balanço economico das Donatarias

Fizeram, pois, os executores do plano colonizador de D. João III o trabalho de pioneiros.

Dos 12 donatarios, aos quaes foram entregues os 15 lotes em que se dividiram as 80.000 leguas quadradas da então terra de Santa Cruz, apenas tres não cram homens de recursos ; oito applicaram no empreendimento, praticamente, a totalidade dos seus haveres e varios delles tomaram por emprestimo os capitacs de que necessitavam.

Essa primeira occupação costeira fixou, porém, definitivamente, o europeu no Brasil. A base economica que offereciam o pau brasil, o assucar e o algodão, permittiria a evolução mais rapida dos nucleos sociaes, se na sua expansão economica a demanda de braços para os engenhos, para os plantios e para os pescados, não viesse aggravar a hostilidade do incola, privado de sua liberdade. O amerindio, incapaz de um trabalho normal e continuo, revoltava-se contra a escravidão imposta pelas necessidades dos novos colonizadores.

Se varias das capitancias foram destruidas pela reacção dos incolas, os interesses vinculados ao sólo brasileiro pelos nucleos coloniaes que ali se installaram, sobreviveram a essa crise. E, estabelecida a segurança para o trabalho, foi este se normalizando, com o aproveitamento da experiencia progressivamente conquistada.

E' o que se deduz da leitura do *Tratado da Terra do Brasil*, escripto entre 1560 e 1570 por Pero de Magalhães Gandavo, e de outros documentos.

Dos algarismos enunciados, constata-se a existencia, nessa epoca, em 8 capitancias, de 60 engenhos de assucar que deveriam produzir 3.000 arrobas annuaes, uns pelos outros. Alcançariam cerca de 3.440 os "vizinhos" nessas capitancias, o que indica uma população superior a 17.000 habitantes. Computando-se os indios livres que trabalhavam com os colonos e os escravos, não será exaggero calcular em mais de 30.000 a população integrada na actividade economica, que se representava, principalmente, pela extracção do pau-brasil, engenhos e plantações de canna e cultura de algodão, fóra as actividades secundarias indispensaveis á alimentação e outras necessidades da população. Calogeras admite para 1583 uma população de 57.000 almas: 25.000 brancos, 18.000 indios civilizados, 14.000 escravos negros (9).

(9) Calogeras — *Formação Historica do Brasil*.

Apezar de tão escassa, representava a occupação definitiva da terra. Um balanço approximado dos capitães envolvidos na exploração do Brasil, entre 1560 e 1570, e da sua rentabilidade, demonstram que a colonização portugueza já abrangia, nessa epoca, interesses de vulto.

Os donatarios organizaram expedições para a occupação de suas terras. Não será exaggerado calcular em tres naus por capitania o numero de embarcações que aqui ficavam ou naufragavam a seu serviço.

Para a occupação das capitancias de Parahyba, Rio Grande do Norte, Pará e Maranhão, que pertenciam, respectivamente, a João de Barros, Ayres da Cunha e Fernão Alvares de Andrade, associaram-se esses capitães môres organizando a maior expedição que jamais viera ao Brasil: 12 navios, 1.500 homens, dos quaes 120 cavalleiros, copioso armamento e apetrechos variados. Essa expedição visava, principalmente, a busca de metaes preciosos, talvez a conquista do Eldorado, nas proximidades do Perú... Fracassou a empreza, antes exploradora do que colonizadora.

O valor medio das naus seria de uns 20.000 cruzados que, a 160\$000, valor acquisitivo de hoje, correspondem a cerca de 3.200 contos de réis. Trouxeram os donatarios armamentos, ferramentas, sementes, instrumentos, reproductores, etc., que, conjunctamente com os auxilios aos colonos, deveriam tel-os obrigado a uma despeza minima de 5.000 cruzados. Gastaram uns pelos cutros em sua installação nas novas terras, nas obras mais indispensaveis, no minimo outros 5.000 cruzados.

O custo da montagem de um engenho, com todos os seus serviços accessorios, está avaliado na *Historia de Portugal*, de Damião Peres, em mais de 35.000 cruzados. Computaremos em menos de 50% dessa quantia o valor de cada um desses primeiros 60 engenhos,

tendo em consideração a primitividade de muitas das installações.

Não será exaggerado avaliar-se em 2.000 cruzados por capitania as inversões dos colonos em outras culturas e actividades.

Teremos então :

| ESPECIE DE CAPITAL. | VALOR POR UNIDADE cruzados | VALOR DO CAPITAL cruzados |
|---|----------------------------------|---------------------------------|
| <i>Verba "A" — Inversão dos Capitães-Móres</i> | | |
| Naus (30) | 20.000 | 600.000 |
| Armamentos e varias despezas. | 10.000 | 100.000 |
| | | <hr/> |
| TOTAL | | 700.000 |
| <i>Verba "B" — Inversão dos Colonos e Capitães-Móres</i> | | |
| Engenhos funcionando : (60) | | |
| Apparelhamento para o fabrico, moendas, tachos de cobre, etc. | 10.000 | 600.000 |
| 50 escravos para cada engenho | 100 | 300.000 |
| Carros, barcos, gado, etc. | 20.000 | 1.200.000 |
| | | <hr/> |
| TOTAL | | 2.100.000 |
| 50% desta verba. | | 1.050.000 |
| <i>Verba "C" — Inversão dos Colonos</i> | | |
| Algodão, cult. diversas officinas e estalceiros | 2.000 | 20.000 |
| | | <hr/> |
| <i>Verba "D" — Inversão dos Armadores Portuguezes</i> | | |
| Naus para transporte da produção brasileira | | |
| 18 naus para transp. de assucar. | 20.000 | 360.000 |
| 20 naus para transp. de pau-brasil. | 20.000 | 400.000 |
| | | <hr/> |
| TOTAL | | 760.000 |

(Na base de duas viagens annuaes para cada nau).

Verba "E" — Capital de Movimento
empregado pelos commerciantes por-
tuguezes :

| | moéda de 1537-1580 | |
|--|--------------------|--------------------|
| | réis | |
| Asucar — 180.000 arrobas (custo no Brasil) | 650 | 117:000\$000 |
| Pau-brasil — 30.000 quintaes | 700 | 21:000\$000 |
| Valor de outros artigos | | <u>10:000\$000</u> |
| T O T A L | | 148:000\$000 |

(Nota : — O real de então corresponde a 354 réis de hoje).

R E S U M O

| | cruzado a 160\$ valor médio | |
|---|--------------------------------|------------------------|
| Capital empregado nas donatarias | 1.770.000 | 283.200:000\$000 |
| Capital empregado pelos armadores, para transporte de assucar, pau- brasil e outros artigos — 38 naus | 760.000 | 121.600:000\$000 |
| Valor das mercadorias transpor- tadas num anno | | <u>52.392:000\$000</u> |
| T O T A L | | 457.192:000\$000 |

Temos, portanto, para valor dos capitães parti-
culares envolvidos nos negocios com o Brasil, entre
1560-1570, Rs. 457.192:000\$000, dos quaes Rs. . . .
283.200:000\$000 seriam capitães immobilizados no Bra-
sil e Rs. 173.992:000\$000, valores nas mãos de negoci-
antes portuguezes.

Qual era a rentabilidade approximada de taes
capitães?

No BRASIL :

| | | |
|-------------------------|-----------------------|-----------------|
| Valor do assucar . . | 41.418:000\$000 | |
| Valor do pau-brasil . | 7.434:000\$000 | |
| Valor de outros artigos | <u>3.540:000\$000</u> | 52.392:000\$000 |

O valor dos artigos exportados representava, assim, cerca de 15% do capital immobilizado. Mas não se considera aqui o valor dos artigos produzidos e consumidos no paiz.

EM PORTUGAL :

| | |
|---|--------------|
| Differença do preço do assucar | |
| 180.000 arrobas × 1\$200 (1\$850-\$650) = | 216:000\$000 |
| Differença entre os preços de venda e do | |
| custo do pau-brasil | |
| 30.000 quintaes a 3.300 | 99:000\$000 |
| Outros artigos | 20:000\$000 |
| | <hr/> |
| | 335:000\$000 |

ou sejam, Rs. 120.000:000\$000, valor acquisitivo actual, representando esta rentabilidade uma percentagem bruta de 70% sobre os capitães em mãos dos negociantes e armadores portuguezes. Tem-se de abater dahi os impostos devidos á Corôa e donatarios, as elevadas despezas de transportes, juros, etc. para se poder chegar á renda liquida. Mas, em qualquer caso, essa percentagem demonstra que não está exaggerado o computo dos capitães investidos.

Não nos é possível avaliar a renda liquida das donatarias, mas, com excepção talvez das de S. Vicente e de Pernambuco, era provavel que as administrações das capitánias ainda se apresentassem deficitarias pelas conhecidas difficuldades das primeiras installações. Seus successores iriam, no entanto, conhecer melhores tempos.

Os negociantes portuguezes que adiantaram capitães para o estabelecimento de engenhos no paiz, e que auferiam reaes vantagens com seu commercio, seriam, porém, os naturaes alliados dos donatarios e dos colonos no incentivo á Corôa para a defeza da nova terra e no fomento do seu progresso.

O governo portuguez aboliu a capitania da Bahia, em 1548, indemnizando aos herdeiros de Francisco Pereira Coutinho com um padrão de juro rendendo cerca de 1.000 cruzados annuaes (173 contos em moéda de hoje).

Mas outras capitánias foram posteriormente creadas, a favor da Corôa, em territorios conquistados pelos governadores (1567-1620), e mais seis outorgadas a particulares (1537-1674) de accordo com as necessidades que a utilização da terra ia apontando.

O movimento de reversão das capitánias ao poder central, por falta de herdeiros legitimos, por confisco ou por compra dos direitos, salvo casos fortuitos, só é decisivo no seculo XVIII.

Todos esses elementos comprovam o valor do systema idealizado por Portugal para a definitiva occupação da terra.

E os algarismos acima enunciados, baseados em informações colhidas nos *Dialogos da Grandeza do Brasil*, em Porto Seguro, J. Lucio Azevedo e varios outros permitem um juizo approximado sobre os primeiros resultados economicos decorrentes da grande iniciativa de D. João III e a somma de interesses que ella já creara na nova terra, em 1570.

São, no emtanto, numeros apresentados com a devida reserva, e que deverão ser corrigidos á medida que se forem aprofundando os estudos sobre a historia da economia brasileira.

Os rendimentos da Corôa

Devemos, finalmente examinar quanto rendia a colonia á Metropole portugueza.

| | | |
|---|------------------------|-------------------------|
| Renda do pau-brasil. | 6.200:000\$000 | (valor de hoje). |
| Dizimos sobre o valor do assucar produzido no Brasil. | 4.140:000\$000 | (valor de hoje). |
| Rendas diversas. | 600:000\$000 | (valor de hoje). |
| Total | 10.940:000\$000 | (valor de hoje). |

Considerando-se que estão avaliados em mais de 300.000 cruzados, ou sejam 40.000 contos em poder aquisitivo de hoje, os dispendios de Thomé de Souza com a fundação da cidade de S. Salvador “em soldos, ordenados de ministros, edificios da sé e casa dos padres da Companhia, ornamentos, sinos, artilharia, gados, roupas e outras cousas necessarias.” (10) ; que Portugal mantinha no Brasil um Governador Geral, cuvidores, provedores e outros funcionarios da fazenda, bem como uma organização de governo na Bahia, esquadras e armamentos para a defesa da colonia, correndo ainda por sua conta a manutenção dos Jesuitas e as despesas do culto, chegar-se-á á conclusão de que a colonia, nesse tempo, como até quasi fins do seculo XVI, era deficitaria para o erario real.

Estavam, porém, lançadas as bases para a criação da grande industria do assucar de que o Brasil se ia tornar o primeiro fornecedor do mundo, reembolsando regiamente Portugal e Portuguezes das despesas feitas com esses trabalhos preparatorios.

Ao passo que os lusitanos, em luta sem treguas, procuravam nesse emprehendimento colonizador, ao “longo de uma costa quente e humida, defendida pela muralha serranil da beira mar e por povos ferozes e atrazadissimos, num clima deprimente para o europeu”

(10) Frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil* — 1500-1027 — S. Paulo, 1918.

criar uma civilização productora, os conquistadores castelhanos usufruíam, ao Norte, uma situação bem diversa.

De facto, encontraram em altiplanaltos, em zonas tornadas assim mais temperadas, as civilizações mais adiantadas da America, cuja conquista constituia forte estímulo e cujas populações puderam servir de solida base á sua posterior colonização.

E enquanto os habitantes de Santa Cruz exportavam, como fructo de seus intensos labores, artigos valendo em Portugal pouco mais de 115.000 contos annuaes, em poder acquisitivo de hoje, só em metaes preciosos, a Hespanha recebia de suas possessões americanas, na mesma epoca, acima de 1.000.000 de contos ! (11)

Foi esta a quarta lição, dada em 8 de Maio de 1936, nas condições das anteriores.

(11) A. P. Newton, *The European Nations in the West Indies*.

CAPITULO V

O CYCLO DO ASSUCAR

SUMMARIO

O primeiro assucar americano ; o primeiro producto brasileiro. A evolução dos engenhos. O assucar, o maior artigo do commercio marítimo mundial no seculo XVII. A idade de ouro do producto. Valor da produção e da exportação do Brasil no periodo colonial. O fundamento economico da occupação hollandeza. Quanto o commercio hollandez desviou da produção brasileira. Valeres comparativos dos cyclos do assucar e da mineração. A influencia do assucar sobre o cambio portuguez. O declinio dos preços e da exportação no seculo XVIII. A influencia da industria assucareira sobre a formação brasileira. Consequencias economicas e financeiras.

Tempos primitivos

FORAM os Cruzados e Arabes que tornaram conhecido na Europa o assucar, primitivamente fabricado e usado na Asia. Na Édade Media, era um artigo carissimo, escolhido para presentes régios e como tal figurava nos proprios inventarios monarchicos. Constituiu um dos objectos do commercio das republicas italianas, que tambem iniciaram a cultura da canna de assucar e o seu fabrico nas Ilhas de Rhodes e Sicilia, na bacia do Mediterraneo. Os Arabes introduziram a industria na Hespanha.

O Infante D. Henrique, com sua preocupação dominante de intensificar o commercio, fez com que se iniciasse, na Madeira e em outras ilhas portuguezas, a cultura da canna.

Com o restricto consumo existente na Europa, onde era vendido como genero medicinal nas pharmacias, não tardou que o desenvolvimento da producção acarretasse sua superproducção e baixa nos preços.

Em 1440 uma arroba valia, na Inglaterra, 18.30 grammas de ouro, que representam 1:120\$000 em poder aquisitivo de hoje, ou sejam 75\$000 o kilo. Em 1470, este preço havia baixado para 45\$000, e, em 1501, valia apenas 8\$500 o kilo.

A producção portugueza, principalmente a da Ilha da Madeira, provocou a destruição das culturas do Mediterraneo e o desequilibrio no commercio.

Em 1498, El-Rei D. Manoel, para pôr cobro á continua baixa do artigo, determinou a intervenção do Estado, limitando a exportação annual da Ilha da Madeira ao maximo de 120.000 arrobas...

Assucar americano

Nas ilhas das Canarias, tambem os Hespanhoes haviam iniciado a industria e depois da descoberta da America, introduziram-na em Espaniola, actual Ilha de Haiti.

Houve nas novas possessões ibericas a primeira tentativa seria de colonização, em 1502, dirigida por Nicolás de Ovando; e o primeiro engenho americano parece ter funcionado na Antilha Hespanhola no anno de 1506. Até 1520 havia installados 20 engenhos; em 1550 funcionavam, em Espaniola, cerca de 40. Depois de 1553, o Mexico começou tambem a exportar assucar para a metropole. Apesar desse bom inicio, devido ao êxodo das populações das Ilhas para o Mexico e Perú, ao desvio das atenções para a mineração de metaes preciosos, e ás grandes luctas e revoluções que caracterizam os primeiros tempos das ilhas do Mediterraneo americano, arrefeceu allí a industria assucareira, que só tomou novo impulso em meados do seculo posterior, quando se verificou a grande alta e consideravel augmento na procura do artigo.

Parece que a canna era tambem planta nativa na America; era conhecida em Matto Grosso e no Mexico e em varios outros lugares, mas a sua cultura regular foi feita, no continente americano, com mudas importadas.

No Brasil, não se justificava, nos primeiros tempos, o plantio de um artigo já em super-produção nos mercados portuguezes. Com a melhoria dos preços, que se

foi verificando a partir da segunda decada do seculo XVI, incrementaram os portuguezes a producção das ilhas e parece que, na terecira década, se plantou canna junto á feitoria de Pernambuco.

Consta que Pedro Capico alli installára um pequeno engenho e Varnhagen refere que, em 1526, já figuravam na Alfandega de Lisboa direitos sobre o assucar de Pernambuco.

Mas o verdadeiro inicio da cultura parece ter sido apprehendido por Martim Affonso de Souza, em 1533, com a fundação em São Vicente, do Engenho do Governador. Conta-se que tanto elle como Perc Lopes de Souza e Pero Lopes da Silveira se associaram com flamengos e allemães para a installação de alguns engenhos. Ficou celebre o engenho dos Erasmus, a que estavam associados os Schetz de Antuerpia, que se enriqueceram no commercio do assucar do Brasil.

Já vimos que um dos caracteristicos da revolução commercial, que se operou no inicio dos tempos modernos, foi a alta geral dos preços e o augmento progressivo no consumo de todos os artigos de commercio; isso devido, em boa parte, ao affluxo de metaes preciosos que os Hespanhoes faziam vir de suas possessões americanas. O assucar não só obedeceu ao rhythmo geral, como se tornou o principal artigo do commercio internacional.

Dos foraes das Donatarias, se conclue, entre outras pelas referencias aos direitos sobre engenhos outorgados aos donatarios, que já era talvez o principal producto que se visava explorar na empresa colonizadora.

Predominancia Brasileira

Portugal contava, desde os meados do seculo XV, com a supremacia no mercado mundial do artigo. Mes-

mo nos primeiros tempos do século XVI, a produção da Madeira e de São Thomé já ultrapassava em muito a hespanhola. Mas, parece que foi a partir de 1560 que lhe coube também a ascendência na produção do assucar americano, com a sua colonia brasileira.

Estabelecida com o governo central uma maior segurança para o trabalho, procurou o proprio Governo portuguez fomentar o desenvolvimento da industria no Brasil. Assim, na Capitania Real de São Salvador, estabelecia-se a isenção de impostos por 10 annos para os engenhos que alli se construisssem e eram outorgados, mais tarde, privilegios de nobreza e impenhorabilidade aos senhores de engenho. Isso não impediu, porém, que, para defender o producto da Madeira, ameaçado com as baixas provocadas pelo affluxo do brasileiro, fosse sobre este creado um imposto de 20%.

Foi a iniciativa particular que caracterizou o desenvolvimento da industria. Cooperando com os esforços dos donatarios, negociantes portuguezes adiantavam dinheiro aos colonos para montagem de seus engenhos, e outros se associavam com os respectivos senhores. Muitos colonos de menos posses arrendavam terras proximas e recebiam de seus proprietarios pagamento em assucar pela canna que lhes entregavam. Na Bahia, o Governador estabelecia um *lagar*, para serviço dos colonos, numa verdadeira cooperativa; muitos delles conseguiram assim a sua independência, montando a seguir os seus proprios engenhos.

A primeira evolução do fabrico já se havia processado nas ilhas portuguezas, que funcionavam, no dizer de Victor Vianna, como estações experimentaes para as terras brasileiras. (1)

Os primeiros engenhos á mão, as alçaprensas, utilizados nas ilhas, foram ahí sendo substituidos por en-

(1) Victor Vianna — *Formação Economica do Brasil*.

genhos á agua, por almanjarras, lagares e trapiches impulsionados pela força animal.

No Brasil não podia ser assim ; eram de tal monta as despesas das installações coloniaes, nas suas terras virgens e n'um meio hostil, com todo o seu necessario aparelhamento de defesa, cultura, transporte e embarque, que nos primeiros tempos não se justificava a montagem dos então chamados pequenos engenhos. Dahi a construcção desde logo de engenhos medios, produzindo acima de 3 mil arrobas annuaes, os quaes, a seguir, foram se desenvolvendo pela construcção de installações com producção acima de 10 mil arrobas.

"O engenho representava uma verdadeira povoação, obrigando a utilização não só de muitos braços, como as necessarias terras de cannaviaes, de matto, de pasto e de mantimentos. Com effeito, além da casa do engenho, da de moradia, senzalas e enfermarias, havia que contar com uns cem colonos ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas tarefas de massapé (de novecentas braças quadradas), além dos pastos, cercas, vasilhames, utensilios, ferro, cobre, juntas de bois e outros animaes." (2)

Acarretavam, pois, um grande serviço de transporte de cannas, de lenha e do artigo produzido. Dadas as difficuldades de lceonioção e os riscos de ataques dos selvicolas, evitava-se o afastamento da costa, e estabeleciam-se os engenhos de preferencia na faixa litoranea, junto aos pequenos rios, onde se utilizavam de barcas para os serviços de transporte ; tornou-se, porém, logo necessario o emprego do carro de boi e o appello á junta de tiro.

Não era possivel contar só com o colono europeu para o pesadissimo serviço da cultura da canna e do trabalho nos engenhos, com suas moendas primitivas e com

(2) Porto Seguro e Rodolpho Garcia — *Historia Geral do Brasil*.

suas fornalhas de fogo directo. São impressionantes, a proposito, as descrições dos viajantes, relatando a pouca segurança do trabalho e as penosissimas condições em que era feito. E tudo isto no clima quente e humido de nossa zona litoranea.

“O portuguez vinha encontrar na America tropical uma terra de vida aparentemente facil; na verdade difficilima para quem quizesse aqui organizar qualquer forma permanente ou adiantada de economia e de sociedade. Se é certo que nos paizes de clima quente o homem pode viver sem esforço na abundancia de productos espontaneos, convem, por outro lado, não esquecer que igualmente são, nesses paizes, as formas perniciosas de vida vegetal e animal, inimigas de toda a cultura agricola organizada e de todo o trabalho systematico e regular.” (3)

Forçou o colono europeu a cooperação do indio e do negro como elementos indispensaveis para o aproveitamento definitivo das novas terras:

“No Brasil iniciaram os Portuguezes a colonização em larga escala dos tropicos por uma technica economica e por uma politica social inteiramente novas: apenas esboçadas nas ilhas sub-tropicæes do Atlantico. A primeira: a utilização e o desenvolvimento de riqueza vegetal pelo capital e pelo esforço do particular; a agricultura; a sesmaria; a grande lavoura escravocrata. A segunda: o aproveitamento da gente nativa, principalmente da mulher, não só como instrumento de trabalho mas como elemento de formação da familia. Semelhante politica foi bem diversa da de exterminio ou segregação seguida por largo tempo no Mexico e no Perú pelos hespanhoes, exploradores de minas, e sempre e desbragadamente na America do Norte pelos Ingleses.” — (4)

(3) Gilberto Freyre — *Casa Grande e Senzala*.

(4) Id., ib.

A Evolução dos Engenhos

Na *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador (1627), consta esta magnifica synthese dos primeiros engenhos :

“Como o trato e negocio principal do Brasil é de assucar, em nem uma outra cousa se occupam de engenhos e habilidades dos homens tanto como em inventar artificios com que o façam, e por ventura por isso lhe chamam engenhos.

Lembra-me haver lido em um livro antigo das propriedades das cousas que antigamente se não usava de outro artificio mais que picar ou golpear as cannas com uma faca, e o licor que pelos golpes corria e se coallhava ao sol este era o assucar, e tão pouco que só se dava por mezinha. Depois se inventaram muito artificios e engenhos pera se fazer em mór quantidade, dos quaes todos se usou no Brasil, como foram os dos pilões, de mós e os de eixos, e estes ultimos foram os mais usados, que eram deus eixos postos um sobre o outro, movidos com uma roda de agua ou de bois, que andava com uma muito campeira chamada bolandeira, a qual ganhando vento movia e fazia andar outras quatro, e os eixos em que a canna se moia. E além desta machina havia outra de duas ou tres gangorras de páus compridos, mais grossos do que toneis, com que aquella canna, depois de moida nos eixos, se espremia, pera o que tudo e pera as fornallias em que o caldo se cose e encorpora o assucar era necessario uma casa de cento e cincoenta palmos de comprimento e cincoenta de largo, e era muito tempo e dinheiro o que na fabrica della e do engenho se gastava.

Ultimamente, governando esta terra D. Diogo de Menezes, veio a ella um clérigo espanhol das partes do

Perú, o qual ensinou outro mais facil e de menos fabrica e custo, que é o que hoje se usa, que é sómente tres páus postos de por alto muito justos, dos quaes o do meio com uma roda de agua ou com uma almanjarra de bois ou cavallos se move e faz mover os outros. Passada a canna por elles duas vezes, larga todo o sumo sem ter necessidade de gangorras, nem de outra cousa mais que cozer-se nas caldeiras, que são cinco em cada engenho, e leva cada uma duas pipas pouco mais ou menos de mel, além de uns tachos grandes em que se põem em ponto de assucar, e se deita em fôrmas de barro no tendal, donde se levam á casa de purgar, que é mui grande. E postas em andainas lhes lançam um bolo de barro batido na boca, e depois daquelle outro, com que o assucar se purga e faz alvissimo. O que se fez por experiencia de uma gallinha, que acertou de saltar em uma fôrma com os pés cheios de barro e, ficando todo o mais assucar pardo, viram só o logar da pegáda ficou branco.

Por serem estes engenhos dos tres páus, a que chamam entrosas de menos fabrica e custo, se desfizeram as outras machinas e se fizeram todos desta invenção e muitos de novo; pelo que no Rio de Janeiro onde até aquelle tempo se tratava mais de farinha pera Angola que de assucar, agora ha já quarenta engenhos, na Bahia cincoenta, em Pernambuco cento, em Tamaracá dezoito ou vinte, e na Parahiba outros tantos; mas que aproveita fazer-se tanto assucar si a copia lhe tira o valor, e dão tão pouco preço por elle que nem o custo se tira?"

Os Dialogos das Grandezas do Brasil

Capistrano de Abreu, na "Introducção" aos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, descreve essa manifestação da economia do inicio do seculo XVII:

“Engenhos havia movidos por agua e por bois ; servido por carros ou barcos ; situados á beira-mar ou mais afastados, não muito, porque as difficuldades de communicações só permittiriam arcos de limitados raios ; havia-os sufficientes para produzir mais de dez mil arrobas de assucar e incapazes de dar um terço desta somma. Imaginemos um engenho schematico para termo de comparação : do schema os engenhos existentes divergiam mais ou menos, como é natural.

Devia possuir grandes cannaviaes, lenha abundante e proxima, escravidão numerosa, boiada capaz, aparelhos diversos, moendas, cobres, fôrmas, casas de purgar, alambique ; devia ter pessoal adestrado, pois a materia prima passava por diversos processos antes de ser entregue ao consumo ; dahi certa divisão muito imperfeita de trabalho, sobretudo certa divisão de produção. O producto era directamente remetido para além-mar ; de além-mar vinha o pagamento em dinheiro ou em objectos dados em troca e não eram muitos : fazendas finas, bebidas, farinha de trigo, em summa, antes objectos de luxo. Por luxo podiam comprar os mantimentos aos lavradores menos abastados e isto era usual em Pernambuco, tanto que entre os aggravos dos Pernambucanos contra os Hollandezes capitulava-se o de por estes terem sido obrigados a plantar certo numero de cóvas de mandioca.”

Brandonio exalta a lavoura de assucar como sendo o “principal nervo e substancia da riqueza da terra.” Em sua opinião, sómente com o assucar o Brasil “é mais rico e dá mais rendimento para a fazenda de sua Magestade do que são todas essas Indias Orientaes”.

Após apontar os gastos com o commercio das Indias, acrescenta :

“Pois o Brasil, e não todo elle, senão tres capitánias, que são a de Pernambuco, a de Tamaracá e a de Para-

hiba, que occupam pouco mais ou menos, no que dellas está povoado, cincoenta ou sessenta leguas de costa, as quaes habitam seus moradores, com se não alargarem pera o sertão dez leguas, e somente neste espaço de terra, sem adjutorio de nação estrangeira, nem de outra parte, lavram e tiram os Portuguezes das entranhas della, á custa de seu trabalho e industria, tanto assucar que basta para carregar, todos os annos, cento e trinta ou cento e corenta náos, de que muitas dellas são de grandissimo porte, sem Sua Magestade gastar de sua fazenda pera a fabrica e sustentação de tudo isto um só vintem, a qual carga de assueares se leva ao Reino e se mette nas alfandegas delle, onde pagam os direitos devidos a Sua Magestade, e se esta carga que estas náos levam se houvesse de carregar em outras de grandeza das da India, não bastariam 20 semelhantes a ellas pera a poderem alojar."

"Todos estes assueares (só das tres capitánias do Norte) pagam de direitos na alfandega de Lisboa, o branco e o mascavado a duzentos e cincoenta réis a arroba, e as panellas a cento e cincoenta réis a arroba, isto afóra o consulado, de que feita a somma vem a importar á fazenda de Sua Magestade mais de trezentos mil cruzados, sem ella gastar nem despende na sustentação do Estado, um só real de sua casa, porquanto o rendimento dos dizimos, que se colhem na propria terra, basta pera sua sustentação."

Esses 300.000 cruzados correspondem a 28.000 contos, em poder acquisitivo de hoje.

Brandonio, nos *Dialogos*, desereve ainda os processos de fabricação e a capacidade dos engenhos, que admite de 6, 7, 8 e 10.000 arrobas por anno de assucar macho "e fóra os meles, que são retames e batidos, que sempre chegam ao redor de tres mil arrobas; quando se sabe aproveitar este assucar, costuma a ser um

muito bom e outro somenos, e algum summamente máo, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins, e os outros engenhos de menos póрте costumam a fazer a cinco e a quatro, e ainda as tres mil arrobas de assucar, e os taes são de pouco proveito para seu dono."

Confirma isso que, nos primeiros tempos, os engenhos seriam todos de mais de 2.000 arrobas por anno; só bem mais tarde appareceram as enghócas, quando assim o permittiram a disseminação da população e outras condições.

Exalta ainda Brandonio o luxo e a riqueza de muitos colonos e senhores de engenho, provenientes da industria do assucar.

Collegio de Santo Antão

Affonso de Taunay, o incansavel e erudito mestre da historia patria, mandou imprimir no Tomo IV dos *Annues do Museu Paulista* a "*Descreeção da fazenda que o Collegio de Santo Antão tem no Brasil e de seus rendimentos*", feita pelo padre Estevam Pereira S. J., em 1635. Descreve o jesuita o processo de exploração das terras e o trabalho dos colonos.

"Das terras que estão ao longo do mar ou de rios navegaveis se paga a fazenda de renda em cada um anno a 3.^a parte do assucar, que se faz da cana do tal partido, que pertence ao lavrador verbi g. deu a cana do dito partido 600 arrobas de assucar destas são 300 do engenho onde se fez, as outras 300 (que he a metade) pertencem a lavrador. Destas tem a fazenda cem arrobas que he a terça parte. A estes chamão partidos de 3.^o.

Ha outros partidos de quarto, de que se paga só a quarta parte do assucar pertencente ao lavrador, e são os daquellas terras que ficão afastadas de portos de mar, ou rios. Das quais per rezão da serventia mais tra-

balhosa, em se levar a cana a carregadouro, se abate a renda.

Todas estas terras dos partidos podem hoje valer em seu commum, e justo preço, quarenta mil cruzados bem pagos em 3 ou 4 annos.”

Continua o jesuita em sua descripção de outras rendas da fazenda. Quanto á parte principal :

“O real engenho de Ceregipe (bem conhecido por este nome) assim no material como no formal, he hum dos melhores e mais celebres, que tem o Brazil : em rezão do sitio em que está, no meio dos infinitos canaviais com extremada serventia a elles por varios rios navegaveis. Pella formosa levada de agoa perene com que moe, pello bom fornecimento que ainda hoje tem (com as cousas andarem atrazadas) e he o melhor que em outro algum engenho da Baia, em tudo : e ultimamente em rezão da muita cana de quasi toda a grande Patatiba Avcupe, o Ceregipe, que lhe está obrigada.

O engenho com seu assento casa de Caldeiras de purgar e de morada, terras do pasto, e bemfeitorias e caes e levada, com todo o seu movel de escravidão, cobres e muitas outras miudezas juntamente com a obrigação, que tem apropriada, de lhe darem os lavradores sua cana sendo a escolha de toda que he naquella limite ; vale, de quarenta para sincoenta mil cruzados.

As contas do Rendimento, e gasto annual deste engenho vão adiante feitas com toda a diligencia verdade e miudeza, por satisfazer a curiosos, que me pedem esta clareza.

“Huma das boas ou melhores propriedades que tem o Brazil são curraes de muito gado. Pode haver em Ceregipe uma duzia delles, se os fizeram porque ha pastos excellentes nas terras da fazenda. As quais andão arrendadas por pouco mais de nada.”

Refere-se o padre Estevam a um antigo engenho em Ilhéos, parado por causa das incursões dos Aymorés :

“Deu este engenho em tempos antigos muito rendimento achão se livros antigos e nelles muitas çafras de 12 a 14 mil arrobas de açúcar em tempo de Men de Saa.”

Fornece apreciações detalhadas sobre a receita e despeza com o custeio do Engenho, o custo minimo do assucar, que reputa em 800 réis para o assucar branco.

Os gastos com os cobres, com as barcas, com as obras, com o pessoal salariado estão todos mencionados.

Quanto aos negros :

“Todos annos hum per outro he necessario meter ao menos cinco peças em lugar dos que morrem e valem quando mais baratas a 35\$000” (35 £) ou sejam ... 8 contos em poder acquisitivo de hoje.

Não se esquece o meticoloso jesuita da discriminação da alimentação do negro. Farinha em quantidade. “Para seu comer se lhes dá de quando em quando (ao menos quando lança o engenho a moer) sua posta de carne ; e pelas festas e pelo discurso do anno, a negros serradores e que trabalhão em obras de pezo, e aos fracos bem são necessarios para isto.” A verba consignada é de 10\$000.

De seu vestir ao menos huns calções de burel, de 2 em 2 annos, e as femeas seu manteo em outro tanto tempo...”

Nos “Mistos” não ha nas despezas o esquecimento “de pitanças se dão ao vigario que benze o engenho duas formas de assucar : Aos letrados escrivais meirinhos, e aos rendeiros por não entenderem com o engenho que tem mil bicos por onde podem pegar podem importar todos em 12\$000.”

Isto em 1635...

Antonil (6)

Mas é Antonil (1711), cuja divulgação entre nós tanto deve a Taunay, quem melhor descreve tudo quanto se relaciona com a cultura da canna e industria do assucar nos tempos coloniaes. São do proemio :

“Quem chamou as officinas, em que se fabrica o assucar, engenhos, acertou verdadeiramente no nome. Porque quem quer que as vê, e considera com reflexão, que merecem, he obrigado a confessar, que são huns dos principaes partos, e invenções do engenho humano, o qual com pequena porção do Divino, sempre se mostra no seu modo de obrar, admiravel. Dos engenhos huns se chamão reaes, outros inferiores vulgarmente engenhocas. Os reaes ganhárão este appellido, por terem todas as partes, de que se compoem, e todas as officinas perfectas, cheias de grande numero de eseravos. com muitos cannaveacs proprios, e outros obrigados á moenda ; e principalmente por terem a realza de moerem com agoa, á differença de outros, que móem com cavallos e bois, e são menos providos e aparelhados : ou pelo

(6) “ANTONIL — Temos um depoimento de notavel valia quanto ao influxo reciproco de todos esses factores no inicio do seculo XVIII. Um das personagens principaes da Companhia de Jesus na provincia do Brasil, por essa época, era um italiano do Lucca, João Antonio Adreoni ; havia sido visitador da provincia, reitor do collegio da Bahia. Sob o apparencia transparente de André João Antonil, publicou, em 1711, um livro admiravel cuja extraordinaria importancia pôde ser aquilitada pelo facto do governo portuguez ter confiscado toda a edição. Poucos, pouquissimos exemplares escaparam á fogueira, uns seis apenas, ao que se conhece, constituindo, cada qual, joia preciosissima das collecções do bibliophilos.

Motivou a supressão o crime de dar informção por demais completa e exacta do valor da terra e de suas possibilidades, o que poderia levar outros paizes mais fortes e ricos, ao desejo de conquistá-lo. Mas existia outra razão mais poderosa ainda para o auto da fé : o livro ensinava aos brasileiros a grandeza e a potenciabilidade de sua patria, o poderia exaltar aspirações, principalmente após o exito victorioso das guerras do não-brasil e da expulsão dos batavos.

Seu titulo é suggestivo *Cultura e Opulencia do Brasil, por suas drogas e minas. Drogas, se deve entender como agricultura e seus productos.* — (CALOGERAS — *Farmação Historica do Brasil*).

A identificação do ANONÍ JOÃO ANTONIL, RUTOR do *Cultura e Opulencia do Brasil*, com JOÃO ANTONIO ADREONI, é de CAPISTRAND DE AUREU.

menos com menor perfeição, e largueza, das officinas necessarlas, e com pouco numero de escravos, para fazêrem como diizem, o engenho moente e corrente.

E porque algum dia folguei de ver hum dos mais afamados, que há no reconcavo á beira-mar da Bahia, a quem chamão o engenho de Sergipe do Conde; movido de huma louvavel curiosidade, procurei no espaço de oito, ou dez dias que ali estive, tomar noticia de tudo o que o fazia tão celebrado, e quasi rei dos engenhos reaes."

O Senhor de Engenho

Quando trata *do cabedal que hade ter o senhor de hum engenho real* :

"O ser senhor de engenho, he titulo, a que muitos aspirão, porque traz consigo, o ser servido, obedecido e respeitado de muitos. E se fôr, qual deve ser, homem de cabedal, e governo; bem se pôde estimar no Brazil o ser senhor de engenho, quanto proporcionadamente se estimão os titulos entre os fidalgos do Reino. Porque engenhos há na Bahia, que dão ao senhor quatro mil pães de assucar, e outros pouco menos, com canna obrigada á moenda, de cujo rendimento logra o engenho ao menos a metade, como de qualquer outra, que nelle livremente se móe: e em algumas partes ainda mais que a metade.

Dos senhores dependem os lavradores, que tem partidos arrendados em terras do mesmo engenho, como os cidadãos dos fidalgos; e quanto os senhores são mais possantes, e bem aparelhados de todo o necessario, affaveis, e verdadeiros; tanto mais são procurados, ainda dos que não tem a canna captiva, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso reccebêrão.

Servem ao senhor de engenho em varios officios, além dos escravos de enchada, e souce, que tem nas fazendas, e na moenda, e fóra dos mulatos e mulatas, negros e negras de casa, ou occupados em outras partes; barqueiros, canoeiros, calafates, carapinas, carreiros, oleiros, vaqueiros, pastores e pescadores. Tem mais cada senhor destes necessariamente hum mestre de assucar, hum banqueiro, e hum contra-banqueiro, hum purgador, hum caixeiro no engenho, e outro na cidade, feitores nos partidos e roças, hum feitor mór do engenho: e para o *espiritual*, hum sacerdote seu capellão; e cada qual destes officiaes tem soldada.”

A escravatura

“Toda a escravatura (que nos maiores engenhos passa o numero de cento e cincoenta, a duzentas peças contando as dos partidos) quer mantimentos, e fardas, medicamentos, enfermarias, e enfermeiro; e para isso são necessarias roças de muitas mil covas de mandioca. Querem os barcos, velames, cabos, cordas e breo. Querem as fornalhas, que por sete, ou oito mezes ardem de dia e de noite, muita lenha; e para isso he mister dous barcos velejados, para se buscar nos portos, indo hum atraz do outro sem parar, e muito dinheiro para a comprar; ou grandes mattos, com muitos carros, e muitas juntas de boi para se trazer. Querem os cannaveaes tambem suas bareas, e carros com dobradas esquipações de bois. Querem cuebadas, e souces. Querem as serrarias machados, e serras. Quer a moenda de toda a casta de páos de lei de sobreceiente, e muitos quintaes de aço, e de ferro. Quer a carpintaria madeiras selectas e fortes para esteios, vigas, aspas e rodas; e pelo menos os instrumentos mais usuacs, a saber: serras, trados, verrumas, compacs, regoas, escropos, enchós, goivas,

machados, martelos, cantins e junteiras, pregos e plainas. Quer a fabrica do assucar pharócs, e caldeiras, tachas e bacias, e outros muitos instrumentos menores, todos de cobre ; cujo preço passa de oito mil cruzados, ainda quando se vende, não tão caro, como nos annos presentes. São finalmente necessarias além das sanzallas dos escravos, e além das moradas do capellão, feitores, mestre, purgador, banqueiro, e caixeiro, huma capella decente com seus ornamentos, todo o apparelho do altar, e humas casas para o senhor do engenho com seu quarto separado para os hospedes, que no Brazil, falto totalmente de estalagens, são continuos ; e o edificio do engenho, forte e espaçoso, com as mais officinas, e casa de purgar, caixaria, alambique e outras cousas, que por miudas aqui se escusa aponta-las, e dellas se fallará.

O que tudo bem considerado, assim como obriga a uns homens de bastante cabedal, e de bom juizo, a quererem antes serem lavradores possantes de canna com hum, ou dous partidos de mil pães de assucar, com trinta, ou quarenta escravos de enchada, e souce ; do que senhores de engenhos por poucos annos com a lida, e attenção que pede o governo de toda essa fabrica ; assim he para pasmar como hoje se atrevem tantos a levantar engenhocas, tanto que chegarão a ter algum numero de escravos, e achárão, quem lhes emprestasse alguma quantidade de dinbeiro para começar a tratar de huma obra, de que não são capazes por falta de governo, e diligencia ; e muito mais por ficarem logo na primeira safra tão empenhados com dividas, que na segunda, ou terceira já se declararão perdidos : sendo juntamente causa, que os que fiárão dellas, dando-lhes fazenda e dinbeiro, tambem quebrem, e que outros zombem da sua mal fundada presumpção, que tão depressa converteu em palha seca aquella primeira verdura de huma apparente, mas enganosa esperanza.

É ainda que nem todos os engenhos sejam reaes, nem todos puxem por tantos gastos, quantos até aqui temos apontado: contudo, entenda cada qual, que com as mortes, e com as secas que de improvizo apertão, e mirrão a canna, e com os desastres, que a cada passo succedem, crescem os gastos mais do que se cuidava. Entenda tambem, que os pedreiros, e carapinas, e outros officiaes desejosos de ganhar a custa alheia, lhe facilitarão tydo de tal sorte, que lhe parecerá o mesmo levantar hum engenho que huma sanzalla de negros; e quando começar a ajuntar os aviamentos, achará ter já despendido tudo quanto tinha antes de se pôr pedra sobre pedra, e não terá com que pagar as soldadas, crescendo de improvizo os gastos, como se fossem por causa das enxurradas dos rios.

Tambem se não tiver capacidade, modo e agencia que se requer na boa disposição e governo de tudo, na eleição dos feitores e officiaes, na boa correspondencia com os lavradores, no trato da gente sujeita na conservação, e lavoura das terras, que possui, e na verdade e pontualidade com os mercadores, e outros seus correspondentes na praça, achará confusão e ignorancia no titulo de senhor de engenho, donde esperava acerescentamento de estimação, e de credito."

Bons conselhos

O douto economista philosopho se estende em amplas explicações e conselhos desde a aquisição das terras, em que accentua a necessidade de "evitar demandas, e pleitos, que são huma continua desenquietação d'alma, e hum continuo sangrador de rios de dinheiro, que vai a entrar nas casas dos Advogados, Solicitadores, e Escrivães, com pouco proveito de quem promove o pleito, ainda quando alcunça, depois de tantos gastos,

e desgostos, em seu favor a sentença. Nem deixe os papeis, e as escripturas que tem na caixa da mulher, ou sobre huma mesa exposta ao pó, ao vento, á traça e ao cupim ; para que depois não seja necessario mandar dizer muitas missas a Santo Antonio, para achar algum papel importante que desappareceu, quando houver mister exhibi-lo. Porque lhe acontecerá que a criada, ou serva tire duas ou tres folhas da caixa da senhora, para emb'ulhar com ellas o que mais lhe agrada: e o filho mais pequeno tirará tambem algumas da mesa, para pintar caretas, ou para fazer barquinhos de papel, em que naveguem moscas, e grillos, ou finalmente o vento fará que võem fóra da casa sem pennas."

E, como esses, de envolta com ensinamentos technicos, segue-se toda a ordem de conselhos paternaes :

"Aos feitores de nenhuma maneira se deve consentir o dar couces, principalmente nas barrigas das mulheres, que andão pejudadas, nem dar com páo nos escravos, porque na colera se não medem os golpes, e podem ferir mortalmente na cabeça a hum escravo de prestimo, que vale muito dinheiro, e perdê-lo. Reprehendê-los, e chegar-lhes com hum cipó ás costas com algumas varancadas, he o que se lhes pôde, e deve permittir para ensino."

America Portugueza

Rocha Pitta, na *Historia da America Portugueza* (1750) resume a economia do engenho :

"A canna (planta commum a toda a America Portugueza) se cultiva em sitios proprios para a sua produção, que se chamam massapés ; uns em terra firme, outros em ilhas. Estendida se mette na terra e della vão brotando olhos, que crescendo entre as suas folhas, parecem á vista searas de trigo. Quando estão sasonadas, e pelo conhecimento dos lavradores perfectas, de dezoito

mezes nos continentes, e de um anno nas ilhas, se cortam, e levam para os Engenhos, onde espremidas em instrumentos que chamam moendas, umas, que movem correntes de aguas, outras giros de cavallos, se derretem em docissimo succo, que caindo liquido, vai correndo por aqueductos de paus a uma grande taxa, chamada parol, e mettida na terra, de donde em taças pequenas de cobre, presas por cadeias de ferro, o sobem para o botar nas caldeiras, em que se coze; em fervendo lhes lançam uma agua de certa qualidade de cinza, que nomeiam decoada, e posto no ponto necessario, o passam a vassilhas de barro pyramidaes, que chamam Fôrmas, e cobertas de barro as suas circulares bocas, depois de quarenta dias que nellas se está purificando o assucar, se põe um dia ao Sol, e se mette em caixas.

O peso do assucar, assim branco, como mascavado, que se tira de cada uma destas fôrmas, sendo todas feitas quasi por uma medida nas suas officinas, é diverso nos êngenhos; porque as canas, que se moem proprias, ou obrigadas, e se cultivam em terras de masapé mais legitimo, ou se plantam de novo em outras menos cançadas e mais distantes das praias (causa por que lhes chamam propriedades do mato, por differença das outras, que se dizem da beira mar) são maiores no comprimento, grossura, e distancias dos nós, e teem mais succo, que as outras, que nascem em terrenos já de muitos annos cultivados, como são todas as fazendas, que ficam perto dos rios, e pela sua vizinhança, e commodidade dos seus portos, foram as primeiras, que se fabricaram, e já por antigas são hoje menos rendosas, *carecendo as canas de mais trabalho para crescerem*, pela muita herva, que naquelles lugares as suffoca, como a zizania ao trigo se não ha continuo cuidado em as alimpar, não sendo ás novas fazendas do mato necessarias tantas limpas; e tambem consiste o rendimento, e bondade do assucar, nos mestres delle, que assistem ás

caldeiras, os quaes devem ter grandes experiencias, para o cozer, e pôr no ponto de maior perfeição.

Nos engenhos, em que concorrem as referidas qualidades, circumstancias e beneficios, dá cada fôrma tres arrobas, e tres e meia de branco, uma, ou meia de mascavado : havendo engenhos que fazem tres mil, tres mil e quinhentos, e quatro mil pães dos declarados pesos ; e moradores que teem dous, tres, e quatro engenhos moentes, para cujas fabricas fazem grossas despezas, principalmente no tempo presente, em que pelo descobrimento, e lavra das minas, que levam muitos escravos, tem crescido o valor delles a excessivo preço, e a este respeito os outros generos necessarios para a cultura do assucar ; e a não haver este deseonto, seriam os senhores dos engenhos os vassallos de maiores rendas, e os mais opulentos de toda a Corôa Portuguesa.

São copiosos os meles, que as fôrmas botam, quando depois de congelado o assucar, lhes tiram pelo fundo, em que tem um furo, as folhas com que as tapam quando lho lançam liquido ; e no tempo em que se está purificando, distila os referidos meles, os quaes se os senhores dos engenhos os querem cozer, teem outras officinas para este fim, e com novo beneficio e arte fazem outra qualidade de assucar, que chamam batido, assim branco, como mascavado, na côr, e apparencia como o outro, mas na doçura e substancia diverso, porque duas arrobas de branco batido, não fazem o effeito de uma de branco fino, e a mesma differença ha entre um e outro mascavado.

Tambem este genero de assucar distila outra especie de mel, que chamam reime, do qual se fazem outras manufacturas ; quando os senhores dos engenhos não querem usar destes inferiores generos de assucar, vendem os meles aos fabricantes das aguas ardentes, que em pipas, e toneis os levam para as suas officinas, onde tendo-os algum tempo em certa infusão, os põem a cozer em lambiques, cuja distillação é agua ardente, de que

consta a maior parte da carga das embarcações, que navegam para costa de Africa a buscar escravos, e se gasta por elles, e pela plebe do Brazil em lugar das do Reino.”

Typos e proporções produzidos

Antonil, na sua *Cultura e Opulencia do Brasil*, define os typos de assucar produzidos :

- branco macho, mascavo macho, branco batido, mascavado batido ;
- branco macho fino, cara de fôrma ;
- branco macho redondo ;
- branco macho de baixo ou inferior.

Parece que na produção, a proporção do assucar branco era de 70%, contra 30% de mascavado. E do branco, 80% era macho, 20% batido.

Os preços variavam de conformidade com os mercados exteriores, transportes, valor das safras e outras circumstancias. A differença de cotações entre o branco e o mascavado variava de 20 a 40%.

Acondicionamento

Em fortes caixas de madeira, calafetadas com barro e forradas com folhas seccas de bananeira, era o assucar cuidadosamente acondicionado e apiloado. As caixas eram pregadas com o uso das verrumas, pregos e martello — gastando cada caixa 86 pregos.

Eram feitas de “páu molle, como ucongabas, buraremas, visgueiro, páu de gamella, camaçarís e um páu que chamam de alho, e outro branco : e dos taes ha diversas castas, porque pera caixões, se busca sempre madeira molle, por ser mais facil de serrar.” — (*Dialogo das Grandezas do Brazil*).

Marcavam-se as caixas com ferro ardente ou com tinta; e tres são as marcas que havia de levar cada caixa a saber: a das arrobas, a do engenho e a do senhor ou mercador, por cuja conta se embarcava. (6).

As despesas

Com o encaixotamento, transporte até os trapiches, aluguel destes, embarque, impostos na terra, fretes, despesas na Alfandega e armazenagem em Lisboa, direitos, consulado e outras, dispendiam-se, no inicio do seculo XVIII cerca de 45% do custo do assucar fino no Brasil e 60% nos assucares inferiores (7).

(6) As publicações referentes no Brasil Hollandez alludera a caixas de 20 a 24 arrobas cada uma. O regimento dado ao general da frota do Brasil, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, em 1641, menciona o acondicionamento em caixas de 20 arrobas "com o costume".

Usavam-se ainda caixas de 20 a 50 arrobas. Acreditamos que Antonil admittia como typo medio a caixa de 35 arrobas. O assucar não era só transportado em caixas, mas tambem em feixes, cunhetes, barricas, e saccos; é o que se pode verificar do exame das estatísticas de sua produção e exportação.

(7) Antonil dá a seguinte relação para o custo do acondicionamento e exportação do assucar branco macho:

| | |
|--|---------|
| Pelo caixão no engenho ao menos. | 1\$200 |
| Por se levantar o dito caixão. | 50 |
| Por 86 pregos para o dito caixão. | 320 |
| Por 35 arrobas de assucar a 1\$600 réis | 56\$000 |
| Por careto á beira mar. | 2\$000 |
| Por careto do porto do Maratí ao trapiche. | 320 |
| Por guindaste no trapicho | 80 |
| Por entrada no mesmo trapicho. | 80 |
| Por aluguer no mez no dito trapicho | 20 |
| Por se botar fóra do trapicho | 160 |
| Por direitos do subsidio da terra | 300 |
| Por direito para o forte do mar | 80 |
| Por frete do navio. | 11\$520 |
| Por descarga em Lisboa para alfandega. | 200 |
| Por guindaste na ponte da alfandega | 40 |
| Por se recolher da ponte para o armazem. | 60 |
| Por se guardar na alfandega | 50 |
| Por casavel de arquent por cada arco | 80 |
| Por jôras, taras, e marcas. | 60 |
| Por aviliação, o direitos grandes a 600 réis e a 20 por cento. | 5\$000 |
| Por consulado a 3 por cento. | \$340 |
| Por comboyo a 1-10 réis por arroba. | 4\$900 |
| Por maioria. | 800 |

O que tudo importa em Re. 84\$560

representando cerca de Rs. 2\$110 por arroba da producto posto em Lisboa.

Capitães investidos nos engenhos.

O que foi dito explica os gastos com as installações e o custeio dessa industria.

“Para estabelecer o que se chamava no Brasil *engenho real* (os pequenos, de pouco rendimento, designavam-se por *engenhocas*) eram precisos grossos cabedais. Só os apparatus para o fabrico, moendas, tachos de cobre, caldeiras, importavam em perto de dez mil cruzados; cinquenta negros de ambos os sexos, porque as mulheres também trabalhavam no campo e na fabrica, cinco mil cruzados, mas também havia engenhos com cento e cinquenta peças de escravatura; mais quinze a vinte juntas de bois; carros, barcos, porque os transportes eram quasi sempre por agua; ferramentas e utensilios diversos; tudo isso somaria pelo menos vinte mil cruzados. Não entra nisto o custo das terras e edificações; nem o capital necessario para o movimento da casa, manutenção do pessoal, e salarios; porque se, como diz um especialista, *os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho*, havia também trabalhadores livres, indispensaveis, empregados na fabrica ou de diferentes officios, geralmente brancos do reino ou mestiços. Daqui provinha avaliar-se em 40, 50, 60 mil cruzados (de 3 a 5.000 contos de hoje), e mais, o cabedal de um destes proprietarios, que eram a aristocracia da terra, e viviam á lei da nobreza, com gastos de ostentação e luxo iguais aos da côrte, e de que se espantavam os estranhos vindos á colonia.” (8)

Valor do cyclo do assucar

Foi o assucar que constituiu a base economica da implantação definitiva do europeu no Brasil.

(8) João Lucio de Azevedo — *Historia de Portugal*, Portucalense Editora.

O que é deveras lamentavel é a insufficiencia de dados estatisticos sobre o valor real de sua producção e exportação nos seculos XVI, XVII e XVIII.

Conforme esclarece Balbi, ⁽⁹⁾ havia uma prohibição formal de publicações relativas ao commercio e aos lucros portuguezes ; a apprehensão e a destruição da obra de Antonil provam essa asserção. Essa orientação, alliada á desorganização do commercio e á pouca divulgação dos conhecimentos e estudos economicos (males que até hoje perduram em nosso meio) explicam aquella deficiencia.

Com grande esforço tentámos organizar um quadro geral do valor da exportação do assucar brasileiro entre 1535 e 1822. Para os primeiros annos, controlámos essa exportação pelo numero de engenhos que Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares, Frei Salvador e alguns outros indicam com bastante precisão. Para as datas posteriores, cingimo-nos a informações esparsas sobre o commercio do assucar em varias epochas, no Brasil e em Portugal. Para o seculo XVII, a idade de ouro do producto, ainda são insufficientes, infelizmente, os elementos de *controle*.

O assucar que havia cahido em 1506 ao preço de 300 réis por arroba, pouco mais de 2 grammas ouro, foi de novo subindo até alcançar, em fins do seculo XVI, preço em ouro 6 vezes maior ; e 7 vezes mais, quando attingiu, na primeira metade do seculo XVII, o periodo do seu apogeu.

As ilhas portuguezas, que chegaram a produzir mais de 500.000 arrobas e que tinham grande supremacia em quantidade, preços e qualidades, perderam a favor do Brasil essa predominancia em fins do seculo XVI.

Tudo nos leva a erer que, nas vespervas da invasão hollandeza, já devia o Brasil produzir mais de 2 milhões de arrobas. Mas sendo contradictorias as informações,

⁽⁹⁾ Adrien Balbi — *Essai statistique du Royaume du Portugal et Algarves* — 1821.

cingimo-nos, em nossos calculos, aos numeros mais baixos, por não haver uma perfeita coordenação entre o numero de engenhos e as produções indicadas.

Porto Seguro, por exemplo, que é sempre tão preciso em todas as suas informações, dá para o anno de 1600 cerca de 120 engenhos. Transcrevemos as suas palavras :

“Tratando da principal produção do Brasil naquella época, a do assucar, contavam-se em Pernambuco sessenta e seis engenhos ; na Bahia trinta e seis, e nas outras capitánias, juntas, metade deste numero. Total dos engenhos cento e vinte. Referimos o numero dos engenhos, porque cremos este o melhor meio de dar uma idea do estado de prosperidade e riqueza do paiz.

.

Annualmente produziam os ditos engenhos uns setecentos mil quintaes de assucar ou setenta mil caixas, numero igual ao dos mil cruzados que pagavam o mesmo assucar de direito de sahida, na razão de cruzado por caixa de dez quintaes.” (10)

Ora, não nos parece possível, em face das demais informações, que esses 120 engenhos produzissem as 2.800.000 arrobas que representam os 700.000 quintaes ahí referidos. (11) Parecé-nos tambem exaggerado o peso de 10 quintaes de assucar para cada caixa, quando Antonil e muitos outros autores indicam 35 arrobas em média. E, de outro lado, pelas informações mais minuciosas que possuímos do Brasil hollandez, verifica-se que nas capitánias por elles occupadas a exportação do assucar, de-

(10) Porto Seguro — *Historia Geral do Brasil*.

(11) Laet regista que os portuguezes exportavam todos os annos mais de 40 mil caixas das Capitánias do Pernambuco, Itamaracá, Parabyba e Rio Grande do Norte, o que não seria de admirar, pois que somente Pernambuco contava com mais de 100 engenhos. Informa ainda que os grandes engenhos empregavam 15 a 20 portuguezes e 100 negros; os medios de 8 a 10 portuguezes e 50 negros e os pequenos da 5 a 6 portuguezes e 20 negros. Os grandes engenhos produziam annualmente de 7 a 8 mil arrobas, os medios de 4 a 5 mil e os pequenos 3.000. (*Historia General des Voyages*, Amsterdam, 1776).

vido á paralyzação e á destruição de varios engenhos, tinha baixado de 60.000 para 30.000 caixas, após 1630. Lippmann admite a informação de Handelsmann que entre 1636 e 1643 só o Brasil Hollandez exportou 218.220 caixas ou seja uma média de 1.350.000 arrobas por anno. A producção daquellas capitánias devia representar cerca de 50% da producção do assucar do Brasil de então. Parece-nos, no emtanto, exaggera da acifra de 4.000.000 de arrobas indicada por Henri Raffard, antigo director do Centro Assucareiro e Commercial do Rio de Janeiro, em seu trabalho, publicado em 1882, para a producção total brasileira em meados do seculo XVI. (12)

Wätjen, em seus estudos sobre o Brasil Hollandez, divide o periodo da occupação em tres phases. Na primeira, 1629-1637, a producção declinou, devido ás devastações produzidas pelas guerras; na segunda, de 1638 a 1645, cresceu consideravelmente pela sabia administração de Mauricio de Nassau. Na terceira, até 1651, cahiu novamente. Attribute, porém, á exportação geral numeros bem inferiores aos dos demais que apreciaram a materia. Lippmann alvitra a supposição de ter esse historiador se limitado aos numeros relativos a um só dos portos exportadores.

Existem varios outros elementos indicativos: nos ultimos tempos do dominio hollandez, estudava-se em Portugal o preparo de uma esquadra para auxiliar a expulsão dos invasores das terras brasileiras. Ouvido a proposito o Padre Antonio Vieira, que se achava em Lisboa, suggeriu este grande sacerdote um plano de mobilização dos recursos para tal fim. Vejamos o seu conselho: (13)

(12) F. L. Burlamaqui em sua monographia da canna d'assucar, 1862, admittiu para 1650 uma producção brasileira de 4 e 5 milhões de arrobas. Em 1670, allegava, a Alfandega de Liabón recebeu de 100 a 120.000 caixas de assucar.

(13) Robert Southey — *History of Brazil*.

“Do Brasil acabava de chegar uma armada extraordinariamente rica, trazendo não menos de 40.000 caixas de assucar, que tendo sido comprado barato, se estava vendendo caro ; ora, um imposto de um tostão ou de seis vintens sobre cada arroba produziria a somma precisa para 15 navios de 30 peças (20.000 cruzados). Ordenou-lhe o rei que puzesse por escripto a sua proposta, e, passados alguns dias, disse-lhe que havia ella sido presente aos seus ministros, que acharam mui crú o negocio. Alguns mêzes depois, estando o padre Vieira em Caravellas, convalescendo de uma enfermidade, mandou-o el-rei chamar a Alcantara :

— Sois Propheta, lhe disse ; hontem á noite chegaram da Bahia novas de ter-se Shoppe fortificado em Itaparica. Que faremos ?

Vieira respondeu :

— Fácilmo é o remedio ; disseram os vossos ministros que o meu projecto era crú, pois já que o acharam crú, que o cozinhem agóra.”

Não obstante, annuiu Vieira em procurar recursos para a expulsão dos Hollandezes e os obteve. A Companhia do Commercio do Brasil, fundada logo após, auxiliou a terminação da campanha. Mas o incidente demonstra que a producção no Brasil era bem superior a 1 milhão de arrobas, pois que só a tal fróta portugueza transportava 1 milhão e 400 mil, proveniente da zona não occupada pelo inimigo. (14)

Os grandes proventos que os Hollandezes auferiram do artigo explicavam o seu interesse em conservar o torrão de ouro, de que se tinham apossado. As narrativas da epoca exaltam o luxo e a riqueza que se ostentavam na Bahia e no Brazil hollandez.

(14) Com a guerra hollandexa, os preços do assucar subiram. Em meados do seculo XVII, desenvolveu-se a industria em Campos. O General Salvador Corrêa de Sá fundou alli um engenho onde hoje se acha a Fazenda do Visconde. Em fins do seculo XVIII, Campos possuia 300 engenhos com uma exportação de cerea de 50.000 caixas. (Gino Carli, op. cit.).

Foi na mesma época que os Inglezes, Francezes e Hollandezes resolveram desenvolver a cultura nas Antilhas, tal a importancia mundial que assumiu o commercio do assucar.

O consumo ia crescendo rapidamente ; mas as novas culturas acceleraram de tal forma a produção, que dia a dia, no ultimo terço do seculo XVII, foi se accentuando a baixa de preços, voltando, em principios do seculo XVIII, o assucar ás cotações em ouro que vigoravam nas proximidades de 1540. ⁽¹⁵⁾ Durante o seculo XVIII, conservaram-se os preços ouro mais ou menos estabe-lisados, cahindo novamente no final da centuria.

No primeiro quartel do seculo XIX, os preços se elevaram, devido á desorganisação do trabalho na industria assucareira nas colonias hespanholas e inglezas e ás guerras napolonicas. A queda do cambio brasi-leiro, após 1816, ia, ainda, estimular a exportação. O emprego da machina a vapor, o uso do bagaço de canna como combustivel e as novas variedades de cannas in-troduzidas facilitariam o surto assucareiro, verificado no seculo XIX.

O consumo na Europa creseceu sempre, a partir do seculo XVII.

Após a vulgarisação do chocolate, foi o café, cujo uso se espallhou desde 1650, um dos productos que mais contribuiu para a expansão do assucar ⁽¹⁶⁾, as-bido como é que o consumo de café obriga ao do assucar em pezo pelo menos igual ao daquelle.

⁽¹⁵⁾ Essa baixa occasionou forte crise, difficultando o credito e o custeio nos senhores de engenho. Uma ordem regia, em 1673, estabeleceu "não serem elles executados nas fabricas de seus engenhos, nem nos seus escravos e sim que só se executem nos rendimentos e fructos da fazenda". A mineração aggravou sua situação com a falta e encarecimento de braços. Em 1753, as resoluções do Conselho Ultramarino ainda se referiu ás prorrogações do alvará de 1573.

⁽¹⁶⁾ G. T. Surface, *The Story of Sugar*, 1916.

Valor da exportação colonial

Do quadro e graphicos que organizamos tiram-se conclusões surprehendentes em relação á economia brasileira. Apesar das considerações que justificam a alta produção no seculo XVII, reduzimos nesses graphicos de 50% os maiores numeros indicados no quadro, limitando a 2.100.000 arrobas a maxima exportação.

Considerando ainda que os preços ahí registados são para o melhor assucar produzido e attendendo-se a varias outras causas de possiveis erros, fizemos para o computo de nossas conclusões uma redução geral de 25%. Chegámos, assim mesmo, a um valor, para os tres seculos do periodo colonial, superior a 300 milhões de libras e, para o seculo XVII, de cerca de 200 milhões de libras, não incluindo o assucar produzido para o consumo local. Verifica-se, pois, que o cyclo do assucar produziu em valores, para o Brasil, mais do que o da mineração, que está avaliado em menos de 200 milhões de libras.

O assucar brasileiro dominou o commercio do producto entre 1600 e 1700, como já registava Barlaeus na obra que escreveu, em 1660, e numa epoca em que era o mais importante artigo do escambo marítimo internacional. Não existiam ainda os grandes transportes de cereaes, combustiveis, artigos manufacturados e metallurgicos, não havia surgido a revolução industrial.

A devastação das mattas com a cultura da canna, corte para lenha e fabrico de caixas foi por tal fórma intensa ⁽¹⁷⁾ que o governo portuguez, para que não hou-

(17) O assucar representava um consumo consideravel de madeira e lenha queimada nos engenhos. A situação criada pelas constantes derrubadas originou, alem dessa provisào o alvará de 13 de Maio de 1662, confirmando o anterior. Os fogos dos engenhos se mantinham sempre acesos, durante sete a oito mezes em cada anno. Somente em principios do seculo XIX é que começou

vesse conflicto entre os senhores de engenho, baixou a provisào de 3 de Novembro de 1682, fixando em meia legua o afastamento minimo entre as installações.

O cambio portuguez

Para poder apreciar com maior segurança o "quantum" do assucar exportado, determinámos os valores approximados da libra esterlina ingleza entre 1500 e 1822. Reduzindo todos os seus preços cotados em moeda portugueza ao peso em grammas de ouro pelo cambio da epoca, pudemos avaliar o total da exportação em libras esterlinas. Ao pequeno valor da libra na epoca attribuímos terem passado despercebidas á maior parte dos criticos de nossa historia as avultadas cifras que para o tempo aleañou o commercio do assucar.

O estudo do graphico que organizámos, com as linhas da produção do assucar entre 1535 e 1822; seu custo em ouro, posto em Lisboa; seu valor em libras esterlinas e com a indicação do cambio portuguez no periodo colonial, permite-nos tirar conclusões bastante interessantes.

A influencia reciproca entre o commercio de assucar e o cambio portuguez é manifesta; para fazer face ao declinio dos preços no final do seculo XVII, proporcionou o governo portuguez uma compensação para os lavradores com a quebra da moeda. A mineração, tornando o proprio ouro o principal objecto do commercio, no seculo XVIII, fez com que neste periodo a linha cambial se conservasse horizontal, não podendo mais o assucar gozar da defesa pelo cambio.

a se propagar o uso do bagaço da canna como combustivel, em substituição á lenha. As machinas a vapor começaram a ser empregadas em 1815 em Pernambuco e na Bahia; este facto, accrescido com o uso do bagaço de canna para a fabrica do surto dos engenhos que se verificou com a melhora de preços e de exportação no seculo XIX". — Gino Carli, *O assucar na economia nacional*.

O Assucar e a Mineração

Coincidiu a grande baixa dos preços verificada no fim do seculo XVII com o inicio do cyclo da mineração no Brasil; foi o que salvou Portugal e a sua grande colonia de uma crise de maiores proporções. Não me parece procedente o argumento de que foi a mineração que provocou a grande crise assucareira. Esta foi causada pela politica colonial das grandes nações europeas, traçadas por Colbert, na França, e por Cromwell, na Inglaterra, exactamente em meados desse seculo. A preferencia colonial tomou taes perspectivas que Portugal se viu forçado a prohibir a entrada no reino das sedas francezas, em represalia á prohibição da entrada do assucar brasileiro em França. Coincidiram a baixa de preços e os obices politicos oppostos á exportação, com o inicio da mineração. Deu-se, assim, o êxodo de capitaes e de escravos para as minas do Brasil central, aggravando isso a crise da industria que a politica commercial dos povos europeus havia tornado inevitavel.

Depois de um progresso relativamente moderado, no seculo XVIII, recrudesceu enormemente o consumo do assucar no seculo XIX, com a revolução industrial.

Horacio Say

Horacio Say, a quem tambem devemos o admiravel livro sobre *Histoire des Relations Commerciales entre la France et le Brésil*, com preciosas informações sobre o primeiro periodo de nossa independencia, assim discorre sobre o assucar, no *Diccionario de Economia Politica*, em 1850:

“O assucar é talvez de todos os generos e artigos aquelle que desde o começo deste seculo mais tem oc-

cupado os funcionarios e os homens de estado. E' um alimento precioso, um condimento agradavel, nutritivo por si mesmo, que se juntam a muitas outras substancias alimenticias. O assucar, usa-se na saude como na doenca, tanto na infancia como na idade madura e velhice. Os progressos nos meios industriaes e no commercio permittem que se o encontrem de agora em diante a bons preços. Assim, o consumo se desenvolveu por toda a parte em vastas proporções. Resulta dahi que aos olhos dos funcionarios divide com o sal o merito de ser uma materia essencialmente taxavel; palavras sacramentaes que significam que a procura é bastante e o preço de venda bem moderado para que se possa fixar, sem levantar reclamações, um imposto entre a produção e o consumo para della se tirar grandes resultados. Mostra a seguir, Horacio Say que o consumo de assucar na Inglaterra elevou-se de 96.500 toneladas em 1793 para 307.000 em 1849, mais de 300% — enquanto que na França, elevou-se de 40%". (18)

O Assucar e a mão de obra

O consumo do chá, do café e do chocolate estimulou o augmento da procura do producto. No começo do seculo XIX foi descoberta por Margraf a possibilidade de se extrahir assucar da beterraba. O bloqueio continental levou Napoleão a fomentar a nova cultura em grande escala, datando dahi o crescimento da pro-

(18) CONSUMO DE ASSUCAR. — Lippmann faz salientar o crescente consumo do assucar e do sal que foi havendo na Europa com a evolução do systema alimentar. A medida que a base da alimentação deixou de ser quasi que exclusivamente a carne, o que passaram a consumir vegetaes e outros productos, houve a necessidade physiologica do uso do assucar e do sal, como complementos o correctivos indispensaveis.

A obra do prof. Edmund O. von Lippmann, *Historia do Assucar*, editada na Alemanha, é um dos estudos mais notaveis até hoje feitos sobre o assumpto.

dução desse artigo que chegou a ultrapassar, entre 1890 e 1906, o assucar de canna. Após a guerra de 1914, este readquiriu novamente a sua preponderancia.

Durante o seculo XIX, a baixa do cambio brasileiro e factores ligados á politica escravocrata permitiram que o Brasil exportasse novamente quantidades consideraveis até que por circumstancias que teremos oportunidade de examinar na historia da economia contemporanea, fecharam-se praticamente para nós os mercados exteriores.

O que fica dito, é, porém, sufficiente para demens-trar o papel decisivo que desempenhou o assucar na fixação do europeu no Brasil e na formação de nossos primeiros capitacs. Foi elle quem gerou os grandes problemas de mão de obra, cuja solução imprimiu feição característica ao desbravamento das terras brasileiras, com as variadas consequencias que já estão constituindo o objecto dos estudos e da attenção dos nossos sociologos.

Occupação Hollandeza

O quadro economico do assucar explica a avidez com que a Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes procurou se apossar da parte mais rica do Brasil. As cinco capitancias que occupou, de 1630 a 1650, Pernambuco, Itamaracá, Parahyba, Sergipe e Rio Grande do Norte, eram as suas grandes productoras. (19)

Apesar da destruição de varias fazendas e engenhos e das difficuldades da mão de obra e de lutas constan-

(19) Lippmann accentúa que desde 1594 os hollandezes começaram a se interessar pelo Brasil. Em 1608, um relatório de Veselinx já esclarecia que não eram o ouro e a prata os valores da colonia, mas sim o pau-brasil, materias primas e, principalmente, o assucar. Durante o armistício hispano-hollandez, entre 1608 e 1621, dez a quize navios hollandezes se occupavam, naturalmente, com o commercio do pau-brasil e assucar.

tes com os antigos donos da terra, já em 1639 conseguiram os novos occupantes exportar 33.000 caixas, mais de 600.000 de arrobas.

Warden informa que nessa epoca o Brasil deu grandes vantagens á Companhia Hollandeza. Como rendas de 1639, indica :

| | | |
|--|------------------|---|
| Dizimos do assucar e direitos sobre viveres. | 350.000 francos | |
| Direitos sobre mercadorias hollandezas | 400.000 | „ |
| Direitos sobre o assucar introduzido na Hollanda | 300.000 | „ |
| Renda de engenhos, capitães e escravos | 2.400.000 | |
| Total | <u>3.450.000</u> | „ |

ou sejam £140.000, mais de 31.500 contos em poder acquisitivo de hoje.

Handelmann estimou em £140.000 a receita annual em 1644. Mas isso sem contar com a extraordinaria receita proveniente da venda dos bens particulares confiscados por abandono dos proprietarios.

Agenor de Roure calculou que subiram a £360.000, no tempo de Nassau, as rendas publicas, incluindo o producto dos engenhos vendidos por abandono.

Esses numeros estariam, talvez, abaixo da realidade.

Numa brochura apparecida em Amsterdam, em 1639, em grande parte transcripta por Netscher ⁽²⁰⁾ e que parece ter sido redigida por um conhecedor da situação, estão indicadas as seguintes rendas provaveis da companhia no Brasil, sem computar as presas de guerra em terra e mar :

(20) P. M. Netscher, *Les Hollandais au Brésil*, 1853.

| | |
|---|-------------------------------|
| Dizimo sobre o assucar e mais os direitos de 20% sobre uma produçãõ total de 33000 caixas de 20 arrobas (9000 caixas a 240 fl.) | 2.160.000 fl. ⁽²¹⁾ |
| Fretes e direitos de inspecção sobre as 24000 caixas pertencentes a particulares | 1.440.000 „ |
| Contribuições sobre o tabaco, sal, pau-brasil e outras exportações | 400.000 „ |
| Lueros sobre 5000 escravos, adquiridos em Angola a 30 fl. e vendidos entre 300 e 500 fl. por cabeça | 150.000 „ |
| Vendas dos engenhos confiscados, terrenos para culturas e construcções . . | 500.000 „ |
| Contractos de vinho, cervejas, farinhas, gado, balanças, passagens, pontes, etc. . | 200.000 „ |
| Direitos de inspecção, fretes e avarias sobre o consumo e transporte de vinhos hespanhoes | 252.000 „ |
| Idem s/ vinhos francezes | 258.000 „ |
| Idem s/ azeite. | 46.500 „ |
| Idem s/ cervejas. | 43.500 „ |
| Idem s/ vinagres, peixes salgados, etc. . | 27.000 „ |
| Idem s/ sebos e couros. | 22.400 „ |
| Idem s/ farinhas, biscoutos, manteiga, oleo de linhaça, e de baleia, especia-rias, etc. | 450.000 „ |
| Idem s/ pannos, lãs, sedas, cobre, ferro, aço, estanho, pranchas, etc. | 477.850 „ |
| | <u>6.427.250 fl.</u> |

ou sejam 1.285:450\$000 ou cerca de £ 600.000.

(21) Na base de 12 florins por arroba, o preço corresponderia a 2\$400 em moeda portugueza do tempo.

Estes Algarismos, por sua vez, parecem-nos bastante majorados. Delles resalta que os rendimentos directamente ligados á industria representavam mais de 60% do total.

Não é exaggerado, porem, que se compute em mais de £ 15.000.000 o valor do assucar distrahido para os Paizes Baixos durante a occupação hollandeza, o qual, com outros artigos da terra, representariam cerca de £ 20.000.000 desviados do commercio portuguez !

Os relatorios da Companhia Hollandeza, entre os quaes estão publicados os de Joanes de Lact, elucidam os lucros da Companhia e os enormes prejuizos infligidos ás Corôas de Portugal e Hespanha.

Só entre 1623 e 1636 foram tomados ou incendiados 547 barcos hespanhoes e portuguezes, que, com as cargas que conduziam, e mais prejuizos causados, elevaram a mais de 100.000.000 de florins as perdas dos ibericos (22) ou sejam cerca de £ 9.000.000 nesses 13 annos: acima de dois milhões de contos de réis em poder acquisitivo de hoje. (23)

Esses numeros explicam tambem o fausto que existia em Pernambuco e as prodigalidades de Nassau.

Lutando os Hollandezes com falta de colonos, pois não vingaram as tentativas que fizeram para attrahir immigrantes allemães (Handelmann), resolveram estimular a volta dos Portuguezes, proporcionando-lhes creditos e outras facilidades para incentivar a producção assucareira.

(22) *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XLI.

(23) Terminando o armisticio com a Hollanda, esta logo fundou a Companhia das Indias Occidentaes e, em 1624, atacava a Bahia, onde se aposeou de 3900 caixas de assucar e fez grande devastação. O periodo de apresamentos maritimos culminou em 1628 com a tomada da frota de prata hespanhola, que entre esta carga e o assucar conduzia valores montando a do 15.000.000 de florins, cerca de C 1.400.000! Isto forneceu fartos recursos para preparar a grande expedicção contra Pernambuco.

A cobrança desses debitos, promovida após a retirada de Nassau (1644), aggravada pelo declínio dos preços do assucar, auxiliou a revolta dos antigos occupantes contra o dominio hollandez.

Apezar das victorias conseguidas no Brasil, annuiu Portugal, para a assignatura da paz definitiva, em pagar á Hollanda uma indemnização de 4.000.000 de cruzados, cerca de £ 600.000 em dinheiro, assucar, tabaco, e sal, tal o empenho que havia de pôr cobro á situação ! Para essa indemnização concorreu o Brasil com 1.920.000 cruzados, pagos em 16 annos, á razão de 120.000 cruzados por anno.

Consequencias economicas e financeiras

Comprehende-se hoje, do exame desses algarismos, as consequencias economicas e sociaes do cyclo do assucar.

Fizeram-se, a partir do fim do seculo XVI, rapidas fortunas e um luxo descommedido passou a imperar nas capitancias do Norte. Todos os antigos historiadores são fartos nessas narrativas. Não fossem a subordinação á Hespanha, as guerras em que se viu envolvido e outras circumstancias que já apontámos, bem maiores teriam sido os proventos de Portugal em tal phase de sua economia.

Em 1600 seriam 100.000 os habitantes do Brasil, dos quaes 30.000 da raça branca. Em 1700 a população de colonos e homens livres não deveria exceder de 200.000. Nunca teve o paiz uma tão grande producção e exportação "per capita" !

Desde principios do seculo XVII salientam todos os chronistas e viajantes o numero relativamente grande de colonos abastados no Norte, em contraposição

com a pobreza accentuada do Sul. E' que aqui não se podia desenvolver a industria assucareira em condições favoraveis para a exportação, tal como nos massapés do Norte, regiões ainda muito mais proximas dos centros consumidores, em tempos em que a navegação se processava em tão difficeis condições. Dahi o relativo isolamento em que evoluia a Capitania de São Vicente, enquanto que aos portos do Norte affluíam, annualmente, centenas de embarcações, que se empregavam no trafico do assucar, escravos, pau-brasil e outros artigos.

A historia regista, tambem, os excessos a que se entregavam os ricos do Norte, empenhando-se em avultadas dividas com os mercadores de Lisboa, na ambição de augmentarem sempre "as suas fazendas" ou na orgia de despezas improductivas. De fôrma que uma baixa no mercado de assucar acarretava, já naquella epoca, as consequencias que são bem conhecidas de todos os lavradores que não tenham agido, nos tempos favoraveis, com a necessaria prudencia.

Não é exaggerado calcularem-se em 25% sobre a exportação do assucar, as rendas directas e indirectas, auferidas pela Corôa portugueza. Foi no imperio do assucar que Portugal se apoiou no seculo XVII; no ouro e no assucar do Brasil foi buscar, no seculo XVIII, os seus principaes proventos. Havia terminado o periodo deficitario da terra de Santa Cruz, que, desde então, e por duzentos annos, ia proporcionar fortes saldos á Metropole portugueza. Mas o cyclo do assucar só foi possivel com a solução do problema da mão de obra, cujo estudo será objecto do capitulo immediato.

Vocabulario Açucareiro de Antonil

THEODORO CABRAL — Da Revista *Brasil Açucareiro*, n.º 4, ANO III, Junho de 1935.

AÇUCAR BRANCO. — Diz Antonil que “o branco toma este nome da côr que tem”. E ennumera os seguintes tipos: o *fino* é o mais alvo, mais fechado e de maior peso, é o que ordinariamente dá a primeira parte da fôrma; o *redondo* é algum tanto menos alvo menos fechado; o *baizo* é ainda menos alvo e quasi trigeiro na côr; o *branco batido* é feito de mel que escorre das fôrmas, cozido e batido outra vez.

AÇUCAR DE CARA FECHADA. — é o que, solidificando-se na fôrma, endurece e difficilmente se quebra.

AÇUCAR DE CARA QUEBRADA — é o que, solidificando-se na fôrma, fica quebradiço.

AÇUCAR MACHO — é o açúcar bem purgado. Os açucares brancos: *fino*, *redondo* e *baizo* são açucares machos.

AÇUCAR MASCAVADO — é o que se tira do fundo das fôrmas.

AJUDA BANQUEIRO — veja *banqueiro*.

ΛΟΥΙΛΗΛΟ — peça de ferro mettida no meio dos cilindros de pau do engenho.

APICÚ — o mesmo que apicuro, terreno alagadiço formado á beira-mar pelos residuos das enchentes. Fica entre o mar e a terra firme.

AREISCO — o mesmo que arisco, terreno arenoso.

BANQUEIRO — official que, de noite, fica encarregado da casa das caldeiras. O seu auxiliar chama-se *ajuda-banqueiro*.

BARRO — argilla. “O barro com que se purga o açúcar é tirado dos apicús”.

CABUCHO — o açúcar do fundo das fôrmas, ou açúcar mascavado.

CACHAÇA — espuma grossa que se tira das caldeiras na primeira fervura do caldo de canna durante o processo da evaporação. Tambem significa aguardente.

CALCANHA — varredeira de engenho.

CALIZ — celha de madeira usada nos engenhos de açúcar. “Cano de pau, que chamam caliz”.

CAPELLÃO — o sacerdote encarregado da capella do Engenho. Dizia Antonil que dentre as pessoas e officios a serem admitidos no Engenho, "o primeiro que se ha de escolher com circumspecção, e informação secreta do seu procedimento e saber, he o capellão". E aconselha que "se fôr necessario dar ao capellão alguma coisa mais do que se costuma, entenda que este será o melhor dinheiro que se dará em boa mão".

CATUMBÁ — cocho do caldo, tambem chamado cocheira.

DORMENTES — travas de pau em que assenta a ponte da moenda do engenho.

ESCUMADEIRA — colher achatada, perfurada, para retirar as escumas da calda do açúcar.

FECTOR — capataz. Havia o feitor da moenda, o feitor do cannaval e outros, todos sob a direcção do feitor-mór, a quem o senhor do engenho outorgava ampla autoridade, inclusive a de castigar os escravos.

FERIDOR — extremidade do caliz que fica por cima das rochas nos engenhos de açúcar.

FEIXE — molhe de 12 cannas.

FÔRMA — vaso de barro queimado, de fôrma conica, semelhante a um sino de bocca para cima, com um orificio, no fundo, para purgar o açúcar. Pelo orificio escorre o mel, deixando depositado o açúcar cristalizado. O conteúdo da fôrma, depois de purgado e solidificado, é o pão de açúcar.

GUINDADEIRA — escrava que guindava o caldo, conduzindo-o em cubos, dois de cada vez.

MÃO — 50 feixes de canna (10 feixes por cada dedo), tendo cada feixe 12 cannas. A tarefa diaria de um escravo era cortar 7 mãos ou 350 feixes. Os escravos cortavam as cannas e as escravas as enfeixavam. Adontava-se a contagem digital por ser mais accesivel á comprehensão dos negros.

MASSAPÉ — terra fina, gomosa e fresca, boa para plantar canna; terreno limacento.

MESTRE — é o tecnico na fabricação do açúcar cabendo-lho a direcção de todos os serviços. O seu auxiliar diurno chama-se *soto-mestre*. No trabalho nocturno, na casa das caldeiras, é substituido pelo banqueiro e pelo ajuda-banqueiro.

MOENDA — as moendas, ao tempo de Antonil, eram constituídas de tres grossos cilindros de pau, forrados de laminas de ferro.

PAROL — cocho, tina ou tanque; o cocho que recolhe o caldo da merenda.

PEJADOR — apparelho que faz parar o engenho.

PEJAR — parar o engenho, cortando a agua que o move.

POMBA — colher grande, de cobre, que serve para passar o melado da caldeira para o parol.

PONTE — a peça em que gira a moenda.

REMINHOOL — colher grande de pau, usada na casa das caldeiras, nos engenhos.

REPARTIDEIRA — pequeno tacho, de cobre, para distribuir, nas fôrmas, o mel apurado a ponto de fazer açúcar bruto.

SALÃO — na sua traducção da obra de L. Wray ("O lavrador pratico da canna de açúcar", Bahia, 1858), J. E. da Silva Lisboa traduz "brick mould" por salão e diz: "Ha salão de varias côres, por consequencia de diferentes riquezas — compõe-se de uma mistura de areia e de barro em taes proporções, que o ar e a agua podem calal-o até certa profundidade com sufficiente facilidade", e ajunta que pode ser facilmente revolvido e que encerra certos vegetaes e outras materias.

SOTOMESTRE — o mesmo que *Banqueiro*. Desempenha, durante a noite, as mesmas funcções que o Mestre durante o dia.

TAMBOR — laminas de ferro que forram os eixos ou rolos de madeira, ou cilindros de ferro que os envolvem.

TENDAL — espaço onde se assentam as fôrmas de açúcar, nos engenhos.

VIRGEM — ou *virgens*, traves de madeira, enterradas no chão, que sustentam os dormentes. Veja *Dormentes*.

CAPITULO VI

A MÃO DE OBRA SERVIL NO PERIODO COLONIAL

SUMMARIO

A mão de obra servil no periodo colonial. A noção do trabalho no passado e no presente. O imperativo economico do trabalho forçado na colonisação do Brasil. A escravidão vermelha. A escravidão negra. O trabalho no continente americano. O maior emprego do braço indigena, na America Hespanhola. A preferencia ao braço negro no Brasil. O trafico africano. Numero de escravos utilizados no paiz. A servidão no continente européu. O trabalho na America Septentrional. Numeros e comparações.

PODEMOS, hoje, definir o trabalho como a expressão da actividade social desenvolvida pelo individuo, visando assegurar um padrão de vida reclamado pelas suas aspirações. Ha ainda uma tendencia, cada vez maior, para diminuir as diferenças na apreciação das varias formas dessa actuação.

Não foi assim no passado. Asseguradas, preliminarmente, as condições indispensaveis á subsistencia, as classes dominadoras concentravam as suas actividades principaes nas lides guerreiras, religiosas e politicas, relegando para as inferiores as preoccupações do trabalho, que foi considerado, por muito tempo, como actividade pouco digna.

Nas civilizações orientaes, a escravidão era uma instituição commum. Na maioria dos povos africanos, havia duas classes de escravos: os servidores, que constituíam uma casta social inferior, mas da qual não havia uma separação rigidamente estanque, e os captivos de guerra, empregados nos serviços mais penosos, que iam, com o tempo, sendo absorvidos pela primeira.

Na America, o caso era differente. A não ser as civilizações mais adiantadas dos altiplanaltos do Mexico, do Perú e da Colombia, o continente era habitado por uma grande variedade de tribus nomades, de vida primitiva, em que era praticamente desconhecido o trabalho organizado.

Para os primeiros habitantes da costa do Brasil, que viviam principalmente da caça e da pesca, variando

constantemente suas localizações, o escravo representaria um trambolho; o homem aprisionado na guerra lhes era muito mais util como alimentação, que, muitas vezes, escasseava; dahi, uma das razões do grande canibalismo reinante.

Resolvendo os Lusitanos a occupação definitiva da terra e não podendo, para isso, contar com simples feitorias commerciaes, pois que não havia productos naturaes e de industria sufficientes para manter uma organização de escambo regular, tiveram que emprender culturas adequadas ás zonas tropicaes, constituindo a garantia economica dessa occupação.

O trabalho forçado como imperativo economico

Era a industria assucarcira a que apresentava as maiores probabilidades de successo e que vinha sendo experimentada ha varias dezenas de annos nas ilhas portuguezas.

A sua implantação demandava uma abundante mão de obra. Como obter immigração européa voluntaria e sufficiente para taes trabalhos, se esse continente, com pouco mais de 50 milhões de habitantes, estava no momento absorvido pelas revoluções commercial e agraria, e assolado, em muitas de suas regiões, por guerras incessantes? Como conseguir, ainda, que trabalhadores europeus, no regimen social e politico da epoca, encontrando além disso serviços sufficientes em zonas climatericas a que estavam affeitos, fossem voluntariamente emigrar para colonias tropicaes, afim de actuar em desacordo com suas tradições e aptidões phisicas? Ademais, Portugal despovoava-se com suas expansões maritimas e com suas guerras no ultramar.

Os indigenas no Brasil, com mentalidade inteiramente primitiva, muito distanciada do typo de civilização, que gera a continua ambição de riquezas, não trabalhavam voluntariamente em qualquer occupação fixa ; nem tão pouco possuíam, para isso, a necessaria resistencia physica.

Só restava, pois, aos Lusitanos, a obtenção da mão de obra, necessaria á organização economica da terra de Santa Cruz, no trabalho forçado. Recorreram á escravidão indigena, inteiramente dentro da mentalidade da epoca, pois que no Sul da Europa ainda era intenso o commercio de escravos, provenientes do trafico africano e das guerras religiosas ; e em vastas zonas da Europa Central e do Norte, imperava a servidão da gleba.

Surgiu, assim, o uso dessa instituição como um imperativo economico ineluctavel : só seriam admissiveis empreendimentos industriaes, montagem de engenhos, custosas expedições coloniaes, se a mão de obra fosse assegurada em quantidade e continuidade sufficientes. E por esses tempos e nestas latitudes, só o trabalho forçado proporcionaria tal garantia.

O commercio escravagista estava bem dentro do espirito reinante. Já em 1511, a náu "Bretão", pertencente aos contractantes do pau-brasil, levava para Lisboa 30 indios captivos, apanhados em terras brasileiras.

Os primeiros colonizadores de São Vicente, muito antes da chegada de Martim Affonso de Souza, escravizavam indios, de tribus, naturalmente, hostis áquellas com que se achavam associados. A proposito, antigos chronistas do Brasil fazem referencias ao porto de escravos de S. Vicente.

J. Poribio Medina, na descripção da viagem de Sebastião Caboto, se refere ao facto, no tomo relativo aos documentos : "Preguntado que cosas trae en aquesta nao (Santa Maria del Espinas) dijó que en esta nao no viene cosa ninguna, sino ciertas muestras de metales

que trae el capitán en muy pocas cantidades, y ciertos pellejos de animales para aforros que vienen en la nao, y obra de cinquenta esclavos que hobieram en el puerto de San Vicente que en los términos de Portugal, que los compraron allí la gente que viene en esta dicha nao, los quales compraron a quatro ó cinco ducados, de um Gonzalo de Acosta que viene con Diego Garcia, fiados a pagar acá en España, e otros compraron de otros portugueses e se los pagaron en cosas de rescates que llevaban particulares”.

O Commandante Eugenio de Castro, na conferencia proferida por ocasião do 4.º Centenario de São Vicente, menciona que Gonçalo da Costa, associado ao Bacharel e a outros portuguezes, accordára com Diego Garcia, que commandava uma expedição hespanhola ao Rio da Prata, “uma carta de fretamento de 800 escravos para a nau grande hespanhola, a maior que, pelo calado, não julgava capaz de entrar no Rio Solis”, como era então conhecido o estuario do Prata.

Independentemente das produções em maior escala, para fins de commercio, era muito difficil a propria subsistencia do homem europeu, sem o apoio de elementos servis que conhecessem os recursos da terra. E’ o que confirma Pero de Magalhães Gandavo, no seu admiravel “Tratado da Terra do Brasil”, escripto por volta de 1570: “Os moradores desta Costa do Brasil todos têm terras de Sesmarias dadas e repartidas pelos Capitães da terra, e a primeira cousa que pretendem alcançar, são escravos pera lhes fazerem e grangearem suas roças e fazendas, porque sem elles não se podem sustentar na terra: e huma das cousas porque o Brasil não florece muito mais, he pelos escravos que se levantarão e fugirão pera suas terras e fogem cada dia: e se estes indios não forão tam fugitivos e mudaveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil”.

.

“As pessoas que no Brasil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada hum alcançar dous pares ou meia duzia de escravos (que pode hum por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados) logo tem remedio pera sua sustentação ; porque huns lhe pescão e cação, outros lhe fazem mantimentos e fazenda e assi pouco a pouco enriquecem os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste Reino, porque os mesmos escravos indios da terra buscam de comer pera si e pera os senhores, e desta maneira não fazem os homens despeza com seus escravos em mantimentos nem com suas pessôas”.

E tambem acrescenta : “E assim ha tambem muitos escravos de Guiné; estes são mais seguros que os indios da terra porque nunca fogem nem têm pera onde”.

A escravidão vermelha

E' de salientar que o meio não fornecia reservas de que se lançasse mão ; e a garantia da alimentação era tão necessaria, como a segurança pessoal. Não são raros, na historia da civilização americana, os casos de padecimentos e de morte pela fome. Utilizando-se, a princípio, para a faina productora, do trabalho voluntario de indios mansos e do forçado, dos selvicolas hostis, as necessidades obrigaram os primeiros colonos a estender essa servidão ; datam dahi as terriveis lutas que tiveram de sustentar contra os autochtones, quando estes começaram a comprehender o que representaria a occupação da sua terra pelos brancos.

Graças, talvez, aos ensinamentos do que já occorrera na America hespanhola, mostram-se os governantes portuguezes inclinados a attenuar a sorte dos selvicolas

e a attender aos reclamos dos Jesuitas e das ordens religiosas, que se puzeram em defesa dos infelizes incolos. Christovão Colombo encontrara as Antilhas hespanholas densamente habitadas. Alguns historiadores, baseados nos numeros exaggerados de Las Casas (1515), avaliam em cerea de um milhão os habitantes de Haiti. Em poucos annos, porém, essa população estava reduzida a poucos milhares, tal a devastação que tinham occasionado as guerras, as doenças introduzidas pelos brancos, o trabalho forçado nas industrias de mineração, e outras. Dados os protestos dos religiosos, interveio o Governo castelhano com abundante legislação, favoravel aos indigenas, que não era porém, cumprida ou se deturpava ao sabor de interesses economicos dos conquistadores hespanhoes. Por proposta de Colombo, instituiu-se o regimen do "repartimiento" e da "encomienda". O "repartimiento" regulamentava a distribuição das terras; a "encomienda", a entrega, a "recommendação" de um determinado grupo de selvicolas concedido aos donatarios hespanhoes, que se encarregariam de sua civilização e salvação religiosa. Habitando em ilhas, ou fixados, pelo seu estado de civilização mais adiantada, em determinadas zonas, os amerindios das primeiras regiões occupadas pelos hespanhoes estavam mais sujeitos ao seu *contrôle* que os da terra de Santa Cruz, pelos colonos portuguezes.

A abertura das minas, a pesca de perolas e os trabalhos agricolas, nas Antilhas, no Perú, no Mexico e na Colombia, provocaram uma devastação sem precedentes na população indigena. A ignorancia acerea de suas condições phisicas contribuiu em grande parte para tal resultado. De facto, a obrigatoriedade do trabalho dos aborigenes oriundos das planicies em lugares altos, com alimentação e vestimentas improprias, pro-

vocou uma grande mortandade, succedendo o mesmo com os aborigenes dos planaltos, obrigados a descer com seus carregamentos, para alcançar a costa, numa epoca em que não havia outros meios de transporte.

A escravidão negra

Para a industria assucareira, iniciada nas Antilhas, e para a mineração do ouro, uma vez exgotadas as primeiras populações, procuraram os hespanhoes se abastecer de mão de obra nas ilhas das Lucayas; mas as tribus ahi colhidas suicidavam-se em massa, tal o exgotamento a que chegavam e o horror pelo trabalho que lhes era imposto. Surgiu, então, a necessidade de se recorrer a outra especie de mão de obra, que resistisse onde o ineola assim fracassava. Os Hespanhoes conheciam a mão de obra africana, pois ja a haviam utilizado na industria assueareira das ilhas das Canarias e na propria Peninsula Iberica. Alguns negros foram levados para as Antilhas por colonos que acompanharam Nicolas Ovando, em 1502. (1)

Em 1511 foram introduzidos nas Antilhas os primeiros 50 negros que pisaram a America, como productos de trafico regular. (2)

Em 1517 foi concedido um "asiento" a Gomenot, Governador de Bresa, para a introdução de 4.000 negros, contracto que foi vendido a negociantes genovezes por 25.000 ducados.

Em 1528 foi concedido um "asiento" aos allemães Cigner y Sailer. Em 1595, o portuguez, Gomes Rey-

(1) A. P. Newton — *The European Nations in the West Indies.*

(2) Navarra y Lamarca — *Historia General da America.*

nel, conseguiu um privilegio de introduzir 38.250 escravos em nove annos. (3)

Parece que no Brasil a introdução de escravos africanos foi autorizada a partir de 1549, se bem que já houvesse alguns nos engenhos de São Vicente, desde 1535.

Acontecia, porém, que o grande viveiro de escravos pretos estava na zona mundial attribuida aos Portuguezes, pelo tratado de Tordeilhas. Dahi, a interferencia do elemento lusitano em muitos desses fornecimentos á America hespauhola.

Padecimentos dos europeus na America

Nos primeiros tempos, nas minas dos planaltos e nas avançadas para o Sul, era principalmente ao serviço indigena que recorriam os colonizadores hespauhoes. Se nessas explorações e na expansão a que se entregaram para occupar a costa do Pacifico, o estuario do Prata e a Patagonia, estimulados em boa parte pelos thesouros do Mexico e do Perú, devastaram as populações indigenas, soffreram, tambem, enormes perdas e toda a sorte de vicissitudes.

No periodo em que no Brasil o plano colonizador de D. João III já esboçava uma occupação definitiva da terra, D. Pedro de Mendonza partiu para colonizar a região do Rio da Prata e occupar 200 leguas da costa do Pacifico. Não longe do litoral, á margem da immensa planicie, que se extendia até os Andes, construiu as primeiras casas de adobo, cobertas de palha, iniciando a fundação de Santa Maria de Buenos Aires. "Os unicos habitantes do vasto pampa eram tribus selvagens nómades, que se abrigavam sob primitivas cabanas trans-

(3) George Scelle — *La Traite Nègre*.

portaveis, feitas de pelles, e viviam da pesca e caça, não fazendo colheitas e não possuindo animaes domesticos, pois o gado, os cavallos e os carneiros não eram dalli originarios. Os indios Querandins se mostravam amigos; presenteavam aos hespanhoes durante algum tempo com productos da caça e da pesca; mas quando ficaram cansados de sustentar extranhos, estes, que esperavam viver do seu trabalho, exigiram alimento; finalmente, no Natal de 1536, seis mezes após a sua chegada, Mendonza enviou um destacamento para castigar os indigenas insolentes; os cavalleiros hespanhoes atolaram-se em um banhado no violento ataque que desfecharam ao seu acampamento. Diego, irmão de Mendonza foi morto com um golpe de 'boleadora', arma caracteristica do pampa e muitos homens perderam alli a vida. Os Querandins, chamando outras tribus em seu auxilio, atacaram por milhares. Projectis incendiarios atearam fogo ás cabanas hespanholas, que eram cobertas de palha e a varios navios que estavam ancorados perto da terra. No entanto, no interior do campo hespanhol, o verdadeiro inimigo era a fome que foi seguida pela pestilencia e pelo cannibalismo, onde até os cadaveres de tres soldados, que tinham sido enforcados por haverem comido um cavallo, foram devorados pelos seus proprios compatriotas. Navios despachados do local trouxeram alguns alimentos, mas sómente após ter perecido de fome a metade da equipagem. Um outro trouxe do Brasil um pouco de viveres; mas eram apenas expedientes. Mendonza, após ter subido um pouco o Rio da Prata, voltou para a Hespanha em 1537, morrendo em viagem. O seu substituto, Juan de Ayola, fundou Santa Maria de Assumpção. Buenos Ayres foi novamente fundada em 1580 e a região teve, então, de ser occupada por verdadeiros colonos que se entregavam á criação de gado." (4)

(4) A. Kirkpatrick -- *Los Conquistadores Españols.*

Se, na conquista e na occupação de todo o continente sul-americano, se registam passagens atrozes, quanto aos soffrimentos infligidos aos aborigenes e aos africanos, não é tambem pequena a lista do martyrologio dos brancos, em seu afan de procurar riquezas ou de colonizar as novas terras.

Os naufragios, os assaltos dos aborigenes, as hostilidades do meio, as privações e doenças tropicaes, aggravavam sobremodo o coefficiente da mortalidade dos que vinham tentar a vida do Novo Mundo.

Accrescente-se ainda uma longa relação de missionarios religiosos, que aqui se sacrificaram.

A escravidão no Brasil

Já expuzemos os motivos de ordem politica que levaram Portugal a cuidar seriamente das terras de Santa Cruz. Vimos os fundamentos economicos, em que tiveram de apoiar-se os Lusitanos para assegurar uma occupação definitiva da terra, numa phase em que em outras regiões ainda predominava um mercantilismo sem peias. Não é sem razão esta observação de Gilberto Freyre: "Considerando o elemento colonizador portugês em massa, não em excepções como Duarte Coelho — typo perfeito de grande agricultor — pode dizer-se que seu ruralismo no Brasil não foi espontaneo, mas de adopção, imposto pelas circumstancias. Para os Portuguezes o idea teria sido não uma colonia de plantação mas outra India com: que israelitamente commerciassem em especiarias e pedras preciosas; ou um Mexico ou Perú donde pudessem extrahir ouro e prata. Ideal serita. As circumstancias americanas é que fizeram do povo colonizador de tendencias menos ruras ou, pelo menos, com sentido agrario mas pervertido pelo mercantilismo, o mais rural de todos: do povo que a

India transformara no mais parasitario, o mais criador". (4)

Com a evolução do trabalho dos engenhos, foi escasseando e se mostrando insufficiente a mão de obra indigena. Na segunda metade do seculo XVI, introduziram-se aos poucos os escravos africanos, que orçariam, por volta de 1600, em cerca de 20.000.

A importação se dava, principalmente, para as capitánias da Bahia e do Norte, onde estava assegurada a industria do assucar; no Sul, onde a situação era de pobreza, o braço escravo tinha de ser o do indigena. A medida que se iam desenvolvendo as culturas do Norte, depois da expulsão dos Francezes e a fundação de Rio de Janeiro, accentuou-se, no Sul, a necessidade crescente de mão de obra. A produção era aqui em grande parte para consumo interno e o encarecimento do transporte e a menor fertilidade das terras não permittiam, no Sul, a obtenção de recursos para o braço negro; dahi, a preferéncia obrigatoria dos paulistas pelo braço indigena e o fundamento economico das entradas, em busca do gentio. Entradas que mais se accentuaram, no periodo da expansão da industria assucareira e das guerras com a Hollanda, pelas difficuldades de mão de obra nas capitánias do Sul. Mas a propria differença de preços dos escravos indicava a maior valorização do negro. Assim é que, no periodo de maiores preços, o indigena alcançava de 4\$000 a 70\$000 e o negro valia de 50 a 300 mil réis, 20 a 100 libras esterlinas, pelos cambios de então.

Ainda assiste razão a Gilberto Freyre, quando diz: "Deixemo-nos de lyrismo com relação ao indio. De oppo-lo ao portuguez como igual contra igual. Sua substituição pelo negro — mais uma vez accentuemos, não se deu pelos motivos de ordem moral que os india-

(4) Gilberto Freyre — *Casa Grande e Senzala*.

nophilos tanto se deliciam em allegar : sua altivez deante do colonizador luso em contraste com a passividade do negro. O indio, precisamente pela sua inferioridade de condições de cultura — a nomade, apenas tocada pelas primeiras e vagas tendencias para a estabilização agricola — é que falhou no trabalho sedentario. O africano executou-o com decidida vantagem sobre o indio, principalmente por vir de condições de cultura superiores. Cultura já francamente agricola. Não foi questão de altivez nem de passividade moral". —

Estudando-se com maior attenção o assumpto, comprehende-se o grande esforço desenvolvido pelos Jesuitas em pról da liberdade dos indios, diante de sua relativa tolerancia em relação ao trafico africano. A escravidão já existia ha muito tempo no proprio continente negro. O preto mostrava-se resistente e capaz de supportar as vicissitudes do labor a que era chamado. O indio, com mentalidade muito mais atrazada, não tinha, seja a resistencia physica, seja a comprehensão da necessidade do trabalho ; dahi, a hecatombe humana que representava a sua escravização.

O Jesuita, em face do imperativo economico, e tendo que escolher, procurou, naturalmente, amparar o mais necessitado. Os esforços grandiosos que desenvolveu no Brasil e na America em favor da redempção e da elevação cultural das raças aborigenes, serão apreciados em capitulo especial, quando estudarmos a influencia das missões jesuiticas sobre a formação da economia brasileira.

A legislação portugueza se mostrava titubeante em relação ao trabalho dos incoças. Admittida a escravização, a principio, como se verifica dos foraes dos donatarios, foi, mais tarde, com a instituição do Governo Geral, recommendado um melhor tratamento aos incoças. É logo se iniciou a actuação dos Jesuitas, amparada pela bulla papal que proclamou a liberdade dos indios.

D. Sebastião, em 1570, restabeleceu a liberdade, limitando a escravização aos que fossem aprisionados em guerras ordenadas por El-Rey ou pelo Governador. Mais tarde, a estenderam aos "índios da corda", assim chamados os que, aprisionados pelos seus semelhantes e amarrados, á espera do sacrificio, eram resgatados pelos Portuguezes.

Já era usual a escravização dos indigenas aprisionados em guerras punitivas. Como exemplo desse habito, regista a historia a grande abundancia de escravos que chegaram, no tempo, a ser exportados de Pernambuco para a Bahia, logo após ter sido devorado o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha... E' que os convivas tinham sido os Cahetés; e toda a tribu pagou, com o captiveiro, tão augusto repasto.

Teremos ensejo de verificar, examinando os trabalhos das missões jesuiticas no Norte e Sul, as varias fluctuações da legislação e a maior ou menor obediencia dos colonos portuguezes, de conformidade com as condições economicas do momento. No Norte, tivemos um systema de contractos entre colonos e as missões, para a utilização periodica de turmas de indigenas nos serviços de producção e em condições muito mais humanitarias que a celebre organização da "mita", a conscripção para o trabalho obrigatorio, na America hespanhola, nos seculos XVII e XVIII. Foi Pombal, porém, quem fez decretar e respeitar a liberdade definitiva dos indios, pelas leis de 1755 e 1758.

Numero de escravos importados

A escravidão negra tomou impulso no seculo XVII no periodo aureo da industria assucareira no Brasil. Não que attingisse ás cifras extremamente elevadas admittidas por alguns notaveis historiadores. De fac-

to, a industria basica da colonia era o assucar. Já tivemos occasião de verificar que, no seculo XVII, a producção annual deveria ter attingido a mais de 2 milhões de arrobas. O padre Vicira calculava que, em meados desse seculo, o Brasil teria 33.000 escravos; Varnhagen avaliava em 40.000 e Gaspar Dias Ferreira, em cerca de 50.000. Na base de 60 arrobas por escravo, a producção assucareira seria, assim, de 2-1/2 milhões de arrobas. (6) Outros chronistas admittem que, dos escravos, 2/3 eram africanos. A producção total do assucar, no seculo XVII, está computada, de accordo com os graphicos que organizamos, em cerca de 180 milhões arrobas. Admittindo-se a producção media de 50 arrobas por escravo, o que não é muito para terras novas, e um desgaste tal que limite a 7 annos a vida effectiva de um escravo(7), concluiremos que o seculo XVII absorveu, na producção assucareira, 520.000 escravos. Desses, teriam sido importados do continente africano no maximo 350.000. Durante a sua occupação, os Holandezes, em dez annos, importaram cerca de 23.000 escravos e avaliavam, em 1637, em 4.000 escravos annuaes as exigencias da colonia (Varnhagen). O estudo de muitos documentos relativos aos antigos engenhos dão ainda uma producção por escravo maior do que a que apontamos. Não é, portanto, exaggerado o limite maximo que calculamos para o seculo XVII.

A industria assucareira continuou a evoluir, havendo um declinio no volume de sua exportação em principios do seculo XVIII, uma melhoria de situação em meados, novo declinio no final do seculo e uma nova ascensão a partir de 1820. O total do volume de assucar

(6) Varios chronistas, entre os quaes Saint Hilaire, chegam a admittir uma producção annual na base de 100 arrobas por escravo. Humboldt inferna que na ilha de C'ba registava-se a producção de pouco mais de 90 arrobas; em Jamaica, 70 arrobas e em São Domingos, 60.

(7) Varios documentos, referentes á exploração da engenhos e mineração, attribuem vida media de dez ou mais annos.

exportado de 1700 a 1850 alcançaria, no maximo, 450 milhões de arrobas. Pelo criterio adoptado acima, verificaremos que seriam necessarios para a sua producção, na peor das hypotheses, 1.300.000 escravos. Não será exaggerado calcular-se que uma quarta parte teria sido produzida pelo braço indigena e por escravos já nascidos no Brasil. Chegaremos, assim, a 1.000.000 de escravos importados para esse periodo e a 1.350.000 entre 1600 a 1850 quanto aos importados para a industria assuacreira no Brasil.

O seculo XVII foi o da mineração. E' mister, porém, não exaggerar a quantidade de ouro extrahido e exportado, que, se consideravel para a época, era no emtanto fraca comparada ás grandes producções, posteriormente verificadas nos Estados Unidos e na Africa do Sul.

O periodo de maior producção vae de 1741 a 1761, em que se extrahiram annualmente, em média, 14.6 toneladas. Ora, para essa mineração não poderiam ser effectivamente utilizados mais de 80.000 escravos. E' verdade que, nos tempos de maior producção, havia uma consideravel quantidade trabalhando em pesquisas, em regiões de fraco rendimento, tal a febre de enriquecimento que se apossou da colonia, o que fez elevar esse numero a mais de 100.000. Esse periodo, no emtanto, foi de curta duração, como teremos oportunidade de salientar.

Se, nos engenhos, eram utilizados menos de 50.000 escravos, seria muito natural que a procura para a mineração acarretasse uma desorganização naquelles trabalhos. Não acreditamos, porém, graças ao estudo da historia economica, que se possa attribuir ao serviço effectivo da mineração mais de 50.000 escravos, como média annual para todo o seculo XVIII.

Baseado na exposição que apresentamos no Capitulo referente á mineração (cap II - tomo II) admitti-

mos a produção de 200 grammas de ouro para homem anno, no seculo XVIII.

Teriamos, portanto, como escravos usados na mineração, no periodo colonial, adoptando-se o mesmo padrão, vida média de 7 annos, e suppondo uma produção geral de 1.200.000 de kilos, um total de 860.000, dos quaes 600.000 ou dois terços seriam importados.

Os utilizados nas explorações diamantíferas não alterariam paticamente esses numeros, estando incluídos em nossa avaliação em conjuncto com a mão de obra utilizada em outros misteres.

O café só começou a apparecer, como valor nacional apreciavel, em 1820. Em 1850 a sua exportação estava representada por cerca de 1.500.000 saccas, menos de 6 milhões de arrobas. A exportação total, no periodo em que havia trafico africano, não attingiu a 150 milhões de arrobas. A produção annual média por escravo deveria ter sido superior a 100 arrobas. O café não é responsavel, portanto, pela importação de mais de uns 250.000 escravos.

Alinhemos os numeros :

| | |
|---------------------|-----------|
| Assucar | 1.350.000 |
| Mineração | 600.000 |
| Café | 250.000 |

A acrescentar a esses algarismos, temos a escravaria trazida para a mineração dos diamantes, cultura de fumo, algodão e productos alimentares. Para os serviços domesticos e para as empresas commerciaes, a importação só avultou no começo do seculo XIX, quando a população da Colonia teve forte augmento, e, principalmente, depois de 1830, em que houve um pronunciado esforço para o incremento de varias produções. Vamos suppor que todos estes serviços absorves-

sem 50% dos pretos novos utilizados nas maiores culturas do Brasil. Chegaremos a um total geral approximado de 3.300.000 escravos, como o maximo admissivel para a importação africana, assim distribuido :

| | | | |
|------------------------|-------------------|---------------------------|-----------|
| Seculo XVII | assucar | 350.000 | |
| Seculos XVIII e XIX | { | assucar | 1.000.000 |
| | | mineração. | 600.000 |
| | | café | 250.000 |
| | | outros mistéres | 1.100.000 |
| | | <hr/> | |
| | | 3.300.000 | |

O Preço dos escravos

Com fundamento na historia economica, chega-se, pois, a resultados incomparavelmente inferiores aos registados pelos varios historiadores, quanto á provavel importação de africanos no Brasil.

Existem ainda outros elementos que comprovam as conclusões a que chegamos. O africano era um elemento caro ; seu valor medio oscillou sempre entre 20 a 30 libras esterlinas. Houve momentos excepcionaes em que valeu perto de £100. Uma importação de 3.300.000 escravos representa mais de 100 milhões de libras, importancia consideravel, relativamente aos valores produzidos pelo Brasil, avaliados, no periodo em apreço, em cerca de 170 milhões de libras para a mineração, e 400 milhões para o assucar. Ademais, o braço escravo representava apreciavel empate de capital ; e a sua importação, dado o seu preço, só seria admissivel para uma producção effeetiva.

Se maior tivesse sido a importação, os fructos de seu trabalho appareceriam ; e a historia economica,

pesquisando os varios campos de actividade brasileira no periodo colonial, apontaria os elementos comprovantes.

As condições, sob as quaes se processavam o trafico africano e a navegação, contribuem tambem para confirmar o nosso ponto de vista. No preambulo desta cadcira, fizemos, muito propositadamente, um resumo historico da navegação, para que pudessems tel-a como escala de referencia nas diversas etapas da evolução economica. Ora, nos seculos XVII e XVIII, ella se apresentava ainda bastante deficiente. Foi sómente depois dos grandes aperfeiçoamentos maritimos, da descoberta da machina a vapor e da utilização da hélice, que se possibilitaram as grandes migrações lumanas.

A historia do trafico negreiro apresenta phases que tambem nos conferem alguns elementos de *contrôle*. O fornecimento de braços para a America hespanhola foi, num dado periodo, considerado um dos grandes negocios internacionaes. Os "asientos", como eram então chamados esses contractos, foram disputadissimos pelas grandes nações. George Scelle, em importante trabalho sobre o trafico negreiro para as Indias de Castella, estuda exhaustivamente o assumpto e publica os principaes contractos realizados.

No final do seculo XVIII, os Portuguezes conseguiram um "asiento" com Castella (1693). A esse contracto associou-se o Rei de Portugal, que tomou $\frac{4}{5}$ do capital, na companhia fornada para negocio reputado tão rendoso. A empreza se encarregava de introduzir, nas Indias hespanholas, em 9 annos e 8 mezes, de 1693 a 1703, 10.000 toneladas de negros, calculadas na base de 3 peças da India por tonelada. Cada peça da India era representada por sete quartas, cerca de

1,82m. Dividindo-se o comprimento total dos negros por 5.46m, obter-se-ia o numero de toneladas da carga humana. Em geral, 3 negros de 8 a 15 annos davam 2 peças; entre 4 e 8 annos, duas creanças valiam uma peça; e assim tambem valiam só uma peça dois negros entre 35 e 40 annos. Isto, porque havia condições supplementares de idade, saude, etc., para formar o conceito de peça da India.⁽⁸⁾

Censurou-se, no entanto, em Lisboa, o "asiento" portuguez, de pouco mais de 3.000 escravos annuaes, como capaz de prejudicar o abastecimento da mão de obra na colonia brasileira!

Em virtude de pressão politica do Governo Gaullez, conseguiram os Franceses um "asiento", em 1701, para fornecer 6.000 escravos annuaes durante 12 annos. Avaliavam os contractantes que, dcs 6.000 escravos transportados, cerca de 1.500 pereceriam em viagem, dando um total liquido de 4.500, que podiam ser vendidos a 300 escudos, uns pelos outros. O proprio Rei de França, Luiz XIV, associou-se ao negocio.⁽⁹⁾

Finalmente, interveio a Inglaterra a favor de seus subditos, numa transacção considerada de alto interesse pelos mercadores e armadores da epoca, a que tambem não foi extranha, aliás, a casa reinante. Afim de lograr a assignatura do tratado de Utreeht, em 1713, a Hespanha foi obrigada a conceder aos Inglezes um "asiento", pelo prazo de 30 annos, em que aquelles forne-

(8) Conforme Calogeras, *Política Exterior do Imperio* e D. Ruchon citado por Taunay.

(9) Não eram somente os homens de negocio e os reis que procuravam lucros com o trafico negreiro. Até os philosophos!

"Voltarei, tendo tomado uma acção de 5.000 francos sobre um barco negreiro arriado em Nantes por Michaud, escrevia a este: — Congratulo-me convosco pelo feliz éxito do navio — *O Congo* — chegado opportunamente á costa d'África para levar da morte tantos negros infelizes. Sei que os que vão embarcados em vossos navios, são tratados com muita decora e humanidade, e por isso me felicito de ter feito um bom negocio, praticado ao mesmo tempo uma bella acção". (Chateaubrand, *Estudos Historicos*).

ceriam 4.800 peças da India, annualmente, ao mercado hespanhol num total de 144.000 escravos.

O governo hespanhol cobrava direitos de 33-1/3 pesos por cabeça (cerca de £ 8) sobre 4.000 peças annuaes. O governo inglez passou esse contracto á celebre Companhia dos Mares do Sul (South Sea Co.), a mesma que provocou um dos maiores "encilhamentos" que regista a historia economica da Inglaterra.

Ora, se nessa epoca taes contractos eram considerados de tão grande monta, a ponto de estarem nelles envolvidos interesses internacionaes, como se admittir que pudessem passar despercebidos fornecimentos muito maiores á America Portugueza? E' verdade que as nações que os disputavam, visavam tambem fazer o contrabando de productos manufacturados, no mercado hespanhol, e trazer valiosas cargas de retorno. Mas, como demonstra exhaustivamente Scelle, era o trafico negreiro a principal preocupação dos "asientos". Após o assucar e os metaes preciosos, constituia esse negocio o mais importante ramo do commercio maritimo, nos seculos XVII e XVIII.

O nosso erudito mestre Affonso de Taunay esclarece ainda que, em 1670, o capuchinho Frei João Antonio Cavazzi, avaliava em 15.000 o numero de escravos que sabiam annualmente do Congo e Angola *para toda a America*. E que, em 1792, Sir George Stanton dizia ser a importação total dos escravos no Brasil de 20.000 peças, das quaes 5.000 cabiam ao Rio de Janeiro. ⁽¹⁰⁾

Os rendimentos da Corôa

O Governo portuguez auferia grandes lucros com o trafico dos escravos. Cobrava direitos de entrada,

(10) Numerosos documentos que compulsumos fortaleceram a nossa convicção de que a importação africana andou em torno de 3.500.000

3\$000 por cabeça, depois elevados a 3\$500. ⁽¹¹⁾ Afim de evitar que se diminuíssem os escravos dos engenhos, com damno para estes, impoz o tributo de 4\$500 para cada um que fosse despachado para as minas.

Houve epochas em que o commercio da Africa para o Brasil era livre, exigindo a Corôa apenas 4\$000 por escravo exportado. Além desse imposto, cobraram-se em outras phases direitos, no Brasil, que variaram entre 3\$000 e 4\$500. Noutros, o Governo outorgou monopólios, elevando o imposto até 8\$700.

A Corôa portugueza, insatisfeita com os tributos e outras vantagens que retirava do commercio dos escravos negros, chamou-o a si, durante certo tempo, fazendo comprar os captivos e revendendo-os na colonia com grande lucro. Pela *Carta Régia* de 21 de Dezembro de 1697, se applicou, com esse objectivo, a somma de 25.000 cruzados, mencionados, aliás como destinados a drogas. A *Carta Régia* de 16 de Novembro de 1697 diz expressamente que o Rei tomará a si introduzil-os a bem dos pòvos. Em 6 de Fevereiro de 1703, fixou-se o preço de cada um em 160\$000; e a *Provisão* de 24 de Fevereiro de 1719, em 300\$000, apezar de se reconhecer que ao Rei ficava cada um, posto nas capitancias, em 94\$000! ⁽¹²⁾

Foi creado ainda um imposto de ciza de 5% sobre a venda do escravo "ladino", assim chamado o que já se achava acclimatado na colonia.

De accordo com o *Alvará* de 25 de Abril de 1818, sobre direitos aduaneiros, cada negro novo, de mais de 3 annos, trazido da Africa, devia pagar, além dos direitos já existentes, e que então montavam a cerca de 6\$000, uma taxa adicional de 9\$600. Parte deste adicional deveria constituir um fundo para promover a colonização branca.

⁽¹¹⁾ Carta Regia de 10 de Julho de 1699.

⁽¹²⁾ Perdigo Malheiro — *A escravidão no Brasil*.

As publicações que compulsamos não indicam rendimentos para as possessões africanas de Portugal ou nas próprias alfandegas do Brasil, justificando um trafico muito superior ao que apontamos. Existem algumas grandes importações, em determinados annos; mas taes algarismos não podem ser tomados como médias ponderaveis.

Aspectos do trafico

Não é nosso proposito nos alongarmos na descripção dos "Tumbeiros", navios negreiros, em que os Tanganhões traziam em seus bojudos porões cerca de 300 a 500 "folegos vivos", ou menor numero de peças da India. Tão pouco nos poderemos deter sobre o systema de resgate adoptado na Africa, em que os régulos vendiam aos Portuguezes seus captivos de guerra ou os proprios membros de sua tribu; assim como sobre as guerras de apresamento que o trafico estimulava. Não nos cabe ainda, dentro dos limites desta cadeira, o estudo da influencia social, que esse commercio produziu no organismo nacional⁽¹³⁾.

E' interessante assignalar que os Batavos reputavam de tal monta possuir um viveiro na Africa, que, quando occuparam o Brasil Hollandez, conquistaram Angola, um dos grandes abastecedores do elemento servil. E, já Portugal separado da Hespanha, foi aqui que se organizou uma expedição para libertar essa posição africana, do dominio hollandez. Della fizeram parte numerosos elementos da terra. Partindo do Rio de Janeiro com 900 homens, sob o commando de Salvador Correa de Sá, conseguiu este na Africa, em 1648, uma

(13) Renato Mendonça, Evaristo de Moura, Affonso de Taunay, Pedro Calmon, Affonso Bandeira de Mello e varios outros estudiosos de cousas nacionaes, têm dedicado ultimamente sua attenção a essa materia.

memoravel victoria sobre os Hollandezes, que tem sido até hoje pouco estudada pelos nossos historiadores, e que assegurou, para os Portuguezes, a continuidade do fornecimento, de que careciam os mercados.

E lamentavel que, em nossa historia economica, avulte por tal fórma o trabalho servil. Mas a escravidão foi uma das terriveis instituições, de que lançaram mão muitos povos, guiados pelos imperativos economicos, numa epoca em que a mentalidade reinante ainda não comprehendia os "direitos inalienaveis".

Avalia-se em mais de 10 milhões os negros transferidos da Africa para a America. (14)

Sua distribuição provavel teria sido 35% para as colonias norte-americanas, Estados Unidos e Antilhas britannicas; 35% para as Antilhas hespanholas, hollandezas, francezas, Guyaras e America hespanhola; cerca de 30% para o Brasil. (15)

Emquanto as populações da Europa e da Asia augmentavam, no seculo XIX, de 2,5 vezes, a do continente americano decuplicou, e a do africano cresceu apenas de 1,3, nesse mesmo periodo.

(14) Carlos Pereyra — *Breve Historia de America*.

(15) Humboldt, estudando a distribuição das raças na America continental e insular, avaliava, em principios do seculo XIX, a populacão negra livre ou escrava, em 6.433.000 cabeças, assim distribuídas:

| | | |
|--|-----------|-----------|
| Antilhas, inclusive Cuba e Porto Rico | 1.960.000 | |
| America Continental Hespanhola | 387.000 | |
| Brasil | 1.989.300 | |
| Guyanas Inglesa, Franceza e Hollandeza | 206.000 | |
| Estados Unidos | 1.920.300 | 6.433.000 |

Cabiam, portanto, no Brasil, 30,4%. Essa estatística comprava a avaliação que fizemos para a importação no Brasil. De facto, se o total sahido da Africa tivesse excedido, em pouca, de 10 milhões, a parte attribavel ao Brasil seria de menos de 3.100.000 cabeças, desde que a distribuição se conservasse com as mesmas quotas, até 1850.

De accordo com a avaliação de Humboldt, caberiam 30,4% ás Antilhas; 6,2% á America Continental Hespanhola; 3,2% ás Guyanas Inglesa, Franceza e Hollandeza e 29,8% aos Estados Unidos.

O Trabalho na Europa

A lei do menor esforço, observa George Scelle, sempre actuou na produção económica. No domínio social, ella se traduziu no aproveitamento de uma superioridade physica, moral ou legal para a apropriação, com um mínimo de esforço, de uma maxima utilização do trabalho alheio.

Resultou de sua influencia que a parte mais penosa do trabalho foi transferida para aquelles que a natureza ou a organização social collocou em estado de inferioridade. E a remuneração seria tanto mais fraca quanto mais accentuada essa inferioridade; cessando mesmo no estado de servidão, em que o homem, transformado em cousa, ou machina, só recebia a indispensavel nutrição para ser mantido em estado efficiente.

Foi esta, infelizmente, a triste historia da evolução do trabalho.

De facto, grande parte da economia européa se apresenta, mesmo nos primeiros tempos da Edade-Media, sob uma fórma peculiar. Mas o regimen equivale, praticamente, ao da escravidão.

O "colono" não está sujeito ao senhor como, mais tarde, no Brasil, veio a ficar o escravo africano para com o dono do engenho; o senhor dispõe do colono através do direito de concessão da terra, emquanto que o escravo é sua propriedade.

A distincção juridica é grande.

Havemos de convir, porém, que, dentro das condições individuaes, o servo da gleba e o escravo se confundem. Ferdinand Lot, analysando a situação dos "colonos" diz, com muita ponderação: "Singulier homme libre qui ne peut disposer de son *proedium*, ni le quitter,

ni même chercher femme en dehors du domaine ou il est rivé á perpétuité". (16).

Esse regimen durou muito tempo. Tanto assim que, na Inglaterra, onde mais depressa começou o trabalho livre, a rainha Elizabeth, procurando melhorar a condição de vida dos operarios ruraes, providenciou quanto á distribuição de terras a seu favor ligando-os por certo tempo ás terras concedidas. "La royauté, qui leur ouvre l'accès du sol, entend les y attacher: nul d'entre eux ne peut quitter son emploi moins d'un an après son engagement". (17).

Schmoller tem, pois, toda razão quando diz que "a liberdade do trabalho começa lentamente em 1500 e só triumphá de um modo absoluto no periodo de 1789 a 1870".

Na Austria, Allemanha, Russia, Dinamarca e Rumania, havia ainda, em meados do seculo XIX, varias fórmas de servidão — que foram extinctas, em sua maioria, mediante grossas indemnizações pagas pelo Estado aos beneficiarios desse regimen. (18)

Um dos factores que mais contribuiu para a supressão da servidão foi o das "cidades livres", que se formavam junto aos feudos, onde se refugiavam muitos servos, "pour respirer immédiatement l'air de la liberté", conforme observa Pierre Brizon. (19) Entretanto, mesmo nessas cidades, havia um regimen de trabalho extremamente rigoso.

O "aprendiz", o posto mais baixo da hierarchia do artesanato, ao entrar para o serviço, se comprometia a bem servir e obedecer o patrão. Isso lhe custava

(16) Ferdinan-Lot — *La Fin du Monde Antique et le Debut du Moyen.*

(17) G. Renard et G. Weulersse — *Le travail dans l'Europe Moderne.*

(18) Na Allemanha, o Estado indemnizou, em 1848, os nobres, á razão de 180 libras esterlinas por familia de servos emancipados; na Russia, a emancipação, em 1861, custou 61 milhões de libras esterlinas e na Austria, acima de 50 milhões. (Mullhall. "The Dictionary of Statistics").

(19) Pierre Brizon — *Histoire du Travail.*

bastante, dado o vulto dos encargos. Se elle fugisse, “nul ne pouvait lui donner asile ; on le faisait rechercher et remener de force á l’atelier, ou il était tenu de travailler de double le temps de son escapade”.

Comtudo, devemos reconhecer que, nessas cidades, quasi todos gozavam de um relativo conforto. Existia um profundo sentimento de cooperação. Praticamente, desconhecia-se a miseria.

A economia capitalista, ajudando a desfazer a *servidão*, já um tanto abalada pela politica do artesanato, destruiu, tambem, as excellencias desta ultima. Um e outro systema foram substituidos pelo do *trabalho livre*.

No entanto, examinando a vida dos primeiros operarios livres, podemos repetir as palavras de Ferdinand Lot : “Singulier homme libre !”

As horas de trabalho dos adultos eram incrivelmente extensas, e os salarios extremamente baixos. Para melhorar um pouco as suas condições de vida, os operarios viam-se coagidos a obrigar os filhos ao trabalho das fabricas.

Para se avaliar até que ponto era rigoroso o trabalho das creanças, são de salientar os seguintes factos, referidos por Bertrand Russel : No anno de 1802, Sir Robert Peel (o pae do estadista), redigiu um projecto de lei, que levou ao Parlamento, para “melhorar a saúde e a moral dos operarios das fabricas de algodão e similares”. Estatuiu-se que as creanças não trabalhariam de noite e mais de doze horas por dia. . .

Releva notar ainda que, até essa epoca, era vigente o regimen dos “aprendizes”, tal qual o da Idade-media. Os menores (os aprendizes) não recebiam salarios, porque, em troca de seus serviços, os patrões forneciam moradia, alimentos e o conhecimento do officio. Dahi, o projecto de Sir Robert Peel fallar em ser obrigatoria a entrega “de roupas novas todos os annos ; habitação

separada para os meninos e meninas, e uma cama para cada um”.

As creanças livres, as que recebiam salarios, não tinham vida melhor. Assim se expressa Bertrand Russel, a respeito :

“Quando as creanças já ganhavam um salario, sua vida differia pouco da dos aprendizes. Entravam ás cinco ou seis da manhã, e saham ás sete ou oito, inclusive nos sabbados. Todo este tempo, estavam encerradas em uma temperatura desagradavel. O unico descanso que obtinham era durante as refeições.”

“Era physicamente impossivel resistir a este systema de trabalho *se não fosse a pressão pelo terror*. Os castigos pelo facto de chegar tarde eram terriveis. Os *paes chicotavam os filhos para livral-os de penas maiores applicadas pelos inspectores das fabricas.* (20)

Fóra do continente americano, não eram tambem liberaes, até fins do seculo XIX, as condições em que se explorava o esforço humano, mesmo nos paizes adiantados. . .

O Trabalho no continente septentrional

Na parte temperada e fria da Norte-America, o colono europeu, encontrando um meio superior áquelle em que vivia e capaz de produzir todos os artigos familiares ás suas actividades, dispensou o braço escravo.

Mais ao Sul, onde foram cultivados productos tropicaes, principalmente depois da invenção da machina de descaroçar algodão por Eli Whitney, permittindo a utilização industrial da malvacca de fibra curta, a introdução do africano tornou-se indispensavel ao colono americano. Foi alli tão intensa a procura do elemento

(20) Bertrand Russel — *Liberdade e Organização* (1814-1014).

servil que o espirito pratico norte-americano, verificando como eram difficeis as condições de aquisição e transporte do elemento africano e as perdas enormes, de 15 a 25%, registradas nas travessias, ercou, no proprio continente, as famosas fazendas de criação de gado humano...

Os quatorze Estados em que subsistia, em 1850, a escravidão, dividiam-se para esse fim em productores e consumidores. Eram productores os de Delaware, Maryland, Virginia, Carolina do Norte, Kentucky, Tennessee e Missouri. As fazendas de criar, com todo seu aparelhamento de selecção, transporte e venda, constituiram importante ramo de commercio, em que se achavam interessados nomes de grande projecção social.

As safras das fazendas chegaram a alcançar 80.000 cabeças por anno, que eram vendidas aos Estados do Sul. Os preços dessas excellentes machinas era superior a £100. O seu trabalho era cuidadosamente aproveitado para que o desgaste se dêsse no periodo de plena eficiencia da vida do negro. No inverno, o horario era de 14 horas, no verão, de 15. Em menos de cinco annos, o negro, tendo exgottado o total de sua eficiencia, morria, na maior parte, não se tornando, com a sua sobrevivencia, uma carga pesada ao seu proprietario. (21) Isso tudo em pleno seculo XIX...

Alli tambem se conheceram os "Indentured Servants", colonos que se vendiam ou eram vendidos, na propria Inglaterra, por certo preço ou em pagamento de dividas; e escravos brancos provenientes das Ilhas Britannicas, prisioneiros cabidos no captiveiro, em virtude das guerras civis.

Não era mister, portanto, o gesto do Governo provisório brasileiro, (de 1889) mandando queimar todos os archivos relativos á escravidão, como uma mancha

(21) Molinari — *L'Esclavage* — Dic. de Econ. Politique.

indelevel de nossa historia. Praticámos essa condemnavel instituição em uma epoca em que a noção do trabalho era outra e como um imperativo inelutavel de nossa formação economica. Aliás, fomos dos mais brandos na sua utilização; e o entrelaçamento de classes que entre nós se verifica comprova esse facto, pois tal não seria possivel, se o odio de raças tivesse aqui se arraigado, como residuo e reacção contra iniquos tratamentos do passado.

Teremos oportunidade de salientar, quando tratarmos dos problemas da mão de obra do seculo XIX, e dos factos economicos ligados á abolição, quanto a machina concorreu para a libertação definitiva do homem. Examinaremos, então, o inventario geral da produção que ficamos devendo ao braço escravo.

Os altos sentimentos humanitarios, revelando uma cultura e uma civilização mais avançada, só se tornaram victoriosos nos varios Estados, quando se attenuou, por um enriquecimento mais generalizado, a luta pela subsistencia. O mal fundamental dos regimens politicos e sociaes do passado consistiu na criação de castas, na limitação de suas possibilidades, nas tentativas de circumscripção de enriquecimento dos povos a determinadas classes privilegiadas, quando o objectivo da civilização deve ser a diffusão do bem estar e da cultura pelo maior numero, o maior progresso distribuido pela maior massa.

No desenvolvimento desta cadeira, teremos ensejo de verificar como, nesse particular, se apresenta a situação da população activa do paiz, em differentes epocas, e quaes os elementos que a Historia Economica pode offerecer para melhor orientação dos poderes publicos em tão importante assumpto.

Foi esta a sexta aula dada em 5 de Junho de 1936, nas condições das anteriores.

CAPITULO VII

OUTROS FACTORES ECONOMICOS DA OCCUPAÇÃO DA TERRA. A PECUARIA.

SUMMARIO

Revolução commercial. Trabalho livre. Costa e sertão. Criação do gado. Os característicos da revolução commercial nos seculos XVI e XVII; sua repercussão no Brasil. O fundamento economico da expulsão dos hollandezes, francezes e inglezes da costa american. As cinco "condições de gente livre" no periodo colonial. O sertão e as quatro bases economicas da sua occupação: a criação do gado; a caça ao gentio; a mineração; a extração de especiaris, productos sylvestres e plantas medicinaes. As fazendas de criar, primeira retaguarda economica dos engenhos de assucar. A necessidade da separação das zonas de cultura e de criação; a ausencia da cerca de arame; os criadores na zona do assucar; os Valles do São Francisco, do Parnahyba, do Itapicurú, Mearim e outros; os sertões da Bahia e Pernambuco; o vaqueiro e a organização economica da fazenda de criar. E'poca do couro no Norte. O surto minerador e o grande consumo de gado nas regiões mineradoras. A expansão criadora em Minas, Goyaz e Matto Grosso. O affluxo do gado do sul. A predominancia sulina, dentro do cyclo da pecuaria, a partir do seculo XVIII.

Revolução Commercial

NOS dois primeiros seculos de nossa formação, processava-se na Europa o estagio que os economistas de hoje caracterizam como tendo sido o da "Revolução Commercial". Uma ambição de enriquecimento dominava os povos mais adiantados, traduzindo-se, atravez dos grandes Estados, então em formação, em phases de conquistas, expansão, luctas e guerras.

Com os reduzidos elementos da acção da epoca, sem a machina e sem os progressos scientificos, impulsionados pelas ideas mercantilistas de então, atravavam-se os Estados ás pesquisas dos metaes e pedras preciosas, emprestando tambem excepcional importancia ao commercio das especiarias e de productos exóticos que a zona temperada não produzia. A America, considerada por muito tempo como possivel meio de passagem para as terras das especiarias e grande productora que se mostrou, a partir dos meados do seculo XVI, de metaes preciosos, de madeiras e do assucar, tornou-se um dos alvos mais cobiçados, senão a preocupação dominante dos maiores estadistas.

O ouro e a prata do Mexico e do Perú, as perolas das Antilhas, as madeiras tintoriaes e de construcção, as plantas medicinaes e, finalmente, o assucar, que foi o maior producto do commercio internacional durante largo tempo, justificavam todas as ambições.

As lutas para a conquista das ilhas do mediterraneo americano representam paginas épicas que enchem a historia dos seculos XVI e XVII, assinalando a aguda

rivalidade anglo-franco-hollandeza. Foram os ataques áquellas ilhas e os saques ás frotas mercantis hespanholas que mais estimularam a formação das grandes marinhas daquelles povos ; e alvo de maior cubiça seriam justamente as correntes de commercio monopolizadas pelos Estados, como era o caso das especiarias da Asia e dos artigos das Indias de Castella.

No Brasil, o governo lusitano procurou entregar á iniciativa particular a criação dos engenhos e o commercio com a metropole. O proprio commercio do pau de tinturaria, monopolio real, era outorgado por arrendamento a firmas commerciaes. Transcorreu muito tempo, antes que os proprios governantes portuguezes percebessem que os lucros indirectos provindo do commercio do assucar do Brasil, accrescidos dos dizimos e das taxas diversas, seriam maiores do que os auferidos pela renda bruta das especiarias, cujos proventos eram absorvidos por uma pesada machina burocratica.

O equilibrio diplomatico, que Portugal procurava desenvolver, não impedia que a França e a Hollanda lançassem seus olhos cobiçosos sobre as riquezas da Terra de Santa Cruz. Os Francezes, em investidas que perduraram por mais de um seculo, tentaram formar, na costa brasileira, a França Meridional e a França Equinoxial. Os colonos lusitanos, aliados aos elementos da terra, apoiados pelos esforços dos Jesuitas, cuja emulação religiosa em muito auxiliou a reacção, conseguiram a expulsão definitiva dos Francezes do Rio de Janeiro e do Maranhão.

A França, envolvida em grandes lutas continentaes, não podia auxiliar efficientemente seus filhos nessa tentativa de occupação da costa sul-americana.

Reunidas as Coróas de Portugal e Hespanha, em 1580, passou Portugal a soffrer as investidas dos tradicionaes inimigos do Imperio Hespanhol.

Francezes, Inglezes e Hollandezes apossaram-se de regiões do Nordeste da America meridional, entre a "Tierra Firme" hespanhola e a faixa da occupação portugueza. Os Hollandezes crearam o Brasil Hollandez, em que dominaram por cerca de cinco lustros. Povo grandemente mercantil, indo buscar em Lisboa o assucar do Brasil e as especiarias da India, para a sua distribuição pelo Norte da Europa, foi compellido a procurar, nos proprios paizes de origem, os artigos que Portugal, por imposição hespanhola, estava vedado com elle negociar. Os elementos lusitanos e nativos, interessados na industria do assucar, não se conformaram, vendo-se assim despojados de tão grande riqueza. Dahi, um fundamento economico para a reacção, que culminou com a expulsão dos batavos da Terra de Santa Cruz.

Mais ao Norte, foi ainda o assucar que forneceu os principaes elementos para armar a gente da terra, a qual, apoiada por Hespanhoes e Portuguezes, realiza a expulsão dos occupantes da costa Leste-oeste. Em virtude da união das Corôas lusa e hespanhola, foi delegada á administração portugueza no Brasil a expulsão dos elementos extranhos implantados naquella costa e na Bacia Amazonica e a proceder á sua occupação e administração, sem que se procurasse indagar a que Corôa estariam affectos taes trabalhos por força da Linha de Tordezilhas.

O assucar proporcionava recursos sufficientes para o custeio dessas expedições. A esperanza da conquista de novas terras, proprias para cannavines e engenhos, assim como a preocupação de evitar possiveis concorrentes em tão rica industria, contribuíram, como forte estimulante, para a actuação dos Portuguezes. Dahi, a expulsão dos Francezes, Inglezes e Hollandezes das margens do Amazonas, a investida victoriosa contra as bordas bravias dos selvagens e a occupação da costa Leste-oeste, cuja navegação, pelo regimen dos ventos,

tão difficil se tornava para as communições com o resto do Brasil.

Com o consentimento e com o proprio apoio hespanhol, poude, assim, ser realisada, em grande parte, a expansão bahiana e pernambucana, oriundas desses dois ricos nucleos colonizados do Brasil, para a conquista da costa e a occupação de boa parte das terras amazonicas, que, pela Linha de Tordezilhas, não pertenceriam a Portugal.

Em 1619 poude ser formado o Estado de Maranhão, com administração sujeita directamente á Lisboa, dadas as difficuldades de communições maritimas com a séde do governo geral do Brasil. Abrangia as terras do Ceará para o Norte e foi sendo sub-dividido em varias capitánias, distribuidas aos elementos que mais tinham auxiliado a sua occupação ou que mais capazes puderam se mostrar na expulsão dos intrusos e defeza de todos esses territorios.

Houve, assim, no seculo XVII, um periodo em que as terras brasileiras se achavam divididas em tres Estados: o Estado do Maranhão, o Brasil Hollandez e o Estado do Brasil.

Trabalho livre

Vimos anteriormente que o assucar representou o elemento fixador por excellencia do europeu no Brasil. Salienciamos que pela sua propria natureza de industria tropical, com os engenhos e machinarios primitivos usados na epoca e dada a respeitavel massa de obreiros de que se utilisava para trabalhos verdadeiramente penosos, só era possivel a sua creação baseada no trabalho servil. Como grande elemento formador de riquezas, era no assucar e nas industrias derivadas que se concentravam todas as principaes actividades.

Ainda no começo do seculo XVII, Brandonio, nos classicos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, assim justifica a falta de penetração nos sertões em busca de outras fontes de rendimento:

“E’ verdade que não se tem estendido muito pera o sertão; mas pera isso, haveis de saber que todos os conquistadores, que até hoje descobriram de novo as terras que nos são patentes lançaram mão, e se inclinaram trabalhando naquelle exercicio de que primeiramente tiraram proveito; de onde vejo que os nossos portuguezes que povoaram as ilhas dos Açores, pelos primeiros se haverem lançado em agricultura do trigo, até o presente permanecem nella; os castelhanos, que povoaram as ilhas de Canarias, deram em plantar vinhas, e o mesmo exercicio guardam até hoje em dia, e os que povoaram as ilhas de Cabo Verde tiveram proveito da commutação de negros, e com isso vivem e no reino de Angola, da conquista que tambem fazem delles, nessa permanecem; na ilha de São Thomé deram em lavrar assuear muito negro, com elle continuam até o presente, e tendo apparelho pera o fazer melhor, não se querem occupar nisso. Os que povoaram as Indias Occidentaes, uns se occuparam na pescaria das perolas, outros em fazer anil, outros em ajuntar cochonilha, outros na cria de gados, outros em lavrarem minas, e todos naquelle primeiro exercicio, em que se exercitaram nesse permaneceram. Nesse nosso Brasil os seus primeiros povoadores deram em lavrar assucars; pois que muito que os de mais os fossem imitando, conforme o costume geral do mundo, que tenho apontado? E este é o respeito por onde no Brasil seus moradores se occupam somente na lavoura das cannas de assucar, podendo se occupar em outras muitas cousas”.

Nessa epoca, por volta de 1618, ensina Capistrano de Abreu: “Os estabelecimentos fundados por Portuguezes começavam no Pará quasi sob o Equador e ter-

minavam em Cauanéa além do tropico. Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de leguas de extensão. A população de lingua européa cabia folgadamente em cinco algarismos.

A camada infima da população era formada por escravos, filhos da terra, Africanos ou seus descendentes. Aquelles apparecem menos numerosos pela pouca densidade originaria da população indigena, pelos grande exodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, (1) pelos embarços, nem sempre inuteis, oppostos ao seu escravizamento.

Acima deste rebanho, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os Portuguezes de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de assucar, officiaes mechanicos vivendo dos seus salarios ou do feitio de obras encommendadas; em geral o mechanico sabia varios officios, pois um só não garantia a subsistencia, e ia trabalhar pelas fazendas quando a simplicidade das ferramentas o permitia ou os proprietarios possuiam a ferramenta em casa".

Dada a situação geographica de Portugal e a feição que tomou alli a sua economia, o trabalho livre cedo predominou para os seus filhos. Para o Brasil, partiam colonos livres e officiaes de misteres necessarios aos trabalhos nos engenhos. Aos proprios degradados era aqui assegurada a liberdade. (2) Ao elemento branco, compe-

(1) Durante os tempos coloniaes, o Brasil foi assolado por mais de uma vez por terriveis epidemias de bexigas, febre amarella e outras molestias contagiosas ainda mal estudadas. As chronicas relatam as grandes devastações feitas em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e outras provincias pelas bexigas, em 1668. Em 1688, registou-se o "mal da bicha", que se presume ter sido a febre amarella, que iniciada em Pernambuco, alastrou-se para a Bahia, onde causou grande mortandade. Em 1755, outra grande epidemia fez enorme devastação entre os indios da Valle do Amazonas.

(2) Com o rigor das leis e ordenações, facil era ás autoridades civis e ecclesiasticas nutuarem qualquer individuo por leves desobediencias, actos de indisciplina ou desrespeito ás determinações régias ou religiosas, au, citando-os aos mais variados castigos. A pena de degredo era facilmente imposta a qualquer crime do caracter politico ou religioso. Não se deve, portanto, considerar os degradados, vindos para o Brasil, como criminosos vulgares, sendo, talvez, a maior parte delles, inentes de culpa em face da legislação actual.

tiam os encargos de direcção e de officios sobre o trabalho servil que se installára no paiz. E Brandão já notava, em sua critica á actividade economica, que eram cinco as condições de gente livre que se formavam no Estado do Brasil ; os maritimos, os mercadores, os mechanicos, os assalariados (comprehendendo os feitores, encaixotadores, carreiros, vaqueiros e outros empregados) e os lavradores, nos quaes tambem se incluiam os senhores de engenho.

O Sertão

Emquanto em toda a costa Norte se implantava a exploração do assucar em larga escala, no Sul do paiz tal industria não podia ter a mesma evolução. Na Capitania de São Vicente, devido á ausencia de um forte esteio economico, crescia, numa incerteza de rumos, a população de Piratininga, oriunda do elemento colonizador deixado por Martim Affonso de Souza e dos successivos cruzamentos com as mulheres da terra. ⁽¹⁾

Para se poder comprehender a formação da trama social, que se constituiu no paiz, e que nos assegurou e legou a grande area de hoje, torna-se mistér procurar os factores economicos que permittiram a occupação do sertão e a manutenção de tão dilatadas regiões sob o dominio lusitano. São de quatro especies os fundamentos economicos dessa expansão :

1.^a — a criação de gado, que occupou grande faixa do sertão, formando a principio a retaguarda economica

(1) J. F. de Almeida Prado, nos *Principios Povoadores do Brasil*, 1500-1830 estuda os elementos componentes desse inicio de colonização. O seu erudito trabalho está ainda acompanhado de uma utilissima bibliographia.

das zonas de engenho e, mais tarde, um decidido apoio á mineração, o fixador do povoamento no interior e o objecto de grandes correntes de commercio que se estabeleceram dentro do paiz ;

2.^a — a caça ao gentio para servir, em determinadas epochas, de braço escravo nos engenhos e sempre para os trabalhos das lavouras, principalmente naquellas que não comportavam o dispendio de capital exigido pelo elemento africano ;

3.^a — a mineração, o maior factor de povoamento na era colonial, formadora das principaes cidades de nosso interior e origem da occupação effectiva de regiões longinquas, definitivamente integradas ao nosso territorio ;

4.^a — a extracção de especiarias, plantas medicinaes e tintoriaes, varios productos sylvestres, cultivo de algodão e do fumo, justificando a estabilização de numerosas povoações no Valle do Amazonas. Estas povoações foram em grande parte fixadas pelo trabalho de missionarios, assegurando um alargamento consideravel de nossas fronteiras, quando se reconheceu o regimen do *uti possidetis*.

Criação de gado

No periodo em que nos fixamos, exercia a criação de gado, na economia social, uma importancia bem maior do que hoje. De facto, antes da era da machina, o gado bovino, cavallar e muar, além de producto basico de alimentação, servia como agente motor e meio de transporte. Na Hespanha, o gado lanigero, numa epocha em que estava mais desenvolvida na Europa a industria lanigera que a do algodão, originou a "Mesta", grande

associação de criadores que comprovou, pelo seu poder e grandeza, a importancia da criação animal. (4).

D. Anna Pimentel, esposa e procuradora de Martim Affonso de Souza, providenciou, em 1534, para que se introduzisse gado bovino na capitania daquelle donatario. Thomé de Souza introduziu muito gado na Bahia. Usou mesmo, especialmente para tal serviço, duma caravela, a "Galga", que ia buseal-o na Ilha de São Vicente.

E' provavel que muitos donatarios tivessem tido identica iniciativa. Na Capitania de São Vicente, a sua criação se desenvolvia lentamente, e, muitos annos mais tarde, o padre Nobrega recommendava parcimonia em seu consumo, para que pudesse tomar maior incremento.

Foi a zona do assucar, porem, que deu origem á primeira phase da grande criação de gado. Os antigos chronistas, Gandavo, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Frei Salvador, e outros, são accordes em constatar a attenção que ia despertando a criação no Centro-nordeste brasileiro. E' que a industria do assucar era importante consumidora de gado. Os trapiches e engenhos, movidos por bois, faziam grande desgaste; as carretas para lenha e para o assucar exigiam numero consideravel de cabeças, em porção, talvez, igual ao da escravatura occupada. (5).

(4) Em 1800, a lã representava, na Europa, 75% da materia prima utilizada na fabricaço de tecidos, o linho 20% e o algodão 5%. Em 1900, já o algodão entrava com 70%, a lã 22% e o linho 8%. A Mesta, que existiu cerca de 600 annos (1223-1836) era um gremio dos criadores de ovelhas, de Castella, e representou um grande esforço no sentido de fomentar a produçáo e o commercio de uma materia prima então essencial. Foi utilizada como um factor da unidade nacional, em Hespanha.

(5) Em Pernambuco, segundo Koster, um bom estabelecimento carecia quarenta negros adultos de ambos os sexos, outros tantos bois e igual numero de cavallos.

Henri Raffard, na sua *Industria Saccharifera no Brazil*, admittre para os engenhos numero igual de escravos e de bois, mas prevê a renovação total dos ultimos cada tres annos.

A alimentação de carne era necessaria para os que se dedicavam aos intensos trabalhos dos engenhos. (6)

Junto aos engenhos havia curraes cercados, em que se abrigavam as cabeças utilizadas no seu funcionamento.

A intensa procura que se estabeleceu, com o rapido crescimento da industria, estimulava a criação. Já nas terras brasileiras ia-se verificando, porém, o conflicto, existente no Velho Continente, entre os criadores e os lavradores, em defeza das plantações. Não havia o arame, o grande elemento pacificador e protector da cultura dos campos. Dahi, uma das razões da retirada dos curraes de criação para o sertão brasileiro, longe dos engenhos, dos cannaviaes e dos mandiocacs e em terras mais pobres que não poderiam ser aproveitadas para as culturas exigidas pelo numero crescente dos engenhos do litoral. Uma Carta Régia de 1701 prohibia mesmo a criação a menos de 10 leguas da costa.

Os curraes foram, então, penetrando e occupando o interior. Começaram pelo sertão da Bahia. Era mais facil aos criadores, do que aos senhores de engenho, estabelecerem um "modus vivendi" pacifico, com os incolas. O trabalho das fazendas de criar era incomparavelmente mais suave e mais adaptavel ao temperamento dos incolas do que o rude labor dos engenhos em que o autochtone perecia em pouco tempo. Dahi, as allianças com diversas tribus selvagens, que permitiam a mais rapida expansão dos curraes. Isso não impediu, no entanto, que se tornassem necessarias varias guerras de expulsão e de extermínio a muitas tribus, que se oppuseram á expansão dos curraes, ou que vieram a hostilizar-os.

(6) Vido a proposito a *Decreção de fazenda que o Collegio de Santo Antonio tem no Brazil e de seus rendimentos*, do padre Estevam Poreiru, S. J., a qua já nos referimos no capitulo V.

Já no governo de Thomé de Souza, iniciou Garcia de Avilla o estabelecimento de curraes pelo interior da Bahia. Elle e os seus descendentes transformaram-se nos maiores criadores do sertão bahiano, chegando a possuir “duzentas e cincoenta leguas de testada na margem do Rio São Francisco e deste ao Parnabyba setenta leguas”.

Em 1589, Christovam de Barros occupou a costa até o São Francisco, expulsando os selvagens. Iniciaram-se tambem as distriuições de sesmarias no sentido ascendente do mesmo rio.

Os Avillas e os seus associados proseguem na invasão do sertão com os seus curraes, passando o “divortium aquarum”, levando-os ao Maranhão, Piauhy, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará. Outros grandes criadores, os Guedes de Britto, occuparam tambem largas faixas dos sertões bahianos.

Subindo o São Francisco, attingem o interior mineiro. Passando para os Valles do Tocantins e Araguaya, estende-se a criação para os sertões goyanos de Amaro Leite.

Via Goyaz, penetrou o gado as regiões do Matto Grosso, onde foi de encontro ás manadas que subiam da Vaecaria e das possessões hespanholas; assim tambem o gado que subia o São Francisco foi-se encontrar com o que pela Capitania de São Vicente tinha sido introduzido em Sabarábuçú e Valle do Rio das Velhas, em Minas Geraes.

São Vicente, Bahia e Pernambuco foram, portanto, os centros irradiadores da criação para a região central e Nordeste do Brasil.

Nos campos de Curityba, parece ter sido o gado originario de São Vicente. Os dos campos do Sul do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande, suppõe-se terem

sido introduzidos principalmente pelas missões jesuíticas hespanholas. (7)

Criadores na zona do assucar

As fundações de fazendas de criar de sesmarias abriram novas possibilidades aos sertões da costa, permitindo também o descongestionamento dos engenhos de assucar do litoral. Para as novas sesmarias, descobertas pelos audaciosos sertanistas, affluiram os individuos que não dispunham de emprego estriictamente productivo, ou vadios, isto é, as populações livres dos mestiços de toda a casta. A esses, attrahiam os grandes sesmeiros para fundar curraes, pois o pastoreio, como observa Oliveira Vianna, é a fórma mais generalisada da exploração da terra no periodo colonial. (8).

Não se processou, no emtanto, sempre pacificamente, essa entrada dos vaqueiros. No ultimo quartel do século XVII, houve um celebre levante de indios nos sertões da Bahia, alguns dos quaes procedentes de antigas tri-

(7) Do illustrado patrio Sr. Aurelio Porto recebemos a seguinte missiva:

Rio, 20 de Julho de 1937.

Illmo Sr. Prof. Dr. Roberto Simonsen

Preclaro e illustre patrio o.

Recebi com vivo prazer e li o trabalho que teve a gentileza de me enviar e com o qual aprendi também alguma coisa, não obstante as largas indagações que tenho feito nos arquivos sobre as origens do "gado crioulo" do Rio Grande do Sul. E essa confissão bastaria para significar o valor do seu brilhante estudo. Mas, não devo fugir ás contingencias de sua solicitação gentil e é por isto que lhe envio as despretenciosas notas, tomadas á pressa, de um grande acervo documental que possuo sobre o assunto.

Tenho também o prazer de lhe enviar os tres primeiros fasciculos do "Dicionario Enciclopedico" que estou organizando, onde encontrará mais algumas notas sobre aspectos economicos do Rio Grande do Sul.

Inteiramente ás suas ordens e me felicitando pela honra de conhecê-lo pessoalmente, me subscrevo

att.º au.º admirador e patrio o.

(a) Aurelio Porto

No annexo 8 publicamos, na integra, as notas do erudito patrio o.

(8) Oliveira Vianna — *A Evolução do Povo Brasileiro*.

bus conversas. Lutando com serias difficuldades para vencel-os, resolveu o Governo da Bahia recorrer aos Paulistas que exploravam, permanentemente, a industria da guerra, como elemento basico no officio de caça ao bugre, principal actividade da gente de Piratininga.

Dahi os soccorros chefiados por Domingos Barbosa Calheiro, Braz Rodrigues Arzão, Estevão Ribeiro Bayão Parente e outros. Seguiram esses Paulistas com suas expedições, por via maritima, embarcando em Santos. Com o transporte dos dois ultimos e de sua gente, em 1671, dispendeu a Camara de São Salvador 10:000\$000, equivalentes a cerca de 500 contos de réis em moeda de hoje. Foram os Paulistas bater os indios que se haviam rebellado e assassinado os vaqueiros de Aporá. Mais tarde, por terra, Domingos Jorge Velho, Mathias Cardoso de Almeida, Moraes Navarro e outros foram empregados no combate aos Payacús, Janduis e Icós, nas ribeiras do Assú e Jaguaribe.

“Muitos dos Paulistas empregados nas guerras do Norte não tornaram mais a S. Paulo, e preferiram a vida de grandes proprietarios nas terras adquiridas por suas armas : de bandeirantes, isto é, despovoadores, passaram a conquistadores, formando estabelecimentos fixos. Ainda antes do descobrimento das minas sabemos que nas ribeiras do rio das Velhas e do S. Francisco havia mais de cem familias paulistas, entregues á criação de gado”. (9)

Esta informação é confirmada por Pedro Taques, que diz terem sido numerosas as familias de São Paulo que, em continuas migrações, procuravam essas zonas afastadas e ahi se installavam com suas fazendas de gado. Domingos Mafrense, tambem conhecido por Domingos Sertão, ficou no Piauhy, onde fundou 39 fazendas de criar gado vaccum, mais tarde doadas aos

(9) Capiatranço de Abreu — *Capítulos de Historia Colonial*.

Jesuitas. Domingos Jorge Velho, penetrando no sertão da Parahyba, na ribeira do Piancó, ahí fundou fazendas com rezes trazidas das margens do São Francisco. Em Goyaz penetraram as primeiras rezes tresmalhadas dos rebanhos do São Francisco e, em principios do seculo XVIII, foram installadas, tambem por Paulistas, as primeiras fazendas de criar nos optimos campos goyanos.

O Vaqueiro

“Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente ; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amausar e ferrar os bezerros, cura-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Para cumprir bem com seu officio vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem attender ás maiores cbuvas e trovoadas, porque nesta occasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vacas que estão proximas a ser mãi, e traze-las quasi como á vista, para que parindo não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras.

Depois de quatro ou cinco annos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago ; de quatro crias cabia-lhe uma ; podia assim fundar fazendas por sua conta. Desde começos do seculo XVIII, as sesmarias tinham sido limitadas ao maximo de tres leguas separadas por uma devoluta. A gente dos sertões da Bahia, Pernambuco,

Ceará, informa o autor anonymo do admiravel *Roteiro do Maranhão a Goyaz*, tem pelo exercicio nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenhos ser nella occupada, consistindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro. Vaqueiro, criador ou homem de fazenda, são titulos honorificos entre elles.

As boiadas procuravam os maiores centros de população, isto é, as capitães da Bahia e Pernambuco". (10)

Antonil, em 1711, confirma, em interessantes informações, a importancia que assumira a criação de gado no Brasil central. Referindo-se ao sertão da Bahia, accentua :

"E porque as fazendas, e os curraes de gado se situão aonde ha largueza de campo, e agoa sempre manente de rios, ou lagôas : por isso os curraes da parte da Bahia estão postos na borda do Rio de S. Francisco, na do Rio das Velhas, na do Rio das Rãs, na do Rio Verde, na do Rio Peramerim, na do Rio Jacuipé, na do Rio Itapicuru, na do Rio Real, na do Rio Vaza-Barris, na do Rio de Sergipe ; e de outros rios, em os quaes, por informação tomada de varios, que corrêrão este sertão, estão actualmente mais de quinhentos curraes : e só na borda d'aquem do Rio de S. Francisco, cento e seis legoas. E na outra borda da parte de Pernambuco, he certo que são muito mais. E não sómente de todas estas partes e rios já nomeadosvem boiadas para a cidade e reconcavo da Bahia, e para as fabricas dos engenhos : mas tambem do Rio Iguassú, do Rio Carainhaem, do Rio Corrente, do Rio Guaraira, e do Rio Piagui-grande, por ficarem mais perto, vindo caminho direito, á Bahia, do que indo por voltas á Pernambuco.

E posto que sejam muitos os curraes da parte da Bahia, chegam a muito maior numero os de Pernambuco,

(10) Capistrano de Abreu — *Op. cit.*

cujo sertão se estende pela costa desde a Cidade Olinda até o rio de S. Francisco, oitenta legoas : e continuando da barra do rio de S. Francisco até á barra do Rio Iguassú, contão-se duzentas legoas. De Olinda para Oeste até o Piagui, Freguezia de Nossa Senhora da Victoria, cento e sessenta legoas; e pela parte do Norte estende-se de Olinda até ao Ceará-Merim, oitenta legoas, e dahi até o Açú, trinta e cinco legoas, e até ao Ceará Grande, oitenta legoas : e por todas vem a estender-se desde Olinda até esta parte, quasi duzentas legoas.

Os rios de Pernambuco que, por terem junto de si pastos competentes, estão povoados com gado (fóra o Rio Preto, o Rio Guaraira, o Rio Iguassú, o Rio Corrente, o Rio Guarignae, a Lagôa Alegre, e o Rio de S. Francisco, da banda do Norte) são o Rio de Cabaços, o Rio de S. Miguel, as duas Alagôas com o Rio do Porto do Calvo, o da Parahiba, o dos Kariris, o do Açú, o do Podi, o de Jaguaribe, o das Piranhas, o Pajau, o Jacaré, o Kaninde, o de Parnahiba, o das Pedras, o dos Camarões e o Piagui. Os Curraes desta parte hão de passar de oitocentas leoas : e de todos estes vão boiadas para o Recife, e Olinda, e suas vilias, e para o fornecimento das fabricas dos engenhos desde o Rio de S. Francisco até ao Rio Grande : tirando os que acima estão nomeados desde o Piagui até á barra de Iguassú, e de Pernagua, e Rio Preto ; porque as boiadas destes rios vão quasi todas para a Bahia, por lhes ficar ciar melhor caminho pelas Jacoabinas, por onde passam, e descansam. Assim como ahi tambem param, e descansam as que ás vezes vem de mais longe. Mas quando nos caminhos, se achão pastos, porque não faltárão as chuvas, em menos de tres mezes chegam as boiadas á Bahia, que vem dos curraes mais distantes. Porém se por causa da seca forem obrigados a parar com o gado nas Jaoa-

binas : ahi o vendem os que o levam, e hi descansa seis, sete e oito mezes, até poder ir a cidade”.

Quanto ás estatisticas, attribue :

á Bahia, 500.000 cabeças ;
á Pernambuco, 800.000 cabeças ;
ao Rio de Janeiro, 60.000.

Computando São Paulo e os campos de Curity'ba, “onde vae crecendo e multiplicando cada vez mais o gado”, não é difficil avaliar em mais de 1.500.000 o numero de cabeças existentes nessa epoca, na colonia lusitana, sem contar o gado bravo dos campos do Sacramento.

Conforme Antonil, os curraes variavam de 200 a 1.000 cabeças ; as fazendas, muitas com avultado numero de curraes, chegavam a ter até 20.000 cabeças de gado.

“As do sertão da Bahia, que pertenciam ás duas grandes familias — a da Torre e a do defuncto Mestre de Campo, Antonio Guedes de Britto — eram occupadas parte pelos donos, que arrendavam o resto, á razão approximada de 10\$000 annuacs por legoa.”

“Para os engenhos, para os lavradores de canna, tabaco, mandioca, serrarias, lenhas ; para a alimentação era grande o consumo de gado. E o couro exportado em “cabello” e em meia solas, só por si indica uma matança annual de mais de 55.000 cabeças.”

Os transportes se faziam por boiadas de 100 a 300 cabeças de gado.

“Os que as trazem são brancos, mulatos, e pretos e tambem Indíos, que com este trabalho procurão ter algum luero. Guião-se, indo luns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado ; e outros vem atraz das rezes tangendo-as, e tendo cuidado, que não sabião do caminho e se amontoem. As jornadas são de

quatro, cinco, e seis legoas, conforme a commodidade dos pastos, aonde hão de parar. Porém, aonde ha falta d'agua, seguem o caminho de quinze, e vinte legoas, marchando de dia e de noite, com pouco descanso, até que achem paragem, aonde possão parar. Nas passagens d'alguns rios, hum dos que guião a boiada, pondo huma armação de boi na cabeça, e nadando, mostra ás rezes o vão, por onde hão de passar”.

Epoca do couro no norte

Com a expansão da criação passou-se a fazer uso intenso do couro.

“De couro era a porta das cabanas, o rude leito applicado ao chão duro, e mais tarde as camas para os partos ; de couro todas as cordas, a borracha para carregar agua, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavallo, a peia para prende-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no matto, os banguês para cortume ou para apurar sal ; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso ; em couro pisava-se tabaco para o nariz”.(¹¹).

As descobertas de salinas no Ceará e em Alagôas, a existencia de barreiros salgados no Valle de São Francisco e a maior proximidade de Portugal, grande productador e exportador de sal, favoreceram a expansão criadora do norte. A Ilha de Johannes, actual Marajó, foi tambem povoada de gados no inicio de seculo XVIII. A expansão continua dos curraes, nas terras que os sesmeiros isoladamente não podiam explorar,

(¹¹) Capistrano do Abreu, — Op. cit.

deram origem aos "sobrados", assim chamadas as sobras das sesmarias tambem occupadas pelos vaqueiros. (12)

O systema de vida e a necessidade de maior golpe de vista sobre a propriedade, conduziam os vaqueiros a construir suas habitações nos lugares altos, contrastando com as habitações nos valles, caracteristicas dos agricultores do Sul.

O surto minerador

A occupação de uma grande area do sertão brasileiro pelos criadores, formando a retaguarda economica dos engenhos, ao mesmo tempo que constituia uma efficaz proteção contra as incursões dos selvagens nas zonas litoraneas do assucar, exerceu ainda uma alta finalidade, quando se verificou a expansão mineradora do Brasil central. De facto, a mineração produziu uma rapida concentração de populações em zonas pouco fertéis, provocando uma grande procura de alimentação e crises terriveis de fome que as chronicas relatam sob as mais sombrias cores.

Os mineradores de Matto Grosso, Goyaz e Minas Geraes foram abastecidos pelos criadores do Valle do São Francisco e sertões do Nordeste. A alta que se verificou nos preços do gado nos campos de mineração, foi de tal monta, que repercutiu em toda a zona criadora, provocando os protestos dos senhores de engenho, já grandemente prejudicados com a elevação, da mesma origem, registada nos preços dos escravos.

E, se pelos "caminhos dos curraes", iam dos sertões da Bahia para as zonas de mineração soccorros alimentares, pelas mesmas estradas poderia ser contrabandeado o ouro, fugindo ao pagamento dos quintos... Dahi

(12) Esta explicação foi-nos fornecida pelo nosso erudito mestre, Dr. Rodolpho Garcia.

a Carta Régia de 7 de Fevereiro de 1701, ordenando que as Capitanias da Bahia e Pernambuco não se communicassem com as minas de São Paulo pelos sertões, para que dessas minas não se pudessem ir buscar mantimentos ou gados das mencionadas capitanias. (13)

Tal determinação foi logo depois attenuada, consentindo-se que pelo caminho dos curraes passasse apenas o gado em demanda dos campos de mineração.

De accordo com a mesma ordem de idéas, a Carta Régia de 7 de Maio de 1703 mandou que se dessem de sesmaria as terras dos campos das minas até a Serra dos Orgãos e mais proximas do Rio de Janeiro com a condição de cada donatario pôr um curral de gado dentro de tres annos "no sitio que se lhe der, por se entender que com a fertilidade destas terras abundarão essas Capitanias em gado e a Fazenda Real terá um grande lucro nos dizimos" (14).

Um documento de 1703 ainda constata a continuação do fornecimento de gado do Valle do São Francisco.

(13) "e para que tenha em toda mui pontual observancia esta minha disposição me parece ordenar-vos (como por esta o faço) encarregueis ao procurador e administrador das ditas Minas examinem se entrão nellas algumas cousas vindas das ditas Capitanias pelo sertão e que tendo noticia disso, dem logo buscas e fação autos e tomem por perdido tudo o que assim for achado, accetando para esse effeito denunciaçãoes ainda em segredo, e procedendo em tudo na forma que nesta parte se dispoem no Regimento da Alfandega desta cidade, sobre as fazendas e que as mesmas denunciações devereis se possão dar as justias e vos recomendo apertadamente que pelos lados dos sertões, se impida com toda a vigilancia estas comunicações. Escrita em Lisbon, a 7 de Fevereiro de 1701. Rey".

(14) "Dom Alvares da Silveira do Albuquerque.

Eu El-Rey vos envio m. Saudar. Para que esa Capitania e as mais do Sul abundem em gados, e se possão prover com elles as minas, sem se ser necessario abrir porta dellas para a Bahia e evitarem-se os descaminhos que desta communicação podem resultar aos quintos de ouro. Me pareceu ordenar-Vos deis de Sesmaria a mayor parte que vos for possivel das terras dos Campos das minas que se estendem para a parte dessa Capitania até junto a Serra dos Orgãos a que mais perto for do Rio de Janeiro, com a obrigação de cada hum dos donatarios pôr um curral de gado dentro de dous até tres annos no sitio que se lhe der, por se entender que com a fertilidade destas terras abundarão essas Capitanias em gado e a Fazenda Real terá uma grande lucro nos dizimos.

Escrita em Lisbon, a 7 de Mayo de 1703.

(a) Rey".

“Pelo dito rio ou pelo seu caminho, lhe entram os gados de que se sustenta o grande povo que está nas minas, de tal sorte que de nem uma parte lhe vão nem lhe podem ir os ditos gados, porque não os ha nos ser-tões de S. Paulo nem nos do Rio de Janeiro.”

O gado do Sul

A emulação provocada pelo alto preço do gado bovino nas zonas de mineração e as difficuldades decorren-tes do fornecimento exclusivo proveniente da faixa de criação ligada á economia do assucar, quando as catas se distendiam por longinquas areas, trouxeram como consequencia a installação de fazendas em Minas, Goyaz e Matto Grosso e a procura do gado da região sulina que os Paulistas, aliás, visitavam desde os principios do se-culo XVII. Portugal, com o habil gesto politico da occupação da Colonia do Sacramento, firmou sua reso-lução de levar as suas lindes ás aguas do Prata, incorpo-rando ao patrimonio lusitano uma grande região onde abundava o gado.

São contradictorias as noticias sobre a introdução dos primeiros gados no Valle Platino. Southey assim reproduz o lendario conto das “*Vaccas de Gaeta*”:

“Na governação de Yrala (1556) trouxe o capitão, Juan-de-Salazar sete vaccas e um touro da Andaluzia para o Brazil, levando-as daqui por terra, seguindo provavelmente a mesma direcção tomada por Cabeça-de-Vaca para o Paraná defronte da fóz do Monday. Alli construiu uma jangada para o gado, deixando um certo Gaeta que o transportasse por agua para Assump-ção, enquanto elle seguia por terra. Uns poucos de mezes gastou na viagem a jangada, cujo arraes recebeu em recompensa uma das vaccas. Ainda hoje se diz pro-verbialmente entre os Espanhoes — *a vacca de Gaeta*

— querendo significar cousa de grande valor; mas, embora este dictado implique passar agora aquelle pagamento por ter sido ridiculamente desproporcionado ao serviço, tinha provavelmente outro sentido na sua origem. Quando mais de sete vacas não havia no paiz, nada podia ser de tanto valor como uma deilas. Em 1580 se embarcou de Buenos Ayres para a Hespanha o primeiro carregamento de couros, e uns trinta annos depois se levaram das cercanias de Sta. Fé para o Perú nada menos d'um milhão de cabeças de gado, dizem, tão rapidamente se multiplicara este nas immensas pampas d'entre Tucumam e o Prata. (Azara diz que os fundadores de Buenos Ayres para alli levaram em 1580 algum gado, parte do qual se tornou bravo, multiplicando-se grandemente no paiz para os lados do Rio-Negro. Mas a segunda fundação de Buenos Ayres foi em 1546, e no mesmo anno da terceira fundação se exportava o primeiro carregamento de couros. Lapsos ainda mais singular se nota no mesmo Capitulo do *Essai sur l'Histoire Naturelle-des-Quadrupedes-de-la-Province-du-Paraguai*, pelo referido Azara. Attribute elle a origem do gado bravo da margem do Norte do Prata a algum que elle suppõe terem deixado ficar os Espanbóes do Paraguay, em 1552, ao serem expulso da cidade de S. João Baptista, que haviam tentado fundar defronte de Buenos Ayres. Esquece, porém, que esta tentativa de fundação á margem esquerda, talvez no sitio da Colonia, tivera logar, segundo elle mesmo refere, quatro annos antes da introdução do primeiro gado da Europa. Muito antes deste tempo devia haver gado no Brasil, sendo muito mais provavel que o bravo, a que allude Azara, proviesse da Capitania de S. Vicente do que do Paraguay, de onde o Paraná e o Uruguay teriam opposto á migração insuperaveis obstaculos. Espontaneamente não se mette o gado á agua, nem obrigam jamais a fazel-o sem que occorra alguma perda. Observa Dobrizhoffer que

quando grandes manadas atravessam um rio, sempre se afogam mais touros do que vacas). Não tardou a haver quem por milhares e por dezenas de milhares contasse o seu gado num país onde as pastagens eram do tamanho de qualquer freguezia rural da Europa, excedendo a area de uma só estancia muitas vezes a de um condado da Inglaterra. Não faltavam pessoas que possuíssem cem mil cabeças, nem Reducções que tivessem mais de meio milhão, numero não desmesurado, onde mais de quarenta rezes se cortavam diariamente para consumo dos moradores. Uma grande porção era furtada, outra, maior ainda, era presa dos Indios hostis, tigres e cães bravos, perecendo miseravelmente um sem numero de bezerros victimas das moscas que se podem chamar por excellencia a praga do Paraguay. O gado bravo muito excedia em numero o semi-domesticado. Com egual rapidez se haviam multiplicado os cavallos. A grande propagação destes animaes numa terra, onde antes da descoberta nenhuns existiam daquella especie, veiu alterar até as características phisicas do paiz. Desappareceram as plantas bulbosas e as numerosas especies de pitas ou enraguatás, que antes cobriam as planicies, vindo substitui-las um pasto fino e uma sorte de cardo rasteiro assaz forte para resistir ao pisar dos animaes que fôra o que destruiu a primitiva hervagem".⁽¹⁵⁾.

Virgilio Corrêa Filho em uma de suas "Monographias Cuiabanas", assim commenta o incidente :

"O nome do experto boiadeiro gravou-se nos fastos da pecuaria sul-americana, insculpido pela pena do primeiro chronista paraguayo, que lhe historia o feito relevante.

Emquanto proliferava, ao redor de S. Vicente, o rebanho bovino, trazido, em 1534, por ordem de D. Anna

(15) Southey — *History of Brazil*.

Pimentel, consorte do Donatario, e procurador delle, os povoadores de Assumpção nutriam-se apenas do que lhes fornecia a abundante lavoura indigena.

Mas frequentavam-se os dois povos, atravez dos sertões que lhes impediam o intercambio.

De uma feita, em S. Vicente, encontraram-se o capitão Salazar, que vinha da Espanha, e Melgarejo, proveniente de Guaira, cujo embarque foi impedido pelas autoridades vicentinas.

Jornadeariam, juntos, com suas familias, rumo de Assumpção, obscuramente, como qualquer viajante da época, si não se tivessem associado aos filhos de Luis de Góes, povoador da villa de Martim Affonso, de nomes Cypriano e Vicente, que lhes deram relevancia á expedição.

Emprehendedores, conduziram a primeira boiada, bem modesta, em verdade, com que se deveria iniciar a pecuaria no Uruguay.

Eram sete vacas e um touro, confiados ao vaqueiro Gacta 'que llegó con ellas á la Asunción con grande trabajo y dificultad solo por el interés de una vaca, que se le señaló por salario, de onde quedó en aquella tierra um proverbio que dice : *son más caras que las vacas de Gacte*'.

Ao commentar este passo, Angelis confirma a primazia, attribuida aos irmãos Góes, como implantadores da pecuaria no Paraguay, embora descontando os exageros do deão Funes, que lhes ampliou a influencia da iniciativa por toda a região platina''.

Quanto á introdução do gado na margem oriental do Rio Uruguay, estudos de Caviglia e outros attribuem-na a Hernandarias, que, em 1608, teria ahí formado sua estancia. Outros attribuem-na aos Jesuitas, que fundaram suas missões no actual Rio Grande, em 1618. Como quer que seja, a existencia de abundante gado na região do Sul e os preços elevados que alcançaram na Capitania de São Paulo justificavam o fomento de seu

commercio e o seu transporte pela costa, até ao porto de Laguna e dalli o seu embarque até os portos de Santos, Iguape, Paraty e Rio de Janeiro.

Antes de existir na parte oriental do Continente de São Pedro qualquer rucleo de povoação, que só se fundou em 1725, havia um frequente commercio de gado entre os habitantes primitivos das terras do Rio Grande e os moradores de Laguna. Esse commercio era autorizado e mesmo recommendado pelo governo da Capitania de São Paulo, que estendia a sua jurisdicção por todo o paiz até o Rio da Prata. (16)

O acto do governo de São Paulo, de 17 de Janeiro de 1725, demonstra que o commercio de animaes com os indios constituia ja uma seria preocupação para os homens de negocio da Colonia. (17)

Encontramos, ainda em 1725, o bando de D. Rodrigo Cesar de Menezes permittindo o transporte de gado vaccum do sertão de Curityba e dos campos de Vaccaria para a zona de mineração. (18)

(16) General Botges Fortes — *Christovam Pereira*.

(17) Bando do Governador de São Paulo, de 17 do Janeiro de 1725:

"E quando assim os Indios como os castellhanos daquella Pampa vierem ás Povoações com gados, e cavalladuras os moradores os tratarão com todo o carinho para que o negocio seja franco e quando se quizerem retirar se lhes não prohibirá a fazerem-n'o, salvo havendo presumpção certa que possa ser prejudicial a sua retirada e nessa forma serão represados.

Tambem poderão ir á Ilha de Santa Catharina commerciar com aquelles moradores levando os seus gados pelos campos daquelles districtos porque assim se poderão fazer nas companhias muitas carnes seccas para se transportarem para todos os portos, do que se segue a utilidade á real fazenda, e bem commum, e como na dita Ilha é a barra mais franca com mais facilidades se poderão carregar nas embarcações não só carnes, mas bestas muaras e por meio destes commercios se conservará a amizade dos Miananos com os Portuguezes".

(18) Bando de D. Rodrigo Cesar de Menezes, Governador da Capitania de São Paulo, permittindo o transporte do gado vaccum, do sertão do Curityba e dos campos de Vaccaria para as minas de Cuyabá.

(8 de Novembro de 1725)

"Por ser conveniente ao real serviço do V. Mage q' Ds. go., e ao aunto, das novas Minas de Cuyabá, meter se nellas gados vaccums pa. sustento dos Mineiros, e mais pessoas, q' se acharem naquella descobrimento, de q' tambem resultará grande conveniencia nos moradores desta capania, q' se quizerem mandar, ou levar, pa. as das Minas de Cuyabá, o por me constar, q' nesta dita

Para attender ao incremento do commercio do Sul,urgia a abertura de um caminho por terra, unindo os campos do Rio Grande á grande zona consumidora. Foi a paulista Bartholomeu Paes de Abreu quem primeiro propoz ao governo, mediante determinadas mercês, ligar São Paulo ao Rio Grande. Não apoiado pelo governador Rodrigo Cesar de Menezes, somente em 1727 tal commettimento poude ser levado a effeito por Francisco de Souza Faria, quando do governo de Antonio Caldeira da Silva Pimentel.

Outorgou-lhe este governador apoio e favores; e, com o auxilio de Christovam Pereira, subiu Faria pelo Valle do Araranguá, rompendo, com grandes difficuldades, a Serra do Mar, e encontrando, nos campos de Lages e São Joaquim, pastos admiraveis, com grande porção de gado ahí lançado pelos Tapes, das aldeias jesuíticas. Em 1730, alcançou Faria os Campos de Curityba. Nessa região, explorada pelos Paulistas que iam alli á cata de ouro, desde meizados do seculo XVIII, Gabriel de Lara fundára, em 1614, a Villa de Curityba.

Foi ainda Christovam Pereira, quem retocou a estrada e levou por ella a primeira tropa que chegou a São Paulo em 1733.

Sul de Matto Grosso

Nos campos de Vaccaria, no Sul de Matto Grosso, a criação do gado bovino, originario das estancias dos missionarios paraguaios tinha assumido um grande desenvolvimento. Delle tambem lançaram mão os Paulistas.

capitania, ha varios moradores q' tem curras de gado no Certão da Villa de Curityba desta Comarca, donde se podem conduzir, pa. as ditas Minas de q' he resultario grandes utilidades, e poderá fazer toda a pessoa q' quizer ao tempo q' lhe parecer mais opportuno, e tambem poderá a Mauçar, e conducir de paragem chamada Varzea gados, pa. as ditas Minas sem se lhe pôr impedimento algum".

Estabeleciam-se, assim, as correntes commerciaes de gado pelo interior do Brasil, funcionando a zona de mineração como um providencial élo de interesses economicos, unindo, pelo sertão, os homens do Norte, do Centro e do Sul.

Foi essa mineração que tambem provocou o rapido crescimento da população brasileira, que, em um seculo, decuplicaria.

Com a occupação definitiva da Capitania de São Pedro e dos campos da Colonia do Sacramento, registou-se ainda um facto, que bem demonstra a relevancia dos factores economicos. Devido ao clima, aos pastos e ás facilidades de locomoção, o gado se desenvolveu nos campos do Sul, ainda mais facilmente do que no Norte. O preço da carne, na costa Nordestina, sempre foi elevado. (19).

Tal circumstancia permittiu o desenvolvimento das industrias de xarque, nas regiões sulinas para o supprimento, por via maritima, das populações litoraneas do Centro-Norte brasileiro. No Norte, já era conhecida a carne de sol, carne secca ou carne de vento, particularmente nos sertões do Ceará. Passaram a consumir em grande escala a carne de xarque, preparada com sal e de maior duração que aquella.

As leis economicas foram, assim, delimitando, dentro das fronteiras brasileiras, as zonas de preponderancia de gado e de melhor carne bovina. As difficuldades de transportes e o augmento de população promoveram, tambem, a fundação de fazendas de criar nas Capitánias de Minas Geraes, Matto Grosso e Goyaz, regiões

(19) Em 1654, no Maranhão, a carne era vendida a 40 réis a libra, obrigando-se a Camara a ficar com a que não era vendida.

Ora, isso representa cerca de 90 réis (o kilo, ou sejam cerca de 68000 em poder acquisitivo de hoje.

Em 1670, a carne baixou a 30 réis; em 1687, a 20 réis, em 1688 a 18 réis que representam cerca de 15500 valor de hoje.

Em 1727, o preço em São Salvador era de 640 réis a arroba, ou sejam mais de 25000 em valor actual.

que passaram, com o correr do tempo a ser fornecedoras do gado em pé para o consumo dos grandes centros populosos, Rio de Janeiro e São Paulo.

No commercio bovino, como na hegemonia economica do Paiz, perdia o Norte a sua predominancia inicial. O commercio do couro e os niveis de preço de gado reflectiam, de seu turno, tal alteração.

Preços do gado bovino

No seculo XVI os primeiros bois valiam, na Babia, 100\$000, normalizando-se, depois, os preços para 10\$000 a 12\$000 por cabeça, ou sejam quasi 2:000\$000 em valor acquisitivo de hoje; e em Pernambuco o dobro, tal a procura que havia pelos engenhos (Warden).

Em 1618, nos *Dialectos das Grandezas do Brasil* se lê que no Norte uma vacca valia de 4\$000 a 5\$000; um boi de carro de 6\$000 a 7\$000 e um boi já feito de 12\$000 a 13\$000, valores que, multiplicados por 228, coefficiente de correção para o poder acquisitivo de hoje, representam:

| | | | | |
|----------------|------------|--|-----------------|------------|
| 4\$000 | 912\$000 | | 7\$000 | 1:596\$000 |
| 5\$000 | 1:140\$000 | | 12\$000 | 2:736\$000 |
| 6\$000 | 1:368\$000 | | 13\$000 | 2:964\$000 |

Esta informação confirma a de Warden, para fins do seculo XVI. No entanto, nas mesmas épocas, em inventarios paulistas, verificámos que uma vacca valia 1\$000 e um boi capado 2\$000, isto é, a quinta ou sexta parte do valor do gado do Norte. (*)

(*) Com o surto mineralizador de fins do seculo XVII, subiram notavelmente os preços dos animais domesticos em S. Paulo. Assim os cavallos e eguas passaram de 3.000 a 1500 rs. a 10 e 5.000 réis, segundo nos revelam os livros da mordomia do Mosteiro do S. Bento, paulistano. Os bois quintuplicaram de preço segundo se deprehende das Actas das Camaras de S. Paulo, de principios do seculo XVIII. (Nota do Dr. A. de E. Taunay).

Em 1711, segundo Antonil, uma rez ordinaria valia, na Bahia, de 4\$000 a 5\$000 ; e nas Jacobinas, centro de feiras de gado, valia de 2\$500 a 5\$000, representando isto 200\$000 de hoje, para a rez ordinaria, 350\$000 para os bois.

“Porem nos curraes do Rio de São Francisco, os que têm maior conveniencia de venderem o gado para as Minas, o vendem na porteira do curral pelo mesmo preço que se vende na cidade.”

Era pequena a differença quanto ás boiadas de Pernambuco e do Rio de Janeiro.

No entanto, em 1700, na zona de mineração, chegou-se a pagar 100 oitavas por um boi, o que representa mais de 50 libras esterlinas, ou sejam cerca de 10 contos de reis em poder aquisitivo de hoje.

Em 1768 já valia o boi na Bahia de 3\$200 a 4\$000, segundo carta do Marquez de Lavradio, o que representa 160\$000 em poder aquisitivo actual.

Em 1800, em Goyaz, valia o gado 4\$800 quando vendido para regiões do Sul e 1\$500 quando vendido para regiões do Norte !

Nessa mesma época, já era muito abundante o gado no Rio Grande do Sul, onde, nas estancias, o preço da rez girava em torno do mil réis (50\$000 de hoje).

Em 1828, Luiz d'Alincourt, no seu recenseamento economico de Matto Grosso, registava, para o custo de um boi gordo, de 4\$800 a 6\$000, e se comprado directamente na fazenda, de 2\$400 a 3\$000. Uma vacca, de 2\$400 a 3\$000, mas, nas fazendas, 1\$700. Um boi manso de carro, 7\$200.

CAPITULO VIII

AINDA A PECUARIA. SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO UNITARIA DO BRASIL

SUMMARIO

Raças, pastos e climas ; preços de gado no periodo colonial. Numeros e valores. Epoca do couro no Sul. O commercio do couro. A importancia excepcional do artigo no seculo XVIII. Processos de preparo, typos de exportação e preços. A concorrência argentina. A fundação da Colonia de Sacramento estimulada pelo commercio do couro. A pecuaria e a sua influencia no traçado das fronteiras meridionaes. O gado cavallar e muar. Hostilidades régias contra o emprego do gado muar. Tropas, tropeiros e sua accentuada actuação na formação economica do interior do paiz. As feiras de gado. A Feira de Sorocaba. O sal. A possivel influencia de sua distribuição geographica na expansão da pecuaria. O estanco, a carencia do sal e suas repercussões economicas e sociaes. A pecuaria na formação economica brasileira. A existencia no "hinterland" de intensas correntes commerciaes de gado. Sua contribuição para a criação de uma infraestrutura economica unitaria. A interferencia dos paulistas.

Raças, pastos e climas

O gado colonial originou-se das raças da Península ibérica, trazidas pelos Portuguezes, accrescido dos contingentes do Vice-Reynado do Perú, via Paraguay, dos da região platina, via Missões, Colonia do Sacramento e, finalmente, da contribuição hollandeza e franceza, durante a permanencia destes europeus no Brasil.

Dos cruzamentos livremente realizados, numa verdadeira confusão zootecnica, se fixaram, no emtanto, principalmente em função do clima e natureza dos pastos, alguns typos nacionaes.

Apontam os technicos como caracteristicos o caracú, o franqueiro ou pedreiro, o curraleiro, o bruxo, o mocho e o pantaneiro ou cuyabano.

Todos esses productos são resultados de uma transacção entre os cruzamentos dos primitivos especimens, com as condições climatericas e a natureza das forragens. Não houve o trabalho de selecção ou de apuração da raça mais apropriada ao meio, o que concorreu para a sua facil degeneração (1).

Não obstante as correcções de altitude e a boa qualidade de muitas pastagens naturaes, a geographia economica nos ensina que as regiões sulinas são as mais propicias ao desenvolvimento do gado bovino de córte, o mais procurado nos grandes centros consumidores.

(1) Para o estudo dessa origem, processo de selecção e fixação do gado nacional, natureza de climas e pastagens, que fôge á alçada desta cadeira, vejam-se, entre outros, os trabalhos do professor Octavio Domingues, São Paulo, 1929; professor Nicolau Athanaseof, São Paulo, 1910; Antonio da Silva Neves, 1917, Sociedade Nacional de Agricultura; Dr. Mario Moldenado, São Paulo; Dr. Urbino Vinnao, Rio, 1927; Virgilio Correia Filho, Matto Grosso.

No caso brasileiro, contribuíram, ainda e decisivamente, para o predomínio pecuario do Sul sobre o Norte, o apparecimento da mineração e o declinio da industria assuearcira.

No Sul, em zona temperada, o gado poude ser continuamente melhorado pela importação de especimens seleccionados dos climas temperados, em que a criação alcançou um grande adeantamento. A's mais vantajosas condições mesologicas, juntaram-se as possibilidades da continua melhoria pela actuação do homem.

A evolução do commercio dos couros teve marcha semelhante. Os do Sul começaram a surgir, fazendo concorrência victoriosa de preço e qualidade aos do Norte, e influindo, talvez imperiosamente, na expansão para o Sul, resolvida pela Corôa portuguesa.

Epoca do couro no Sul

A região austral experimentou, como a do Norte, a influencia da abundancia do couro em todas as actividades dos seus colonisadores.

Contreiras Rodrigues, em seu valioso trabalho sobre a *Economia Colonial*, (2) faz a proposito as seguintes considerações: "quando começou a occupação do Rio Grande, procedente de Laguna e de origem paulista (1715) com João de Magalhães e Francisco de Brito, seu sógro, já estava o extremo Sul do país povoado de gado vaccum e cavallar, sobretudo na campanha pertencente ao Sacramento e nas estancias e vaeearias ligadas aos Sete-Povos. Nas estancias estavam os ro-

(2) Contreiras Rodrigues, *Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial*.

E' um estudo consciencioso e erudito sobre varios aspectos da nossa sociedade e economia até o seculo XIX

deios de gado costeados pelos trabalhos da Indiada, em pastorejos, tropeadas e mangueiras. Esta palavra deriva precisamente de manga ou da taipa, em forma de espiral, com a entrada bem ampla, que construíam os campeiros, quando pretendiam agarrar e domesticar as pontas de gado bravo da circunvizinhança. Na manga o encerravam todos os dias até perder a querencia dos banhados e matos e agarrar nova querencia em campo limpo.

Mais tarde a espiral foi substituída pelo círculo perfeito com uma entrada ladeada de duas linhas rectas convergentes a ella, em forma de angulo muito aberto. Estas linhas conservaram sempre o mesmo nome de *mangas*, e o círculo adquiriu a denominação de *manguçira*. Isto nas estancias, onde se queria o gado manso; mas nas vaccarias, elle se conservava alçado e sem dono. Já nesse tempo a vacca de Gaeta se tinha multiplicado aos milhões. 'Os campos não têm fim, diz Simão de Vasconcellos, o numero de gado são milhões, donde só pelos coiros se mata, e se carregam muitos navios delles, deixando a carne por inutil'. No dizer deste chronista houve tambem no extremo Sul a idade do coiro. Não é exaggêro affirmar que essa época do coiro no extremo Sul começada com a fundção da Colonia do Sacramento (1680), dominando a colonização jesuitica das Missões, passou á civilização portugueza destas regiões, no terceiro seculo, e prolongou-se até fins do IV seculo da existencia do Brasil. De 1680 a 1880, nas estancias do Sul, desde as vaccarias do Matto Grosso até as vaccarias do Rio Grande e do Sacramento, cosia-se a existencia com tentos de coiro. Tectos de macega, ou de Santa Fé, apertados com coiro cru, portas e janellas de coiro, bancos e cadeiras de coiro, botas de coiro cru de garrões de animaes cavallares sacrificados só para isso, os correames, os arreios, as camas, as pirogas de passar os rios que não davam vau, és quaes

chamavam de *pelotas*, segundo attestam hoje os nomes de dous rios — Pelotas — que interceptam a primitiva estrada dos tropeiros e dos guerreiros daquelles recuados tempos, o rio que liga as lagôas Mirim e dos Patos e o rio Uruguai na sua parte mais alta. Faziam os campeiros uma armação de madeira, em forma de semi-circulo e bem adaptado a ella seccavam o coiro de uma rês, que supportava perfeitamente o peso de um homem com os arreios. Atirava o campeiro o seu cavallo ao rio, e preso ao rabo fazia-se rebocar pelo bucefalo resfolegante até a margem opposta. E' facil de imaginar o spectaculo barbaro de um exercito ou de uma tropa nesse transe. Bahus de coiro e até obras de arte primorosas de coiro crú”.

O commercio do couro

Nessa época em que o animal era o principal vehiculo de transporte, em que a vida urbana era diminuta, fazia a população rural grande consumo do artigo, em multiplas utilidades. Não se conheciam então tecidos impermeaveis, papelões e outros productos que eram suppridos pelo couro.

No Brasil exportaram-se couros e pelles durante todo o periodo colonial. Segundo Antonil, o couro em cavallo, valia, em 1710, 50% do preço do boi. Aqui, alem dos usos mais conhecidos, era ainda o artigo empregado, em larga escala, para encourar o rolo de fumo destinado á exportação e, mais tarde, foi utilizado para o fabrico de surrões para acondicionamento do assucar e outros productos. Negociavam-se couros salgados, seccos, atanados e meios de sola.

A sua procura era tão intensa e tão grande movimento teve a criação nas regiões platinas, que alli, antes do estabelecimento da industria do xarque e dos moder-

nos frigorificos, matava-se o gado só para o aproveitamento do couro.

Antonil (1711) dá o orçamento do preparo do artigo curtido e o custo final do meio de sola posto em Lisboa :

| | |
|-------------------------------------|--------|
| Vale cada couro em cabelo | 2\$100 |
| De o salgar e seccar | \$200 |
| De o carregar ao cortume. | \$040 |
| De o cortar. | \$600 |

Importa tudo. Rs. 2\$940

| | |
|--|--------|
| Hum meio de sola vale | 1\$500 |
| De o carregar á praia. | \$010 |
| De frete do navio. | \$120 |
| De descarga para a alfandega | \$010 |
| Por todos os direitos | \$340 |

Importa tudo. Rs. 1\$980

Os meios de sola, que ordinariamente vão cada anno do Brasil para o Reino, importão no seguinte :

| | |
|--|-------------|
| Da Bahia, cincoenta mil meios de sola a 1\$980 reis. | 99:000\$000 |
| De Pernambuco, quarenta mil meios de sola a 1\$750 réis | 70:000\$000 |
| Do Rio de Janeiro e outras Capitánias do Sul, vinte mil meios de sola a \$640 reis. | 32:800\$000 |

O que tudo importa em Rs. . . 201:800\$000

Verifica-se, desse orçamento, que os direitos reaes representavam mais de 20% sobre o couro curtido e, portanto, mais de 30% sobre o couro em cabelo.

Não tardou que os platinos viessem fazer concorrência, no Rio de Janeiro, ao couro nacional. Accorreu, solicito, o Governo portuguez em defesa do Erario Real e um alvará de 1680 prohibia o consumo de sola no Brasil que não fosse fabricada dentro do Reino. E' de supor que a abundancia e o baixo preço do artigo, na Baía do Prata, tivessem tambem influido no animo real para a installação da Colonia do Sacramento, nesse mesmo anno.

Todas as fazendas de criar pagavam dizimos de accordo com a sua importancia e produção. Na nova Colonia do Sacramento, a maioria dos couros exportados, era, porém, proveniente de gado bravo caçado nos pampas, quando não do contrabando das possessões hespanholas para alli levados pelos indios. Escapavam assim aos dizimos; dahi a solicitude do Governo Real creando, em 1699, os quintos do couro da Colonia do Sacramento, e determinando que todo o artigo alli produzido fosse exportado para o Rio de Janeiro. Nesse mesmo anno lançavam-se novos impostos sobre os couros importados de Buenos Aires.

Em 1702 é adjudicado o contracto das vendas dos quintos dos couros reaes por 6 annos a 60.000 cruzados annuaes, mais de 1.000 contos de reis em poder acquisitivo de hoje.

Em 1729 já o couro valia menos e a adjudicação foi feita na base de 500 réis, cruzado e quarto, por peça exportada.

Em 1705, o contracto dos quintos dos couros era arrematado pelo tropeiro Christovam Pereira de Abreu. Em 1732 o ajuste estabelecia 550 réis por couro de boi e 400 réis pelo de vacca ou novilha.

Em 1747 as rendas dos quintos dos couros da Colonia do Sacramento subiam a mais de 40.000 cruzados annuaes.

Em 1758, por decreto de 8 de Abril, prohibiu-se o despacho nas Alfandegas de "solas e atanados fabricados fóra desse Reyno", sob a allegação de que as prohibições anteriores relativas ao uso de sola estrangeira não estavam sendo devidamente cumpridas.

O commercio do couro brasileiro continuava importante. Em 1759 a frota da Companhia de Commercio do Pará-Maranhão levava :

| | |
|---------|-------------------|
| 171.000 | meios de solas |
| 96.640 | couros em cabello |
| 29.000 | atanados. |

O valor approximado desse carregamento seria de 200.000 mil libras esterlinas, correspondentes a mais de 40.000 contos, poder acquisitivo actual. Nesse carregamento incluíam-se principalmente artigos de outras Capitánias e a produção de mais de um anno.

O alvará de 14 de Abril de 1757 constitue ainda uma demonstração da attenção que esse commercio estava merecendo da metropole; essa ordem real estabelecia limite de fretes para o Reino; "sem differenças de portos". Da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, os maximos deveriam ser :

| | |
|-----------------------------|----------|
| Para couro em cabello. . . | 300 réis |
| Para atanados | 400 réis |
| Para meio de sola | 200 réis |

Em 1761 um decreto real procurava favorecer a exportação desses artigos para o exterior, isentando-os de direitos de entrada e de sahida.

Em 1766 os fretes para os Reinos foram reduzidos para :

| | |
|-----------------------------|----------|
| Couro em cabello e atanados | 250 réis |
| Meio de sola. | 150 réis |

Preparo e Exportação

Roland de La Platière, em interessante trabalho publicado em Paris, em 1790, faz uma analyse dos processos de criação de bovinos no Brasil, da preparação e commercio de couros aqui e no Prata.

Accentua que os couros do Norte eram de preferencia salgados, emquanto que os do Sul, Rio de Janeiro e Buenos Aires eram seccos, influencia talvez da carencia do sal no Sul.

Para seccal-o, depois de retiradas as patas, parte da cabeça e rabo, era o couro limpo, esticado, estaquado e exposto ao sól. O seu preparo requeria cuidados especiaes, visando a uniformidade na espessura e o aproveitamento da maior area; para transportal-o, dobravam-no ao meio, no sentido do maior comprimento; os couros salgados eram dobrados pelo lado interno e empilhados.

Da Bahia e Pernambuco, exportavam-se tambem atanados de vaccas e vitellas, principalmente para a Italia.

La Platière acha que no Brasil se curtia mal, empregando-se materia prima inferior. Elogiava a colla forte, feita na Bahia, com os residuos dos couros.

Em Portugal consumia-se o couro verde, sendo dalli re-exportado o brasileiro.

Couros seccos

Dos seccos, eram mais estimados os de Buenos Aires, melhor talhados e preparados; tinham o pello uniforme, ausencia de furos no pescoço e cabeça de pequeno tamanho. Esta ultima circumstancia era

valiosa, e explicava a desvalia de certos couros ; é uma parte que curte mal, e o couro, era vendido a peso.

O secco era, no emtanto, atacado por um insecto, a "Polilla" que morre nos climas frios. Offerecia ainda o risco de apparecer com furos, quando submettido ao banho de cal para perder os pellos : attribue-se tal defeito á possivel fervura ao sól de bolhas de sebo impregnadas no couro e que o destruia nesses pontos.

Rouen, Amsterdam e Flandres eram os principaes mercados para o artigo.

Rouen, porto distribuidor para a França, procurava peças de 32 libras (15 kilos). Amsterdam e Flandres preferiam-nas mais leves, de 27 libras, tendo em vista menor capital de movimento na exploração dos cortumes.

Valiam nessa epoca os couros seccos, em Lisboa :

| | |
|------------------------------------|------------|
| Peça na base de 32 kilos a 65 réis | |
| por libra. | 2.080 réis |
| Frete do Brasil. | 260 réis |
| Despezas de embarque. | 140 céis |
| | <hr/> |
| | 2.480 réis |

Couros salgados

Nessa especie, os mais afamados eram os de Pernambuco. Procuravam-se os mais pesados, bem descarnados, sem patas compridas, bem espessos e de bom pello. Negociavam-se por peças, sendo a Italia, Flandres e Hollanda os seus melhores mercados. Em Rouen, consumia-se pouco desse artigo, do qual exigiam o peso minimo de 31 libras.

Seu preço, no Brasil, era de :

2.300 a 2.400 réis, peça de 31 a 32 libras.

Em Lisboa :

| | |
|---|------------|
| Valor posto a bordo em porto brasileiro | 2.350 réis |
| Frete | 260 réis |
| Despezas de reembarque | 160 réis |
| | <hr/> |
| | 2.770 réis |

Os couros seccos eram mais baratos pela maior abundancia oriunda da criação argentina. Os salgados, quasi só brasileiros, tinham menor producção. Havana offercia couros salgados de peor qualidade que os brasileiros.

Do Brasil se exportava muito couro secco pelo porto do Rio, originario, em boa parte, do Rio Grande.

La Platière attribua ao Brasil uma exportação annual de 100 mil peças. E' pouco. O balanço do commercio do Reino de Portugal, para o anno de 1777, que a Bibliotheca Nacional possui, em manuscrito, (1.13.2.52) accusa uma exportação de 288.069 peças, valendo acima de 561 contos de réis, ou sejam, mais de £-150.000. Já mencionámos uma exportação de cerca de 200.000 peças em 1759.

Seja como fór, não será exaggerado avaliar-se em mais de £-100.000 annuaes a exportação do couro brasileiro durante o seculo XVIII.

Computando-se o consumo de carne no paiz, o uso do gado bovino como elemento tractor, o largo emprego industrial do couro e os aspectos sociais e politicos decorrentes da actividade pccuaria, comprehende-se o valor da contribuição annual e permanente dessa ex-

portação e os beneficos proventos que della resultaram para a formação politica e economica nacional (3).

A Colonia de Sacramento — As fronteiras meridionaes

Uma valiosa consequencia politica do commercio de gado, foi a definitiva integração de vastas regiões sulinas ao territorio patrio.

Em suas batida á cata do gentio, já frequentavam os Paulistas, desde o inicio do seculo XVII, e, talvez, desde fins do XVI, as regiões da Lagoa dos Patos. Ficou celebre a bandeira Aracamby, em 1635. Em 1660, fundou-se a villa de São Francisco. Em 1675, occupou-se a Ilha de Santa Catharina e, em 1676, Domingos Brito Peixoto fundou Laguna. A occupação desses portos se deve, principalmente, á necessidade da expulsão definitiva dos flibusteiros, que se haviam installado numa faixa da costa não policiada, quer por Hespanhoes, quer por Portuguezes.

A preocupação da Corôa de manter a primazia no commercio de couro, alliada á de extender os seus dominios até ao Prata, levaram-na, deliberadamente, a fundar a Colonia de Sacramento. Para esse fim, D. Manoel Lobo contou com o apoio e auxilio dos Paulistas e dos Santistas.

O Governador de Buenos Aires, numa violenta investida, destruiu a Colonia, em 1681. Portugal, forte na Europa, exigiu a restituição da Colonia á Corôa Portugueza, e de 1682 a 1704 esteve ella incorporada ao Estado do Brasil, alcançando apreciavel desenvolvimento economico.

(3) Na "*Encyclopedie Méthodique*" encontramos um "*Tableau des Arts & Métiers qui ont les peaux et cuirs pour objet, et qui les emploient*", que resumimos no Anexo I, por offerecer uma ideia da larga applicação do artigo, na época, no continente europeu.

Retomada pelos Hespanhoes, foi de novo restituida a Portugal pelo Tratado de Utrecht, e de 1715 a 1762, exactamente na epoca do apogeu da mineração, esteve na posse dos Portuguezes. Nos campos que a ella ficaram incorporados, e que abrangiam grande parte da actual nação uruguaya, muito se desenvolveu a criação de bovinos e muares.

Em 1725, João de Magalhães fixou-se no Rio Grande do Sul com fazendas de criar. Dessa data em diante, estimulados pela procura sempre crescente de gado estabeleceram os Portuguezes duas cunhas de penetração: uma, partindo das margens do Patos, a outra, do Sacramento, visando a obtenção de maior area possivel e a incorporação á Corôa portugueza de novas terras de criar.

O tratado de Madrid, de 1750, as guerras do Sul de 1762 a 1777, o tratado de São Ildelfonso, de 1778, concorreram para que perdessemos a Colonia de Sacramento; mas, em compensação, ficaram integradas no territorio brasileiro grande parte do actual Rio Grande do Sul e grandes regiões do Centro e Norte do paiz.

A incorporação das missões jesuiticas da margem oriental do Uruguay, que deveria ser feita pelo tratado de 1750, e que motivou as guerras contra os Guaranyes, promovidas de 1753 a 1756 pelos exercitos alliados portuguezes e hespanhoes, só occorreu de facto, definitivamente, em 1801.

O fundamento economico da expansão no Sul foi, pois, o gado e a sua valorização, provocada pela mineração e pelo crescente consumo dos couros.

Para se aquilatar da importancia da Colonia de Sacramento, basta verificar os contractos de arrendamento dos quintos do couro. (4)

(4) No inventario dos documentos relativos ao Brasil, existentes no Archivo da Marinha e Ultra-mar, publicado por Eduardo Castro de Almeida, encontram-se successivas Cartas Régias dispondo sobre os pagamentos relativos a esses contractos.

As regiões do Sul tornaram-se as fornecedoras por excellencia do gado muar e cavallar, cujo mercado crescerã vertiginosamente com a industria da mineração.

O gado que partia dos campos de Sacramento, invernava, a principio nas immedições do Rio Grande e Pelotas e, depois, nas cercanias de Laguna, onde embarcava. Mais tarde, subia pela estrada de Araranguá e invernava nos campos de Santa Catharina e Paraná, antes de chegar a Sorocaba, a caminho das Minas Geraes. Posteriormente, usava o caminho directo do interior, a que ja alludimos.

Esse caminho atravessava os campos de Vaccaria, depositos de gado mandados fazer pelas Missões jesuíticas, onde era eriado á lei da natureza, servindo de reserva eventual ás necessidades das populações. Campos identicos foram encontrados ao Sul de Matto Grosso. De todos elles tiraram grande proveito os colonisadores portuguezes.

Gado cavallar

Nesse tempo, não havendo estradas de rodagem e escasseando os meios de transporte, o cavallo exercia relevante funcção na evolução economico-social. Dahi a preocupação da sua eriação no Brasil, onde representava o principal meio de conducção e o elemento indispensavel nas villas, nos engenhos, nas fazendas de criar ou no commercio de gado. A sua importancia ainda mais se avolumou com a penetração nos sertões do Nordeste, do Centro e do Sul.

Criavam-se cavallos em todas as Capitánias, principalmente no interior do Maranhão e Piauhy. Relatam as chronicas o grande apreço em que eram tidos os animaes de raça, pelos senhores de engenho.

Indispensaveis ás forças armadas, Portugal vinha tambem buscal-os aqui, durante o seculo XVII e parte

do XVIII, para as suas campanhas e montarias na Africa. Abundam as Cartas Régias incentivando esse commercio. Tornou-se obrigatoria a inclusão de cavallos na carga de todos os navios que do Brasil demandassem Angola. A Carta Régia de 14 de Dezembro de 1666, participando a victoria do governo de Angola, ordena que para alli se mandasse o maior numero possivel de cavallos. A de 16 de Setembro de 1688 ordena que os navios que sahisses do Estado do Brasil para o Reino de Angola levassem na razão de 100 toneladas de arqueação, 2 cavallos para os serviços das tropas. Cartas Régias e Provisões de 1706, 1707, 1712, 1715, 1719, 1720, 1721, 1722, 1726, 1753, 1754, repetem reiteradamente a recommendação de que não partisse embarcação alguma para Angola sem conduzir cavallos. A de 1726 determina que quando algum navio, por sua pequenez, não pudesse transportal-os, fosse obrigado o seu senhorio a conduzir, por sua conta, em outra qualquer embarcação, o cavallo que não coubera na sua.

Com a installação da nova Colonia de Sacramento, surgem tambem as Cartas Régias determinando a remessa para alli de grande copia desses animaes. (1694-1699).

A mineração. Tropas e tropeiros

A mineração ia promover a fundação das primeiras cidades no interior do Brasil. Pela natureza de sua industria, exigia a concentração de massas consideraveis de mineradores em determinados pontos. Dahi surgiram os nucleos de habitações, as villas e as cidades. A industria da criação, anterior áquella na occupação do interior do paiz, actuava, no emtanto, como elemento de rarefação de populações.

Essas agglomerações de mineiros exigiam vultosos transportes de artigos para os seus consumos e instal-

lações; na propria exploração das minas usava-se gado muar em abundancia e o transporte do ouro, com sua comitiva de guardas, incrementava a sua utilidade.

Accentuou-se, então, a vantagem do emprego das mulas surgindo a figura do tropeiro que, durante dois seculos, exerceria relevante função nas ligações de nosso interior, onde até hoje, em varios lugares, é o elemento indispensavel á manutenção das communicações.

Dos campos da Colonia do Sacramento, dos de Viamão, das Missões hespanholas, accorriam as tropas de muares, transportadas via Laguna. Em 1738, o grande tropeiro paulista, Christovam Pereira, que, tres annos antes, soccorrera militarmente a Colonia de Sacramento, na sua epica resistencia contra as acometidas hespanholas, abriu o caminho directo pelo interior, ligando os campos de Curityba, atravez das coxilhas rio-grandenses, até as margens do Prata.⁽⁵⁾

Partindo do Rio Grande do Sul, "das alturas de S. Antonio da Patru'ha declinariam para Oeste, por S. Francisco de Paula, pontas do rio das Antas, Vaccaria, primeiro passo do rio Pelotas (Uruguai superior) Lages ou vaccaria catharinense; e d'ahi em deante pelo caminho de Francisco Faria até o Iguazu e pelos campos de Paraná, seguindo, talvez, a trilha dos bandeirantes, ou pontos de Tibaji, Itararé e Sorocaba, o ponto terminal dessa viagem extenuante de dois mil kilometros mais ou menos ao passo das bestas. Iam esses pacientes tropeiros fazendo invernagens pelo caminho, nos pontos mais indicados. Antes de atravessarem a barra do Rio Grande, que deveria exigir enorme sacrificio aos animaes e depois de atravessarem tambem a nado o Pelotas do Sul; depois, outra invernagem na vaccaria rio-grandense, antes de atravessarem o Pelotas do Norte; depois, nos campos do Paraná, aprovei-

(5) General Borges Fertes — *Christovam Pereira*.

tando as aguas do Tibaji, e por fim em Sorocaba, a grande feira do terceiro e principios do quarto seculos da nossa vida de nação". (6).

O commercio de tropas no Sul tomou cada vez maior incremento, alcançando as boas mulas o preço de 12\$000, equivalentes a mais de 500\$000 em moeda de poder acquisitivo de hoje. Em consequencia, começou a perecer o commercio de cavallos e as fazendas de sua criação nos sertões da Bahia, do Maranhão e do Piauby sentiram logo a sua repercussão, não encontrando o fisco, no anno de 1757, arrematadores para os seus dízimos.

Surgiram os protestos dos criadores. A Carta Régia de 19 de Junho de 1761 procurou sanar bruscamente esse mal. Eil-a :

"Conde de Bobadella, Mestre de Campo, General dos Meus Exercitos, Principal Commissario e Plenipotenciario da Divisão dos Limites da America Meridional das partes do Sul, Governador e Capitão General das Capitánias do Rio de Janeiro e Minas Geraes. Amigo. EU EL-REY vos invio m. Saudar como aquelle que Amo. — Sendo-me prezente que pelo costume que de annos a esta parte se tem introduzido no continente do Estado do Brazil de fazerem os moradores delle os seus transportes em machos e em mullas deixando porisso de comprar os cavallos ; de Sorte que se vai extinguindo a criação delles ; por não terem sabida, em grave prejuizo de Meu Real serviço, e dos creadores, e Bem Commum dos lavradores dos sertoes da Bahia, Pernambuco e do Piauby. E attendendo ao que por elles me foi representado : Sou servido ordenar, que em nenhuma cidade, Villa ou lugar do Territorio dos vossos Governos se possa dar despacho por entrada, ou por sabida a machos ou mullas. E que antes pelo contrario, todos e

(6) *Contraire Rodrigues — Op.*

todas as que nelles se introduzirem depois da publicação desta, sejam irrimissivelmente perdidos e mortos pagando as pessoas em cujas mãos forem achados os sobreditos machos, ou mullas, a metade do seu valor, para os que os descobrirem. Nas mesmas penas incorrerão as pessoas que de taes cavalgaduras se servirem ou seja em transportes, ou em Cavallaria, ou em carruagens, depois de ser passado dum anno, que lhes concedo para o consumo das que actualmente tiverem já, sendo matriculados para se conhecerem. E para obviar as fraudes, que se podem maquinar contra esta Minha Real Determinação, Vos ordeno que logo que receberes esta, e depois de a fazeres publicar por Editaes affixados nos lugares publicos dessa capital, e das demais povoações dessas Capitánias: Passeis as ordens necessarias para que se faça hum exacto inventario de todos os machos e mullas que se achão nos districtos desses Governos com a declaração das suas idades e sinais para por elles serem confrontados os que de novo apparecerem; e se proceder na execução desta Minha Real Determinação contra as transgressões desta pela prova que rezultar das ditas confrontações. O que tudo executareis e fareis executar com a exactidão que de Vós confio. Escrita no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a 19 de Junho de 1761. (a) REY”.

Tão absurdas disposições não poderiam prevalecer por irem de encontro a irreprimiveis determinismos economicos. Cartas Régias de 1764 procuraram attender á reacção verificada, estabelecendo nas fazendas a obrigação de uma quota minima de criação de cavallos, estimulando, ao mesmo tempo, a de muares dentro das fronteiras portuguezas, difficultando a entrada dos de procedencia hespanhola. (7).

(7) *Anexos II e III.*

Era avultada essa importação, pois a criação nacional não suppria sufficientemente á crescente procura. (8).

Mas, á medida que se concentrava nas populações da zona de mineração, era natural que ali se fundassem estabelecimentos agricolas e principalmente fazendas de criar para attender ás crescentes solicitações de gado vaccum e muar.

Os Registos

Surgiu, então, outro aspecto da questão. Foram os protestos dos governadores das Capitánias de São Paulo, receiosos do decrescimo das rendas arrecadadas nos registos de Curityba pela passagem do gado muar, cujo commercio ameaçava diminuir com o declinio da mineração e com o estabelecimento da criação na propria região das minas.

A troca de correspondencia entre D. Luiz Antonio de Souza, Capitão Geral da Capitania de São Paulo e o Vice-Rei do Estado do Brasil, de 1769 a 1773, extractada dos "*Documentos Interessantes do Archivo do Estado de São Paulo*", elucida essa circumstancia(9).

(8) No admiravel "*Roleiro do Maranhão a Goyaz*", escripto entre 1770 e 1780 e publicado no volume 62 da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 18-20, á pagina 126:

"Os nossos Sertões, e mais Capitánias, assim do Sul, como do Norte, não podem fornecer ainda quanto as Minas carecem neste genero. Pelo Sul entrão de Hespanha muitas bestas muaras: os muarciros achando maior utilidade em so servirem dellas, as preferem nos nossos Cavallos, e de aqui se recebe a somma consideravel de ouro que passará a Hespanha, e o baixo preço em que estão pelo Sertão do Norte os Cavallos, como são os da Bahia, Pernambuco, Siará e Piauí.

Não se Pode duvidar, que para conducções excedem as bestas muaras nos Cavallos: mas tambem ninguem duvidará, que a utilidade, que as ditas conducções achão os Muarciros servindo-se de bestas muaras de Hespanha deve ceder á utilidade do estado, o qual pede, que não saia dele para mãos estranhas o ouro, o que dentro de si mesmo se promovia nos lugares mais convenientes, em quanto for necessario a creação deste genero tanto em huma como em outra especie".

(9) Anuevos IV, V, VI e VII.

Não obstante os receios manifestados pelo fisco, incrementou-se sempre a corrente de commercio do grande agente de transporte do interior do Brasil.

Mesmo após a independencia, houve varios annos em que a maior renda da Capitania de São Paulo provinha dos registos do Rio Negro, Guarapuava e Sorocava (10). Para se aferir da repercussão politica de tal commercio, basta citar que uma das causas apontadas para a Revolução dos Farrapos, em 1835, fôra a desses direitos de entrada do gado rio-grandense nas outras provincias, julgados excessivos, como de facto o eram, pelos criadores gauchos. (11).

Em todos os centros de commercio do interior, onde a distancia ou accidentado do terreno não permittiam o carro de boi, lá ia o tropeiro preencher a sua insubstituivel função. Avolumou-se de tal forma o commercio de mulas, que se instituiu a grande Feira de Sorocaba, cuja importancia culminou em principios do seculo XIX e onde se reuniam representantes do Norte, Nordeste, Centro e Sul brasileiros.

Outras raças e especies de gado

Assim como os bovinos, os equinos eram de origem peninsular, onde predominavam as raças gallegas, celticas, lusitanas e andaluzas, com evidente mescla de origem arabe.

Os asininos eram hespanhoes e africanos.

(10) No "Ensaio dum Quadro Estatístico da Provincia de São Paulo", organizado em 1838 pelo Marechal Daniel Pedro Müller, verifica-se que para uma receita presumivel (1835-1838) do Rs. 292.7013350, figuravam nos rubricas:

| | |
|--|------------|
| Novo imposto a renda dos animaes em Sorocaba | 22:0712210 |
| Carno verde e subsidio litterario | 10:1703142 |
| Contribuição de Guarapuava | 9:5865140 |
| Animaes no Rio Negro. | 31:5095330 |

Importaram-se tambem, na Colonia, os suinos, ovi-deos e caprinos, em todos predominando as raças ibericas.

Desse gado menor, o suino foi o que tomou maior desenvolvimento.

Feiras de gado

Graças á intensificação do commercio de gado e ao augmento das populações, a partir do seculo XVIII, foram surgindo varias feiras : de Sant'Anna, Currealinho e Candeúba, na Bahia ; Itabaiana e Brejo d'Area, na Parahyba ; Campos de San'Anna e São Christovão, no Rio de Janeiro ; Itapemirim-mirim, no Maranhão ; Treis Corações do Rio Verde, Bemfica e Sitio, em Minas ; Sorocaba, em São Paulo. Esta, a mais importante feira de gado em fins do Brasil colonial, foi descripta por Saint-Hilaire :

“Grande parte dos animaes muares da feira é trazida da provincia do Rio Grande. Essas tropas, mandadas de bestas bravas, põem-se em marcho nos mezes de Setembro e Outubro, epoca em que os pastos começam a reverdeser. Alguns negociantes fazem suas tropas viajar continuamente, chegando nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março. Outros deixam-nas se refazerem um anno inteiro nas proximidades de Lages, em Santa Catharina. Os negociantes de Minas compram em Sorocaba suas mulas e as conduzem ao seu paiz, onde fazem amansal-as. Ha annos que vêm 30.000 mulas do Rio Grande.

Este commercio proporcionava ao governo sommas consideraveis. Em 1820 pagavam-se 3\$500 por mula vinda do Sul. Dessa importancia, 1\$000, pertencentes

é provincia do Rio Grande, deveriam ser pagos no registo de Santa Victoria (margem do Rio Pelotas), na divisa da Capitania. Para facilitar o commercio, permittia-se que tudo fosse pago em Sorocaba. Em Santa Victoria, da -se aos negociantes permissão de passagem, recebendo estes uma guia em que se achavam registados o numero e natureza dos animaes, mediante a entrega de obrigações, tiradas em triplicatas, do valor do imposto. Uma dessas vias era enviada ao recebedor de Sorocaba outra ao governador da Provincia do Rio Grande, a terceira á Junta da Fazenda Real, em São Paulo, que deveria fiscalisar essa arrecadação, receber a do collecter de Sorocaba e liquidal-a com o governo da provincia do Rio Grande, por intermedio da Junta da Fazenda Real local. Dos 2\$500 restantes, 1\$250, os chamados 'direitos do contracto', eram arrendados cada tres annos. Os ultimos 1\$250 eram chamados 'direitos da casa doada'. Tinham sido originariamente outorgados a favor de quem havia aberto a estrada de São Paulo ao Sul. Mais tarde passou para a receita commum da provincia⁽¹²⁾.

Quando os animaes entravam em Minas Geraes, pagavam novos impostos”.

“As mulas, sendo, na maior parte do Brasil, os unicos meios de transporte, graval-as de tal maneira era por certo pouco favorecer o commercio e a agricultura, que, nesses paiz, necessita de tanto encorajamento”, commenta o sabio francez.

Réclus, depois de admittir que chegavam a se reunir 200.000 animaes na feira annual de Sorocaba, sali-

(12) “No Vol. II dos Documentos Historicos, publicados pelo Arquivo Nacional, ha uma Carta Régia, datada de 4 de Maio de 1747, dispondo que em remuneração de serviços, fez D. João V mercar ao coronel Christovam Pereira dainctado dos direitos que pagam os gados e onvaigaduras que entram na Capitania do São Paulo pelo registo de Curitiba, por tempo de doze annos, que seriam cobrados pela Provedoria de Santos, tributo que Christovam Pereira receberia trimestralmente”.

enta as palavras de Eduardo Prado sobre o papel que desempenhou na consolidação da unidade nacional, em virtude da reunião de interesses economicos e commerciaes, que logrou promover. A decadencia de Sorocaba é attribuida, por esse escriptor, ao apparecimento das estradas de ferro.

Aspectos da vida do tropeiro e do commercio de Sorocaba, no tempo da feira, são ainda focalizados por Abreu Medeiros, em suas "Curiosidades Brasileiras". (13).

O consumo do sal

O sal, elemento essencial para a alimentação humana e producto indispensavel para a criação, foi desde os primeiros tempos importado de Portugal. No entanto, os foraes concedidos por D. João III aos colonos e aos futuros moradores, nas varias capitancias, garantiam "a isenção para sempre de quaesquer direitos de cizas, impostos sobre o sal ou outros quaesquer tributos não constantes da doação do foral".

No periodo da guerra hollandeza, descobriram-se salinas em Mossoró e no Ceará. No Valle do Rio São Francisco, appareceram os barreiros salgados que poupavam aos criadores as elevadas despezas com o producto.

Na descripção do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas, de Mauricio de Heriarte (1662-1667), lê-se, na parte referente ao Maranhão:

"Só em Jaguapipora se conserva uma aldeia grande (de indios), de que he principal o Copaubá, que tem o cuidado de beneficiar umas grandes salinas, que estao no Maracaná, ou Guatapú, que dam quantidade de sal, que faz por conta de S. Magestade".

(13) Anexo X.

Segundo Soutomayor, a renda das salinas, no Maranhão, produzia 2.000 cruzados (primeira metade do seculo XVII).

Abi, sob a direcção dos Jesuitas, chegaram os indios a retirar cerca de 5.000 alqueires de sal.

Com o desenvolvimento da Colonia, começou a se tornar interessante para o Erario Real o monopolio de sal no Brasil e, a exemplo dos demais, o seu estanco era geralmente arrematado por contractadores, que se obrigavam a uma contribuição annual fixa á Fazenda Real.

A metropole "prohibiu que as aguas salgadas se fizessem secar, para com isso obter o sal, em prejuizo das marinhas de Setubal, da Alverca ou da Figueira. As primeiras prohibições dataram de 1665; mas a carta regia de 28 de Fevereiro de 1690 dispoz positivamente que, havendo Jacques Granate arrematado o contracto do sal para o Brasil, ficava neste paiz prohibida a factura delle, e até o aproveitar-se do que a natureza produzisse, coalhando-o em salinas ou lagôas. O contrato era tão lesivo aos povos que de meia pataca o alqueire, conforme se pagava antes, havia depois delle subido até a cruzado, o que era enorme, ainda tendo em conta a depreciação de valor operada no numerario. O resultado foi abrir-se mão dessa industria, tão natural para o Brasil (por demandar poucos braços e muito sol) que em alguns sitios, como em Cabo Frio, se apresenta elle fabricado por si mesmo". — (14).

Rodolpho Garcia, em uma de suas admiraveis anotações á obra de Porto Seguro, elucida :

"Em 1658 e seis annos seguintes fôra contratador no Rio de Janeiro Luis de Pina Caldas. Por cartas régias de 14 de Março de 1676 foi determinado que o sal não ficasse mais em contrato, mas por conta da fazenda

(14) Porto Seguro — *Historia Geral do Brasil*.

real ; e tomando-se depois nova resolução, se ratificou a Manuel Dias Filgueira a arrematação d'elle, em 28 de Julho de 1703. — Pizarro, *Memorias historicas*, 2, 155. Em 1727 Bento da Cunha Lima arrematou o que restava de um contrato anterior, e mezes depois, a 50.000 cruzados por anno, os seis annos seguintes a 1732. De 1744 a 1750 teve-c Luis de Abreu Barbosa a 90.000 cruzados annuaes. De 1750 a 1756 Balthazar Simões Vianna, por 49.000 cruzados. Em 10 de Outubro de 1755 se havia arrematado por seis annos a José Alvares de Sá ; mas em 7 de Março de 1758, pelo mesmo preço e tambem por seis annos, com tres associados. Em 1764 juntaram-se quatro socios, que o arremataram por outros seis annos, na razão de 41:005\$000. — conf. citado vol. II da 1.^a ed. desta Historia, ps. 289 — (G).>

E' no fim do seculo XVII que se inicia o movimento do rapido augmento da população do Centro-sul da Colonia, attrahida pelas minas e o crescente interesse pela criação. Como consequencia, registaram-se grande incremento no consumo do sal e a incapacidade dos contractadores de acompanharem a curva ascensional da sua procura.

Não obstante a renda já auferida com o estanco, a metropole viu, nessa procura do artigo, um incio de obter, por addicionaes, novas rendas de que carecia. O sal era artigo de grande consumo, facil tributação e arrecadação.

Surgiram os protestos dos povos e começaram tambem, parallelamente, a repontar os das Camaras das Capitancias (15). Com a insufficiencia da navegação, da-

(15) *Camaras Municipaes* — «João Francisco» Lisboa fez notar, ainda que se referindo especificamente ao Maranhão e Pará, a importância que assumiram na história do Brasil as câmaras municipais. Mas o mesmo se pode dizer em relação ás demais cidades do Brasil, e em especial do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Elas não só taxavam o preço dos salários e dos artigos de commercio, mas regulavam o curso e o valor da moeda ; estabeleceram providências sobre toda a actividade económica da colónia ; atreviam-se a impor ou a recusar tributos ; de-

vam-se ainda crises successivas de falta do producto, habilmente exploradas por atravessadores e pelos proprios contractadores.

Cartas Regias de 1698 a 1699 determinavam que, na falta da mercadoria, os officiaes da camara se entendessem com o administrador dos contractos de sal, para tirar o necessario das marinhas de Cabo Frio; o preço deveria ser arbitrado segundo sua qualidade, e de maneira que "os senhores das marinhas e o contractador tivessem algum lucro".

A abertura das minas nos sertões da capitania de São Paulo provocou a necessidade do guarnecimento e da fortificação do porto de Santos, para se evitar qualquer ataque de surpresa; creou-se, sobre todo o sal que por alli transitava, um imposto addicional de 1 cruzado por alqueire, destinado "às despezas da infantaria para guarnição da Fortaleza da Barra da Capitania de Santos" (1699).

Já existiam 160 réis de imposto para honorarios e soldo dos Governadores, cobrados em todas as Capitaniaes, elevando o preço do contractador de sal, de 720 reis o alqueire para 880 réis. Contra esse preço, representaram os officiaes da Camara do Rio de Janeiro, que o classificavam de excessivo "e prejudicial aos moradores e aos povos pobres e captivos que por sua carestia comem muitas vezes sem sal".

A essa carestia tambem se attribue o uso da cançica, cujo preparo dispensava esse condimento, como base da alimentação dos Paulistas.

liberavam sobre a criação e localização das povoações e sobre a paz ou a guerra com os indios; prendiam ou castigavam funcionários; faziam alianças politicas entre si; e, finalmente, chegavam a nomear e a suspender governadores. Só nas cidades, como a Baía e o Rio de Janeiro, onde residiu o governador geral esta suprema autoridade da colônia conseguiu preservar o seu poder e dominio das camaras *non sipsis*. O qual nas demais capitaniaes se fez sentir com preponderancia. Segundo Rocha Pombo, algumas camaras da colônia chegaram a tor em Lisboa representantes effectivos".

Crises de carestia

O artigo, que em 1651 era vendido no Rio de Janeiro a 320 réis o alqueire, rendendo o seu contracto, em 1664, 500 mil réis annuaes á Fazenda Real (valor que Salvador Correia de Sá arbitrariamente elevou ua... 1:200\$000 durante dois annos) passou, no seculo XVIII, a alcançar preços altissimos, tornando-se disputado o seu estanco.

Geralmente concedido por 6 annos, dadas as difficuldades de communicacões e a morosidade dos processos burocraticos, não podiam os contractadores nem a Fazenda Real prever, em suas clausulas, a procura ascensional que ia tendo o artigo nas Capitancias do Sul. Dahi, as crises successivas e a "miseria do sal" que ahi se verificaram; em algumas do Norte, em determinadas épocas, experimentou-se identico mal. Referindo-se á Companhia do Pará e do Maranhão, a de 1755, accentua Lemos Britto :

"Para elevar o preço dos generos importados adoptou o expediente de trazel-os sempre em quantidades inferiores ás necessidades do consumo. Dahi a situação do Pará e do Maranhão, onde faltou o azeite e se chegaram a temperar os alimentos com assucar, á falta de sal".

Na zona meridional, principalmente durante os dois ultimos seculos do regimen colonial, essas circumstancias estão reflectidas nas successivas representações das Camaras, nos protestos dos povos e mesmo em alguns actos de violencia.

São de tal ordem as manifestações de carencia do sal, que notaveis historiadores attribuem á sua inexistencia no Sul, o retardamento, ahi, da manifestação do cyclo da pecuaria. Na verdade, se o sal teve algu-

ma influencia nesse sentido, ella desapareceu diante da procura de gado por parte dos criadores, commerciantes e consumidores, a partir do seculo XVIII, que asseguraram o mercado consumidor, que é o factor dominante na formação da actividade economica.

Na época do assucar, a pecuaria tomou grande desenvolvimento junto á zona nordestina; na da mineração, a intensa procura manifestada no Sul venceu a carencia de sal, os obstaculos e os estancos reaes. A pecuaria teve, então, sua grande expansão, favorecida tambem pela natureza do clima e dos pastos.

A historia assignala a proeza de Bartholomeu de Faria, paulista de valor, natural de Jacarehy, que, em 1710, reunindo a sua escravaria e aggregados de confiança, partiu para Santos onde, de surpresa, assaltou os armazens de sal, vendendo-o ao publico pelo seu justo valor, de 1280 réis o alqueire, incluidos os 400 réis addicionaes do Erario Real; carregou como poude as suas tropas, pagou os contractadores o sal retirado áquella base e voltou serra acima, destruindo pontes e pontilhões para se pôr ao abrigo da tropa que, de Santos, partiu ao seu encalço.

A colonia, que chegara a pagar, no momento, até 20\$000 o alqueire do artigo, e mesmo 100\$000, 200\$000 e até 500\$000 em certas zonas de mineração, comprehendeu o gesto desesperado do illustre filho de Jacarehy; não foi este, contudo, o ponto de vista das autoridades do reino, que ordenaram a perseguição e a prisão do audacioso paulista "mesmo com alguma despeza da Fazenda Real".

A sua prisão só se effectuou 11 annos mais tarde; e foi ainda objecto de Cartas Régias, representações da Camara de Itanhaen, etc..

O custo do sal, em Portugal, segundo Balbi, deveria ser de 8 cruzados por moyo de 800 litros. Isso daria

5 réis por litro, ou sejam, 250 réis em moeda de poder aquisitivo de hoje — e 53 réis por alqueire, ou sejam 2\$650 de valor actual.

O sal em Santos já era, portanto, na base de 1280 réis, cerca de 25 vezes mais caro que em Portugal.

Na mesma época, e pelo mesmo motivo, houve na Bahia, um celebre motim, assim descripto por Porto Seguro :

“O ‘motim do Maneta’, teve lugar em virtude da elevação do preço do sal, que passou de repente de 480 réis a 720 e do augmento de 10 por 100 em todos os artigos de importação, que fôra pelo governo decretado, a pretexto de, com o producto, manter uma armada de guarda-costa contra os inimigos que infestavam os nossos mares. A’ frente dos sublevados, em geral constantes do vulgacho europeu, estava o juiz do povo, e um João de Figueiredo da Costa, alcunhado o *Maneta*. Enquanto o sino de correr (da Camara) tocava o rebate, os amotinados se dirigiram á casa do contrador do sal Manuel Dias Filgueira, homem opulento e faustoso, arrombaram-lhe as portas, e destruíam e queimavam quanto encontravam. Passaram á casa do socio Manuel Gomes Lisboa, se bem que mais modesto, não menos rico ; e de igual maneira ahí se conduziram”...

No “Inventario dos Documentos Relativos ao Brasil — existente no Archivo da Marinha e Ultramar”, de Lisboa, organizado para a Bibliotheca Nacional por Eduardo de Castro Almeida, encontram-se numerosas referencias ao commercio de sal nas varias Capitánias e em diferentes épocas. Em 1639 o Conselho Ultramarino⁽¹⁶⁾ se preocupava em assegurar a remessa do sal para o Rio de Janeiro a bordo dos navios da armada.

(16) Durante o regimen hespanhol, foi creada, em 1604, a imitação do Conselho das Indias, existente em Castella, desde 1524, o CONSELHO DA INDIA, composto de 1 Presidente, 2 Secretarios e 4 Conselheiros, dos quaes dois militares e dois letrados, um desses clérigo canonista. Todos os negocios do Brasil e de quasi todas as demais colonias eram administrados por intermedio desse tribunal, que foi extincto em 1614 e restaurado em 1642, sob o nome de CONSELHO ULTRAMARINO.

Em 1640, Salvador Pereira de Sá e Benevides, Capitão-Mór e Governador do Rio de Janeiro, pedia licença para levar sal, da Bahia para o Rio, onde es-casseava.

Em 1651, o Conselho Ultramarino autorizava o transporte para o Rio em navios da Suecia e de Hamburgo, tal a carencia dos meios de transporte portuguezes. Isso, em era anterior á da mineração. Avalie-se, pois, o aggravamento da crise no seculo XVIII tão salientada nas publicações dos "Documentos Interes-santes" relativas á Camara Municipal de São Paulo, a partir de 1700.

Reflexos em São Paulo

Em 1724, os contractantes de sal punham 6 mil alqueires (cada alqueire com 13,333 litros), ou cerca de 80.000 litros de sal, annualmente, em Santos. que contribuiam com 2:400\$000 para o imposto criado de de-fesa da cidade. Neste anno, pede D. Rodrigo Cezar de Menezes, Governador da Capitania de São Paulo, que se dupliquem as entradas do artigo, não só pela necessidade que delle existia como pelo augmento de renda que dahi resultaria para a Real Fazenda.

Em 1725 D. Rodrigo reclama contra a má execu-ção do contracto, sendo o artigo vendido a 4\$800 o al-queire. A provisão régia de 1728 fixa em 15\$20 o preço do alqueire em Santos. Em 1733, o Conde de Sarzedas faz constatar que os atravessadores, comprando sal a 1\$280 em Santos, o revendiam a 4\$800 a 6\$400. Nessa mesma época mostrava o Conde que os 8.000 alqueires do contracto eram insufficientes para as necessidades da Capitania.

Nesse mesmo anno de 1734, verificou-se um cutro-ucto de violencia contra o estanco, chefiado pelo pro-

prio juiz de fóra, em Santos, que levou os officiaes de justiça a forçar e abrir os armazens da alfandega, vendendo sal ao publico pelo preço legal. Desta vez, a Corôa não desapprovou o acto dessa autoridade, não obstante a representação do Governador de São Paulo.

Afim de pôr termo a esses atravessamentos, foi proposto á propria Camara de São Paulo que adquirisse todo o sal de que o povo necessitasse e o revendesse, fiscalizando, dessa fórmula, sua distribuição.

Em 1738 o contracto da Capitania de São Paulo já rendia 91.000 cruzados por anno, afóra o imposto adicional cobrado sobre a mercadoria em Santos.

Em 1766 consumia a Capitania 35.000 alqueires. Em 1775 o contracto do estanco era arrendado por 106.000 cruzados. Em 1796 verificava-se novamente a carestia do artigo, vendido de 3\$000 a 4\$000 em São Paulo e 20\$000 na Feira de Sorocaba, quando o contracto previa o preço de 1\$280.

Nesse anno a Camara ficou autorizada a vender o sal por miúdo. Em 1799 criou-se uma administração especial para a sua distribuição, e o artigo seria vendido por preços estabelecidos pela Camara. Já então as reclamações eram melhor ouvidas pelas autoridades reaes, que chegaram a mandar inquirir das Camaras, em documento interessantissimo⁽¹⁷⁾ qual a fórmula de substituir o imposto sobre o sal, que tantos danos causava, por outro sem prejuizo para o Real Erario.

Em fins do seculo, no contracto entre a Corôa e o arrematante do monopolio, estava estipulado que as Capitancias de Pernambuco, Cabo Frio e Rio Grande podiam fazer uso do sal que se encontrasse em seus districtos, não podendo, porém, ser o mesmo exportado, mesmo em quantidades minimas, para o Rio de Janci-

(17) Annexos XI e XII.

ro, Santos ou outras Capitánias. Em Matto Grosso, haviam sido descobertas as barreiras e as salinas do Rio Jaurú, que collocavam, em parte, esse Estado a salvo dos preços exorbitantes, que se attribuiam ao producto.

O alvará de 24 de Abril de 1801, ampliado pelos de 7 e 27 do mesmo mez do anno seguinte, e pelo de 30 de Setembro de 1803, aboliu o monopolio de sal "como vexatorio e cruel e como artigo de primeira necessidade que era." (18).

Havia durado mais de 150 annos. As crises e conflictos que provocou reflectem varios aspectos da evolução economica da Colonia.

A pecuaria na formação economica brasileira

Alongámo-nos, talvez em demasia, sobre varios aspectos da industria pecuaria nos tempos coloniaes, para melhor accentuarmos o salientissimo papel que desempenhou na formação economica brasileira.

Primeira retaguarda economica dos engenhos de assucar, promoveu nos seculos XVI e XVII, a occupação de uma vasta região do sertão

O avanço irregular dos limites bahianos e pernambucanos, por traz de outras Capitánias e pelo Valle do São Francisco, originou-se nas sesmarias concedidas para a criação, estimulada pela proeura de gado em São Salvador e Recife, os dois principaes mercados consumidores no primeiro periodo colonial.

Com a expansão para o Norte, formaram-se Estados como Piauhy e Maranhão, cujas lindes foram evidentemente subordinadas á occupação das planicies e

(18) Porto Seguro — *Op. cit.*

dos valles dos rios, pelas fazendas de criar e pelas concessões das sesmarias decorrentes dessa occupação.

O criterio geometrico da primitiva divisão de D. João III foi vencido, no interior, pelo determinismo economico.

No Valle do São Francisco, que se constituiu, na phrase de Capistrano de Abreu, "o condensador por excellencia da população sertaneja", encontraram-se os elementos paulistas com os que vinham do Norte.

Essa formação pastoril permitiria mais tarde o soccorro alimentar á industria de mineracão. Não sendo as suas reservas sufficientes e tampouco em situação geographica adequada para a sua dupla função, junto ás industrias assucareira e mineradora, soccorreram-se os Paulistas do gado do sul, criando ahí a grande procura, que ia justificar, economicamente, a occupação definitiva das regiões de Vaccaria, Matto Grosso, Campos Geraes de Curityba, Guarapuava, Vaccaria do Rio Grande, Viamão, Tapes e das Missões. Foi, portanto, o cyclo do gado o factor economico gerador da expansão sulina e da formação de nossas lindes meridonaes.

A principio, era o gado bovino o elemento principal, na industria pecuaria colonial. Seguiu-se-lhe o gado cavallar, de tão accentuado valor antes do apparecimento do vehiculo motorizado. Surgiram, enfim, no seculo XVIII, a tropa muar e a figura estoica do tropeiro, o grande assegurador dos meios de communicacão no seculo XVIII e XIX o que até hoje tão importante papel desempenha em varias regiões do Brasil.

Foi o gado o elemento de commercio por excellencia em toda a hinterlandia brasileira, na maior parte da phase colonial.

Industria muito mais pobre, relativamente, que a do assucar, apresentava, porém, uma feição caracteristicamente local, formadora de gente livre e com capitães proprios. A industria assucareira, com outra orga-

nização social, funcionava, em grande parte, com capitães da metropole, aos quaes eram attribuidos os seus maiores proventos. A produção da pecuaria e o seu rendimento ficavam incorporados ao paiz.

As suas feiras, entre as quaes avultava a de Sorocaba, exerceram uma função inconfundivel na formação da nossa infra-estructura economica unitaria, antes da Independencia. (19).

Se a industria mineradora originou o rapido crescimento da população e a construcção das cidades no interior, foi por intermedio da pecuaria e dos laços criados pelo commercio de gado bovino e cavallar, pelos transportes orgnizados pelas grandes tropas muares que se estabeleceram élos indestructiveis na unidade economica brasileira.

A pecuaria goza da faculdade peculiar de occupar grandes areas com pequena população; é uma industria extensiva por excellencia. Desapparecido o interesse da caça ao bugre, e extincta praticamente a mineração, foi a pecuaria que consolidou economicamente a

(19) A proposito da nossa these, formação da infra-estructura unitaria economica do Brasil na era colonial, explanada nesta e em outras conferencias, onviamos ultimamente a seguinte missiva ao "Correio Paulistano": "Sr. redactor. — O erudito publicista patriótico, dr. Affonso Arinos do Mello Franco, fez uma opportuna conferencia no Salão "Mendes de Almeida", em nossa Faculdade de Direito, sobre a "Unidade da Patria", que o seu conceituado jornal publicou, na integra a 20 de julho proximo findo.

Quando se refere á influencia do factor economico na formação dessa unidade, na éra colonial, o illustre conferencista adoptou o methodo objectivo e as linhas fundamentais de estudo, que sobre o assumpto, lançamos, ha cerca de um anno, no curso de historia economica do Brasil, da Escola Livre de Sociologia e Politica de São Paulo.

Muito nos desvanecemos ao verificar que essa orientação foi abraçada pelo jovem intellectual patriótico. A gentil referencia que fez nos nossos trabalhos, leva-nos, porém, a uma exploração supplementar. S. a. declarou:

"Recentemente, Roberto Simonsen, em estudo documentado e minucioso, que só pôde peccar, talvez, por excessivamente prudente, nos offerere a base minima de trezentos mil-lêes de libras para o valor da exportação do assucar colonial".

Tratando-se de uma avaliação feita entre nós pela primeira vez, — pois que todos os nossos historiadores limitavam-se a referir numerosos esparsos de arrobas exportadas em determinados annos, ou de engenhos installados em certos perio-

occupação de vastísimas regiões do paiz, as quaes, sem ella, teriam sido, talvez, condemnadas ao abandono. Foi ella igualmente que amparou as populações do Sul entre o fim da mineração e o advento do café.

Alargadas as fronteiras economicas, occupadas as vastas regiões dos sertões brasileiros, as economias e os capitães nacionaes estavam representados, em fins do periodo colonial, nos engenhos, na escravaria e na pecuaria. Foi a accumulção destes dois elementos, pela mineração, que facilitou a rapida expansão da cultura cafeeira, cultura esta que, por sua natureza especial, exigiria fartos braços e amplos meios de transportes.

Não se houvessem accumulado no Centro-sul brasileiro essas massas de gente e de gado, e não teriamos os elementos sufficientes ao desenvolvimento de outras actiuidades, á expansão da cultura cafeeira e ao reerguimento economico do paiz, na éra de reajustamento,

dos, ou, ainda, incidentalmente, citações do artigo em valor monetario da época — essa prudencia se impunha. Mesmo Antonil (1711) dando o *compto* da exportação de um anno, não avaliou o das épocas anteriores.

Para as conclusões a que chegamos, alinhamos, pacientemente, todas as informações que pudemos colher e, organizando nossos graphicos e tabellas relativos ao seculo XVII, deparamos, para o periodo auro do assucar, citações que nos pareceram em desarmonia com o numero de engenhos em actividade, e com certos elementos de verificação de que dispunhamos. Applicamos a esses allegamos, que reputávamos elevados, um coefficiente reductor, de segurança, de 50%.

Documentos que recebemos após a divulgação do nossas conferencias pela Escola de Sociologia, mostram que annuamos acertados.

De facto, os numeros que soffreram esse ajustamento foram, principalmente, os indicados por Burlamaqui (1882) e Ruffard (1884). Parece-nos agora, á vista desses elementos, que teriam chegado elles a esses elevados indices, provavelmente por terem multiplicado a exportação em caixas, na época em arrego, por 35 arrobas — capacidade adoptada por Antonil, quando no Brasil hollandes o peso habitual era de 20 a 24 arrobras.

As caixas, na éra colonial variavam, principalmente entre 20 e 50 arrobas. A referencia de Antonil é um algarismo médio para a época em que creceu.

Adoptando o coefficiente de 50% sobre os maiores numeros de Ruffard, ficamos, ainda, dentro da realidade — o que não teria acontecido se não agissemos com tal prudencia.

O conceito que nos mereceu o illustre conferencista e sua valiosa contribuição á idéa que reputamos sagrada — da "Unidade da Patria" — levara-nos a esta explicação complementar, que será, estamos certos, generosamente acolhida, por essa illustrada redacção. — Do patricio admirador o amigo obrigado.
— (A.) Roberto Simonsen. — São Paulo, 2 de agosto de 1937".

quando o declinio da mineração e a concorrência de outros paizes productores de assucar occasionavam a crise economica, nos fins do seculo XVIII.

O gado alcançava maiores preços nos mercados consumidores do Norte, até o terceiro quartel do seculo XVII; passou a valer mais nos centros consumidores do Sul, a partir da mineração.

Dentro do cyclo da pecuaria, tambem se manifestou, no Sul, a preponderancia economica do matuto e do gaúcho sobre o sertanejo e vaqueiro do Norte.

Na elaboração de todos esses factos economicos teve "magna pars" o expansionismo paulista, cujo estudo será objecto de nossas proximas conferencias.

ANNEXOS

I

Uso dos couros e pelles na Europa.

A *Encyclopedia de Artes e Manufacturas*, publicada em França em fins do seculo XVIII e de que existe parte consideravel na Bibliotheca Nacional, trazida por D. João VI, publica, em seu Tomo III, um quadro Geral das Artes e Officios que se relacionam com o preparo e uso das pelles e couros.

Por ahí se pode aquilatar da importancia consideravel dessa industria, numa epoca em que se não divulgára ainda o uso das machinas e em que não tinham surgido os varios substitutos para essa materia prima.

O quadro descrimina as Artes e Officios que se baseavam no emprego de pelles e couro, considerados em relação.

A — A' escolha dos materiaes.

B — A' propria natureza do officio.

C — A' sua administração e fiscalisação legal.

Traduzimos a primeira parte, relativa á classificação dos officios pela escolha dos materiaes :

A) Artigos não preparados ou que apenas receberam um primeiro tratamento :

- 1) Pelles de boi, vacca, bezerro, carneiro, cavallo, gamo, cabra, recebem um primeiro tratamento do..... *Curtidor*
- 2) Couros de vacca, veado, carneiro, sahindo do eurtidor, são utilizados pelo..... *Correçeiro*
- 3) Pelles de bode, cabra são empregados pelos *Marroquinciros*
- 4) Pelles de boi, vacca, cavallo, bezerro recebem diferentes tratamentos do..... *Surrador*
- 5) Pelles de lebre, coelho, gato, raposa e muitos outros animaes, cujo pello é conservado, assim como do bezerro, ovelha, carneiro, cabrito, cachorro, etc., dos quaes se tira o pello, recebem tratamento do *Preparador de pelles*
- 6) Pelles de carneiro, bezerro, cabra, porco, preparadas na eal, pelo preparador de pelles, recebem outros tratamentos do..... *Pergamineiro*
- 7) Couros de cavallo, asno ou mula após um primeiro tratamento recebem um espezial no..... *Granulador*

B) Artigos que já receberam diversos tratamentos :

- 1) Couros de boi, vacca ; pelles de bezerro, cabra, cabramontez, buffalos, marroquins, fazendas, linho e seda, cera e tintas são utilizados pelo..... *Sapateiro*
- 2) Pelles e couros, sabindo do curtidor, surrador, correceiro, marroquineiro, preparador de pelles, assim como fazendas, erinas, lã, pellos, nervos de boi, estopa e linhos, são empregados pelo..... *Selleiro.*
- 3) Pelles de javali, phoca, de bezerro curtida ou surrada, riscudilhos e passamanes para a guarnição são utilizados pelo..... *Bahuleiro*
- 4) Madeiras para montagens, pelles de touro ou carneiro, curtidas e surradas são necessarias aos *Fabricantes de Jolles*
- 5) Marroquins, pelles de touro surradas, pelles de carneiro, pergaminhos, papelão, papel, colla, barbante e fios são empregados pelo..... *Encadernador*
- 6) Pelles de gamo, veado, carneiro, sabindo do curtidor ou surrador passam para o..... *Pelleiro*
- 7) Pelles de cabra montez, cabrito, carneiro, gamo, veado, coelho, gato, etc., provenientes do curtidor ou surrador e pelliculas de ovelhas, preparadas pelo pelleiros, são empregadas pelo..... *Luweiro*
- 8) Buffalos, marroquins, pelles de touro curtida, seda tecida, pannos, galões, etc., são utilizadas pelo..... *Cinteiro*
- 9) Couros e pergaminhos são empregados pelo... *Criveiro*
- 10) Talas de madeira para montagens, couros, marroquins, pelles curtidas, pergaminhos, papelões e papeis são necessarios á arte do..... *Fabricantes de bainhas*
- 11) Arcos ou armações, pelles de touro, cabrito, lobo, jumento, preparadas pelo surrador e pergamineiro são utilizadas pelo..... *Fabricante de tambores*
- 12) Couros de cavallo, pelles de touro, baleia, junco, tripa, talas e madeira servem ao..... *Fabricante de chicotes*
- 13) Tripas de carneiro e outros animaes são utilizados pelo..... *Tripeiro*
- 14) Sobras de pelles, couros e pergaminhos dos surradores, pelleiros, e outros fabricantes, assim como pés, nervos-cartilagens, pelles das cabeças e das caudas de varios animaes, assim como barbatanas, partes nervosas e mucí-

laginosas de diferentes peixes são utilizadas para colla forte e colla de peixe pelo... *Fabricante de colla animal*

- 15) Farinhas de trigo, centeiro, e amidos necessarios á colla de farinha são tambem utilizados pelo *Fabricante de colla vegetal*

Na segunda parte a Encyclopedia estende-se no exame circumstanciado das actividades especializadas, distribuidas pela França e outros paizes, assim como na descripção das officinas, armazens, instrumentos, aparelhagens, operações e resultados do trabalho.

Na terceira, examina a administração geral e fiscalisação legal dessas actividades, as formalidades para recebimento dos couros, os direitos e pagamentos dos trabalhos effectuados, o controle e visitas domiciliaes, a fiscalisação da entrada e sahida dos productos do paiz, a legislação, etc.

Razão assistia, pois, a Capistrano, quando emprestou excepcional importancia á utilização do couro nessa etapa da civilisação humana — distinguindo ainda uma "idade do couro" — para o Brasil onde esse material era utilizado em roupas, moveis, utensilios diversos, arcaes, portas, embarcações, envolucros, etc.

II

Criação muar e cavallar

Conde da Cunha, Vice Rey e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil. Amigo. Eu EL-REY vos invio muito Saudar, como aquelle, que Amo. Tendo mostrado a experiencia a munta utilidade, que se segue ao commercio do Serviço das Bestas Muares, principalmente nas Comarcas das Minas, onde de anos a esta parte se tem introduzido para os transportes, e conducçoens das Mercadorias, com preferencia ás cavallares: Havendo destas nos sertoes da Bahia, Pernambuco e Piaulhy tão grande copia, que antes da introdução das Muares, só com a sahida que lhas davam para as Minas, se enriqueciam os Moradores dos referidos sertoes: Ao mesimo tempo que das Muares notoriamente mais utteis para o dito serviço, não tem havido até o presente a abundancia de que se necessita: Sou Servido inandar promover nesse Estado a criação das Bestas Muares, em utilidade dos Meus Fieis Vassallos, e em beneficio do Commercio, que nellas luera a facilidade e comodidade das conducçoens. E para acautelar que entregando-se inteiramente esses Moradores á criação destas Bestas, dezamparem de sorte a criação das cavallares, que venham então a faltar para os Viandantes e para a de Remonta das Tropas: HEY por bem, que os criadores sejam obrigados a terem ao

menos a Sexta parte de Egoas com seu cavallo, pena de lhes serem tomadas todas as Bestas Muares que tiverem de criação e de pagarem em dobro o seu valor tudo para quem os denunciarem, se assim não observarem. O que inteiramente areis executar.

Escrita no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a 22 de Dezembro de 1764.

(a) REY."

III

"CONDE DA CUNHA, VICE REY e Capião General de Mar e Terra do Estado do Brazil. Amigo. Eu EL-REY vos invio m. Saudar, como aquelle que Amo. Sendo-me apresentado alguns inconvenientes que se seguirão ao Meu Real Serviço e ao Bem Commum dos Meus Vassallos, do modo da execução da Minha Real Ordem de dezanove de Junho de mil settecentos e sessenta hum pela qual Fuy servido ordenar em beneficio das criações de cavallos das Capitania de Pernambuco, Piahy e das mais dos sertens do Estado do Brazil, que em nenhuma cidade, Villa ou lugar do territorio desse continente se pudesse dar despacho por entrada, ou sahida a machos, mullas depois da publicação da referida Ordem. Concedendo somente espaço de hum anno para o consumo das existentes tudo debaixo das penas comonicadas na referida Ordem, Sou Servido declarar que suspendendo se a execução da sobredita Ordem, quanto aos machos, e mullas existentes e que já tinham dado despacho por entrada se observe quanto as que de novo se despacharem daqui em diante o seguinte. Que por quanto não podia ser da Minha Real intenção prejudicar aos Meus Fies Vassallos que dentro do Continente do Estado do Brazil se tinham lousavelmente applicado a criação das bestas muares; e considerando por outra parte quanto Me he prejudicial a introdução dessas Bestas creadas fóra do dito continente do Brazil: HEY por bem que todas as que forem nascidas dentro dos Meus Dominios sejam alistadas dentro de hum anno do seu nascimento, e que quando dellas se fizer venda se entregue aos compradores hum bilhete assinado pelo Ministro, Juiz Vereador, vulgo vereador, do Distrito com as declarações das idades, sinais, e das pessoas a quem foy comprada a besta muar em primeira e segunda venda: egual bilhete servirá para se Me dar despacho nos registos e para defender os donos actuaes das bestas da irremissivel pena do perdimento dellas, e do seu valor em dobro para os accuzadores e officiaes que as apprehenderem e não havendo accuzadores na do dobro para os officiaes; e da besta para se marcar logo, achando-se que não hé nascida dentro dos Meus Dominios, o que se haverá por

verificar por essa mesma falta de bilhete sem se admittir prova em contrario. O que tudo assim cumprireis e fareis cumprir com a exactidão que de vós confio. Escrita no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, a 24 de Dezembro de 1764.

(a) REX".

IV

Officio de D. Luiz Antonio de Souza, Capitão-general da Capitania de S. Paulo, ao Conde de de Valladares

13 Novembro 1769

"Ilmo. e Exmo. Sar. — Não posso deixar de pôr na presença de V. Exa. o quanto bẽ prejudicial ao bem cõmum, e aos interesses de S. Mage. o estabelecimento de fazendas de egoas e burros dentro dos Registos, especialmente na Capitana de Minas, que V. Exa. governa.

O negocio mais limpo, que tem esta Capitania de S. Paulo hé o dos animais, qe. se vão buscar á Fronteira de Viamão ; neste trafico lucrão os que tem dinheiro, e o emprestão, ganhão os que vão comprar, utilisão-se os Fazendeiros, que povoão a Fronteira, e nas passagens dos Registos pagão a S. Mage. concideraveis direitos. Tudo isto se perde com o estabelecimento das referidas fazendas dentro dos Registos, e em Minas, porque multiplicando-se com o tempo a produção, hade cair o negocio que se vay fazer á Viamão, e não só perdem os direitos que se pagão a S. Mage. nos Registos, mas despovoar-se-ha a Fronteira, pois não houvera alguem tão desesperado, que queira viver naquellas partes faltas do necessario, exposto ao gentio e aos trabalhos da Guerra, saltando-lhe o avultado lucro. Attendendo a estes inconvenientes, mandei prohibir a passagem de egoas, e burros por esta Capitania, mas consta-me que os interessados, illudindo a minha Providencia os embareão na villa da Laguna, e conduzem por mar a outras Capitancias fora da minha jurisdicção, de onde os transportão por terra para Minas ; a este subterfugio só V. Excia. poderá pôr o remedio, parecendo-lhe assim conveniente ao serviço de S. Mage. que Ds. Ge., e a V. Exa. S. Paulo a 13 de 9bro de 1769. — *Dom Luiz Antonio de Souza*".

(*Documentos Interessantes, Archivo do Estado de S. Paulo*).

V

Resposta do Conde de Valladares
a D. Luiz Antonio de Souza

5-2-1770

“Ilmo. e Exmo. Sr. — Na carta que recebi de V. Exa. com a data de 13 de Novembro do anno proximo passado me diz V. Exa., que hé mto prejudicial ao bem comum, e Real interesses a concessão de se poderem estabelecer Fazendas de Egoas, e Burros dentro dos Registos desta Capitania de Minas Geraes, nam pelos gravissimos prejuizos acima referidos, mas porque para o tempo vindouro promete o estabelecimento das ditas Fazendas, nam só a total decadencia dos Direitos de S. Mage. nessa Capitania, mas se despovoará a Fronteira por nam haverem Lucros que entretenham os seus habitantes.

Seguro a V. Exa. que no seu tempo não tenho concedido terras dentro dos Registos, e nem me consta, que dentro dos mesmos haja Fazendas de gado, com Egoas, e cavallos, ou burros pela vigilancia, que os meus Antecessores sempre tiveram neste particular. Sertifique-se V. Exa., que darei as providencias necessarias para embarçar a entrada dos referidos generos, como fim de se nam multiplicar a produçam, que será pa. o futuro prejudicial aos Interesses de S. Mage. e desses Povos nessa Capitania. Deos gde. a V. Exa. — Va. Rica a 5 de Fev.º de 1770. — *Conde de Valladares.*

Ilmo e Exmo. Sr. D. Luiz Antonio de Souza”.

(*Documentos interessantes Arch.º Estado de S. Paulo.*)

VI

Officio de D. Luiz Antonio de Souza
ao Marquez do Lavradio
sobre o commercio de bestas na Capitania

14-11-1770)

“Ilmo. e Exmo. Senhor : — A V. Exa. como cabeça deste Estado lhe vou dar conta como o principal negocio desta Capitania hé a compra das bestas que se vão buscar á Fronteira de Via-

mão, a passagem dellas e os Direitos que pagão nos Registos são a principal renda que tem a Provedoria de Viamão e a desta Capitania de São Paulo, e assistencia deste commercio hé o que dá exercicio ao maneyo dos dinheiros particulares, medo de vida aos que vem do Reino e que faz conservar a Povoação nas Fronteiras e o trafico mayor destes habitantes. Todas estas grandes utilidades estão perdidas pela introdução que ha hum tempo a esta parte se tem procurado fazer nas Capitancias de Minas de Burros e Burras para fundação de Fazendas de criação. Eu, antevendo estes notaveis prejuizos não só dos Vasallos, mas tambem dos Reaes interesses de S. Mage., fiz prohibir as passagens destes animaes nos Registos desta Capitania, mas não consegui nada porq. prevalecendo ao interesse publico a conveniencia particular, tem dado os creadores de Minas em mandar passar os ditos Burros por mar e até mandal-os vir das Ilhas. Em cujos termos por conta da minha obrigação faço eiente a V. Exa. em como não só o commercio desta Capitania, como tambem os que habitão n Fronteira do Viamão e as Rendas Reaes das Provedorias vão totalmente arruinadas, e que me parece que ninda que os creadores das novas Fazendas se obrigassem a pagar todos os direitos que tirão a S. Mage. nem ainda assim se devião consentir pelo motivo de q. não haverá homens tão desesperados que, podendo ter os mesmos lucros ou ainda mayores no interior do Paiz, queirão hir povoar huma Fronteira arriscada aos perigos da Guerra e destituida de todas as commodidades da vida, assim? espirituales como temporaes; ao que V. Exa. dará aquella providencia que lhe parecer mais justa e for servido. Deus Gdc. a Va. Exa. S. Paulo, a 14 de Novembro de 1770.
— D. Luiz Antonio de Souza."

(Documentos interessantes, Archivo do Estado de S. Paulo).

VII

Officio de D. Luiz Antonio de Souza para o Marquez Vice Rey do Estado sobre os inconvenientes da criação de animaes muares em Minas Geraes

30 Agosto 1773

"Tem-se divulgado nesta cidade a noticia de que a essa Capital tinha chegado hum Navio do Reyno que conduzia a bordo hum numerooso lote de burros para Minas. Com este motivo me parece devo tornar a lembrar a V. Exa. o quanto o estabelecimen-

to destas fazendas de criação de Mulas em Minas hé prejudicial a todo o Estado em geral. A Provincia de Viamão padecerá a mayor ruina porque, faltando-lhe este comercio das mulas que hé o mais interessante, padecerão aqueles Povos a mayor decadencia e actualmente já a experimentão, porque as suas criaçoens que costumavão vender á dobra e as vezes por mayor preço actualmente me consta que lhes não passão de seis mil réis.

O seu Registo, que é a mayor renda da Provedoria, necessariamente ha de dar em baixa; o mesmo ha de succeder a esta Capitania, porq. o mayor contrato que tinhão estes Povos era o negocio das bestas de Viamão, e os que nelle tem entrado se queixando de q. infalivelmente. perdem os seus capitães por não terem já sahida alguma as mulas em Minas. O Registo de Curitiba ha de padecer o mesmo detrimento e o contratador que o rematou neste Trienio já se queixa que perde nelle, e este Regt.º hé o mayor rendimento desta Provedoria, que hé pobre como V. Exa. sabe.

A' mesma Capitania de Minas Geraes, imagino eu, serão prejudiciaes pa. o futuro esses estabelecimentos porque, achando os povos outros empregos mais facéis de ganhar a vida com menos trabalho e menos escravatura do que empregão na extração do ouro, poderá ser que vão pouco a pouco abandonando este utilissimo trabalho trocando por aquele menos laborioso e mais seguro, o que lhe será de grande inconveniente, para o Real Erario e para todo o Estado em geral.

E a vista destas consideraçõens prohibo a entrada dos Burros para esta Capitania, mas havendo de estar aberta a entrada pa. todas as partes para elles passarem pa. as Minas, não será justo que eu prive estes Povos por mais tempo daquilo mesmo que a todos se concede. Como o mayor prejuizo recêe sobre a Provincia de Viamão, ainda muito mais sobre esta de São Paulo, me parecia que V. Exa. faria hum grande serviço a S. Mage. se achasse por bem mandar suspende as entradas dos ditos Burros até dar conta ao d.º Senhor, com cujo motivo ponho na lembrança de V. Exa. q. esta occasião seria muy oportuna para se poder povoar com pouco custo as campanhas do Guateuy ou as de Guarapuaba. Se S. Mage. for se servido mandar passar todo estes Burros e os mais que já se uclhão na Capitania de Minas e fazel-os transportar áquelas campanhas para se estabelecerem em Fazendas fora dos Registos das Capitancias de Minas e de São Paulo, consentindo-os somente áquelas pessoas q. quizerem mandar estabelecer as Fazendas e Povoar áquelas partes por ser mt.º util que nas Fronteiras e fora dos Registos se multipliquem estas criaçoens, mas não no interior do Paiz, adonde só a criação dos cavalos se pode tolerar, porque com esta qualidade de criaçoens de mulas somente nas Fronteiras avultarião os rendimentos dos Registos, crescerião

o commercio e a conveniencia dos Povos e não faltaria em Minas a abundancia necessaria de mulas em bom preço para o serviço dos que as quizerem comprar.

Estas considerações ponho na Presença de V. Exa. por me parecer que assim o devo fazer pela minha obrigação. V. Exa. com mais elevado discernimento, determinará sobre esta importante materia o q. lhe parecer mais util ao Real Serviço e ao bem comum destes Estados. Da Gde, a V. Exa. São Paulo, 30 de Agosto de 1773. Illmo. e Exmo. Sr. Marquez de Lavradio, Vice Rey do Estado. — D. Luiz Antonio de Souza.

(Documentos interessantes, Archivo do Estado de São Paulo).

VIII

Notas sobre a "Criação do Gado", do Prof. Dr. Roberto Simonsen

por AURELIO PORTO

(Do livro "*Origens do gado crioulo do Rio Grande do Sul*", em prepare).

AS SETE VACAS DE GAETE — As sete vacas e um touro referidas por Southey e transportadas de São Paulo por Juan de Salazar para Assunção não procediam de Andaluzia, sendo originarias da capitania de São Vicente, provavelmente de propriedade dos irmãos Scipião e Vicente de Góes, filhos de Luiz de Góes, dono do engenho da *Madre de Deus*, de Enguaçá.

A primeira referencia á entrada desse gado vai constituir o nucleo inicial da pecuaria platina, encontra-se em Ruy Díaz de Guzman, (*Argentina*, 107) que diz: "Estos fueron los primeros que trajeron vacas a esta provincia, haciendolas camina muchas leguas por tierras e despues por el rio en balsas, eran siete vacas y un toro, a cargo de um fulano Gaete, que llegó con ellas a la Assunción, con grande trabajo e dificultad solo por el interes de una vacca, que le señalo por salario, de onde quedó en aquella tierra un proverbio que dice: "*son mas caras que las vacas de Gaete*".

Este facto transcendental para a historia da pecuaria, na governação do Prata, somente é referido por Ruy Diaz. Salazar que, em carta, descreve a viagem acidentada, fazendo largas referencias aos irmãos Góes, não o relata. O p. Nobrega, que evitou fosse a comitiva atacada pelos tupis, silencia o facto, o mesmo aconte-

cendo com frei Gaspar que historia a fuga de Scipião de Góes para o Paraguay.

Prevalece, assim, como unica fonte informativa, que conhecemos, a asserção de Ruy Diaz que, entretanto, pode ter recebido a tradição com erro de quantidade, como faz suppor o numero symbolico de "sete".

As vacas de Gaete entraram em Assunção em 1555. Só quatorze annos mais tarde, isto é, em 1569, os hespanhoes que vêm do Perú com o general Felipe de Caceres, conduzem para aquella cidade pequena tropa de gado vacun. Mas, consoante referencias de varios historiadores, a quantidade de gado já existente em Assunção, quando entra o de origem peruana, era tal que seria impossivel provir de tão exiguo casco

Nos primeiros cinco annos, isto é, de 1555 a 1559, dariam as sete vacas de Gaete a seguinte produção :

| ANNOS | CASCO | VACAS | PRODUCCÃO | | TOTAL |
|----------|-------|-------|-----------|----|-------|
| | | | F. | M. | |
| 1555 . . | 7 | 7 | 3 | 3 | 13 |
| 1556 . . | 7 | 7 | 3 | 2 | 18 |
| 1557 . . | 18 | 7 | 3 | 3 | 24 |
| 1558 . . | 24 | 10 | 4 | 4 | 32 |
| 1559 . . | 32 | 13 | 5 | 5 | 42 |

Ora, dois annos depois da introdução das sete vacas, em 1557, quando seria de 24 cabeças a população vacun de Assunção, já o general Nuffo de Chaves, que dali partira em Agosto, deixou aos cuidados dos Jarayes, em cujas terras se internara, "navios, canoas, con cantidad de ganados mayores" e, conforme Groussac, (*Mendoza y Garay*, 279) iam "cento e tantas cavalos" e, mais, embarcados, "armamentos, provisões, gados, plantas e sementes".

O governador do Paraguay, Domingos Martinez de Irala, falleceu em 3 de Outubro de 1557, mezes depois da partida de Nuffo Chaves, de Assunção. Refere d. Felix de Azara que "Irala dejo en su chacara que estava donde se halla el presidio de S. Miguel 24 cavessas de ganado Baccuno, y otras tantas de cabalar". E acrescenta que "tão escassos eram os cavalos naquelles tempos que Domingos de Irala comprou em 1551, no Paraguay, "un caballo morcillo pie de cabalgar ulzado y algo blanco en la frente"

a Antonio Pasaso por quatro mil pesos de ouro de 450 maraccdis, que seriam pagos com os primeiros frutos que produzisse a terra" (*Desc. Hist. B. N. I. 16. 2, 0*).

Um interessante depoimento do general d. Juan de Garay nos informa que, "cy dia en la ciudad de Assuncion ay tanto ganado, que no vale una vaca en peso y medio arriba de la moneda de la tierra y quando mucho dos, y en el tiempo que este testigo vino a Assuncion (1568, um ano antes da introdução do gado peruano) desta propia moneda valian tresientos y mas pesos, y este testigo compró una yunta de bueyes en ciento y diez pesos, y agora allaron la mejor que ay en la tierra por veinteo veinte y cinco pesos".

Servem estas notas, colhidas de trabalho mais amplo e completo, para destruir a lenda a quantidade das vacas de Gaete, que poderiam ser "sete" mas multiplicadas algumas vezes.

INTRODUÇÃO DO GADO DO CRUGUAY — Herrerías de Savedra, consoante pesquisas que temos feito, não introduziu gado algum na margem oriental do Uruguay quando de sua penetração em 1608, em que remontou a foz do Ibicuí, no actual Rio Grande do Sul. Todo o gado do Crugusay que se estende até ás margens do Prata, onde, em 1680, é constatado por d. Manuel Lobo, que funda a colonia do Sacramento, tem origem no caso de "gado grande y de color oscuro", que os jesuitas introduzem em suas reduções no anno de 1634.

Mas, nem por isto deixa o nome de Herrerías de estar directamente vinculado á historia do gado nessa região. Foi quem introduziu grandes quantidades de bovinos na mesopotamia parano-uruguay, de onde, mais tarde, procedem os rebanhos que povoam o territorio riograndense.

O GADO DAS MISSÕES — A 3 de maio de 1626, tendo penetrado em territorio riograndense, celebrou o p. Roque Gonçalves de Santa Cruz a primeira missa que ali se disse. Fundava-se assim a primeira redução dos jesuitas, que teve por invocação S. Nicolau do Piratini.

Em 1634^E já haviam sido fundadas 8 reduções na Banda Oriental do Uruguay e 11 na Provincia de Tape. A reunião de grandes massas de catecúmenos, privados dos meios naturaes de prover á propria alimentação; o decrescimo da lavoura por annos de intemperies; pragas de tigres que assolaram as matas, e a preguiça natural dos indios, trouxeram-lhes epochas de terrivel fome que a providencia dos padres não pode evitar. O anno de 1634 iniciou-se terrivelmente, urgindo solução que otenuasse as perspectivas sombrias que com elle se abriam para as missões.

O padre Christovão de Mendoza, que foi mais tarde martirizado em territorio riograndense, e o p. Pedro Romero que tambem recebeu a coroa do martirio, procuraram resolver o problema, introduzindo nas reduções a oriente do Uruguay os primeiros lotes de gado para supprir ás necessidades alimentares dos indios. E foi neste anno de 1634 que, passando a Entre Rios, adquiriam esses padres do portuguez Manoel Cabral de Alpoim, apreciavel quantidade de vacuns, mais tarde elevada a mais de cinco mil cabeças.

Para cada redução foram mandadas 99 reses. Além de outros documentos valiosos de que está repleta a *Coleção d'Angelis*, da Bibliotheca Nacional, sobre o assunto, basta registrar o trecho da *Anua* que, em 3 de abril de 1636, dirigiu o p. Pedro Romero ao prov. Diego de Boroa, assim concebido: "*Apostoles — Como esta Ron. a aprobado tan mal el ganado bacuno paso agera dos anos en S. Miguel pa esta Redon. 99 cabeças a' so las q' cupiero a cada Redon de un golpe de ganado q'yo y c. pe Xpoal de Mendoza passamos el año de 1634 agora parece q' en S. Carlos se halla bien el ganado. y en los Apostoles tambien parece que se hallado a proposito lugar pa ellos e petisiõ de los pes. dexa q' el Pe. . . . (Xpoul?) e pe Felipe fuessẽ a S. Miguel a 20 de Ho q'avia de eatar alli; e assi le diõ al pe Felipe q' fue por el 140 cabezas, ganado escojido, q' se mirũ por el y se absticon de dos o tres años de matar hebras tendra despues pa matar do necessõ.*"

De Jesus-Maria, que já ficava na Provincia do Tape, em pleno coração do Rio Grande, assim noticiaa o progresso do gado o p. Pedro Mota, em sua *Anua* de 22 de outubro de 1635: "*se hacen salir cien soldados y salieron muchos mas sino fuera fuerza acudir a sus chacaras e otras partes los ganados de Bacas y puer cos estan muy gordos y se vai muy bien aumentando el qual guardon y encerron todos los dias sin que aia faltado cabeça que sepamos*". E em São Nicolau, dizia o p. Romero, em 3 de abril de 1636, "*Las yeguas estan muy buennas e tenemos del ano pasado mas de 40 crias, tambien las a' estan en la Natividad q' sõ diez o doce estan lo q' se pueden desejar de gordas. . . las cavalgadurs no faltarõ a las Redes. asi para andar los pes. como pa llevar las proviçiones co q' se. . . (suelon?) cargar les indios*".

Prosperou grandemente o gado das reduções. Mas, os bandeirantes que descem de São Paulo depois de uma luta tenaz expulsam os indios e os jesuitas do solo rio grandense. O gado fica abandonado durante quasi cincoenta annos, multiplicando-se assombrosamente. Só de vez em quando alguns indios mais casados, por ordem dos padres, entram nesse territorio. Parte do gado é encaninhada para o norte onde constitue a "*Vaccaria dos pinhaes*" e para o sul, a "*Vaccaria do mar*". Descoberta a do nor-

te pelos lagunistas della se provêm, inundando os campos de Santa Catharina e do Paraná de grandes quantidades de cabeças de gado. Da do sul, o gado que desce iuunda as margens do Prata e se dissimina pelo hoje territorio uruguayo. E' o gado que d. Manuel Lobo vae encontrar na Colonia do Sacramento.

Quer os jesuitas, quer d. Manuel Lobo são contestes na affirmação de que todo esse gado era "grande e de cor escura", o que determina a sua procedencia unica. E' o gado currentino procedente de Assunção, cujs origens vicentinas são indiscutíveis. Cem anos exatos, depois de sua introdução em São Vicente e do ciclo platino que se procedera, entrava o gado no Rio Grande do Sul para cumprir a trajetoria de sua destinação historica na economia brasileira.

IX

Revolução farroupilha

No manifesto da Republica Rio Grandense, lançado por occasião da Revolução de 1835 lê-se :

"Tiram-nos o dizimo do gado muar e cavallar e o substituem pelos direitos de introducção ás outras provincias. Não os pagavam onerosos em Santa Victoria, escandalosos no Rio Negro, insupportaveis em Sorocuba, pontos precisos de transito de nossos tropeiros nos mercados de São Paulo, de Minas e da Côrte?"

"Montam a 24 contos o supprimento annual que faziam á provincia de Santa Catharina, alem de outros avultados saques a favor dessa provincia. O Thesouro da Provincia de Santa Catharina nos devia uma somma avultada, o Governo Imperial a deu por satisfeito, não obstante haver já concedido áquella Provincia os direitos dos nossos animaes introduzidos na mesma Provincia".
— Canabarro, *Historia do Rio Grande do Sul*, Bento Gonçalves.

X

O Commercio de Sorocaba no tempo da feira

Curiosidades Brasileiras, por F. L. Abreu Medeiros, 1864.

"Apezar de exigir o commercio de bestas uma vida bastante ardua e laboriosa, sempre cercada de perigos, comtudo nella se empregam homens de todas as classes e de diversos lugares.

E' verdade que entre os vendedores se encontra mais avultado numero de parauaenses e riograndenses do sul, e entre os compradores, grande numero de mineiros, uns e outros acompanhados de sua *camaradagem* e escravos.

A vida do tropeiro é sem duvida a mais cheia de sobresaltos de inquietações e de soffrimentos. Romper sertões extensos, só habitados por indigenas e feras bravias; penetrar até os mais reconditos lugares do Rio Grande, e, se necessario, transpôr os limites da provincia; ir até os *castelhanos* em busca de melhor *fazenda* e de negocio mais vantajoso; voltar debaixo de rigoroso sol e copiosas chuvas com uma tropa de 500, 800 ou mil bestas; correr a extensão dos campos, entranhar-se pelas espessas mattas após aquelles animaes que fogem da ronda, que se extraviam e morrem continuamente, e que, por um pequeno deseuido, se *entrevêrão* com tropas de outros donos; atravessar, com grande risco de vida, os rios caudalosos que cortão as estradas; comer, ao romper do dia e á noite, o mal cosido feijão de caldeirão e o velho churrasco, saboreando tambem o infallivel e proverbial *matte chimarrão*; ver-se obrigado, pela falta de uma barraca, ou pela impossibilidade de armal-a, dormir ao re'ento, sem outro tecto mais que a abboda ce'este, estendido á beira de um arroio, sobre um chão duro, apenas forrado da *zerga* e *carona*, repassados de suor do *mantengo lerdado* e *cansado*, tendo por travesseiro o *lombilho*, unico arrimo que se conhece por esses despovoados para amparar a cabeça e um pobre corpo alquebrado pelas fadigas do dia; acordar sobresaltado pelo contacto das aguas do insignificante riacho, crescido repentinamente com a chuva inesperada, euhida lá pelas cabeceiras. Parece que semelhante vida só deveria ser propria de homens do campo, a ella affeitos desde a infancia, e que pessoas educadas com mimo e delicadeza, e outras já de alguma fortuna não deixariam seus bons *coelhões* e todas as suas commodidades para abraçal-a.

Mas não é assim. Como o negocio de bestas tem sido um dos mais vantajosos, á excepção de alguns annos ruins, muitos dos nossos patricios, nascidos nas cidades e crendes com todas as regalias, se têm dedicado á vida de tropeiro, soffrendo com animo todas as peripeccias.

Nos mezes de Abril e Maio começam a concorrer á Feira de Sorocaba, de um lado os compradores, e de outro os vendedores com suas bestas em numero mais ou menos de 40 a 50 mil, que dão o resultado de dois a tres mil contos de réis.

As tropas são conservadas nas vizinhanças da cidade, em campos reunos ou de aluguel e *rondadas* pelos *camaradas* ou *picnadas* até serem vendidas e seguirem seu destino; ou então até voltarem

para as *invernadas*, por falta de compradores, a esperarem a feira seguinte, o que é um grande transtorno para os donos das mesmas. Neste tempo é quando também concorrem os *mascates*, *dentistas*, *joalheiros*, *relojeiros*, *pellotiqueiros*, *companhias dramaticas*, *cavalinhos*, *tangedores de instrumentos* e os socios ou caixeiros das casas commerciaes do Rio de Janeiro, conhecidos por *cometa*, que vão ao encontro dos seus devedores para lhes darem um abraço e ajudal-os a vender as tropas.

Apparecem os cambistas para receberem o dinheiro das letras vencidas e descontarem outras; modo de vida a que se dão muitos individuos do lugar.

Surtem também os *negociantes* exclusivos de certa especie, a titulo de comprarem tropas, cujo commercio unico é o jogo, os *patoteiros*, que vão enganar os incautos com *baralhos preparados*; os *passadores*, *vadios*, *pelintros*, *traficantes*, e até as mulheres de vida alegre.

Os vendedores exaggerão quanto podem os preços das tropas já vendidas, e os compradores os diminuem.

A venda de uma tropa é feita, mais ou menos, do modo seguinte:

Pela manhã o comprador e o vendedor, ambos a cavallo, dirigem-se ao campo onde se acha a tropa, e, se aquelle é *ladino*, já tem dado ordem particularmente á sua *pionada* para, no acto de *parar rodeio*, trazer as bestas á *rebenque*, afim de representarem maiores e sem *refugos* nos olhos do comprador, que, sendo *novato*, e entendendo pouco do *riscado*, leva da *manta*, *cspiga* ou *mandioca*.

Nem todos os vendedores são destes *ladinos*, pois ha muitos que fazem seus negocios com a maior boa fé.

A venda pode ser feita a *puzar a madrinha*, e neste caso vai a tropa com *todos os refugos*, ou então de uma parte, com exclusão de todas as bestas mais ordinarias, ou só de algumas, conforme o contracto.

Pode também ser a venda de 200 ou 300 bestas escolhidas, ou *cortadas* de uma tropa de seiscentas, oitocentas ou mais. O *córte* é feito do modo seguinte:

Recolhem toda a tropa em uma *mangueira*, ou, em falta desta, *encostão* aquella em um lugar apertado, junto a um *baabado*, e ahí promovem um total revolvimento entre as bestas, confundido-as meliores com as mais ordinarias, e depois de uma completa *mistura salina*, fazem sahir as mesmas daquelle *redemoinho*, indo adiante a *madrinha*, que é um animal *raqucano* manso com um *sincerto* no pescoço.

Nesta occasião um cavalleiro incumbido de fazer o *côrte*, colloca-se á certa distancia e vai contando promiscuamente as bestas que passão, e, ao completar o numero contractado, grita — UP! — e rompe rapidamente em seu cavallo pelo meio da tropa deixando por um lado as bestas vendidas — ao mesmo tempo que a *pionada rebate* ou *espanta* as mais para outro lado.

A tropa é entregue ao comprador, que toma conta della com seus camaradas, e quando lhe convem partir, manda puxal-a pelos suburbios da cidade, passa a ponte ou o rio quando está baixo e vai seguindo sua viagem, tendo pago os competentes *novos impostos*. Os outros direitos provinciaes pertencem aos vendedores, pelo que, na administração do registro de Sorocaba — apresentam fiadores idoneos, que assignão letras por um anno á vista das guias que aquelles trazem da barreira de Itapetininga, nas quaes estão mencionados os numeros de suas respectivas bestas, que por lá passarão.

Sobe a muito alto a importancia de todos os impostos e outras despezas que se faz com uma besta desde que ella sahe da estancia do primeiro vendedor até a cidade de Sorocaba, pois que ha varios no Rio Grande, Santa Catharina, Paraná e São Paulo onde se cobra extraordinarios tributos.

Péza tudo isto sobre o pobre tropeiro, que, em uma feira ruim não chega a tirar o capital empregado, alem de perder seu immenso trabalho.

Aberta que seja a feira, vão se vendendo quatro, seis, oito, e mais tropas por dia, sendo conduzidas uma após outras com a maior cautela dos *camaradas* para não se *entreverarem*.

Os vendedores, á proporção que vão liquidando os seus negocios, recebendo suas roupas novas das mãos dos alfaiates, as obras de prata dos ouriveis, e munindo-se do necessario para a viagem, fazem *véspera* com as algibeiras cheias de dinherio — e quasi sempre *letras e tretas*. Alguns regressão apressadamente sem se importarem com as boas festas que têm de haver naquelles dias.

Todas as pessoas de fóra vão deixando *encordoadamente* a cidade para se recolherem nos seus lares — umas felizes — e outras *caipóras* em seus negocios, jogos, amores, etc.

Aquella animação o *ferret opus* que alli reinava se vai amortecendo pouco a pouco até extinguir-se de uma vez — ficando substituido pelo trabalho e commercio dos habitantes que, naquelles primeiros dias parecem ter sahido de um verdadeiro sonho — sendo tudo novamente em seu estado normal.

XI

Officio do Secretario de Estado Luiz Pinto de Souza ao governador da Capitania de S. Paulo Bernardo José de Lorena

(27 de Maio de 1795)

“Sua Magde. tem observado com desgosto, q. humas Colonias tão extensas e fertes, como as do Brazil não têm prosperado proporcionalmente. em Povoação, Agricultura, Industria e devendo persuadirse, q. alguns defeitos politicos, e restricções fiscaes se tem oposto até agora nos seus progressos. taes q. o monopolio do Sal, os grandes Direitos impostos sobre o Ferro, e outros não menos gravozos sobre a introducção dos Escravos, dezejando a mesma Snra. aliviar, quanto esteja da sua parte, aos seus vassallos, tem resolvido em primeiro lugar: Que o monopolio do Sal haja de cessar em todo o Brazil, logo q. se extinguir o Contracto, e q’este Comercio fique livre pa. todos os Colonos, e francas todas as Salinas q. se poderem estabelecer nesse Continente; porem como este Contracto rende para a Coroa annualmente a quantia cento e vinte mil cruzados, e o Rea’ Erario se não pode disfarçar deste rendimento: Ordena Sua Magde. q’V. Sa. ouvindo as Camaras dessa Capitania, lhe haja de propor hum equivalente racionavel, com q’ o mesmo Erario se possa ressarcir do rendimento. q’ percebia de hum similhante genero, segundo o consumo da mesma Capitania, ou seja por alguma leve imposição assentada sobre elle, ou por algum outro meyo ou Arbitrio que parecer mais conveniente.

Tem sua Mgde. resolvido em segdo. lugar, q’ uem todo o Continente do Brazil se possam abrir Minas do Ferro, se possam manufacturar todos os quaes quer Instrumentos deste genero”... etc.

(O Secretario de Estado declara que, para remediar o desfalque que dahi resultará para a Fazenda Real, S. M. ordena sejam ouvidas as Camaras da Capitania, para o fim de se estabelecer uma contribuição modica, sobre o ferro das fabricas do paiz e que tambem sejam ouvidas “pessoas intelligentes de commercio”, afim de ser modificada a tarifa dos direitos “aliviando-se quanto for possivel os Direitos do Ferro, e removendo-se esta imposição sobre os mais generos de menor necessidade, q’ prudentemente possam ressarcir o disfalque q’ haja de ocasionar aquelle beneficio”. Emfim, pede a remessa de uma relação dos rendimentos dos impostos de importação, exportação, etc.).

(Documentos interessantes.)

XII

Contracto do sal. Resposta da Camara de Itú
sobre uma consulta

19 Fever.º 1796.

“Querendo a Raiuha Fidelçima nossa Senhora dar húa demonstração a Sua bend.º para com os seus leaes Vaçallos Americanos, he Servida mandallos cuvir pelas Suas respectivas Camaras Sobre os pontos seguintes.

1.º

Quer levantar o Contrato do Sal a beneficio dos Povos, como genero de pra. necessidade; e precisa sustentação delles. Comtudo pa. não prejudicar-se nos Seus Reaes direitos, qr. dos mesmos Povos oparesser Sobre os generos, emqe. possa aSentar-se amudanssa daqueles direitos. Alias fica Livre ao Comercio a extração do Sal não Sôm.º do Reino, mas ainda das novas Salinas, qe. possão estabelecer-se neste Brazil.

2.º

Tambem a mesma Senhora hê Servida izentar o ferro dos tributos, na Consideração de ser egualmte. como hê o Sal, genero da primeira neScide., e quer Saber Sobre quacs generos se deve tão bem aSentar amudança delles: para qe. sepossão Eregir novos estabelecimentos, de fabricas, deque rezultem as maiores utilidades.

Nós a Camara da Va. de Itú, Como representantes daquelle Povo apellando humildes nos Reaes Pés da nossa Ammbilissima Soberana, agradeçidos do bem, que deseja fazer a este seus Vaçallos, e da honra, q. nos faz e mandar ouvir, e deliberar sobre os deus pontos aSima referidos: dizemos na forma Seguinte:

Que aSeitamos o Levātamento dos Contratos do Sal, e do ferro; Como Conzas de tanta neSecidades, e utilidade aos Povos desta Capitania, e pa. aumento das suas Lavouras, e Crição dos animais vacum, e de cavalgal es quacs nestes paizes não nutrem sem Socorro do mmo. Sal; Eporisso quanto ao p.º ponto.

Hó Serto, que não Sepode fazer a mudança Sobre os a Sueares, ou outras novas fabricas pela razão de a Seacharem ainda em principio do seu estabelecimento. Tão poeo não existem outros generos de Sigura, e a bonde. extração e emqe. nesta da. Capitania

Singularmente. na Va. de Itú, se possa fazer mudança. Pelo qe. achamos mais Conveniente mudança dos direitos feita no mmo. Sal como ramo de Comercio, aCressendo-se ao Seu Custo, efretes, aquilo, qe. Sejulgar necessario pa. Princher os Reais Direitos que pagavão os Contratadores.

Ao segundo ponto respondemos qe. Sepodem transnuadar nas cedas, e outras fazendas finas os Direitos, qe, prossedião do ferro enquanto contrato.

Offerecemos estes arbitrios juntamente Com Sacrificio de nossas vontades pa. Ascitarnos oqe. for mais do agrado de Sua Mageste., a Cujos Reais Pés pomos as fazendas, e as Vidas Com amaiz profunda Submissão, Lealdade, e amor.

São Paulo, 19 de Fevereiro de 1796.

Eufrazio de Arruda Botelho, Juiz Presi.
Joaquim Luiz Bott.º de Freitas, Vereador.
Zacarias José de Freitas, Vereador.
Pedro da Silva. Lte., Vereador.
João Franc.º Dias, Procurador.

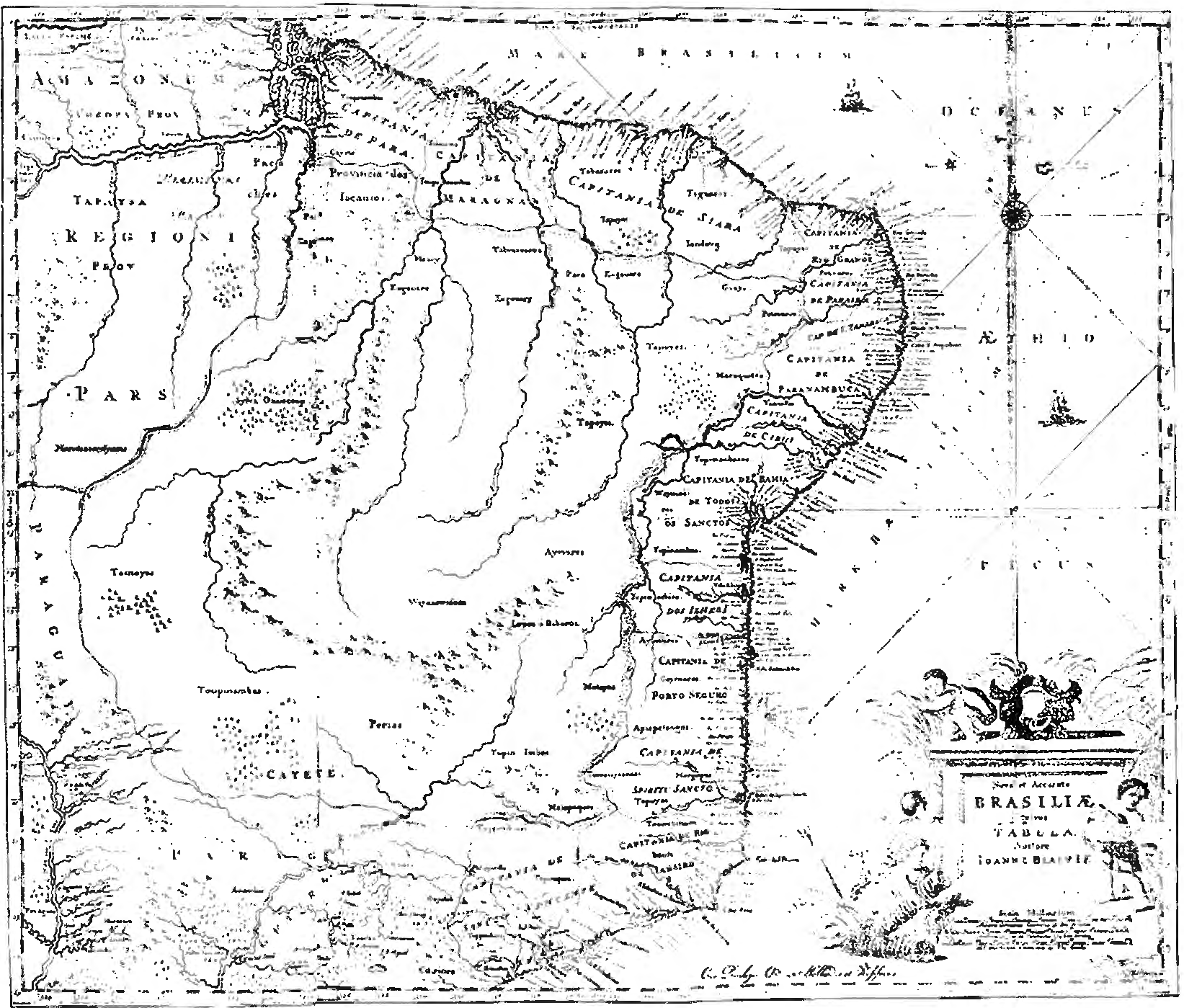
(*Documentos Interessantes*, Archivo Est. de S. Paulo).

CAPITULO IX

OS FUNDAMENTOS ECONOMICOS DA EXPANSÃO PAULISTA

SUMMARIO

Aspectos que se apresentam nas migrações para os continentes novos. Os colonos dispõem de capitães para seus commettimentos. *Encontram industrias extractivas de assignalado valor, que suppreem deficiencias de capitães.* Caso de migrações, com reduzidos capitães, para zonas pobres. A formação das capitánias paulistas. O assucar em São Vicente e o seu rapido declínio. O clima do planalto e a pobreza, para a epoca, de suas condições naturaes. A influencia da orientação jesuitica na fundação de Piratininga. *Phase fixadora e defensiva.* *Phase expansionista em busca de melhores condições de subsistencia.* As bandeiras sob o ponto de vista economico. *Cyclo despovoador dos sertões: expedições exploradoras, punitivas e de caça aos indios.* *Cyclo repovoador: bandeiras de mineração e colonisação.* A evolução economica dos nucleos paulistas. *Seculos XVI e XVII.* A pequena lavoura e o cyclo do ouro de lavagem. A pobreza das Capitánias do Sul em confronto com a riqueza do Nordeste. A moeda no Brasil e os motins da moeda em São Paulo. O grande surto minerador. *Viação e meios de transportes. Caminhos, estradas e roteiros no Brasil Colonial.* O "moving frontier". As fronteiras economicas e as fronteiras politicas. A maxima expansão das capitánias paulistas. *Emigrações e desmembramentos territoriaes.* A inferioridade demographica das primitivas populações do Sul, em face das novas correntes immigratorias. O predomínio economico do Sul. Seu declínio com o arrefecimento minerador. A pobreza paulista em fins do seculo XVIII. O papel de São Paulo na formação da unidade economica brasileira.



Mapa do Brasil e vizinhanças em 1700, mostrando a organização efetiva do território ligada, principalmente, à indústria do açúcar, a pecuária e a extração de minérios. No centro, Ilhéus e Porto Seguro, e "ilhas" do arquipélago de São Vicente. À esquerda, a Amazônia. À direita, se estendem os seis das capitâncias de São Vicente. As unidades territoriais de maior importância são: as das capitâncias de São Paulo e Pernambuco, desmembradas em 1763, e a do Alentejo.

Ao Exmo. Sr. Dr.

Affonso d'Escragnolle Taunay.

CONSTITUE um caracteristico das regiões secularmente civilizadas a presença de instituições sociaes, e de capitaes, accumulados pelas gerações passadas, representados por artefactos diversos; melhoramentos materiaes e obras publicas. Os que ahí nascem utilizam-se, ainda que inconscientemente, de todos esses elementos. E desde que se achem entrosados no rhythmo progressista da civilização em que surgiram, accrescentam, ás vezes sem se aperceber, e com relativa facilidade, novas creações ás que encontraram.

Possuem, esses constituintes sociaes, uma mentalidade propria, habitos e necessidades de conforto a que se não podem forrar, mesmo quando emigram. Dahi os diversos aspectos das varias politicas colonizadoras.

Os emigrantes para as regiões virgens podem dispôr de capitaes e aparelhamentos que lhes permittam, desde que encontrem meio favoravel, alcançar rapidamente condições iguaes ou melhores do que as que usufruiam em suas terras de origem. Foi o caso dos colonizadores da Bahia e Pernambuco, transportando capitaes lusitanos para a implantação dos engenhos de asucar, industria que se mostrou fartamente remuneradora, como o dos Inglezes, nas zonas temperadas da America do Norte.

Podem deparar, no novo ecúmeno que vão constituir, riquezas naturaes, de tal maneira fartas e de tão facil extracção, ou condições de producção de tal monta,

que suppram quaesquer deficiencias de capitaes e recursos iniciaes, e permittam a rápida eclosão, no novo "habitat", de um activo de commodidades igual ou superior ao de que dispunham, no que abandonaram. Na America Hespanhola, encontraram os novos colonizadores abundancia de ouro e prata, o que lhes consentiu, de início, installações reputadas luxuosas para a epoca. ⁽¹⁾ No Brasil, tivemos varios casos isolados de enriquecimento instantaneo, graças ao encontro fortuito de consideraveis porções de ambar, nas costas do Nordeste. ⁽²⁾

Ha, finalmente, o caso de emigrados, com recursos limitados, encontrando um meio hostile e pobre. Ahi, ou o novo nucleo degenera, podendo até submergir, destruido pelas hostilidades mesologicas, ou se retempera em contacto diuturno com as difficuldades, fortalecendo-se continuamente, accumulando energias, que subitamente se manifestam em eclosões incoerciveis, em busca de uma melhor base economica.

(1) HUMBOLDT avalia os metes preciosos achados na America para Hespanha, entre 1492 e 1500, em 350.000 piastras por anno; de 1500 a 1515, em 3.000.000; 1515 a 1600, em 11.000.000 de piastras, em media. Total: ... 742.800.000 de piastras, ou sejam £ 160.000.000, até 1600. — (CITAVE NOU, *Histoire du Commerce du Monde*).

(2) Nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, diz BRANCO "que muitos homens se fazem ricos neste Brasil com somma de ambar, que acham pelas praias, uns em muita, e outros em menos cantidade; em tanto que houve certo morador que achou tanta cópia delle, que a muita cantidade lhe fez daviar o poder ser o que tinha achado ambar, e o reputou por breu o pez, e como tal se poz a brincar com elle uma barca, que tinha posta em calceiro pern o effeito, e continuou com a obra até que alguns compadres seus, que o viram occupado nella, se desenganaram do erro que fazin, e, com ter já gastado grande cantidade de ambar a nda se ficou com muito".

RODOLPHO GARCIA, em uma de suas eruditas notas, explica: "O ambar é uma conereção intestinal do cachelote (*Phasder macrocephalus*), que, depois de expellida, é encontrada nas praias, ou fluctuando sobre as aguas. Como o autor diz adiante, conheciam-se no Brasil duas especies de ambar, o branco ou gris, o o negro: a primeira, mais valiosa, era encontrada nas costas do Jaguaribe ou Ceará, e a outra de Pernambuco até a Bahia.

FREI VICENTE DO SALVADOR, *Historia do Brasil*, referindo-se a Martin Soares Moreno, capitão do Ceará, a quem o Rei fez mercê do habite do Santiago e lhe deu com elle pouca tença, accrescenta, perpetrando um dos seus trocendios: "... por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia, com que pôde muito bem matar la hambre."

Capitanias Paulistas

Nas capitanias paulistas, o meio era pobre; limitados, os recursos dos colonizadores. Defrontaram-se ahí, num quasi isolamento, homens rudes, com a mentalidade da civilização occidental da época, e a pobre e aspera natureza dessa zona sul-americana.

A primeira expedição colonizadora do Brasil, a de Martim Affonso, deu preferencia, para a fixação de sua gente, á provavel "costa do ouro e da prata", distribuindo-a entre a Ilha de São Vicente e o planalto de Piratininga. (3) Que era uma de suas preocupações dominantes a pesquisa dos metaes preciosos, já o demonstrára, com duas expedições enviadas ao interior: uma do Rio de Janeiro, outra de Cananéa. Esta ultima, a maior, commandada por Pero Lobo, foi totalmente destruida pelos gentios. Debalde se esperaram, nos campos de Piratininga, á entrada dos sertões, ou na Ilha de São Vicente, noticias dos promettidos 400 escravos carregados de metaes preciosos, que o orientador da expedição, o grande lingua da terra, Francisco Chaves, havia promettido. Seguiu, então, o empreendimento colonizador a sua evolução natural.

Na Ilha de São Vicente, fundaram-se engenhos de assucar, considerados o mais rendoso commettimento da época.

Frei Gaspar da Madre de Deus aponta, antes de 1557, a existencia de 10 engenhos nas proximidades de São Vicente, Santos e Santo Amaro. Numero talvez exaggerado, a não ser que a modestia das capacidades justificasse a disseminação. O mais importante teria sido o Engenho do Senhor Governador, mantido por

(3) "O grande sonho de Martim Affonso de Souza era, como indica Eugenio de Castro, transformar o antigo porto dos Escravos (S. Vicente) em porto das Minas" (J. F. DE ALMEIDA PRADO, *Primeiros Povoadores do Brasil*).

Martim Affonso, de parceria com João Veniste, Francisco Lobo e o Piloto Mór Vicente Gonçalves. Chamou-se, depois, Engenho dos Armadores e, mais tarde, São Jorge dos Erasmos, por terem-no todos os socios vendido ao flamengo Erasmo Schetz. Os Schetz, de Antuerpia, enriqueceram-se e ennobreceram-se, com os negocios de assucar no Brasil. Não nos parece que decorresse tal enriquecimento só do seu engenho vicentino; nem os documentos publicados sobre a sua rentabilidade justificam tal presumpção. (4)

A evolução de Santos e São Vicente se processou pobremente. Ainda no seculo XVIII os contractantes de sal allegavam, como uma das causas de seu encarecimento, a falta de frete de retorno. (5) A mineração de Minas Geraes iria favorecer os portos do Norte da Capitania e do Rio de Janeiro e somente as minerações de Cuyabá e Goyaz seriam de alguma fórma tributarias de Santos.

Auxilios em colonos, gados e ferramentas, foram posteriormente remetidos por Martim Affonso, tornado donatario de São Vicente e pela sua mulher e procuradora, Da. Anna Pimentel. Tão desanimado se mostrou

(4) O Sr. ALCIDIARES FORTADO publicou, em 1914, um trabalho intitulado, *Os Schetz da Capitania de São Vicente*, sahido tambem na *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, vol. XVIII.

Dessa publicação, se verifica que a familia Schetz é tronco dos Duques de Urael o que os Schetz, ricos negociantes em Antuerpia, no seculo XVI, se mostravam descontentes com a administração do seu engenho em São Vicente e com os resultados alli auferidos.

(5) A provisão regia de 14 de Julho de 1726, dirigida a ANTONIO DA SILVA CALDEIRA PIMENTEL, governador da Capitania de São Paulo, discorre sobre a representação feita por esse governador, encaminhando reclamações da Camara de Santos, São Paulo e outras da "Cerra acima", sobre o preço exorbitante do sal, constituido em monopelio da Corôa, como vimos em nosso ultimo capitulo.

Fazendo considerações justificativas da differença dos preços entre Rio e Santos, allegou, entre outras, "que no porto de Santos não vão navios de commercio, e era preciso que o contractador os fretasse para transportar mil moyos de sal, que lhe eram necessarios, navios, e não dos mais pequenos, pagar-se-lhes o frete a razão de cinco, ou seis mil réis cada moyo, e ainda assim não acha quem lho faça a dita viagem, por que em Santos não ha carga, que os ditos navios tragão de retorno, e por frete de seis ou sette mil cruzados, se arriscao a perder a viagem, e a ficarem no Brazil, invernaes, etc., etc." — (Arquivo do Est. do S. Paulo, *Documentos interessantes*).

annos depois, com o valor economico de sua Capitania, que, solicitado pelo seu parente, Conde de Castanheira, para a concessão de sesmarias, promptificou-se Martim Affonso a lhe outorgar toda a Capitania. Durante muitas dezenas de annos, os herdeiros dos donatarios de São Vicente e Santo Amaro mostraram grande desinteresse por essa faixa sulina da colonia, até que o apparecimento de maior porção de ouro de lavagem despertou suas cobiças, dando origem ao celebre pleito judicial Monsanto-Vimieiro pela posse de São Vicente, Santos, São Paulo e da zona que os abrangesse. (6)

A Cidade de S. Paulo

As condições mais propicias do clima do planalto, para o elemento europeu, concorreram para a preferencia que lhe foi dispensando, aos poucos, a maior parte dos colonos. Os Jesuitas, cuja ambição dominante era a inclusão na fé catholica do maior numero de autochones, deram igual preferencia a essa "entrada de sertão", para mais se approximarem das maiores zonas por estes occupadas.

Fundada São Paulo e extincta mais tarde a Villa de Santo André da Borda do Campo, os seus primeiros tempos foram de uma formação defensiva, ameaçada constantemente pelas tribus inimigas. Em seu notavel trabalho, *A Cidade de Anchieta*,* Baptista Pereira dá uma visão desses primeiros passos.

Procurou este escriptor tornar claro que Piratininga nasceu no meio de perigos e luctas e que só um plano defensivo, executado com tenacidade e descortino lhe poudo assegurar a preservação e o desenvolvimento. A execução desse plano, o autor foi proval-o

(6) BENEDICTO CALIXTO, nas *Capitanias Paulistas*, estuda as diferentes phases desso memoravel pleito do que Fr. Gaspar já tratava largamente.

com as mais velhas actas da Camara, que nos mostram os edis do Senado Municipal, ora nomeando homens bons, que acabassem os muros e baluartes, ora mandando cobrir as guaritas, ora reforçar as cercas, ora recuperar portas dos muros da villa, de que particulares se haviam apossado.

A collocação das aldeias de índios mansos, distribuidas pelos Jesuitas em pontos estrategicos, barrando as varias vias de acceso a Piratininga, de modo a constituirem mais de uma linha defensiva, attribue Baptista Pereira á influencia directiva de Anchieta. (7)

Nessa phase fixadora defensiva, os perigos externos e a população reduzida concorreram para que os limitados campos de cultura se agrupassem dentro da zona defendida ou proxima do villarejo em nascedouro. Essa compressão externa manifesta-se agudamente pelo celebre ataque dos incolas á villa, em 1562 (Taunay, *São Paulo no Seculo XVI*) e por situações de angustia que perduraram até 1594.

Descompressão e expansão

Batidos os elementos hostis mais proximos, operou-se uma descompressão exterior e Piratininga affirmou definitivamente a sua permanencia no planalto. O nucleo social que se formou, onde abundavam os mamalucos, cruzamento dos brancos com as mulheres da terra, orientou-se sob ineluctavel imperativo, em busca

(7) A fundação desses aldeamentos começou rumando para o Sul, a zona mais accessivel aos Carijós. A primeira linha de defesa, tendo como centro Pinheiros, completa-se com a fundação do forte da Embaçava, onde terminou a linha que parte do Ibirapuera. Barnery, Carapicuíba, M'boy e Itapeverica, constituíram uma segunda linha strategica de defesa da villa.

A obra de BAPTISTA PEREIRA, premiada pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo foi publicada na *Revista do Archivo Municipal de São Paulo*, Vol. 23, Maio de 1935.

de uma melhor base economica, que lhe assegurasse o padrão de vida a que aspirava.

Não produzia o planalto, em condições economicas, nenhum desses productos exóticos dos climas tropicaes que justificassem o estabelecimento, com a Metropole, das onerosas linhas do commercio do tempo. Suas culturas; trigo, mandioca, milho, vinha, algodão, marmellos e outras fructas e a criação de algum gado eram praticadas para o proprio consumo. Piratininga estava ainda praticamente isolada do accesso ao mar, difficeis como eram os caminhos, cujo pereurso absorvia quatro dias em penosas condições.⁽⁸⁾

Em um ambiente pobre e desprovido de tudo, com o regimen economico da época, tinham os colonos que lançar mão do braço escravo para lhes assegurar os meios de subsistencia. Os moradores do Brasil "a primeira cousa que pretendem alcançar são escravos para lhes fazerem e grangearem suas roças e fazendas, porque sem elles não se podiam sustentar na terra", escrevia Gandavo, em 1576. Sem commercio e sem exportação não podiam pagar o braço africano: tinham que se contentar com o braço indio. Os apriados em guerra justa exgottavam-se rapidamente. Com o crescimento do nucleo social primitivo, cresciam, tambem, as necessidades e a ambição de accumular sobras — um dos caracteristicos da mentalidade capitalistica, então em formação. Com a crescente procura de braços começaram a progredir as investidas para o preamento de indios.

A esperança de encontrar pedras e metacs preciosos actuou tambem como um forte elemento de emulação

(8) São numerosos os depoimentos e as referencias nas Actas da Camara do São Paulo sobre as difficuldades de comunicação entre Piratininga e a costa.

Em 1584, JOSÉ DE ANCHUTTA, na *Enfermação do Brazil e de Seus Capitaniaes*, dizia: "Para o sertão, caminho do Noroeste, alem de duas altissimas serras que estão sobre o mar, tem a Villa de Piratininga ou do São Paulo, quatorze ou quinze leguas da Villa de São Vicente, tres por mar e as mais por terra por lins mais trabalhosos caminhos que creio lny em muitas partes do mundo".

PACCO PRADO, *o Caminho do Mar, Paulistica*, e BENEDICTO CALIXTO, nas *Capitaniaes Paulistas*, tratam proficientemente do assumpto.

para as expedições ao interior, attenuada, ás vezes, pelas prohibições governamentais ou pelas desillusões causadas por successivos fracassos; d'outras vezes, ao reverso, incentivada por iniciativas da propria administração lusitana.

Periodicamente, resurgia aos olhos dos Paulistas a visão das esmeraldas e dos metaes preciosos. A Europa recebia grandes affluxos de ouro e prata das possessões da America Hespanhola.

Os thesouros do Perú, já presentidos desde a terceira decada do seculo XVI, manifestaram sua pujança com as riquezas entregues para o resgate do Inca e com as minas do Potozi⁽⁹⁾. O conhecimento desses factos, augmentados por apreciações lendarias, repercutia constantemente até aos povos de Piratininga, que, situados a montante de vastissimos sertões, julgavam-se por isso mesmo, os mais indicados para o descobrimento das riquezas orientaes do continente, as quaes deveriam ser, conforme a crença da epoca, maiores que as do occidente. No Norte da colonia, o assucar cobria de riquezas os seus privilegiados lavradores. E ainda a alimentar essas esperanças, em São Paulo e nas costas da Capitania, sempre se encontrou algum ouro de lavagem em Jaraguá, Vuturuna, Iguape, Cananéa, etc.

Todas essas circumstancias provocaram a distensão das energias que se accumulavam em Piratininga,

(9) A mineração do ouro nas Antilhas Hespanholas, nos primeiros annos, rendeu apenas alguns milhares de libras esterlinas, sendo seu primeiro ponto culminante em 1512, com a exploração do Cuba, em que o rendimento ultrapassou uma centena de mil libras. Declinou a produção dos metaes preciosos, que só se tornou realmente importante a partir de 1535, com os productos dos saques do Perú. Entre outras, existe uma avaliação do ouro e prata entregues a Pizarro para o resgate do Inca: 87.000.000 de francos ouro e mais 52.000 marcos de prata, ou sejam £3.600.000, que foram assim divididas: 1/5 para a Corôa, 1/5 para Pizarro, e 3/5 distribuido entre os soldados. — (OCTAVE NOEL, *Histoire du Commerce du Monde*).

A grande produção de metaes preciosos, e, porém, assignalada com a abertura das minas de prata do Mexico e do Perú, que, em 1551, chegaram a produzir em um só anno £3.000.000 — (A. P. NEWTON).

Convém assignalar que o poder aquisitivo dos metaes preciosos em nessa epoca cerca do quatro vezes superior ao actual.

desde que esta affirmou, victoriosamente, sobre as populações do planalto, a sua decisão de occupar definitivamente a terra. Os sertões ignotos, fornecedores das machinas auxiliadoras de sua evolução agricolas provavel depositario das pedras e metaes preciosos, promissões de um rapido enriquecimento, constituíam o alvo das suas cobiças.

Havia, porém, a vencer, além de todas as hostilidades do meio, as leis que prohibiam essas incursões, assim como a escravização dos incolas e a severa fiscalização jesuiticas, sob cuja égide nascera o povoado e se constituira a legislação protectora dos primitivos occupantes da terra.

Não obstante a intensa fé catholica, caracteristica da epoca e dos colonos lusitanos, foi mais forte o imperativo economico de um povo que queria expandir-se; a lei foi infringida, os Jesuitas combatidos e até expulsos, dentro dos primeiros cem annos da vida piratinaingana. E durante quasi dois seculos irradiaram, das capitancias paulistas, esses grupos de energia condensada, que iriam conquistar e integrar na colonia mais de metade do Brasil de hoje.

Paulo Prado, em um de seus admiraveis estudos, sobre a formação paulistica, faz resultar, com maestria, os sentimentos de ardente altivez e independencia que caracterizaram durante esse tempo os formadores dessas entradas. (10).

Saint-Hilaire aprecia com justiça o valor dos bandeirantes paulistas. (11).

(10) "O processo do segregamento, contribuindo tão poderosamente para lhe dar a feição especifica, já o preparava para a tarefa que lhe iria competir na formação da nacionalidade brasileira.

Esta semente do independencia, de vida livre, e de fallar alto e forte, germinou e fructificou durante dous seculos na historia paulista." — (PAULO PRADO, *Paulistica*).

(11) Annoxo I.

Cyclo despovoador dos sertões

As bandeiras primitivas e de apresamento de índios tiveram início no próprio século XVI. Apontam-se como primeiros chefes: João Ramalho o Capitão Mór, Jeronymo Leitão, João do Prado e Affonso Sardinha. Este último mascarou suas investidas sob o pretexto do descobrimento de metaes.

No século XVII é que avultaram taes expedições, com os seus periodos culminantes, na investida contra as missões jesuiticas (1628-1641) e nos seus ultimos seis lustros.

Ainda que frequentemente figure nas actas da vereança municipal de Piratininga a noticia de partidas, á cata de metaes e pedras preciosos, para acobertar as arremettidas ao sertão, não é menos verdadeiro que a busca das pedras coradas, do ouro e da prata, tivesse de facto influido poderosamente, diversas vezes, para taes commettimentos.

Em fins do século XVI e principios do XVII, regista-se nesse sentido o interesse demonstrado por D. Francisco de Souza, governador geral do Brasil, em sua permanencia em S. Paulo, em visita ás minerações de Affonso Sardinha, quando fomentou pesquisas e expedições exploradoras. Mais tarde, em 1609, voltou a S. Paulo como Governador das Capitánias do Sul, então desmembradas do Governo Geral da Bahia, com grandes poderes e grandes esperanças, infelizmente, porém, não confirmadas pelas explorações que promoveu.

D. Francisco de Souza exerceu papel capital na historia paulista. Incentivou as extracções de Jaraguá, as explorações das minas de ferro de Araçoyaba, reiniciou o trabalho do ferro em Santo Amaro, estimulou a expedição das bandeiras exploradoras para o sertão.

Em meados do seculo XVII, com o surto da mineração em Paranaguá, constata-se o provedor da Fazenda do Rio de Janeiro e Administrador Geral das Minas da Repartição do Sul, Pedro de Souza Pereira, incentivando bandeiras de pesquisas de minerios e a visita a Sabarábuçú.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, mandou o proprio filho, com auxilio dos Paulistas, explorar a possibilidade do encontro de pedras coradas no valle do Rio Doce.

Na segunda metade do seculo, em expressivas mensagens, os proprios Soberanos portuguezes procuraram instigar os Paulistas á investigação nos sertões da existencia de pedras e metaes preciosos. A grande epopéa de Fernão Dias Paes, o descobridor das suppostas esmeraldas, nasceu do empenho de satisfazer a uma dessas reaes missivas.

Mas essas expedições, pouco proveitosas, estavam muito acima dos recursos financeiros dos Paulistas e lhes custavam sacrificios sem conta e reiteradas desilusões. Concorreram, sem duvida, para o agravamento do cyclo despovoador dos sertões.

Além da serventia para suas proprias lavouras, verificaram os Paulistas que os incolas — mereadorias que se transportavam pelos seus proprios pés, numa epoca em que escasseavam os meios de transporte — constituam apreciavel elemento para o commercio exportador de suas capitánias. Incentivaram-se, então, as bandeiras de préa.

A' medida que rareavam as tribus das regiões mais proximas, mais se acentuava a audacia dos piratinhanos em suas caças ao gentio. Desceram pelas bacias dos afluentes do Paraná e investiram contra as missões jesuiticas de Vera e Guayrá, que subiam esses valles em uma aproximação cada vez maior das costas atlanticas do Paraná e de Santa Catharina.

Destruição das Missões

Em 1628, Manoel Preto e Raposo Tavares iniciam a destruição dessas missões, o aprisionamento de seus habitantes e a expulsão dos Jesuitas para a margem occidental do Paraná.

O Governo paraguayo negou o auxilio solicitado pelos Jesuitas para a sua defesa. Além da indifferença das autoridades castelhanas, parece que os paulistas foram estimulados pela grande falta de braços, que se fazia então sentir na colonia lusitana.

Documentos referidos pelo nosso erudito mestre, Dr. Affonso Taunay, demonstram que a propria Camara Municipal de São Salvador fez, nessa epoca, um appello aos Paulistas para a remessa de escravos para o reconcavo bahiano, recém devastado pelas hostes hollandezas.

Já por esse tempo as expedições dos "condottieri" piratininganos apresentam notavel organização militar. Chefiados por homens de rija tempera, seleccionados pelos seus proprios valores, como tão bem accentúa Oliveira Vianna em suas *Populações Meridionaes do Brasil*, seguiram esses bandos, compostos de brancos, mamalucos, mestiços, com armas européas, e indios mansos, das aldeias ou dos exercitos particulares daquelles "potentados", com seus arcos e flexas.

Arcabuzes, polvora, chumbo, farinha de guerra, cordas, correntes com collares, para serem applicados aos indios aprisionados, constituíam a "armação" dessas bandeiras — muitas vezes fornecidas por elementos locais que se tornavam assim socios capitalistas do "armador" da expedição. (12)

Não obstante a união luso-hespanhola, sob um unico sceptro, havia tambem nesse commettimento bandei-

(12) ALCANTARA MACHADO — *Vida e Morte do Bandeirante*.

rante a emulação da velha rivalidade entre os peninsulares ibericos, aguilhoando a vontade de fazer desalojar das terras suppostas portuguezas, missões ligadas á administração castelhana, Os povos aldeados, dotados de noções de disciplina e trabalho organizado, constituíam, sem duvida, presas de valor para os mercadores da epoca.

Em 1632, investem os piratininganos contra as missões dos Itatines, no Sul de Matto Grosso, e destroem a povoação hespanhola de Santiago de Xerez.

Armaram-se novamente os Paulistas para o assalto ás missões do Tapes e do Uruguay; e, a partir de 1636, varias bandeiras chefiadas por Antonio Raposo Tavares, Fernão Dias Paes, Francisco Bueno e outros destruíram aquellas reduções sulinas, expulsando os Jesuitas para a margem occidental do Rio Uruguay. (13)

A phase aguda dessa campanha, tão detalhadamente descripta pelos chronistas jesuitas e nas reclamações que os missionarios faziam á Corôa de Hespanha e ao Summo Pontifice, durou de 1628 a 1641, quando, autorizados pelo Rei Castelhana, equiparam os Jesuitas os seus catechumenos com armas de fogo, derrotando, em

(11) (14) (15) A provincia jesuitica do Paraguay, fundada em 1607, comprehendia em sua jurisdicção religiosa, o territorio do actual Paraguay, o Sul da Bolivia, o Vice-Reynado do Prata, o actual Uruguay, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná e parte de São Paulo.

Entre 1609 e 1707, foram fundadas nessa provincia 63 reduções principaes. Das 30 que subsistiram entre 1641 e fins do seculo XIX, 15 estavam no actual territorio argentino das Missões, situado entre os Rio Paraná e Paraguay, 7 no Estado do Rio Grande do Sul e 8 no actual Paraguay.

Os hespanhoes, visando estabelecer uma sahida para a costa de Santa Catharina tinham fundado, em 1554, a cidade Real do Guayrá, mudada tres anno mais tarde para as margens do Piquiry e, em 1576, Villa Rica do Espirito Santo, sobre a Corumbatahy, affluente do Ivahy, em pleno Estado do Paraná de hoje. A região toda era muito habitada por indios.

Após iniciativas esporadicus, verificadas desde 1588, somente em 1607 foi do facto organizada a fundação jesuitica do Paraguay e o trabalho missionario nessas regiões. Em 1609, Lorenzana fundou S. Ignacio Guassú, e até 1628 foram estabelecidas as demais reduções do Paraná e Uruguay.

Os padres Cataldini, Maceta, Montoya e outros fundaram, entre 1610 e 1628, as 13 reduções do Yern ou Guayrá.

Os paulistas, entre 1628 e 1630, destruíram 11 destas missões, tendo os povos das restantes, Santo Ignacio e Loreto, emigrado para as missões do Para-

M'Bororé, na margem occidental do Rio Uruguay, uma bandeira paulista que por alli se tinha aventurado. (14)

A esse tempo eram os Paulistas solicitados a auxiliar o combate aos Holandezes nas regiões nordestinas. Lá commandára Raposo Tavares um grupo apreciavel de piratininganos.

Isso não impedio, porém, que em 1648 Raposo Tavares penetrasse no Norte do Paraguay, assaltando varias reduções em combinação com André Fernandes, consolidando, dessa forma, o recuo das fronteiras do Sul de Matto Grosso.

Esse mesmo bandeirante, cuja vida foi tão brilhantemente estudada pelo nosso eminente patricio, Sr. Dr. Washington Luis (15) percorreu, entre 1648 e 1652, uma vasta região do Noroeste brasileiro, galgando os Andes, surgindo no Vice-Reino do Perú, e regressando pelo Estado do Maranhão onde teve noticia de sua chegada á fôz do Amazonas, em Gurupá, o insigne padre Antonio Vieira.

Parece fóra de duvida que elle visava, nessas excursões epicas, a busca de pedras coradas, do metal branco e do ouro, conhecedor como ficou da pobreza relativa de sua terra de origem, quando estivera a combater no Nordeste brasileiro.

ná, numa penona retirada, pintada com as cores mais escuras pelos chronicistas jesuitas. Em 1631, destruíram os paulistas as cidades de Villa Rica e Ciudad Real da Guayrá.

Em 1631, fundaram os jesuitas as missões dos Itatines, no Sudeste do Matto Grosso, que foram tambem destruidas pelos paulistas, em 1632. Nesse mesmo anno assaltaram e destruíram o estabelecimento hespanhol de Santiago de Xerez, sito perto das nascentes do Aquidauana em Matto Grosso.

Em 1630, os paulistas investiram contra as missões de Tape e do Uruguay, que, até 1635, foram umas arrazadas e as restantes expulsas para a margem occidental do Uruguay.

Destruíram-se, assim, em pouco mais de 10 annos, todas as reduções do Guayrá, Itatines, Tape e Uruguay.

Salvaram-se as reduções do Paraná, no actual territorio argentino das Missões, devido á derrota soffrida pelas paulistas em M'Bororé, na investida que parece ter sido commandada por Jeronymo Pedrozo de Barros.

Esta data assignala a organização definitiva das doutrinas jesuiticas. De facto, abandonando as comarcas afastadas, agruparam suas reduções nas margens

Foi notavel o effeito desse cyclo bandeirante para o recuo da divisa castelhana. De facto, os missionarios jesuitas que ambicionavam, acima de tudo, um ambiente de paz para o seu formidavel trabalho de civilização e catechese, procuraram em toda essa vasta zona do Noroeste brasileiro manter entre as suas aldeias e as linhas habituaes das excursões bandeirantes, uma zona deshabitada e deserta. A grande obra missioneira dos jesuitas hespanhoes, estendida pela orla desses terrenos fronteiriços, viria evitar ainda o conhecimento exacto pelos Castelhanos das expedições mineradoras, nas epochas dos descobertos.

No Sul, no final do seculo XVII, voltaram os Jesuitas a atravessar novamente o Uruguay, implantando-se com os Sete povos ⁽¹⁶⁾ ao Norte do Ibicuihy, o que occasionou a guerra guaranítica, emprehendida para sua expulsão, em cumprimento ao tratado de Madrid, de 1750.

As expedições bandeirantes vão se succedendo. Tomaram maior incremento após o arrefecimento, dentro de Piratininga, da guerra civil dos Pires e Camargos

do Paraná e Uruguay, na parte que estes rios mais se aproximam. Formaram um campo contiguo, defendendo-se assim com mais facilidade. Mais tarde, occuparam novamente uma parte do territorio do Rio Grande, fundando ali os Sete Povos, que, com as missões argentinas e as oito reduções em territorio paraguayo, ao Norte do Rio Paraná, constituiram as 30 doutrinas jesuiticas, que, por mais de um seculo, iam evoluir sob a direcção dessa Ordem.

Foi a reconcepção do Rio Grande que originou a guerra guaranítica nascida da tentativa do cumprimento do tratado de Madrid, 1750.

(16) No volume IX, correspondente ao anno de 1904, da *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, o Sr. Dr. WASHINGTON LUIS publicou um interessante estudo sobre a vida desse bandeirante, "um dos maiores conquistadores de terras para o Brasil".

Devemos igualmente ao Dr. WASHINGTON LUIS varios estudos historicos sobre as capitánias paulistas e o extraordinario serviço da publicação dos documentos referentes a São Paulo na era colonial.

Por occasião da construcção da quartel do Quitaúna, em 1922, tivemos o onsejo de promover a erecção de um monumento a Raposo Tavares, que foi proprietario do sitio onde hoje estão erigidas varias casernas de nosso exercito. Esse trabalho foi executado sob a direcção do Dr. AFFONSO TAUNAY. Fizemos, igualmente, reconstruir a antiga capella do bandeirante, segundo desenhos do Sr. WASTU RODRIGUES.

(17), na segunda metade do século XVII. No Ensaio da *Carta Geral das Bandeiras*, o Dr. Affonso Taunay, o maior historiador dos fastos paulistas, apresenta uma synthese desse esplendido movimento expansionista. Nelle sobresaem os Raposo Tavares, Manoel Preto, Nicolau Barreto, Antonio Pedroso de Alvarenga, Jeronymo Pedroso, Domingos Barbosa Calheiros, Alvaro Rodrigues do Prado, Lourenço Castanho Taques, Fernão Dias Paes, Estevam Bayão Parente, Rodrigues Arzão, os dois Bartholomeu Bueno e tantos outros, cujas vidas vêm sendo estudadas com carinho pelos nossos historiadores.

Rendimento das bandeiras

São inteiramente falhos os depoimentos sobre o lucro bruto auferido pelas expedições bandeirantes. Como esperar taes referencias, se as peças trazidas eram consideradas nos actos publicos quasi sempre como "fôrras" ou como tendo vindo aos povoados por livre vontade, não podendo, de tal fórma, ser avaliadas nem constar dos inventarios?

O seu rendimento economico era fraco, diante do esforço e dos sacrificios sem par que impunham aos seus componentes. O apresamento, exceptuado o periodo da destruição das missões jesuiticas, era representado, em geral, por algumas centenas de incolas.

O valor do escravo indio regulava em media um quinto do africano. Um unico engenho real, do Nordeste Brasileiro, rendia, annualmente, em seu pacifico labor, bem mais do que uma destas perigosas expedições.

(17) As hostilidades que romperam entre as duas importantes familias dos Pires e dos Camargo, perturbando a vida piratinizana, entre 1640 e 1698, em phases de maior ou menor intensidade, estão descriptas nas obras de AZEVEDO MARQUEZ, *Apontamentos historicos da Provincia de São Paulo*, em TAUNAY, *S. Paulo Sciencista* e no *Paulistaco*, de PAULO PRADO.

Existem algumas referencias de Jesuitas e outros ao numero dos aprisionados em suas missões ou nos sertões bravios. Dellas, não se pode inferir que tenha esse total de incolas aprizionados e escravizados ultrapassado em muito umas 300.000 "peças", em todo o cyclo despovoador. Representaria menos de £2.000.000, ou seja menos de 1% do que rendeu em igual periodo o cyclo do assucar e pouco mais de 1% do valor dos 70 annos de intensa mineração. As "peças" exportadas para fóra da Capitania talvez não alcançassem 30% dos apresamentos. (*)

De 1670 a 1680, acceleraram-se as entradas, ora para o preamento de indios, ora em busca dos metaes preciosos.

Aproveitando-se da organização ecónomo-guerreira desses incomparaveis batedores de sertões, os governos do Norte solicitaram a sua cooperação nas guerras punitivas nos sertões da Bahia e do Nordeste e na destruição dos quilombos.

Além dessas expedições destruidoras, já irradiavam os Paulistas em bandeiras colonizadoras, occupando o valle do Parahyba, galgando a Mantiqueira e penetrando, com os curraes, no valle do São Francisco e nos sertões nordestinos. Era a emigração em busca de meios mais fartos de subsistencia do que os proporeionados pelos planaltos pobres de Piratininga. Na ultima de cada do seculo, graças ao apparecimento das ricas jazidas dos Cataguazes, muda por completo o caracter dessas bandeiras paulistas.

De facto, é innegavel a feição despovoadora das bandeiras de apresamento dos indios, das expedições punitivas e exploradoras, dos primeiros tempos. Os sertões catharinenses, por exemplo, tão densamente habitados por povos primitivos, ficaram por completo despovoados pelos incansaveis vingadores de Pero Lobo...

(*) Em anexo publicamos uma nota do nosso eminente mestre, Sr. Dr. Alfozco de E. Taunay.

No entanto, por uma dessas ironias da historia, essa mesma gente que despovoara os sertões em busca do "remedio para sua pobreza", levando-lhes os habitantes para as suas fazendas ou para os mercados de escravos, como machinas de trabalho ou artigo de commercio, promoveria o repovoamento dclles, após os descobertos do ouro em Minas, Goyaz e Matto Grosso. As bandeiras, no seculo XVIII, tomaram o character repovoador, transformadas em expedições mineradoras e colonizadoras; e foram introduzidos nos sertões, em larga escala, os escravos africanos, pagos a peso de ouro, cessando os Paulistas, quasi por completo, o trafico vermelho.

A Economia dos nucleos paulistas

Como se processou a evolução economica desses nucleos paulistas, de que se irradiaram durante mais de 150 annos essas forças, ora despovoadoras, ora repovoadoras, mas sempre integradoras de tão grandes regiões á Corôa Portugueza?

A principio, o litoral vicentino, se animou com o assucar. Paralysoou-se a industria, no segundo seculo, vencida pela vantajosa concorrência dos campos fluminenses e da região nordestina. Santos, no terceiro seculo, recebia assucar do planalto.

Em São Paulo, segundo depõem Anchieta, o padre Fernão Cardim, o padre Balthazar Borges e Gabriel Soares, nos fins do seculo XVI, já se lavrava a terra com muito proveito. Mas era uma "economia de consumo". O depoimento desses religicos tem que ser subordinado ao regimen de pobreza em que então viviam.

Cultivava-se no planalto o trigo, a cevada, a vinha, a oliveira, o milho, a mandioca, fructas, e criava-se algum gado.

Cultivou-se mais tarde a canna, o algodão, o chá e algumas especiarias da India. Na primeira phase da villa, a cultura aconchegara-se ás suas linhas defensivas; na segunda, espalharam-se mais os lavradores, mas sempre com lavouras modestas, adstrictas ás necessidades do consumo local e ao pequenissimo commercio, que então se realizava. O registo das propriedades ruraes e os inventarios e testamentos elucidam aspectos desse trabalho agricola.

A propriedade rural

O Snr. João Baptista de Aguirra, num interessante trabalho (18) arrola cerca de 500 concessões de terra, entre 1559 e 1920, feitas na Comarca da Capital. Para a maioria, não pôde precisar a area por deficiencia de elementos das proprias cartas de doação. Indica, porém, como typos principaes dessas distribuições, sesmarias de 3.000 braças em quadra, cerea de 1750 alqueires paulistas; de 4.500 sobre 1.500, de 3.000 sobre 3.500, de 1.000 sobre 1.500 e de 1.500 braças em quadra. As maiores sesmarias foram concedidas depois de 1611. Vêm alli mencionadas as grandes areas doadas ás aldeias indias, á de Pinheiros, em 1580, com cerca de 60.000 alqueires de terra; á de Carapicuíba, em 1698, com 44.000 alqueires.

O Snr. Alfredo Ellis, fazendo um estudo sobre as transferencias havidas em meados do seculo XVII, chegou á conclusão de que as grande concessões não se mantinham.

“As sesmarias maiores eram logo retalhadas, senão por compra e venda, ao menos por successão hereditaria, de modo que se transformavam em pequenas fazen-

(18) *R. I. H. de S. Paulo*, Tomo 25.

dolas. Com isso pensamos que a propriedade rural paulistana no seiscentismo tem sido cerca de cem alqueires em media ; evoluindo no setecentismo, para maiores proporções, em vista de haverem os paulistas emigrado para as minas e para o sertão mais distante, tornando menos densa a população rural."

Declara ainda : "Pela publicação dos documentos dos "Inventarios e testamentos", bem como das "Sesmarias", verifica-se que São Paulo, no seculo XVII, foi o centro de um enxame de fazendolas de pequena cultura e de pastoreio de diminutos rebanhos. De facto, o perimetro circumdante de pequena area territorial englobava as redondezas paulistanas, onde se extendiam essas fazendas por Parnahyba, Araçariguama, Apotribú, Caucaia, Virapueiras, Quitauna, Cotia, Itapeperica, Jurubatuba, Itaquaquecetuba, S. Miguel, Conceição de Guarulhos, Tremembé, Orubuapira (Guapira), Jquery e Atibaia.

Este perimetro foi no seiscentismo a linha delimitadora da expansão paulista, não se fallando dos pontos excepçionaes mais longinquos, attingidos por um ou outro sertanista, que ahi se ficava com sua gente, como procederam os Balthazar Fernandes fundador de Sorocaba, seu irmão Domingos Fernandes, fundador de Itú ; os Vaz Guedes Cardoso, que fundaram Mogy das Cruzes ; Jacques Felix, que plantou os alicerces de Taubaté e os Oliveiras Cordeiro que iniciaram Jundiáhy.

Estes foram casos que escapando á regra geral, se isolavam no sertão formando nucleos novos de população.

Os grandes batedores do sertão, os bandeirantes, que tanto se distinguiram nas algáras seiscentistas, moravam dentro do perimetro mencionado, onde tinham seus sitiécos.

A zona agro pecuaria paulistana comprehendia uma area de 2.448 kilometros quadrados, ou approximada-

mente de 100 mil alqueires, dos quaes apenas uma infima percentagem era aproveitada para a agricultura." (19)

O latifundio em São Paulo, observa Taunay, só surgiu de facto no seculo XIX, com a lavoura de café.

Em Minas e no Estado do Rio muito maiores eram as fazendas em que se misturavam a agricultura e o pastoreio.

No Norte da colonia, tambem eram grandes os latifundios concedidos aos engenhos e ás fazendas de criar.

As pequenas lavouras de milho, trigo, feijão, algodão, mandioca, marmello, vinha, cannaviaes e de fructas tinham valor muito restricto, conforme se verifica dos inventarios e testamentos. As proprias casas de morada nas fazendas tinham um valor minimo. Nos inventarios seiscentistas, não se dá valor ás terras nem aos escravos indios, e o conferido ás benfeitorias é absolutamente minimo. Sítios e fazendas, com casas e bemfeitorias, eram avaliados em pouco mais de 100 cruzados, menos de dez contos, ao valor de hoje.

A fazenda de Diogo Coutinho de Mello, famoso bandeirante, lugar tenente de Antonio Raposo Tavares, em Parnahyba, foi avaliada em 200 mil réis, ou 500 cruzados. Em 1686, o inventario de Antonio Bicudo de Britto, abrangendo sítios e vultosas bemfeitorias, foi avaliado em 250 mil reis, pouco mais de 600 cruzados. E' bem expressivo o inventario de Pedro Fernandes, em 1653, typo de fazendeiro que dispunha de uma boa carpintaria, tido como abastado, e que deixou liquidos 527\$400, ou sejam cerca de 1.300 cruzados, cerca de 120 contos, valor de hoje. Um dos maiores inventarios do seculo XVII, o de Pedro Vaz Guassú, em 1691, montou a 3:200\$000, sendo, porém, minimo o valor attribuido ao sitio e á sua casa de morada. Representa essa quantia cerca de 220 contos de réis, em valor actual.

(19) Alfredo Ellis Junior — *O Bandeirismo Paulista e o Recife do Meridiano.*

No entanto, no mesmo seculo, um engenho real de assucar absorvia, na sua installação, cerca de 10.000 cruzados. Em Pernambuco, em fins do seculo XVI, já existiam mais de 100 colonos com 5.000 cruzados de renda annual e alguns com 8 a 10 mil cruzados, o que representa de 350 a 900 contos de réis em valor de hoje.

Não ha, portanto, confronto possivel entre a pobreza paulista e a fartura usufruida no Brasil assucareiro.

O commercio

As noticias que possuimos denotam a primitividade do commercio das capitancias paulistas, onde surgem, de quando em vez, as excepções de um Afonso Sardinha e Guilherme Pompêo.

A marmellada parece ter sido o maior artigo manufacturado de exportação; algum trigo que seguia para o Rio em sirios ou cestas; algum panno de algodão. Mas o que de maior valor se produziu para o commercio exportador devem ter sido os escravos e o ouro de lavagem.

Que os escravos escassearam para as lavcuras locais em determinados periodos, tal o exodo para outras capitancias, provam-no documentos da época. O desenvolvimento da industria assucareira no Norte e as difficuldades trazidas pelas guerras hollandezas aggravaram o mal.

Em 1601, encontram-se referencias a um pedido para que a Camara obtivesse do Governador Geral licença para se arranjam indios "de paz ou de guerra pelo muito prejuizo que a terra recebia" com a ausencia de escravos, tanto mais que estavam os traficantes a remetter captivos para a Bahia.

Em 1606 a Camara de São Paulo endereçou ao donatario da Capitania, esta expressiva exposição:

“Estavam os indios christãos vizinhos, quasi acabados, mas havia no sertão infinidade delles e de muitas nações, vivendo á lei dos brutos animaes comendo-se uns aos outros. Descel-os, com ordem para serem christãos seria cousa de grande proveito, sobretudo os carijós, distantes umas oitenta leguas e avaliados em 200.000 homens de arco. Assim procurasse S. Mercê obter do Rei licença para se explorar semelhante mina, capaz de render mais de 100.000 cruzados, além de resultados espirituaes.

Enorme a emigração de indios paulistanos para os cannaviaes da Bahia e Pernambuco. Muito cedo; deixariam os traficantes em São Paulo tudo ermo com as arvores e liervas do campo somente.”

O grande incremento no trafico de indios parece ter se verificado a partir de 1628, quando os bandeirantes paulistas foram assultar as missões jesuitas, de onde trouxeram grande copia de escravos já um tanto affeitos ao trabalho. Consta que grande parte foi vendida no mercado do Rio, onde alcançára, então, cerca de 20 mil réis por cabeça. Varias referencias se encontram acerca desse commercio :

“O habito de exportar os indios apreçados era constante. Cespedes y Xeria, na *Carta Confidencial a El-Rey*, (1628) diz que os paulistas captivavam os indios das reduções para mandal-os vender em Santos, no Rio e em todo o Estado do Brasil e até em Lisboa.”. ⁽²⁰⁾

“Já pelas diferentes praças brasileiras se espalhavam os captivos de Guayrá, denunciavam os loyolistas. Sabiam-no de fonte limpa; em Julho de 1629 haviam partido de Santos para o Rio de Janeiro 33 escravos. E o peor que o seu transporte se fizera num navio pertencente aos beneditinos! Até os religiosos! Levára certo Manoel de Mello 43 a vender no Espirito

(20) A. DE E. TAUNAT — *Historia Geral das Bandeiras Paulistas*.

Santo. Outro sertanista, Antonio Lopes, este vendera muitos em Santos, e no Rio de Janeiro. Na Bahia, já no mez de Setembro de 1629, negociavam-se indios do Guayrá. E, ainda agóra, sabiam os padres que de Santos partira um navio cheio de 'peças' destinadas ás lavouras de Pernambuco". —

"A 11 de Junho requeria o Procurador providencias contra os forasteiros que estavam a levar peças fóra da terra. Vinham os marchantes de escravos a São Paulo como a um grande centro de abastecimentos."

"A 15 de Junho de 1634, dizia o Procurador Pedro Domingos aos seus collegas que estava sobremodo activa em São Paulo a venda de escravos 'posesem cobro na venda das pesas por quanto se vendião muitos e era em prejuizo desse povo'. Segundo parece, dava-se o exodo dos escravos alicites aos serviços das lavouras paulistas. E tudo isso se fazia sem o menor recio das 'excomu-nhões postas pelo prelado o doutor Lourenso de Mendonsa'." (21)

Nos "Documentos Interessantes", entre outros, encontram-se referencias aos bandos de 7 de Abril de 1684 e 25 de Outubro de 1688 que tratam de indios comprados aos Paulistas.

O trafico vermelho tornado dia a dia mais difficil pelo grande desgaste humano e pelo afastamento e reacção dos incolas, terminou, de facto, com as descobertas das minas, as quaes proporcionaram aos Paulistas recursos para a importação do elemento africano.

As considerações expendidas induzem á crença de que o trafico dos indios, salvo curtos periodos, não constituiu commercio rendoso. A pobreza da Capitania e a deficiencia de sua producção são elementos que tambem o comprovam.

(21) A. DE E. TAUNAY — Op. cit.

O ouro de lavagem

Mais do que os escravos, deve ter proporcionado maior activo na exportação o ouro de lavagem que sempre existiu nas Capitánias paulistas. Braz Cubas, fundador de Santos, conseguiu descobrir algum ouro, em 1560. Affonso Sardinha deixou por morte 80.000 cruzados de ouro em pó, extrahidos de Jaraguá e Santa Fé, assegura Pedro Taques (22).

Mencionam as chronicas as minas de Jaraguá, Vuturuna, Jaraguamimbaba, Ribeira de Iguape, Cananéa, Paranaguá, Curityba e alguns outros pontos em que se extrahia algum ouro de lavagem. Parece ter sido Jaraguá o de maior importancia e que originou mesmo a fundação da casa da moeda em S. Paulo, que bateu por volta de 1644 o *S. Vicente*, moeda de ouro paulista, de cunho ainda hoje desconhecido, que mereceu tão aprofundado estudo a Affonso Taunay a proposito da fundação da primeira casa da moeda do Brasil. (*)

Em São Paulo houve tambem uma pequena mineração e industria de ferro, que mal dava para parte das necessidades locais. A carta de Pero Correa, de 1554, refere ao descobrimento da mina. (*Cartas Avulsas*).

Nem os artigos porém, da industria paulista, nem a exportação de escravos, nem tão pouco a produção do ouro offerciam activo sufficiente para fazer face á importação de armas, polvora, sal, ferramentas e fazendas, de que carciam as pequenas populações paulistas. A balança de commercio e de contas era adversa a S. Paulo. Esse indice de pobreza manifestou-se ainda nos celebres motins da moeda. O total da produção do ouro de lavagem nas capitánias paulistas, em todo o periodo colonial, está avaliado por Eschwege em 930 arrobas, cerca de £1.900.000.

(22) PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME, *Uj. sobre as Minas de S. Paulo*.

(*) Sobre a materia, honrou-nos ainda o Dr. A. de E. Taunay com uma nota, que publicamos em anexo.

Outros aspectos

Alcantara Machado, num admiravel ensaio economico-social, em que se não sabe o que mais admirar, se a visão exacta e synthetica da vida do bandeirante seiscentista, se o estylo crystallino com que traduz o seu pensamento, fornece preciosos elementos á apreciação daquelle periodo da vida piratiningana. (23)

No estudo a que procedeu dos inventarios paulistas, mostra que, na avaliação dos montes, não se dá valor á terra nem tão pouco aos escravos indios. Pois se estes são gente "fôrra", em respeito ás leis de Portugal e Castella, como poderiam ser avaliados como simples mercadorias?

Salientando a pobreza de São Paulo, accentúa que na primeira metade do seculo XVII, registaram-se tres inventarios acima de 1 conto de réis, sendo o maior delles, em 1629, o que attingiu a 1:298\$000, ou sejam, 3 mil cruzados ou Rs. 270:000\$000 actuaes. Na segunda metade já se registavam 17 espolios acima de 1 conto de réis. Mas, tambem, é de notar que, nessa época, já a moéda portugueza havia sido quebrada algumas vezes. . .

O maior inventario foi o de Catharina da Silva, no valor de 6:636\$000, cuja equivalencia é hoje de Rs. 430:000\$000. De 400 inventarios seiscentistas que exa-

(23) *Esso eminente mestre honrou-nos com esta missiva:*

S. Paulo, 29.x.30.

Meu prezado amigo Dr. Roberto Simonsen.

Estou, ha não sei quantos dias, para agradecer-lhe os doze favores mais recentes de que lhe sou devedor: as referencias generosas que fez ao meu trabalho na ultima de suas conferencias, tão rica daquela "substantifiquo moelle", de que fala RADELAI*, e que é o sinal especifico nas obras da eleição, e a gentilissima carta que me enviou do Rio, com referencias ao assunto. Nada mais grato ao meu coração do que saber que alguns dos miterines colhidos por mim estão servindo para a construção do grande monumento de cultura, que é a sua *Historia da Economia Brasileira*.

Acredite na simpatia e no reconhecimento do muito e sempre seu

(a) Alcantara Machado.

minou, apenas 20 denotam alguma abastança, o que dá a pequena percentagem de 5%.

Os valores das casas e artigos, em Piratininga, offerecem aspectos interessantissimos; as casas boas, de 5\$000 a 20\$000, valendo menos de que as roupas de fazenda importada. Uma escopeta com a sua bolsa e polvarinho, 9\$000. Pouquissimo valor representavam a criação e a lavoura.

Observa Alcantara Machado, de accôrdo aliás, com Oliveira Vianna, que é, porem, a propriedade rural que classifica ou desclassifica o homem; sem ella não ha poder definido, autoridade real, prestigio estavel. Fôra das grandes familias arraigadas ao chão, o que se encontra é a classe de funcionarios, é uma recua de aventureiros, é a arraia miuda dos mestiços, é o rebanho dos escravos. Em tal ambiente, a figura central que domina realmente, pela força irreprimivel das cousas, é a do senhor de engenho, do fazendeiro, do dono da terra. Conforme observação de Oliveira Vianna, os que não possuem sesmarias ou não conseguem assegurar terras se acham deslocados na propria sociedade em que vivem.

A pobreza da villa se manifesta em tudo; as igrejas em nada se assemelham ás existentes no Norte da colonia. Já em 1556 o padre Nobrega escrevia a Santo Ignacio de Loyola: "que sendo a terra pobrissima não podia esta casa viver de esmolas."

Assignala-se, na época seiscentista, alguma exportação de trigo para o Rio de Janeiro. A conserva de marmello foi, porém, o maior artigo de exportação. Alcantara Machado cita exportações individuais de 1700 a 2200 caixetas. Valiam de 320 a 400 réis, baixando mais tarde, no seculo XVIII, a 100 réis.

Os maiores criadores de gado possuíam rebanhos de 200 a 400 rezes.

"Dentro de seu dominio, tem o fazendeiro a carne, o pão, o vinho, os cereaes que o alimentam; o couro, a

lã, o algodão que o vestem ; o azeite de amendoim e a cêra que, á noite, lhe dão claridade ; a madeira e a telha que o protegem contra as intemperies ; os arcos que lhe servem de broqueis.”

Do ról desses senhores de terras é que surgiam os grandes chefes das bandeiras.

Um dos vincos da civilização bandeirante da época consistia no respeito á palavra empenhada. Esse traço fundamental do paulista iria resurgir, mais tarde, na vida dos tropeiros, profissão que abraçou em larga escala, no declínio da mineração. Conta a tradição que em longinquas viagens em que transportavam cargas de valor, esses tropeiros não davam qualquer documento ; apenas a palavra empenhada. Creditos commerciaes outorgavam-se e liquidavam-se em cumprimento de simples promessas. Era conhecida na sua gíria como alcunha deprimente, a de “ladrão de cabresto”, dada áquelles que se apropriavam dos arreios, que os tropeiros deixavam em suas pousadas no interior.

Essa crença pela verdade em suas transacções constituiu sempre um apanagio das populações austraes do Brasil colonial.

Para Oliveira Vianna, “o escrupulo em materia de dinheiro, traço fundamental do character lusitano, se revelou em nós singularmente reforçado pelas condições do ambiente. Quem se permittisse uma fraude ou velhacaria em um meio como o rural, de que não podia fugir, estava perdido no conceito publico”.

Moeda brasileira

Devido á insufficiencia da moeda que sempre se registou em São Paulo, utilizavam-se aqui, como instrumentos de trocas, de artigos de producção local.

“Variavam, de anno para anno, as mercadorias que faziam as vezes de moéda. Acompanhar essas variações é ter idéa exacta da actividade economica dos Paulistas, naquelles tempos afastados.” (24)

Farinhas, carnes salgadas, couros, assucar, algodão e panno de algodão e varias outras commodidades já funcionaram em São Paulo como padrão de valores. O metal precioso sempre se mostrou escasso na primeira metade dos tempos coloniaes.

Somente no final do seculo XVIII é que começou, realmente, a apparecer ouro em quantidade apreciavel, nos inventarios paulistas. Em 1697, Pedro Vaz de Barros deixou 273 oitavas e meia de ouro em pó, que valeriam hoje, menos de 30 contos de réis. Em 1711, Moura Moraes deixou 360 oitavas e meia. Em 1730, João Leite da Silva Ortiz, genro de Bartholomeu Bueno da Silva, deixou 9 barras, pesando 7.424 oitavas e meia e 24 grãos, que seriam pouco mais de 700 contos, em moéda de hoje.

Se tivessem sido sufficientes para solver os pagamentos exteriores os productos que exportavam, as capitánias paulistas poderiam ter tido sempre moéda metallica com o seu ouro de lavagem. A referencia aos quintos de suas minerações para fazer face, até 5.000 cruzados, ao dote outorgado á sua consorte pelo Rei D. João IV; a fortuna de Affonso Sardinha; as varias referencias sobre o valor do quinto real do ouro paulista, no periodo colonial, confirmam o calculo de Eschwege, de cerca de 4 arrobas annuaes, em media, para a producção das capitánias paulistas. (25)

(24) ALCANTARA MACHADO — *Op. cit.*

(25) Uma certidão passada em 10 de Maio de 1766, pelo escriptão do juizo da Intendencia do Ouro da Casa de Fundição de São Paulo, a requerimento do mineiros, fiscoadores, etc., mostra que em 10 annos e 9 mezes recebeu essa Intendencia 250.675 oitavas de ouro em pó, ou sejam 23.203 oitavas por anno, 6 arrobas e meia. — (*Doc. Interessantes*).

Outra certidão, da Intendencia e Conferencia da Casa de Fundição de São Paulo, passada em 1772 e caviuda no Marquez de Pombal por D. Luiz Antonio,

A insufficiencia, porém, do artigo exportavel acarretava o exodo de moédas, que, absorvendo tambem a produção do ouro local, criava serias crises financeiras na Paulicéa. Essas crises mais se accentuaram no final do seculo XVII, com o apparecimento do mesmo phenomeno no resto do paiz.

No emtanto, na Bahia e no Nordeste brasileiro, no apogeu da idade do assucar, houve abundancia de circulação metallica.

Um viajante francez, Pyrard de Laval, forneceu, em 1610, um depoimento interessante sobre a Bahia: "Nunca vi paiz em que tão abundante seja o dinheiro como deste lugar do Brasil. Quasi não ha dinheiro meudo, apenas moédas de 8, 4, e 2 réis. Muito pouco se usa aqui de outras moédas que não sejam as de prata. Este paiz é o que mais dinheiro tem de todos que visitei".

Em virtude da crise do assucar e das exações fiscaes da metropole, deu-se a violenta sabida da moéda do Brasil, acarretando depressões financeiras que enchem paginas de nossa historia economica, no fim do seculo XVII.

Aggravaram ainda o caso brasileiro as successivas quebras da moéda, verificadas em Portugal a partir de 1640. As guerras da independencia e as difficeis condições do commercio portuguez provocavam farta sabida de numerario da metropole, o que os Reis procuravam combater mediante successivas quebras de padrão e com uma série de medidas fiscaes.

O cambio portuguez sobre Londres, cotado em cerca de 231, em 1640, passou a 123 em 1641, 105 em 1646,

demonstra que naquelle anno entraram 210 barras com 384 marcos 2 oitavas e 60 grãos e 1/3 do ouro, ou sejam quasi 9 arrobas. — (*Id.*)

Em 1774, anno excepcional, entraram cerca de 9 arrobas. — (*Id.*)

Entre 1798 o 1798, a media foi de cerca de 4 arrobas annuas. — (*Id.*)

92 em 1662, 83 em 1688, 67½ em 1700. A partir desta época, o ouro do Brasil assegurou a sua estabilização durante mais de um seculo. A libra esterlina que, em 1640, valia 1\$000, passou a valer, em menos de 60 annos, mais de 3\$500.

Essas quebras successivas não foram sufficientes para amparar a producção assucareira do Brasil. A baixa continuada do artigo e o augmento do poder acquisitivo exterior da prata provocaram um exodo da moéda metallica da colonia, de que nos dão noticia as multiplas reclamações da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Os mercadores, que vinham com as frotas, ao envez de comprarem productos da terra com os resultados das vendas das mercadorias que traziam do exterior, davam preferencia ao metal sonante que haviam apurado, tal a disparidade dos poderes acquisitivos da moéda, aqui e em Portugal, e os risecs com as fluctuações de preços daquelles productos.

Apezar das reclamações do Brasil, o governo portuguez recusava-se a instituir uma moéda provincial para a colonia, que evitasse o exodo do dinheiro aqui, temeroso que se manifestasse o problema inverso, com a vinda do ouro da Metropole, tambem a braços com crise semelhante em relação ao exterior.

Verificou-se no paiz, em larga escala, o cerceio da moéda, marcas e contra-marcas e o consenso em se admittir maior valor intrinseco do dinheiro aqui em circulação. A propria Camara do Rio de Janeiro, em 1679, e o governo da Bahia, em 1689, tomaram deliberações no sentido de majorar, provisoriamente, em casos excepcionaes, o valor nominal da moéda em circulação, submettendo o seu acto á approvação do governo da Metropole, que num caso reluctou e noutro não o approvou.

Aggravando-se a crise, com a circumstancia de baixarem as propostas para os arrendamentos dos dizimos do Brasil, a Corôa portugueza, pela lei de 8 de Março de 1694, fundou a Casa da Moéda da Bahia, reconhecendo o principio da necessidade de uma moeda provincial, "porque só sendo fabricada com maior valor e differente cunbo, prohibindo-se sua extracção com graves penas, se poderia conservar a moéda no Estado do Brasil, sem que se trouxesse para este reino como a experiencia tinha mostrado".

Graças a essa lei, houve uma majoração no valor do dinheiro brasileiro de cerca de 10% sobre a moéda portugueza da lei de 1688.

Funcionou a Casa da Moéda na Bahia de 1695 a 1698. De 1699 a 1700 foi transferida para o Rio de Janeiro, para alli recunhar as moédas em circulação nas Capitánias do Sul. Em Outubro de 1700 passou a trabalhar em Pernambuco para cunhar as moédas daquela Capitania. Cunhou a Casa da Moéda moédas de ouro de 1\$000, 2\$000 e 4\$000 e moédas de prata de 20, 40, 60, 160, 320 e 640 réis.

"Quanto á moeda de cobre, não houve cunhagem no Brazil em tempo de D. Pedro II, pois nem a Lei que creou a Casa da Moeda, nem as Cartas Regias que a mandaram abrir e transferir de umas para outras capitánias se occuparam della; e sendo precisa esta moeda, de que o povo não pôde prescindir para as necessidades diarias da vida, foram aproveitadas para o curso do Brazil as moedas lavradas em Portugal para Africa, mandadas circular na America Portugueza, como subsidiarias, por Carta Regia de 10 de Fevereiro de 1704, as quaes por esse facto entram na collecção do Brazil que não as tinha especiaes.

As moedas de cobre eram dos valores e datas seguintes :

| VALOR | DATAS | ANVERSO | REVERSO |
|-------|---------|---------------------|---|
| XX | 1695-99 | Esc. orn. Petrus II | Valor entre circulos ogivae e |
| X | 1695-99 | D.G. Port. R.D. | 4 P. dentro |
| V | 1695-99 | Aetiop. | destes, "Moderato splenatum 1695, etc." |

Em 1702 reabriu-se, no Rio de Janeiro, a Casa da Moeda, mas desta vez em caracter permanente. E, de accordo com as Cartas Regias de 31 de Janeiro e 7 de Março desse anno, ahi se deveriam lavrar *moedas nacionaes*. E' que o affluxo do ouro das Minas Geraes ia inverter o problema monetario do Brasil e alterar profundamente a physionomia economica das capitancias paulistas.

Moeda paulista

Não obstante o uso, pelos paulistas, de varios artigos da producção local como instrumento de troca, houve sempre a preocupação de defender o pequeno *stock* metallico em circulação.

Na sessão de 21 de Março de 1620, prohibiram os officiaes que toda "pessoa de qualquer qualidade levasse prata para fóra da villa, por ser grande prejuizo desta villa e não haver dinheiro nella". Em 5 de Março de 1633, pediu o procurador Geraldo da Silva aos seus parceiros que se puzesse cobro "a este povo porquanto se levava desta villa toda a prata e ouro que nesta villa fasião e ficava a terra sem dinheiro pelo que lhe requeria mandassem não levassem dinheiro deste povo e levassem drogas da terra, farinha, carnes e couros e panno".

Em 1687, decretou a Camara: "Serão obrigados todos os mercadores que ouverem de cobrar suas dividas e pagamentos que se lhes fizerem de fazendas de logia de aseitar em pagamento panno de algodão pello que valer geralmente na terra sendo de receber".

Mas isso não foi sufficiente. O prurido expansionista, então dominante, augmentou as necessidades de varios artigos de importação; e a sucção da moéda metallica fazia-se sentir por todo o Brasil e, mais accentuadamente, nas terras pobres de Piratininga. O problema de numerario fixaria, na historia, o grau de independencia e rebeldia das capitancias paulistas, que chegariam a decretar a sua propria politica monetaria!

De facto, enquanto o resto do paiz soffria horrivelmente com a obediencia ás leis monetarias portuguezas, São Paulo legislava sobre o dinheiro metallico a circular nas suas capitancias e inflaccionou, deliberadamente, as moédas vigentes, determinando o curso a vigorar nas transacções dentro de Piratininga, e nas suas relações com as villas vizinhas, povoações de serra acima.

Decretou que a moéda circulante seria majorada de 20 a 33% acima dos padrões officiaes. O governo de Portugal acabava de determinar o cumprimento da lei de 4 de Agosto de 1688 em todo o paiz. Visava isso manter a paridade de moédas entre o Brasil e Portugal, com receio, talvez, de que daquelle reino emigrassem moédas para o Brasil...

O cumprimento de tal dispositivo perturbou profundamente a exportação do tabaco e do assucar do Norte. Mas São Paulo não o cumpriu e, ao contrario, decretou em Agosto de 1690, para o curso das moédas de seu intercambio com as villas visinhas, as seguintes alterações:

“Valeriam as differentes peças :

| | | | |
|-------|---------------------|----------------------------|-----|
| as de | 2 patacas | (640 rs.) - 800 rs. - mais | 25% |
| as de | 1 pataca. | (320 rs.) - 400 rs. - „ | 25% |
| as de | 2 tostões | (200 rs.) - 240 rs. - „ | 25% |
| „ „ | ½ pataca | (160 rs.) - 200 rs. - „ | 25% |
| „ „ | 6 vintens | (120 rs.) - 160 rs. - „ | 33% |
| „ „ | tostão. | (100 rs.) - 120 rs. - „ | 20% |
| „ „ | 4 vintens | (80 rs.) - 100 rs. - „ | 25% |
| „ „ | 3 vintens | (60 rs.) - 80 rs. - „ | 33% |
| „ „ | 2 vintens | (40 rs.) - 50 rs. - „ | 25% |
| „ „ | 250 rs. | - 300 rs. - „ | 20% |
| „ „ | cruzado | (400 rs.) - 500 rs. - „ | 25% |
| „ „ | 5 tostões | (500 rs.) - 600 rs. - „ | 20% |
| „ „ | cruzado | (400 rs.) - 480 rs. - „ | 20% |

Os preços dos artigos de importação passaram tambem a ser almotaçados. Conforme Capistrano :

“Em 23 de janeiro de 1693, o povo foi adiante ; á vista da confusão resultante da falta de moedas para trocos, levantou novamente o valor do dinheiro miudo acima do que decidira tres annos. A seguinte tabella resume a marcha desde 1689 até 1693 :

| 1689 | 1690 | 1693 |
|------|------|------|
| 640 | 800 | — |
| 500 | 600 | — |
| 400 | 500 | — |
| 320 | 400 | — |
| 250 | 300 | — |
| 200 | 240 | 280 |
| 120 | 160 | 200 |
| 160 | 200 | 240 |
| 100 | 120 | 160 |
| 80 | 100 | 160 |
| 60 | 80 | 100 |
| 40 | 50 | 80 |

Ha ligeiras divergencias ; na acta de 3 de Agosto o cruzado apparece convertido em 480 e 500 réis ; na de 23 de janeiro fala-se em tres vintens-moeda que não devia mais haver, pois os dois tinham sido elevados a meio tostão.”

Aliás, a historia paulista regista reiteradas vezes a almotaçagem dos preços dos artigos de consumo e até dos salarios dos artezões, provas de quanto a pobreza da villa obrigava os seus edis a se preoccuparem constantemente com o custo da vida.

As tentativas governamentais para subordinar a moéda paulista aos valores das que circulavam no paiz abortaram violentamente, occasionando os celebres motins da moéda, lutas, e até o assassinato de um dos cabeças do partido inflaccionista.

O surto minerador, occorrido nos ultimos annos do seculo XVII, ia, porém, concorrer para a pacificação economo-monetaria paulista ; e a 20 de Maio de 1697 triumphou a phalange que pregou a volta á obediencia ás ordens régias. Resolveu-se dar baixa no dinheiro paulista — que começaria, a partir de 6 de Junho, a valer em correspondencia com seu pezo, dentro da legislação portugueza.

“E o escrivão municipal declarou haver já escripto neste sentido ás comarcas de Parnahyba, Itú, Sorocaba, Jundiahy, Mogy e Parahyba (Jacarehy) notificando-lhes que as leis, já vigorando nas villas de serra abaixo, seriam as de serra acima.”

Mas a situação só ficou inteiramente normalisada graças á actuação prudente e firme do Governador do Sul, Arthur de Sá e Menezes, em 1698, auxiliado que foi pelo ambiente creado pelos descobrimentos das minas.

Este surto repentino do ouro em abundancia, na mineração dos sertões, ia de facto não só alterar, por

completo, a feição em que se processava a nossa evolução colonial, senão também exercer uma intensa repercussão na economia internacional. (26).

Cyclo repovoador

Não obstante os recursos decorrentes do ouro de lavagem e do apresamento de indios para os seus trabalhos e commercio, era evidente o mal estar economico que se accentuava em Piratininga, na segunda metade do seculo XVII. Tornaram-se, em consequencia, mais frequentes as bandeiras colonizadoras, que se espalhavam pela costa da Capitania ou demandavam a zona pastoril, abastecedora dos engenhos do Norte. Se bem que industria relativamente pobre, offerencia a criação bem maiores perspectivas de prosperidade do que as rudimentares lavouras do planalto.

Não é de extranhar, portanto, o relativo abandono em que a metropole e os proprios donatarios deixavam as terras das Capitancias de São Paulo.

Na ultima decada do seculo, surgiu finalmente o descobrimento das minas de Cataguazes. Parece ter sido a bandeira de Arzão, sahida da Villa de Taubaté, a que primeiro manifestou a descoberta. Deu-se, então, o deslocamento dos Paulistas e de grandes ondas migratorias do Norte, da Metropole e de outras regiões, para a zona em que se apresentavam os metaes preciosos. Afluíam as bandeiras mineradoras para esses sertões já batidos pelos Paulistas, abandonando-se villas e lavouras. Das regiões do assucar, que se debatiam em accentuada crise, começou também a debandada em direcção ás minas.

(26) Conforme se verifica adiante, a crise da moeda voltou a se pronunciar em S. Paulo durante todo o seculo XVIII, pela pobreza em que recahiu a capitania.

Não obstante a precedencia dos descobrimentos e sua supremacia sertaneja, era pequena a população paulista em relação ao affluxo de emboabas, que para elles accoriam. Na rivalidade então estabelecida, não poderiam os Paulistas preponderar, esmagados, como o foram, pelo numero.

De facto, apesar de serem escassas as informações estatisticas da época, não é demasiado attribuir-se, ao Brasil de 1690, uma população livre acima de 100.000 habitantes. Mas as capitancias paulistas não tinham talvez 15.000 e o Rio de Janeiro, mais de 20.000 almas. Cerca de 70% da população brasileira concentrava-se nas regiões nordestinas.

São Paulo, Santo Amaro, Guarulhos, Santos, São Vicente, Mogy das Cruzes, Jacarchy, São José, Taubaté, Guaratinguetá, Araçariguama, Ytú, Atibaia, Nazareth, Juquery, Parnahyba, Sorocaba, Jundialhy, Ubatuba, São Sebastião, Itanhaen, Cananéa, Paranaguá, São Francisco, Laguna, Curityba, eram villas, povoações ou logarejos variando de 30 a 500 almas. Santos e São Vicente, reunidas, teriam 1500 e Piratininga, 3000 habitantes.

Quantos desses Paulistas poderiam se deslocar para o povoamento das regiões em que se minerava? Pouco mais de um millhar. Ora, para se aquilatar da invasão que soffreram as zonas central e sulina, decorrente dos descobertos, basta a constatação de que nesse seculo a população total subiu da casa dos 200.000 para mais de 2.500.000 habitantes, e que de menos de 30%, passou o Sul a possuir acima de 50% da população colonial. Esse surto demographico não poderia deixar de abater a influencia paulista nas Minas Geraes e alterar profundamente o *facies* da sua evolução, pois que São Paulo tambem soffreu, comquanto em muito menor escala, a invasão de populações adventicias. De facto, a capi-

tania paulista tinha, em 1777, mais de 116.000 habitantes e, em 1801, cerca de 170.000. (27).

Iniciou-se, então, uma grande era de soffrimento e desillusões para os Paulistas.

Debalde protestaram contra essa invasão, que consideravam como que uma usurpação dos fructos de um trabalho secular; em vão agiram para salvar o seu antigo predominio.

Em 1709 o paulista José de Góes Moraes quiz comprar ao Marquez de Cascaes a Capitania de São Paulo e São Vicente por 40.000 cruzados; não consentiu D. João V que passasse tão alta dignidade para as mãos de um colono sul-americano e adjudicou, pelo mesmo preço, a capitania á Corôa.

Emboabas.

Nessa mesma época, registou-se nas Minas Geraes a sangrenta guerra dos Emboabas, entre os paulistas e os invasores forasteiros, cujo apaziguamento, a nosso ver, resultou principalmente da diluição demographica das centenas de paulistas em face ás dezenas de milhares dos novos occupantes.

Em 1709, foi São Paulo declarado capitania independente e a Villa de Piratininga substituiu São Vicente, como cabeça da capitania. Em 1711, foi elevada á categoria de cidade. Não reconhecendo, de facto, a Corôa

(27) O Brigadeiro J. J. MACHADO DE OLIVEIRA, *Revista do Instituto Historico de São Paulo*, tomo de 1913, publica a seguinte estatística sobre a população paulista:

| | HABITANTES |
|-------------------------------------|------------|
| 1592 | 2.500 |
| 1653 | 3.000 |
| 1777 St'Hilaire attribuiu | 110.975 |
| 1801 | 169.122 |
| 1813 | 209.203 |
| 1815 | 213.211 |
| 1820 | 258.201 |
| 1835 | 338.000 |

a jurisdição da Capitania de Santo Amaro, da qual era cabeça Conceição de Itanhaen, sobre a vasta zona do sertão que correspondia á sua faixa de costa, fiaram incorporadas á nova capitania as zonas de Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso, Parauá, Santa Catharina e parte do Rio Grande do Sul.

Na primeira phase da mineração, mais do que Piratininga, lucraram Taubaté e os portos do Norte do Estado, mais proximos dos descobrimentos. Depois, com o intuito de encurtar as distancias das minas ao Rio de Janeiro, foram abertos caminhos directos, que desviaram das Capitánias paulistas grande parte do novo commercio.

Os primeiros governadores paulistas viram-se forçados a fixar as suas residencias em Villa de Nossa Senhora do Carmo, hoje Marianna, para ficarem mais proximos á zona da mineração.

Por essa e outras circumstancias achou a Corôa portugueza que facilitaria mais a administração o desmembramento das Minas Geraes de São Paulo, levado a effeito em 1720. (28).

Não esmoreceram, porém, muitos dos elementos paulistas ao se verem despojados das Minas Geraes. procuraram se assenhorear de novos descobrimentos em zonas de muito mais difficil accesso. Os Pires de Campos, Paschoal Moreira Cabral e outros, em Cuyabá, e Matto Grosso (1719) e Bartholomeu Bueno da Silva, em Goyaz, (1725), revelam jazidas riquissimas que marcam uma nova etapa de resurgimento para São Paulo, a cuja capitania ficavam incorporadas as novas minas.

(28) "Não ho menos o motivo da bem fundada esperauça que se pode ter, de que a fazenda real e a dos particulares se augmentarão muito com esta separação. porque os Paulistas que sam os mais aptos para os descobrimentos, e aquellos a quem se deve os das Minas que actualmente se lavram, vendo-se separados dos que elles chamam de *forasteiros*, e que a sua Cidade de São Paulo he cabeça do governo e residencia dos Governadores. *ham de procurar de descobrir minaricas em emulação e odio dos habitantes e traficantes das Minas Geraes para se dispicarem delles, e por este modo se augmentarão os quintos e os dizimos...*" (Do ARCHIVO DO CONSELHO ULTRAMARINO, in *Doc. Interessantes*).

Espansão e desmembramento.

Realmente, era da antiga Villa de Piratininga, de Ytú, de Ararytaguaba e de Jundiaby que partiam as bandeiras mineradoras para Matto Grosso e Goyaz e as linhas de seu abastecimento e commercio.

Mas essa expansão colonizadora dos nucleos paulistas privava-os de boa parte de seus elementos nativos, que se diluam cada vez mais em face das ondas migradoras. Por outro lado, a Corôa portugueza montava uma rigida machina administrativa e fiscal, visando a um só tempo, disciplinar regiões onde ha pouco imperava um reconhecido espirito de rebeldia e melhor assegurar a arrecadação dos quintos e os dizimos, que tão fartas mèsess promettiam.

As communicacões com Matto Grosso, feitas atravez de Araraytaguaba (Porto Feliz), Rios Tictê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquary, Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, demandavam mais de quatro mezes em travessias penosas e perigosas, acossados que eram os Paulistas pelos bravios Payaguás.

Para Goyaz, o acesso se dava por Jundiaby, Atibaia e Rio Grande. Não tardou, porém, que os imperativos economicos forçassem accessos mais seguros ou communicacões mais directas com o Rio de Janeiro, com a Bahia, via valle de São Francisco, ou ainda com o Norte, via bacia amazonica.

Para o Sul, seguiam tambem bandeiras colonizadoras paulistas, occupando as regiões criadoras, valorizadas pela industria do ouro. Em 1736 foi apartada da administração paulista a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Em 1748, separaram-se as administrações de Matto Grosso e Goyaz, erigidas em 1744 em capitancias independentes. Em cada uma dessas zonas, vinculavam-se

tradicionaes elementos paulistas, em porfias mineradoras ou na lavoura e commercio, a estas ligados.

São Paulo, donde se destacaram todas essas regiões que se apresentavam, então, com elementos de actividade e rendimento, passou em 1748 a constituir uma simples comarca do Rio de Janeiro, governada pelo Commandante da praça de Santos. Perdurou essa situação durante 17 annos, até 1765, quando foi novamente erigida em Capitania independente, sob o governo de D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, morgado de Matheus. (29).

Em meiodos do seculo XVIII, as antigas capitánias paulistas, exhaustas de seus esforços distensivos, occupadas por muitas lévas de gente nova, afastadas da ingerencia das grandes zonas mineradoras, entregavam-se ao pacifico labor da lavoura, criações e commercio. Datam dahi os engenhos de assucar de Ytú e outras zonas, e a intensificação do commercio de gado bovino e muar.

Lavoura pobre e commercio pobre. Elementos descendentes das antigas linhagens paulistas, foram, então, em grande parte, aproveitados como soldados, voluntarios ou recrutas, nas guerras que no Sul se succediam para a fixação definitiva de nossas lindes meridionaes. Ficou tambem celebre a fundação e a manutenção, por Paulistas, no governo do Morgado de Matheus (Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão), do presidio do Iguatemy, no Sul de Matto Grosso, de creação pombalina. Nelle foram absorvidas milhares de vidas na defeza dessa nossa fronteira.

Com o declinio da mineração, a capitania paulista, que della tinha apenas uma vida reflexa, se empobreceu, como todo o Sul, até o advento do café.

(29) O MORGADO DE MATHEUS desenvolveu grande actividade na administração da capitania, preoccupando-se tambem com assumptos economicos. De sua copiosa correspondencia com a administração portugueza, publicamos, no Anexo II, alguns extractos.

A Situação em fins do seculo XVIII

Manoel Cardoso de Abreu, em seu "Divertimento Admiravel", nos dá um precioso depoimento sobre a situação da capitania paulista em 1780 :

"Os habitadores da cidade vivem de varias negociações : uns se limitam a negocio mercantil, indo á cidade do Rio de Janeiro buscar as fazendas para nella venderem ; outros da extravagancia de seus officios ; outros vão a Viamão buscar tropas de animaes cavallares ou vaccuns para venderem, não só aos moradores da mesma cidade e seu continente, como tambem aos andantes de Minas Geraes, e exercitam o mesmo negocio vindo comprar os animaes em São Paulo para os ir vender a Minas, e outros, finalmente, compram alguns effeitos da mesma capitania, como são pannos de algodão e assucar, e vão vender ás Minas, labutando nesta forma todos naquillo a que se applicam.

Desta cidade manam todas as estradas que vão para as capitancias differentes, por cujas estradas está situada a maior força das povoações, como são, por exemplo : pela estrada que vae da dita cidade para o Rio de Janeiro e Minas Geraes se acham estabelecidas as vilas de Mogy das Cruzes, Jacarehy, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, villa nova de São Luiz do Parahytinga, as freguezias da Conceição e Facão e as aldêas de S. Miguel, Escada e Nazareth, mas todas muito pobre e a maior parte miseraveis porque os seus effeitos, que são os mantimentos, apenas dão para vestirem e comerem o sal, vendendo uns na mesma cidade e outros para o Rio de Janeiro, e tambem aos passageiros, e por esta fórmula nada podem alar aquelles moradores.

(A freguezia de Facão, a que se refere Cardoso de Abreu, é a actual cidade de Cunha.

São Luiz do Parahytinga e Parahybuna, assim como Nazareth, não estavam na estrada para o Rio de Janeiro, a que se refere o autor.)

Os moradores das villas de Jundiaby, São João de Atibaia e Mogy Mirim e das freguezias de Juquery e Jaguary, que estão na estrada de Goyazes, também vivem na mesma miseria, vendendo os seus effeitos na dita cidade, e aos passageiros.

Os moradores da beira-mar, como são os das villas de S. Sebastião e Ubatuba, vivem de fumos, pescaria e aguas ardentes, que vendem á cidade do Rio de Janeiro para se remediarem na fórma dos mais. Os moradores da villa de Santos são mais abastados em razão de ser este o porto de mar onde se desembarcam as fazendas que vem do Rio de Janeiro para a capitania e minas de Cuyabá e Matto Grosso. Juntamente allí, se acha o districto do sal, onde forçosamente se vae buscar e é distante esta villa da cidade de São Paulo 10 leguas — 4 de mar e 6 de caminho de terra.

Os moradores das villas de São Vicente, Conceição de Itanhaen, Iguape e Cananéa, vivem miseraveis, pois só tem a pesca, alguma farinha de mandioca e madeiras para venderem aos navegantes daquella costa, cujo negocio apenas lhes dá para comer e vestir. Os da villa de Paranaguá são mais abastados porque, sendo ella a cabeça de uma das comarcas, é mais avultado o commercio e além disso corre o seu ouro, que se extrahe das faisqueiras de alguns logares de sua comarca.

Os moradores das villas de Parnahyba e Ytú e freguezia de Araçariguama, que estão na estrada que vae desta cidade ao porto de Cuyabá, vivem de fabricas de assucar, de criar seus animaes cavallares e vaccuns e de pannos de algodão e por isso são mais remediados, como também os da freguezia de Araraytaguaha pela razão de ser o porto de commercio das ditas minas do Cuyabá,

e muito miseraveis os moradores das freguezias da Cutia, São Roque, Santo Amaro e outras aldeas dos suburbios desta cidade.

Os moradores da estrada de Viamão, como são os da villa de Sorocaba, vivem do fabrico de algodão, de criar seus animaes, tirar seu ouro das faisqueiras dos seus suburbios, e, ultimamente, do commercio dos que labutam neste negocio, e por isso ha suas casas ricas.

Os moradores da villa de Itapetininga, distantes della 10 leguas, vivem de criar os seus animaes, e de tirar algum ouro das faisqueiras, e vender mantimentos aos tropeiros, porem com tal tenuidade que não dá augmento.

Os moradores da villa de Faxina, distantes della 14 leguas, vivem da mesma sorte, porem com a differença de não ter naquelle sitio faisqueiras de ouro, mas sim na villa de Apiaky, que dista della 10 leguas, ao lado esquerdo da estrada, onde vão vender os effeitos das suas lavouras para se remedarem.

Os da freguezia de Yapó (hoje cidade de Castro, no Paraná), distantes della 30 leguas, vivem miseraveis, pois só o fazem da sua pequena lavoura e de alguns animaes que criam para venderem aos passageiros.

Os da freguezia de Santo Antonio da Lapa, distantes della 30 leguas, vivem na mesma serie, e os da villa das Lages, distantes della 80 leguas, que é o extremo da capitania, vivem de criar animaes cavallares e vacuns para venderem aos que vão de São Paulo a este negocio.

Os moradores da villa de Curityba, que está ao lado da estrada 14 leguas, além de não serem as terras fructiferas, e por que não têm para que nem para onde consumir os fructos da sua lavoura, está já no costume de plantar somente aquillo que baste para o sustento de suas familias; ainda isto é, aquelles que têm modo

que a maior parte nem disso cuida, porque muitos fazem vida de conduzir congonhas para a villa de Paranaguá, onde as permutam pelo sal, algodão, e farinha, sem sabirem desta miseria desde o principio de seus avós, e não se lhes pode condemnar este genero de vida porque ainda assim têm o sal, farinha e algodão para vestirem ; e da mesma sorte vivem os da freguezia de S. José, que é do termo desta villa.

O exposto dá bem a conhecer a pobreza da capitania e por isso é inconcipavel o conservar-se nella dois regimentos pagos, pois não ha creditos para os seus vencimentos, cujas faltas estão experimentando os seus individuos, e sendo muito necessaria a conservação dos mesmos regimentos, não só para o respeito da capitania como para os inimigos do real serviço, só sim se Sua Magestade tivesse a lembrança de suspender as fabricas de fumo de tabaco nas Minas Geraes e extrahirem-se na capitania de São Paulo para se disporem nas Minas, pondo um tributo em cada arroba que passar pelos registros para negocio, porque sendo este commercio frequentado seriam os reditos habilitados para se pagarem os registos na capitania mais remediada, sendo certo que esta resolução não prejudica ao commercio das minas por serem fabricas de menos consideração, e por este principio fica remediada a oppressão da mesma capitania”.

Assim estava reduzida a economia de São Paulo, que poderia ser salva, na opinião de Cardoso de Abreu, por simples deslocação de fabricas de fumos, em detrimento das existentes nas Minas Geraes !

Nessa pobreza continuou a evoluir a antiga capitania paulista, crescendo a sua população de 117.000 habitantes, em 1777, para 170.000 em 1801, 215.000 em 1815. (30). Sob o ponto de vista fiscal, Piratininga se despo-

(30) MACHADO DE OLIVEIRA, R. I. H. S. P., tomo 18.

jara da accentuada preponderancia sobre as demais villas da capitania. (31). Os rendimentos da Real Fazenda, para essa epoca, accusam uma accentuada estagnação economica (32), e a ausencia de qualquer ele-

(31) *Receitas e Despezas das Camaras da Capitania de S. Paulo nos annos de 1704-1765.*

| C A M A R A S | RECEITAS | DESPZAS | SALDOS | DEFICITS |
|--------------------------------|----------|---------|--------|----------|
| 1 — S. Paulo | 6068511 | 6818085 | — | 158174 |
| 2 — Paranaaguá | 4508570 | 4878312 | — | 368742 |
| 3 — Santos | 3118968 | 3428030 | — | 308062 |
| 4 — Guaratinguetá | 1638046 | 1818070 | — | 188024 |
| 5 — Itú | 1548760 | 1308383 | 248377 | — |
| 6 — Sorocaba | 1408130 | 1178934 | 288196 | — |
| 7 — Mogy das Cruzes | 1378083 | 1298002 | 78781 | — |
| 8 — Taubaté | 1378062 | 1238964 | 138098 | — |
| 9 — S. Sebastião | 1308153 | 1618010 | — | 338857 |
| 10 — Ubatuba | 1268446 | 598180 | 678260 | — |
| 11 — Parahyba | 1178941 | 1098971 | 78790 | — |
| 12 — Jundinhy | 1078473 | 1288721 | — | 218248 |
| 13 — Iguape | 1078023 | 838207 | 238720 | — |
| 14 — Curitiba | 948763 | 878272 | — | 28800 |
| 15 — Pindamonhangaba | 728833 | 678870 | 48963 | — |
| 16 — Jacarehy | 698423 | 688533 | 8890 | — |
| 17 — Cananúa | 658201 | 658879 | — | 8678 |
| 18 — Itanhena | 488086 | 568180 | — | 88394 |
| 19 — S. Vicente | 388075 | 408760 | — | 28895 |

(Doc. Interessantes).

(31) Os rendimentos fixos da Fazenda Real provinham :

- Dos quintos
- Das entradas
- Das passagens dos rios
- Dos dizimos
- Dos officios de justiça
- Dos donativos
- Das arrematações privilegiadas do contractos
- Dos confiados.

Varias receitas do São Paulo, em épocas differentes, mostram o pequeno desenvolvimento da renda, em desproporção aliás com o crescimento prevavel da população.

1732 — RECEITA (Doc. Int. vol. 40, pag. 50) 21.2778271

1733 — RECEITA (Doc. Int. vol. 40, pag. 85) 35.5028513

O Governador informa que o augmento da renda se deve ao zelo do provedor em cobrança de dividas esquecidas.

1735 — RECEITA (Doc. Int. vol. 40, pag. 217) 31.0448393

1775 — RECEITA (Doc. Int. vol. 28, pag. 249-250) 47.0968509

1802 — RECEITA ORÇADA, doc. existente no archivo do Instituto Historico de S. Paulo. 77.6738432

No entanto, na Bahía, em fins do seculo XVIII os rendimentos accusam a mais de 250 contos, soude a população bahiana apenas o dobro da paulista.

mento de valor para o commercio exterior. Piratininga accusava 20.000 habitantes na epoca da Independencia.

Viação e transportes

O colono nordestino, fixado á zona proxima á costa, pelo assucar, não carecia de viajar longas extensões para assegurar os seus meios de enriquecimento. O serviço dos engenhos e das lavouras era feito pela navegação nos pequenos rios ou pelos carros de bois. Houve um periodo em que, no Reconcavo bahiano, se contava milhar e meio de canôas e pequenos barcos a serviço das lavouras.

A zona de criação, que servia aos engenhos, estava a elles ligada pela sequencia dos caminhos dos curraes e estradas, continuamente batidas pelos rebanhos em busca dos mercados consumidores. Mais ao Norte, as communicações foram se estabelecendo pelas vias fluviaes da grande bacia amazonica. No Sul, o caso era profundamente diverso. O planalto piratiningano achava-se ligado á costa por caminhos reconhecidos "como dos peores do mundo", ou por antigas veredas de incolas; ⁽³³⁾ para o interior, o valle do Tietê permittia o accesso de montante a jusante, em demanda da bacia do Paraná e outras regiões sertanejas.

A costa de São Francisco, em Santa Catharina, para o Sul, offerecia graves perigos ána vegação, como se constata pelos frequentes naufragios alli registados. Não era, pois, de admirar, que os hespanhoes procurassem assegurar uma estrada terrestre, que, da costa do Brasil, alcançasse Assumpção, a villa fundada pelo lugar tenente do D. Pedro de Mendonza, e que era ca-

(33) Anexo III.

beça de governo de uma vasta região dos dominios castelhanos.

As communicações de São Vicente com Assumpção, seguindo o caminho chamado de Santo André, antiga vereda de incolas que alcançava o Paraguay, aproveitando-se da bacia do Paranapanema, bem como as de Cananéa, utilizando-se do antigo caminho de São Thomé, Piabyrú dos indigenas, que se unia nas regiões do planalto com o primeiro, tinham estabelecido um pequeno intercambio entre aquellas e as povoações hespanholas.

D. Alvaro Nuñes Vera Cabeça de Vacca, nomeado governador do Paraguay, desceu, em 1540, na ilha de Santa Catharina e procurou seguir por terra, com parte de sua expedição. Depois de tres mezes, logrou cruzar, nas regiões do Paranapanema, com o caminho de Assumpção. Dessa expedição se originou a occupação pelos hespanhoes, durante treze annos, da costa de Santa Catharina, onde fundaram pequenos povoados e culturas para refresco dos navios e abastecimento dos expedicionarios que desejassem seguir o caminho de Cabeça de Vacca. Foi Thomé de Souza quem ordenou a cessação desse intercambio, atravez das futuras costas brasileiras e tambem quem desaconselhou a Nobrega as communicações de ordem religiosa, que se desejavam estabelecer entre as missões jesuiticas da Capitania de São Vicente e o Paraguay hespanhol, pelos aspectos de ordem politica que dali poderiam decorrer.

Estava, porém, reservado aos Paulistas, como desbravadores de nossos sertões, o estabelecimento dos grandes caminhos e roteiros, seguidos em suas successivas entradas no cyclo despovoador, assim como a construcção das grandes primeiras estradas no interior, no cyclo repovoador.

Na sua primeira phase de expansionismo, seguiram as bandeiras, de preferencia, por caminhos já atraves-

sados pelos incolas, ligando Piratininga ás grandes bacias do interior e bem assim o planalto ás costas maritimas onde os sambaquis, nos extremos desses caminhos, assignalavam as periodicas estações de beira mar, feitas pelas tribus de nossa hinterlandia.

Os mappas que organizamos indicam esse systema de veredas dos incolas, no periodo pre-colonial, assim como os principaes caminhos, estradas e roteiros seguidos principalmente pelos Paulistas, nos tempos do Brasil colonial ⁽³⁴⁾.

Parce que as primeiras bandeiras piratininganas seguiram, de preferencia, para o sudoeste, aproveitando-se da maior facilidade de travessia das regiões de campo nas zonas sorocabanas.

As primeiras communicações entre o valle do Parahyba e o mar, parece terem sido feitas directamente de Santos a Mogy, caminho, então, mais facil do que a travessia das espessas mattas, que separavam os valle do Tieté e Parahyba.

Seguiram, depois, as bandeiras pelo caminho do Tieté, alcançando a bacia do Paraná e os affluentes da margem occidental deste rio, em demanda das terras de Matto Grosso, ou subindo pelo Parahyba, visando os sertões goyanos.

Partiram tambem bandeiras pelo valle do Rio Pardo, galgando a bacia do Sapucahy, e pelo Rio Grande, alcançando Goyaz ou então a bacia do Rio das Velhas, e, por este, o valle do São Francisco. Outras se orientaram ainda pelo valle do Parahyba, atravessando Guaypacaré — actual Lorena — galgando a Mantiqueira e surgindo no valle do Sapucahy.

Seria longuissimo enumerar o provavel traçado obedecido por grande numero de bandeiras na devassa dos sertões. Partiam essas expedições nos tempos pri-

(34) Anuexo III e mappa no inicio do segundo Tomo.

mitivos, caminhando quasi sempre a pé e transportando no dorso dos escravos a pólvora, o chumbo, o sal, a farinha de guerra e as celebres correntes com colleiras para a condução dos aprisionados. Com o exgotamento dos mantimentos, passavam a se alimentar da caça e pesca, de fructas sylvestres e de determinadas raizes, plantando muitas vezes lavouras em pleno sertão, afim de assegurarem a subsistencia á leva expedicionaria.

Mais tarde, passaram a ser usados, de preferencia, os rios. Utilisavam-se as monções de grandes canoas que chegavam a transportar 80 pessoas e 500 arrobas de carga (35).

Nas expedições repovoadoras, já se começou a empregar gado cavallar e muar para os transportes e gado vaccum para a alimentação ou montagem de curraes.

No seculo XVIII, no apogeu do cyclo repovoador, abriram-se, enfim, as estradas do Viamão e do Goyaz, as estradas dos sertões para o Rio de Janeiro, a estrada de São Paulo ao Rio (36).

Com a abertura das minas de Cuyabá, Ararytaguaba, actual Porto Feliz, passou a ter grande impor-

(35) GENTIL DE ASSIS MOURA — *As bandeiras paulistas* — R.I.H.R.J., tomo especial, 1914.

(36) CASTRANO *n'Os Caminhos Antigos e do Povoamento do Brasil* ceclareco:

Offerreccu-se a Arthur de Sá para abrir communicação directa (das Minas Geraes) com o Rio um paulista, Garcia Rodrigues Paes, filho do Fernão Dias Paes, o governador de esmeraldas. Isso fez partindo los descobertos já lavrados, heirando o Parahiba até o Parahibu do Sul e transporta a divisa até o rio Morobahi ou Pilar, trapado em parte coincidente com a via ferrea que já não se chama D. Pedro II e com o do Melhoramentos a esta reunida. (1707)

As communicações entre S. Paulo e Rio faziam-se em systema misto de viação terrestre e maritima. Seguia-se de S. Paulo ao Vallo do Parahyba e dali alcançava-se Paraty, pela antiga estrada dos Guayanaezes.

Com a exploração das minas e os perigos que soffriam os quintos de ouro em naufragio e assaltos de piratas na bahia de Sepetiba, resolveram as autoridades portuguezas abrir um caminho terrestre entre S. Paulo e Rio. O trecho paulista foi iniciado ainda no Governo da D. Rodrigo Cesar de Menezes, em 1725. A opposição dos habitantes de Paraty e dos Jesuitas do Santa Cruz e outras difficuldades só permittiram a conclusão do caminho em 1754. Em 1773 foi estabelecido um correio terrestre entre S. Paulo e Rio.

tância, como porto de embarque para as minas de Matto Grosso.

Os caminhos e roteiros do século XVII eram, em sua grande maioria, simples veredas ou trilhas de penetração, pelas quaes as "entradas" praticavam principalmente suas investidas de trafico vermelho, apenas tolerado pelos poderes officiaes. Piratininga vivia praticamente isolada dos demais centros povoados do paiz.

Com o advento do cyclo repovoador, mudou essa feição ; criaram-se correntes commerciaes com os novos nucleos formados pelos emigrantes e com as demais villas e povoados, onde se buscariam elementos para esse intercambio.

Com justeza observa Paulo Prado, realçando o papel das estradas, que o "isolamento de Piratininga aos poucos se attenuou e desapareceu ; por meados do século XVIII a cidade de São Paulo era o centro de uma estrella irradiando em todos os quadrantes. Cinco grandes estradas ligavam-na ao resto do paiz. além do Caminho do Mar, cuja decadencia seguiu a sorte da capitania. Para Leste, a estrada do Parahyba para as Minas Geraes e Rio de Janeiro ; em rumo do Norte, demandando os sertões do Camanducaia e do Sapucahy, a estrada do Sul de Minas; a Noroeste, buscando Goyaz, o velho caminho das bandeiras do Anhangüera, passando por Campinas e Franca. Em direcção do Centro Oeste, pelo valle do Tieté, abria-se a estrada das monções, e, finalmente, para o Sul, o caminho que conduzia aos campos de Curityba, das Lages e Missões. Nesse contacto continuo com as povoações que ella propria criara, ia lentamente desaparecendo a velha Piratininga dos tempos heroicos".

Todo esse reduzido e primitivo systema de viação nem sempre era acoroçoado pelo governo da Metropole-Muito ao contrario, salvo algumas excepções, embarcava a Corôa a abertura de novas estradas de commu-

nicações pelo interior, em virtude das difficuldades que dahi poderiam advir para o seu systema arrecadador.

E' expressiva a resolução, em 1711, do Conselho Ultramarino em Lisboa :

“Quanto aos caminhos lhe parece que será convenientemente prohibi-los todos excepto os que S. Magestade tenha concedido por mercê particular, a alguns povos do Brasil, porque quanto mais caminhos houver, mais descaminhos haverá, não só dos quintos mas do mesmo ouro ; e tambem sendo por alguma nação invadidas as Minas, serão necessarios soccorros de muitas partes e pontes ; etc.”

Abertas todas essas estradas, passou a preponderar a tropa muar como principal vehiculo de transporte, como tivemos ensejo de accentuar em nosso estudo sobre a pecuaria.

O expansionismo paulista

Turner, em sua *Historia da America*, criou o conceito do “moving frontier”, a fronteira fluctuante, que os colonos americanos transportavam continuamente de Este a Oeste, até attingir o Pacifico, integrando sempre novos territorios á actividade norte-americana em um movimento continuo, que só terminou nos fins do seculo XIX.

Este movimento não se irradiou alli de uma região restricta, e as zonas conquistadas aos pelles-vermelhas, muitas vezes por processos barbaros, retribuiram em fartas messes de trigo, milho, madeiras, metaes e productos de zonas temperadas, os capitães e sacrificios invertidos em suas explorações.

No Brasil, tivemos, com precedencia de mais de um seculo, a nossa fronteira fluctuante, transportada em dois cyclos formidaveis, pela iniciativa paulista,

para regiões que até hoje assignalam, sob a nossa bandeira, os limites dessas investidas.

No mappa, que offerecemos á apreciação de nossos leitores, em que está marcada a maxima expansão das capitánias paulistas e a locação approximada dos principaes caminhos, estradas e roteiros do Brasil colonial, ressaltam esses fôcos de irradiação, de conquista e de occupação de tão vastas regiões constituidas pelos nucleos paulistas, e, notadamente, pela villa de Piratininga.

Differençando-se do movimento observado na America do Norte, tivemos aqui dois cyclos distinctos de fronteiras fluctuantes, movidas tambem por preoccupações economicas e quasi sempre nos hombros possantes dos elementos paulistas.

No cyclo despovoador, arremettiam-se para os sertões em pesquisas exploradoras e na caça ao indio, unica mercadoria de valor até então conhecida; para esse fim, rechassaram os Castelhanos e venceram os incolos em guerras infindaveis. As linhas que seguiam em suas entradas, elles as fizeram respeitar, collocando, para isso, quando necessario, verdadeiros postos militares no interior do sertão. Se, com as continuas batidas pela "hinterlandia", garantiam a posse da terra para a colonia portugueza, despovoavam, no emtanto, essas regiões pelo genero de commercio praticado. No cyclo repovoador, seguiam as bandeiras colonizadoras e de criação de gado, occupando vastas zonas nordestinas ou os amplos campos do Sul.

O caminho que atravessa o São Francisco em demanda do povoado "Paulista", situado em pleno sertão nordestino, assignala as penetrações dessas bandeiras na retaguarda dos engenhos de assucar.

As emigrações para o Paraná, Santa Catharina, e, principalmente, para o Rio Grande do Sul, contribuíram em grande escala para a occupação definitiva da-

quellas terras, onde tambem o sangue paulista jorrou, em abundancia, nos combates travados contra os Castelhanos, nos seculos XVIII e XIX. (37)

O apogeu do cyclo repovoador é attingido no grande fluxo minerador. Ahi a pequena população piratiningana lançou-se á exploração das immensas riquezas, que havia descoberto, mas estas eram de tamanha valia que provocaram o povoamento do Brasil e despertaram a attenção mundial para o maior centro de producção aurifera, até então existente.

O cyclo repovoador immobilisava, de alguma fórma, a bandeira, e a primitiva população paulista diluia-se nas ondas immigratorias que se formaram. Graças, porém, aos seus esforços e sacrificios, tinham a um só tempo promovido o repovoamento e a occupação definitiva dos sertões pelos elementos subordinados á Corôa portugueza e a formação de uma infrastructura economica unitaria no Brasil colonia.

Submersos nas Minas Geraes pelas ondas invasoras, atiraram-se aos sertões do Matto Grosso e do Goyaz, fazendo novas descobertas, attrahindo novas populações, mas dominando por algum tempo com sua gente nessas regiões longinquas e inhospitas. Quebrados os élos administrativos dessas zonas com a Capitania de São Paulo, alli permanecem em grande parte, installando-se definitivamente e formando novos povoados e novas fazendas de criar.

Na sua emigração para o Sul, afim de aproveitarem a industria da criação, que lá se desenvolvia em melhores condições do que nas terras de Piratininga, alargam nossas fronteiras economicas e acabam levando de roldão as primitivas fronteiras politicas para lindes mais naturaes.

(37) Para o estudo detalhado da formação do nossas fronteiras, vejam-se os trabalhos do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Rujá Gabaglia, Fernando Nobre e Affonso Varzea.

Declinada a mineração, empobrecem os Paulistas emigrados e os Paulistas de Piratininga. São épicas as descrições do empobrecimento dos mineradores, paralelamente ao depauperamento das terras auríferas em que se fixaram. A transição da phase mineradora para a agricola, não se poderia ter verificado sem transees dolorosissimos. O aparelhamento fiscal organizado para uma epoca de grandezas pasou a pesar demasiado sobre uma lavoura pobre e uma industria barata, como a da criação. Vimos que, ainda em principios do seculo XIX, a maior renda da capitania paulista era constituída por impostos e tributos do gado do Sul, cobrados nos registos, as alfandegas internas installadas na colonia. A guerra dos Farrapos photographa, com sua denominação e desenvolvimento, a miseria a que tinham chegado as populações sulinas. A raça conservou, porém, o antigo cerue; e na primeira oportunidade que se lhe deparou, da possibilidade da exploração de um producto rico nas proprias terras, criou pela primeira vez, dentro de suas proprias lindes, essa enorme massa de riqueza constituída pelos cafezaes, que já foi classificada como um dos maiores prodigios do seculo XX.

O amorteimento economico de vastas regiões do sertão brasileiro faz esquecer que, ha dois seculos atraz, por alli já passara uma fronteira economica fluetuante, carregada pelos "potentados" paulistas, que nos asseguraram a posse do que é hoje nosso.

As descidas dos Paulistas pelo Guaporé, Madeira e outros afluentes do Amazonas, fixaram tambem uma posição de flanco, protegendo a occupação definitiva da bacia meridional do grande rio, em beneficio da Corôa portugueza.

Assim como Portugal se veiu exgottado em seu esforço para a formação de um imperio mundial, Piratininga esvaju-se nos tempos coloniaes, na política expan-

sionista que foi obrigada a abraçar por imperativos economicos ; mas o nucleo que aqui ficou e se renovou, aqui mesmo encontrou, finalmente, a base economica que tanto procurára e de que carecia para a sua evolução social, em harmonia com o seu proprio valor.

Se conseguir, porém, com as economias de um trabalho efficiente, accumular novas energias e amplos recursos, estar-lhe-á, talvez, reservado o papel de forte cooperadora no reerguimento economico das vastas regiões brasileiras, que os seus maiores, outróra, descobriram, conquistaram e ajudaram a povoar.

Foi esta a oitava aula dada em 25 de Setembro de 1936, nas condições das anteriores.

ANNEXOS

I

Saint-Hilaire

O sabio viajante francez A. de Saint-Hilaire, assim se exprimia, em 1818, acerca dos paulistas :

“O interior do Brasil não foi sempre cortado por estradas e nem semeado de habitações hospitaleiras; houve um tempo em que n'elle não havia nem uma cabana, nem um sigual de cultura, e em que os animaes ferozes se disputavam o dominio; então os paulistas o percorriam em todos os sentidos. Estes audaciosos aventureiros, como se verá detalhadamente mais tarde, penetraram varias vezes, o Paraguay, descobriram a provincia do Piauhy, as minas de Sabará e as de Paracatú, internaram-se nos vastos desertos de Cuyabá e de Goyaz, percorreram a provincia do Rio Grande do Sul, chegaram pelo Norte do Brasil até o Maranhão e ás margens do Amazonas, e, tendo escalado a cordilheira do Perú, atacaram os hespanhoes no centro de suas possessões.

Quando se conhece por experiencia quantas fadigas, privações e perigos perseguem ainda hoje o viajante que percorre esses longinquos paizes, e se tem lido em detalhes as excursões interminaveis dos antigos paulistas, sente-se uma especie de estupefacção e como se é obrigado a reconhecer que estes homens pertenciam á uma raça de gigantes”. (*Viagem á Provincia de São Paulo*).

II

Morgado de Matheus

D. Antonio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Matheus, governou São Paulo de 1765 a 1775.

Das informações que prestou ao governo da metropole, em 11 de Dezembro de 1766, destacamos o seguinte trecho :

“São os paulistas, segundo minha propria experiencia, grandes servidores de S. M. No seu real nome fazem tudo quanto se lhes ordena, expõem aos perigos a propria vida, gastam sem difficuldade tudo quanto têm e vão até o fim do mundo sendo necessario. O seu coração é alto, grande e animoso, o seu juizo grossci-

ro e mal limado, mas de um metal muito fino ; são robustos, fortes e sadios, e capazes de soffrer os mais intoleraveis trabalhos. Tomam com gosto o estado militar, offerecem-se para accommetter os perigos, e facilmente se armam e fardam á sua propria custa”.

Dessas qualidades, o Morgado de Matheus abusou remetendo successivas expedições para occupar o forte do Iguatemy, em inhospita zona do Sul de Matto Grosso, que tão grande mortandade ia ocasionar. Estas e outras expedições que organisou em auxilio do Rio Grande do Sul, em guerra com os castellanos, concorreram para o despovoamento e intranquillidade da capitania.

Procurou auxiliar a reabertura da exploração do ferro em Sorocaba. Preocupou-se com a falta de numerario e o exodo de moedas para fóra do Reino.

Na carta de 23/1/1768, escripta de São Paulo para a Secretaria do Estado de Portugal, refere-se D. Luiz Antonio de Sousa ao luxo dos paulistas : “O luxo dos vestidos he desigual á possibilidade desta gente ; se as fazendas fossem do Reyno tudo ficava em casa ; porém sendo estrangeiras, não ha ouro que as pague”. “Nesta terra as mulheres não ganham huma pataca, custão os çapatos 48800 rs. para sima, trazem-nos todas de melhor seda e pela rua. Nesse Reyno vestem de pano muitos Fidalgos, nas Provincias boa gente trazem linhos ; aqui os brancos vestem o melhor veludo, e ninguem traz senão Olanda ; tudo isto compra-se fiado, ao depois estuda-se para se pagar”.

“S. Magde., que Deus Ge. percebe huns grandes Direitos na entrada dos negros para estas conquistas : na verdade são grandes, porque :

| | |
|---|---------|
| De direitos na sahida de Angola | 8\$000 |
| No Rio de Janeiro para Guarda Costa | 8\$00 |
| Na sahida do Rio de Janeiro | 4\$500 |
| De entrada nas Minas 2/8as. | 3\$000 |
| De novo imposto na mesma entrada | 48\$800 |
| | <hr/> |
| Soma | 21\$100 |

Porém mayores são os da Inglaterra, porque o dito Negro gasta cada hum anno em S. Paulo :

| | |
|--------------------------------|--------|
| Hum notum de bacta | 1\$600 |
| Bacta para cobertura | 1\$320 |
| Bombaxa de liagem | 5\$60 |
| | <hr/> |
| | 3\$480 |

Emporta o referido em trinta annos que pôde durar o negro 104\$480”.

“As fazendas de fóra do Reyno levão todo o dinheiro, e fazem perder o nosso negocio, inutilizando as nossas manufacturas, porque como se vendem mais baratas e se acham mais promptas, ninguem cuida de fabricar...” “Os estrangeiros uzão connosco uma subtileza, que he baratearem aquelles generos em que principiamos a cuidar para que não faça conta o augmental-os, e tanto que nos destróem este intento tornam logo a levantar os preços” — (*Doc. Interessantes*).

As violencias praticadas com o recrutamento afugentavam os paulistas para o matto. Ineríveis perseguições aos que se recusavam a ingressar nas tropas eram feitas, attingindo ás familias das victimas. “Este costume de viverem dispersos, metidos pelas roças, tem feito habito de sorte que só fazem gosto da solidão e para ella fogem...” (Carta de 23/12/1766).

O trabalho, na epoca, não era considerado nobilitante. D. Luiz Antonio em 1768, referia-se á “difficuldade de continuar o cultivo (da terra) aonde o povo não pratica, aonde não ha quem sirva, por se reputar o trabalho por desprezo”. Era o mau habito, importado de Portugal, de considerar desprezível o trabalho. “Para se conseguir um *auto de genere* limpo e aceitavel, era necessario que nenhum membro da familia tivesse exercido officio mechanico, que se reputava baixo e infamante. O militarismo absorvia o que havia de melhor na população, o funcionalismo occupava o resto da gente boa e a agricultura ficava entregue aos negros captivos e aos indios administrados, que não eram melhores” (*Documentos Interessantes*).

“Nestas terras não ha povo, e por isso não ha quem sirva ao Estado: excepto muito poucos mulatos que uzam seus officios, todos os mais são senhores, ou escravos que servem aquelles senhores”..... “Nenhum livre o serve, porque o tem pelo mayor desprezo”. (Carta de D. Luiz, em 31/1/1768, *Documentos Interessantes*).

O exodo do ouro aggravava a pobreza. Os navios estrangeiros preferiam carregar ouro a carregar productos da lavoura. Os productos paulistas de lavoura destinados á exportação pereciam em Santos sem transporte para o Reyno. Em 1768, D. Luiz tenta fundar uma sociedade exportadora em Santos, com o capital de 8:200\$000. (*Doc. Interessantes*).

O commercio fiado era um habito paulista do seculo XVIII. Não havendo moeda sufficiente, negociavam os paulistas a credi-

to. Interessante, nesse sentido, a carta de D. Luiz Antonio de Sousa ao Conde de Oeiras (Marquez de Pombal), em 24/12/1766: "O commercio desta capitania me parece ser insubsistente pelo demasiado abuso de vender fiado; eu entendo..... etc." (*Docs. Interessantes*). "O fiado é outra perdição dos negocios, etc." (Carta de 4/2/1768 — *Docs. Interessantes*).

A industria não podia concorrer com a estrangeira. Em Itú, fabricavam-se, em 1768, cobertores de algodão. Mas os cobertores hespanhóes eram mais baratos e dominavam o mercado.

III

CAMINHOS DOS INCOLAS. — GENTIL MOCRA, no discurso de posse no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1920, traçou uma synthese do provavel systema de viação, da qual extrahimos estes elementos:

Pontos da costa mais frequentados por hordas selvagens vindas do interior (Sambaquis): Paraty, Ubatuba, Caraguatatuba, Bertioga, São Vicente, Itanhaen, Iguape e Cananéa.

De Paraty, vencendo a serra até Fucão (Cunha) prosegula descendo em parte pelo Valle do Parahitinga até Taubaté, onde tambem convergiam os caminhos que tinham inicio em Ubatuba e Caraguatatuba.

De Taubaté, proseguiam em tres direcções:

O primeiro, descendo o Parahyba até o porto de Ipacaré, onde transpunha a Mantiqueira, pelas gargantes do Embaré e Passa Vinte e penetrava pelo Valle do São Francisco.

O segundo, atravessava o Parahyba em Tremembé e transpunha a Mantiqueira pelos Valles de Piraquama e Sapucahy (Garganta Eugenio Lefèvre de hoje).

O terceiro caminho subia o Parahyba até Jacarehy, onde devia abrir-se em dous galhos, um vencendo a Mantiqueira, pela garganta de Buqueira e outro que se alongava até o Mogy, onde vinham iniciar 3 caminhos sobre o litoral: o de Caraguatatuba, que transpunha a serra de Paranapiacaba, pelo Valle de Cupecê (Juquieriqueré); o da Bertioga, pelo Tapaulá, e o de São Vicente, pelos Valles de Quilombo e Jundiahy. De Mogy continuava até Atibaia, etc.

Do São Vicente partiam 2 caminhos iniciados no lagamar de Santos.

1.º — do porto de Santa Cruz, das Almadias ou Peaça margeava a serra do Paranapiacaba, atravessava o Rio Peassuquera, vadeava o rio Mogy e proseguia pelo Valle do Quilombo até Mogy.

2.º — caminho de João Ramalho, transpunha a serra pela garganta do Perequê, atravessava o campo de Gioapé e rio o Gorivatiba, passava pelo Inboativa, seguia o actual rio dos Couros, cruzava o ribeirão Ipiranga e, margeando o Piratininga ou Tamanduatchy, proseguia até a aldeia de Tebiriçá, Piratininga, hoje São Paulo.

Havia aqui 2 ramaes: o primeiro, do Campo do Gioapé, que a cruzar com a estrada do Quilombo ao alto da serra o segundo, á esquerda, logo após a travessia do Goribaiba e que descia mais ou menos acompanhando o leito desse rio e ia até M'boaçaba.

De Piratininga, o caminho principal bifurcava para o Norte e Sudoeste.

No primeiro, transpostos o Ticté e a Serra da Cantareira, seguia pelas actuaes povoações de Juquery e Atibaia, entroncando-se neste ultimo com os caminhos da rêde Mogyana.

Dahi seguiam 2 troncos. O primeiro, continuando para o Norte, internava-se pelo sertão do Goyaz (Estrada seguida por Anhanguera).

O segundo, continuava de Atibaia pelo Valle deste rio, atravessava o Sapucahy e Rio Grande até as vertentes do São Francisco, encontrava-se com os caminhos de Jacarehy e Taubaté e recebia em seu prolongamento até o Valle de Amazonas varios ramaes, que o ligavam a outros tantos pontos do litoral ou da estrada de Goyaz. E' a estrada seguida por Mathias Cardoso e Domingos Jerge.

O caminho que partia de Piratininga na direcção Sudoeste, é o que na chronica da colonisação se chama caminho de Zumé, São Thomé ou do Paraguay.

Sabia de Piratininga, atravessava o Gorivatiba ou M'boaçaba ou Teaçaba, onde cruzava com a estrada para São Vicente e a de Itanbuen, que vinha pelo Valle do Rio Branco, passando por M'Boy.

De M'boaçaba proseguia até Paranaitá (Salto de Ytú) onde abandonava esse valle, atravessava os Valles do Paranapanema, recebendo ahi um ramal que vinha de Iguape, continuava subindo os Valles do Ribeira e de Assungui, encruzava com o caminho de Cananéa e proseguia, atravessando os valles de tributarios do Paranapanema e do Paraná até a barra do Paraguay, onde ia intensificar-se com a rêde da viação andina.

À localisação do primeiro Caminho do Mar, pelo qual subi ao planalto em 1532 Martim Affonso de Sousa e que era a serventia usual de Tibiriçá e João Ramalho, tem sido objecto de inumeras divergencias entre os nossos historiadores. Convem previamente lembrar que no lagamar vicentino ou litoral santista ha dois rumos que disputam essa primazia : o do Cubatão, arriua do Porto das Almadias, caracterisado inda hoje pela "agua branca de Tutingu", das primitivas sesmarias e o do Mogy ou Passaguera, na estação da Ingleza que tem esse nome. O primeiro rumo, cheio de valles e torcicollos na Paranapiacaba, vem dar na villa de São Bernardo. O segundo, mais longo, mas com percurso minimo na serra, vae dar na estação de Santo André, na Ingleza, cujo traçado segue. Baptista Pereira é de parecer que este caminho é o primitivo.

O seu argumento topografico é que os indios, sempre á procura do caminho mais facil, teriam por força de preferir o valle do Mogy, o antigo Ururay.

Estudando *in-loco* e percorrendo a pé esse e os outros caminhos da serra para o planalto, verificou o auctor de *Cidade de Anchieta* a sua immemorial praticabilidade. Corre esse caminho tres ou quatro leguas pelas margens chans e desimpedidas do Ururay. Ao esbarrar com os paredões da serra não leva para terneal-os e transportal-os, attingindo o planalto, mais de uma hora a pé. Parece, portanto, o *caminho natural*, motivo pelo qual os constructores da Ingleza sobre elle locaram a sua linha ferrea.

Depois desse argumento topografico lembra Baptista Pereira que essa região até 1559 era denominada pelos Tupiniquins, amigos de Ramalho e dos Jesuítas e que só em 1560, depois da celebre ruptura, é que Mem de Sá mandou fechal-o e abrir o do Cubatão. Basta esse facto, a seu ver, para provar que antes de 1560 não havia outro caminho.

Quanto nos caminhos abertos na era colonial, vejam-se o annexo IV, do capitulo II, e o mappa, no Tomo Segundo.

IV

O nosso illustrado mestre, Dr. Affonso de E. Taussay, honrounos com a seguinte carta :

"São Paulo, 17 de Setembro de 1937.

Exmo. Sr.

Dr. Roberto Simonsen,

São Paulo.

Meu caro Dr. Roberto e Illustre Am.º

Acabo de ler as segundas provas de seu livro, dellas tendo a melhor e a mais viva impressão.

Antes do mais, quero agradecer-lhe, sobremodo penhorado, as tão numerosas quanto sobretudo generosas referencias que faz aos meus trabalhos, reflexo de sua velha cordealidade tão minha conhecida.

Tive o ensejo, como sabe, de assistir a diversas das suas conferencias na Escola de Sociologia e Politica, acompanhando, portanto, de perto, o lento e largo trabalho de preparação dos seus volumes.

Vejo agora, com a leitura das suas provas, quanto foi ampliado em grande escala, aquella obra já vultosa. E dou-lhe os parabens por este commettimento, cujas bases são a consulta, incansavel e a mais attenta, ás fontes bibliographicas e archivaes.

Immenso trabalho deu-lhe, pela certa, a apprehensão de elementos tão variados e numerosos, neste nosso Paiz em que tudo ainda está quasi por se fazer, onde os pesquisadores se vêm desprovidos de bibliographias, de estatisticas, tendo em geral de recorrer a archivos não catalogados.

O seu trabalho honesto produziu um livro absolutamente digno de credito, em que sobreleva ainda a argucia penetrante do analyta illustrado, cheia de pontos do vista originacs.

Felicito-o pela impressão de seus originaes destes primeiros volumes, tão cheios de novidades de primeira ordem, a que tão largo relevo traz a excellente parte cartographica e espero anciosamente o apparecimento dos demais tomos de sua "Historia Economica".

Reiterando-lhe os meus agradecimentos e parabens, assigno-me seu mt.º aff.º e grd.º admr.

(a) AFFONSO DE E. TAUNAY."

Recebemos, ainda, desse nosso insigne patrioio, as seguintes observações :

Quanto á pag. 325 : —

“Quer nos parecer razoavel a porcentagem admittida para a exportação dos indios apresados pelas bandeiras paulistas. Varnhagem admitto que entre 1614 e 1639, os paulistas devem ter apresado nada menos de trezentos mil indios, “que levavam em tropas a vender no Rio de Janeiro”.

Alguns autores avaliam em muitas dezenas de milhares de cabeças os selvicolas da região catharinense arrebatados ás suas tabas e transportados para S. Paulo, mas esta cifra talvez seja exagerada, dada a minima densidade da população indigena do Brasil.

A cifra total de 300.000 cabeças, avaliada pelo A., parece-nos razoavel.”

Quanto á pag. 333 : —

“Os documentos do Arquivo Municipal de S. Paulo, que tiveram o ensejo de divulgar, deixam-nos a convicção profunda de que a primeira casa de Moeda do Brasil installou-se e funcionou em S. Paulo, inquestionavelmente, confirmando, *in totum*, as duas afirmações de Simão de Vasconcellos em suas biographias de Joseph de Anchieta e do Padre João de Almeida.

As provas que tivemos o ensejo de invocar, numerosas e concordantes, veio reforçar a larga documentação adduzida pelo Sr. Cap. Severino Sombra, no douto parecer emittido a proposito de nossa memoria. Foram as conclusões deste laudo approvadas pela quasi unanimidade do plenario do Primeiro Congresso Brasileiro de Numismatica, realisado em S. Paulo, em março de 1936.

Teve apenas a opinião contraria de um congressista, Sr. Antonio Augusto de Almeida, que não justificou os motivos de seu voto, prometendo fazel-o opportunamente e destruir a documentação adduzida! Nem uma só palavra tendo dito a tal respeito até hoje, comtudo (setembro de 1937), apesar de a tanto repetidamente instigado.

A data aventada pelo A. para a cunhagem provavel do São Vicente parece-nos muito accitavel.”

CARTA PLANIMETRICA

13 01

BRASIL

organizada especialmente para
o Sr. JACUARIBE DE MATOS

para a
HISTORIA ECONOMICA DO BRASIL
DO ENGENHEIRO ROBERTO SIMONSEN

PROJEÇÃO POLICÔNICA AMERICANA
ESCALA 1:10 000 000

Nota - Esta obra é uma reprodução de documentos cartográficos publicados e impressos de acordo com o projeto de REPRODUÇÃO de documentos cartográficos para o Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em seu plano quadripartido, firmado em Brasília, em 15 de maio de 1974, entre o Brasil e os países cooperantes, Alemanha, França, Itália, Espanha, Suíça, Holanda e Reino Unido, sob a coordenação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

2: CARTA

expansão da pecuária

DE ACORDO COM OS DADOS - INFERIDOS PELA ENGENHARIA FORTES JACUARIBE

1957

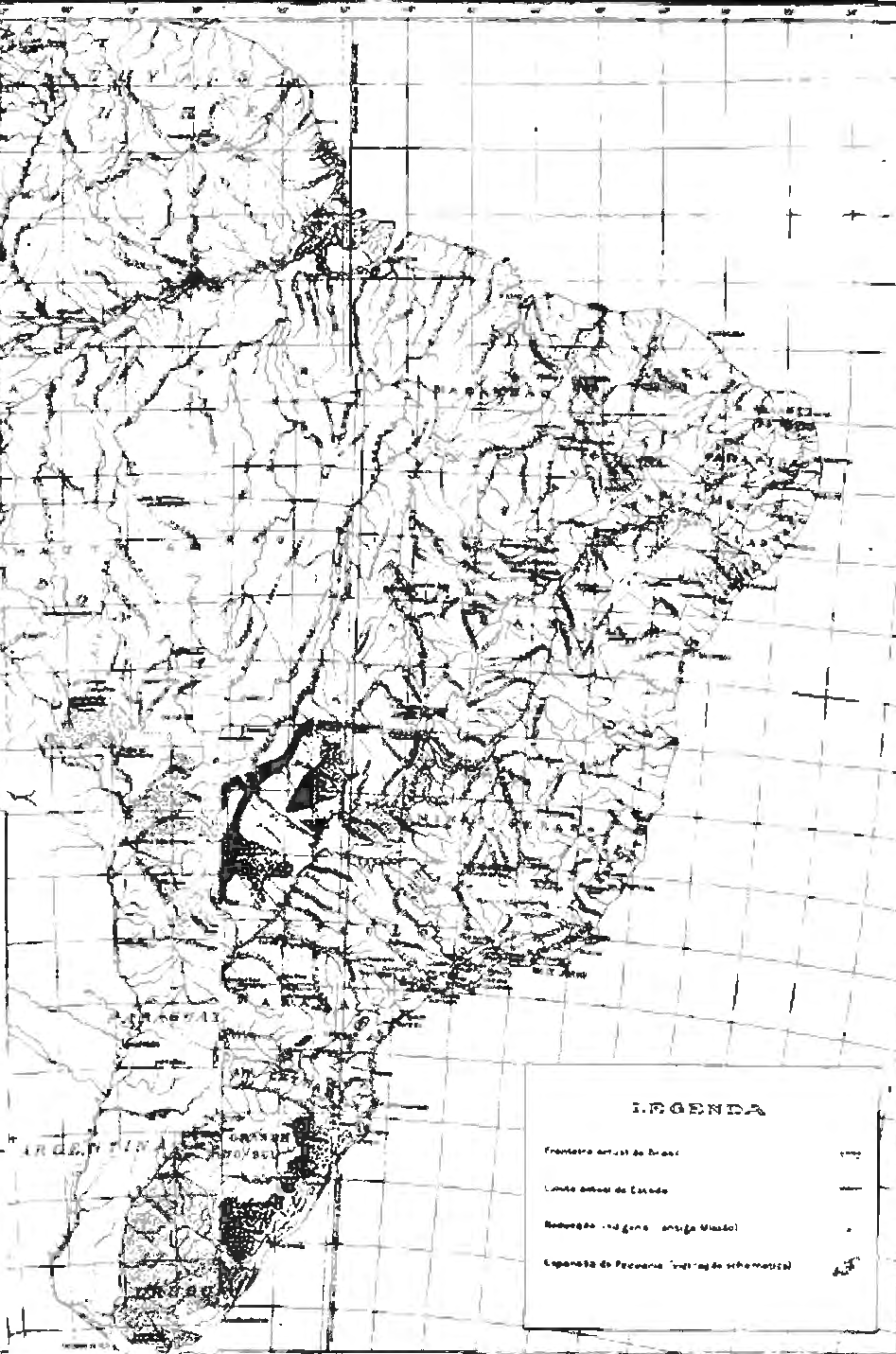
LEGENDA

Fronteira atual do Brasil

Limite atual do Estado

Relevo do terreno - antiga Meade

Expansão da Pecuária (instituição schematic)



BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS :

- 1 — BAPTISTA PEREIRA: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — PANDIÁ CALOGERAS: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — ALCIDES GENTIL: As Idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — OLIVEIRA VIANNA: Raça e Assimilação — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Alfonso de E. Taunay.
- 6 — BAPTISTA PEREIRA: Vultos e episodios do Brasil.
- 7 — BAPTISTA PEREIRA: Directrices de Ruy Barbosa — (Segundo textos escolhidos).
- 8 — OLIVEIRA VIANNA: Populações Meridionaes do Brasil — 2.ª edição.
- 9 — NINA RODRIGUES: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — OLIVEIRA VIANNA: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — LUIZ DA CAMARA CASCAUDO: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — WANDELEY PINHO: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. illustrado.
- 13 — VICENTE LICINIO CARDOZO: A margem da Historia do Brasil.
- 14 — PEDRO CALMON: Historia da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 15 — PANDIÁ CALOGERAS: Da Regencia á queda de Rozas — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — ALBERTO TORRES: A Organização Nacional.
- 17 — ALBERTO TORRES: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — VISCONDE DE TAUNAY: Pedro II.
- 19 — AFFONSO DE E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — ALBERTO DE FARIA: Mauá — (Com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — BAPTISTA PEREIRA: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. ROQUETTE-PINTO: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 23 — EVARISTO DE MORAES: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas da Administração.
- 25 — MARIO MARRUQUIM: A lingua do Nordeste.
- 26 — ALBERTO RANGEL: Rumos e Perspectivas.
- 27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Populações Paulistaas.
- 28 — GENERAL COSTO DE MABALUÃES: Viagem ao Araguayá — 3.ª edição.
- 29 — JOSÉ DE CASTRO: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Eschdoro.
- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada.
- 31 — AZEVEDO AMARAL: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. DE MELLO-LEITÃO: Visitantes do primario Imperio — Edição illustrada (com 10 figuras).
- 33 — J. DE SAMPAIO FERREZ: Meteorologia Brasileira.
- 34 — ANOYONE COSTA: Introducção á Archaeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. SAMPAIO: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada.
- 36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: O Handicriemto Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).
- 38 — RUY BARRIOSA: Mocidade e Exilio — (Cartas incógnitas, Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobins Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — E. ROQUETTE-PINTO: Rondonia — 3.ª edição (augmentada e illustrada).

(continua)

40 — PEDRO CALMON: *História Social do Brasil* — 1.º Tomo — *Espírito da Sociedade Colonial* — 2.ª edição.

41 — JOSÉ-MARIA BELLO: *A inteligência do Brasil*.

42 — PANDIÁ CALOGERAS: *Formação Histórica do Brasil* — 2.ª edição (com 3 mappas fora do texto).

43 — A. SAROYA LIMA: *Alberto Torres e sua obra*.

44 — ESTEVÃO PRATO: *Os indígenas do Nordeste* — (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.

45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: *Expanção Geographica do Brasil Colonial*.

46 — RENATO MENDONÇA: *A influencia africana no portuguez do Brasil* — Ed. illustrada.

47 — MANOEL BONFIM: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.

48 — URBINO VIANNA: *Bandeiras e cartanistas bahianos*.

49 — GUSTAVO BARROSO: *História Militar do Brasil* — Ed. illustrada (com 60 gravuras e mappas).

50 — MARIO TRAVANÇOS: *Projeção Continental do Brasil* — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.

51 — OCTAVIO DE FREITAS: *Duenças africanas no Brasil*.

52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: *O selvagem* — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.

53 — A. J. DE SAMPAYO: *Biogeographia dynamica*.

54 — ANTONIO GONÇALVES DE CARVALHO — Calogeras.

55 — HILDEBRANCO ACCIOLY: *O reconhecimento do Brasil pelas Estados Unidos da America*.

56 — CHARLES EXMILLY: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefacio e notas de Gastão Penalva.

57 — FLAUBINO RODRIGUES VALLE: *Elementos do Folk-lore musical Brasileiro*.

58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem á Provincia da Santa Catharina (1820)* — Trad. de Carlos de Costa Pereira.

59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.

60 — EMILIO RIVANSAU: *A vida dos Indios Guaycurús* — Edição illustrada.

61 — CONDE D'EU: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* — (Prefacio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, commentadas por Max Fleiss) — Edição illustrada.

62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: *O Rio São Francisco* — Edição illustrada.

63 — RAYMUNDO MORAES: *Na Planície Amazonica* — 4.ª edição.

64 — GILBERTO FREYRE: *Sobrados e Mocambos — Decadência patriarcal rural do Brasil* — Edição illustrada.

65 — JOÃO DORNAS FILHO: *Silva Jardim*.

66 — PROSÉPTIVO MONTE: *A Instrução e o Imperio* — (Subsidio para a história de educação no Brasil) — 1823-1833 — 1.º volume.

67 — PANDIÁ CALOGERAS: *Problemas de Governo* — 2.ª edição.

68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia do Goyaz* — 1.º tomo — Tradução e notas de Clodo Ribeiro Lessa.

69 — PRADO MAIA: *Arenas da Historia Naval Brasileira*.

70 — AFFONSO AFINO DE MELLO FRANCO: *Conceito de Civilização Brasileira*.

71 — F. C. HOEHNÉ: *Botanica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e contribuições).

72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo"* — Trad. de Carlos Madeira.

73 — LUTA MIGUEL-PEREIRA: *Machado de Assis* — (Estud. Critico-Biographico) — Edição illustrada.

74 — PANDIÁ CALOGERAS: *Estudos Historicos e Politicos* — (Res. Nostra...) — 2.ª edição.

75 — AFFONSO A. DE FREITAS: *Vocabulario Nibengotó* — (verasculindo pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lingua Tupy-guarany. (Com 3 gravuras fora do texto).

76 — GUSTAVO BARROSO: *História secreta do Brasil* — 1.ª parte: *Do descobrimento á abdicação de Pedro I* — Edição illustrada.

77 — C. DE MELLO-LIBYÃO: *Zoologia do Brasil* — Edição illustrada.

78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia do Goyaz* — 2.º tomo — Tradução e notas de Clodo Ribeiro Lessa.

79 — CHAVEIRO COSTA: *O Visconde de Sinimbuá* — Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1810-1830.

80 — OSWALDO R. CARVAL: *Santa Catharina* — Edição illustrada.

81 — LEMOS BRITO: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império — Frei Caneca — Ed. ilustrada.
82 — C. DE MELLO-LEITÃO: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
83 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
84 — ORLANDO M. DE CARVALHO: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição ilustrada.
85 — WANDERLEY PINHO: Cotegipo e seu Tempo — Ed. ilustrada.
86 — ACRELIO PINHEIRO: A' Margem do Amazonas — Ed. ilustrada.
87 — PRIMITIVO MOACIR: A Instrução e o Império — (Subsidios para a Historia da Educaçáo no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino 1854-1888.
88 — HELIO LOBO: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.
89 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: A Evoluçáo da Economia Paulista e suas Causas — Edição ilustrada.

91 — ORLANDO M. CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.
92 — ALMIRANTE ANTONIO ALVES CAMARA: Ensaio Sobre as Construções Navas Indigenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.
93 — SERAPIM LEITE: Paginae do Historia do Brasil.
94 — SALOMÃO DE VASCONCELLOS: O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia — Edição ilustrada.
95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ: Viagem no Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgar Süsskind de Mendonça. — Edição ilustrada.
96 — OSORIO DA ROCHA DINIZ: A Politica que Convenia no Brasil.
97 — LIMA FIGUEIREDO: Oeste Paranaense — Edição ilustrada.
98 — FERNANDO DE AZEVEDO: A Educaçáo Publica em São Paulo. — Problemas e discussões — Inquerito para "O Estado de S. Paulo".
99 — C. DE MELLO-LEITÃO: A Biologia no Brasil.
100 — ROBERTO SIMONSEN: A Historia Economica do Brasil — Edição illustrada em 2 tomos — 100-A e 100-B

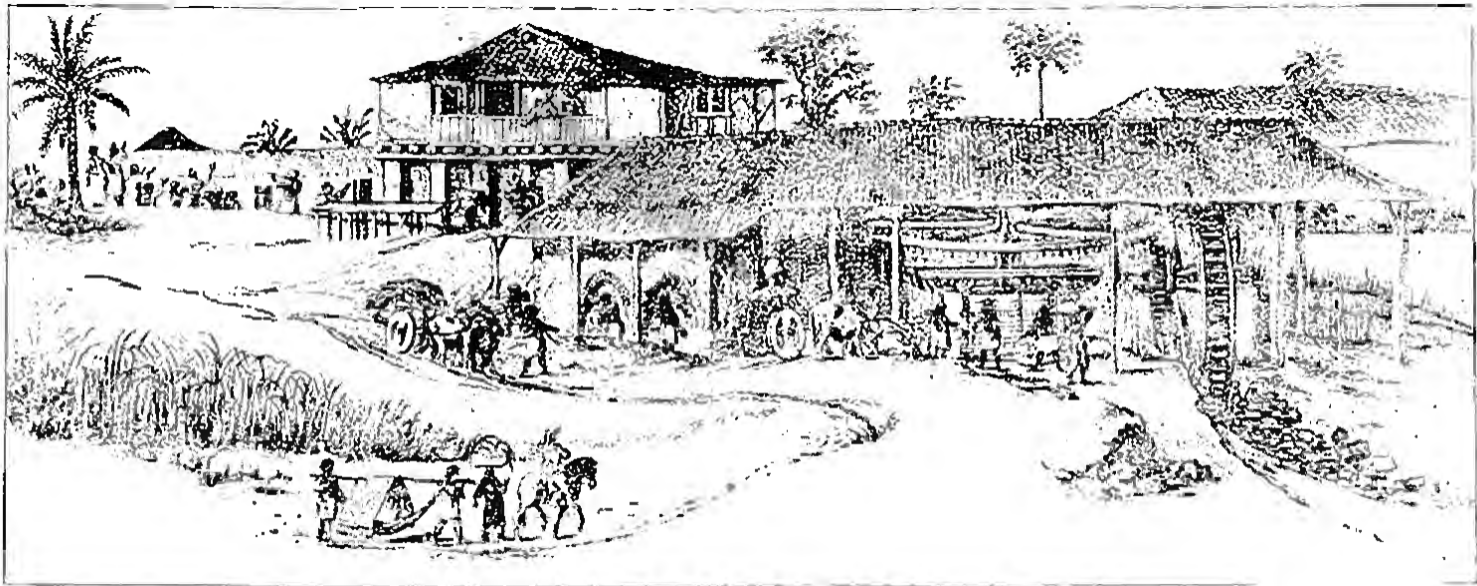
Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

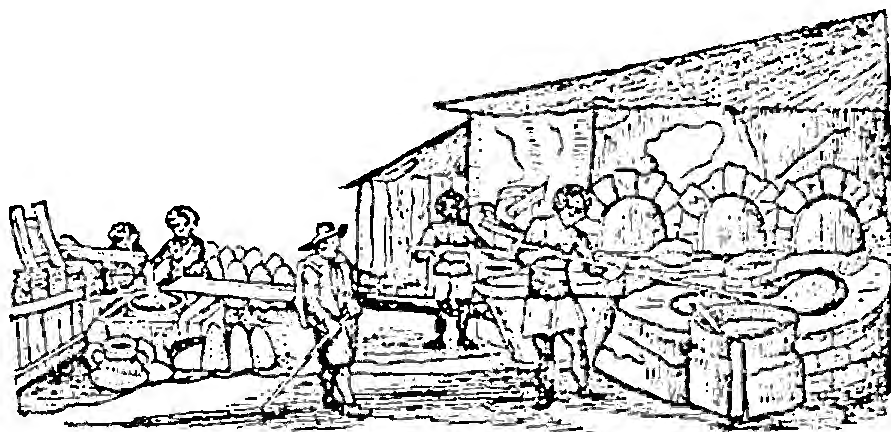
Rua dos Gusmões, 118/140, S. Paulo



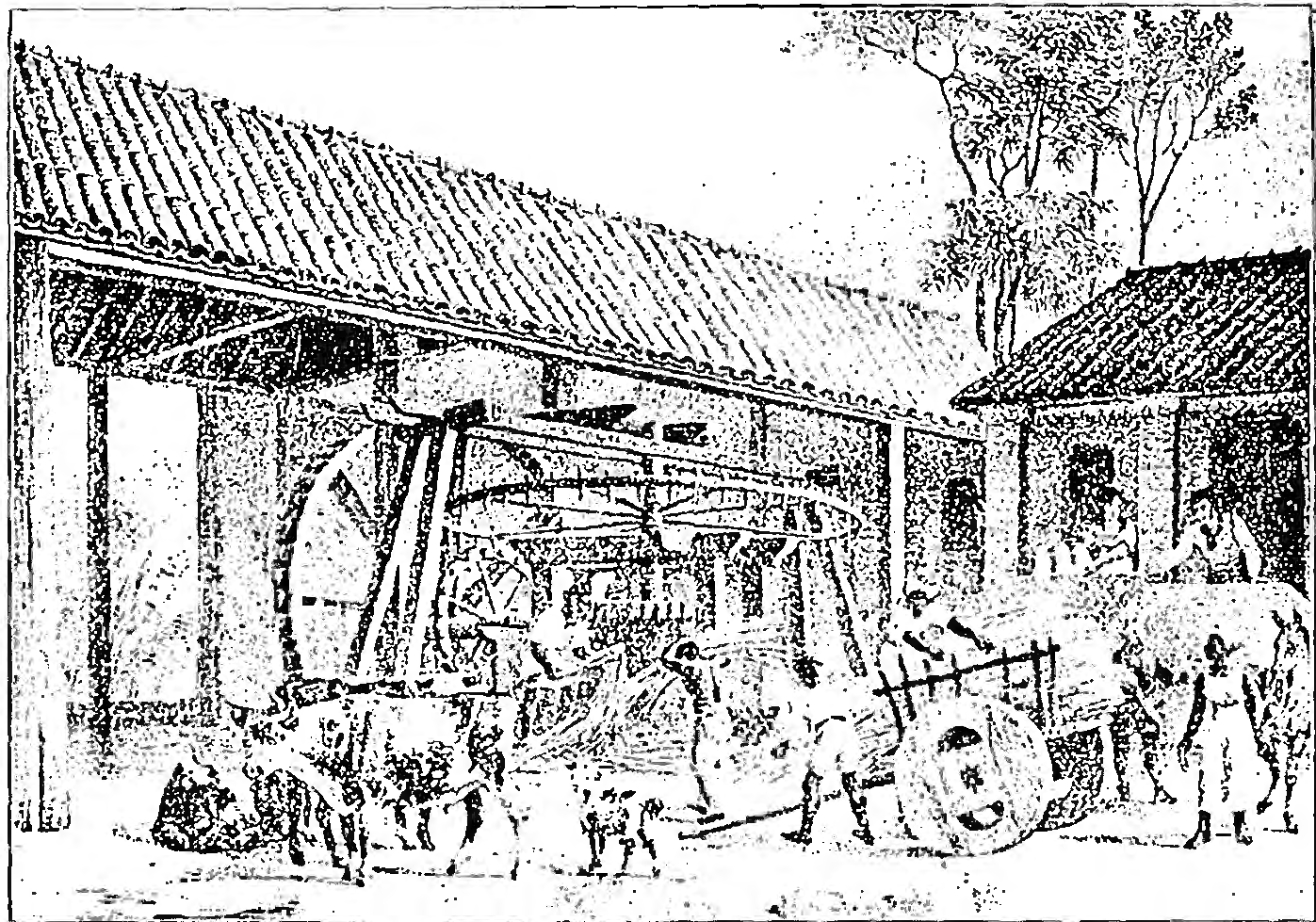
Processos primitivos do fabrico do açúcar (Johannes Visscher).



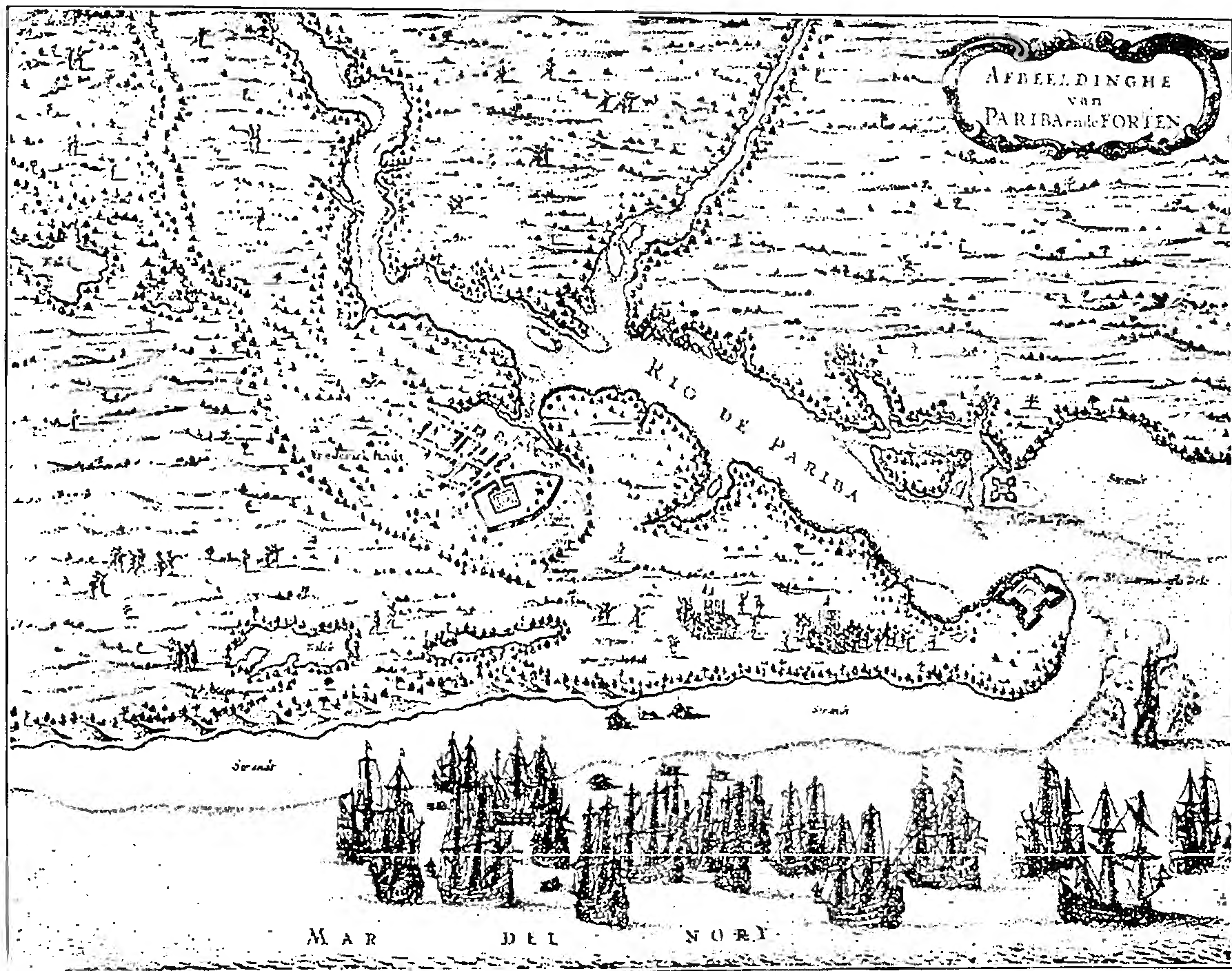
La casa e casa grande do Nordeste Brasileiro, século XVII



Senhor branco dirigindo escravos no fabrico do assucar
(sec. XVII).



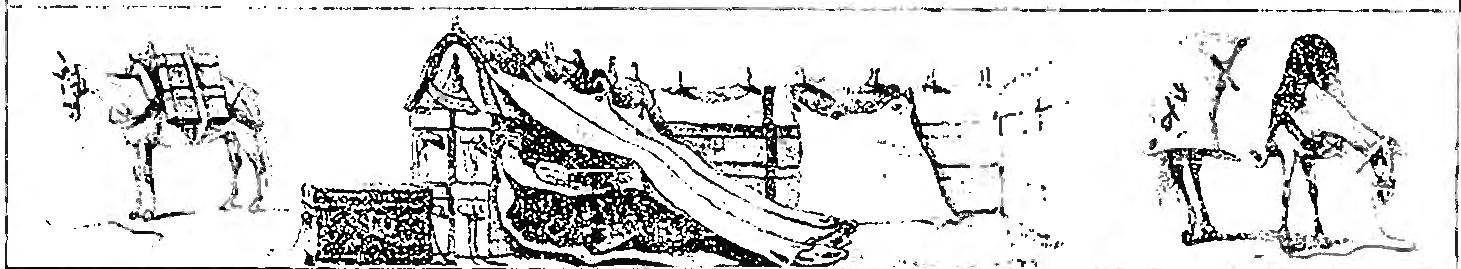
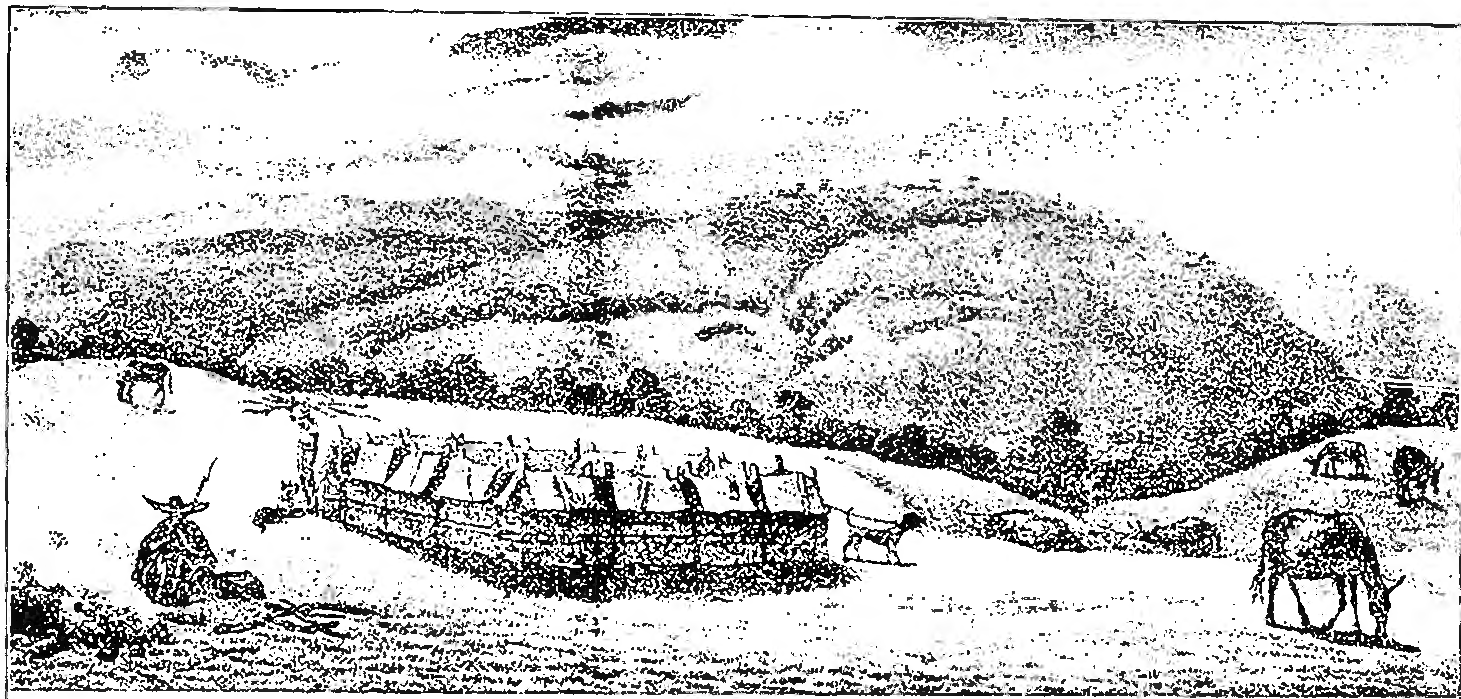
Engenho em princípios do século XIX.



Frota Indiana no Brasil Holand z. Parahyba, 1600.



Virgem de Irapuá no interior do Brasil, no começo do século XIX (Príncipe de Wied).



Acampamento noturno de tropeiros e viajantes em pleno sertão mineiro (Dibret)

Planta da Cidade de S. Paulo

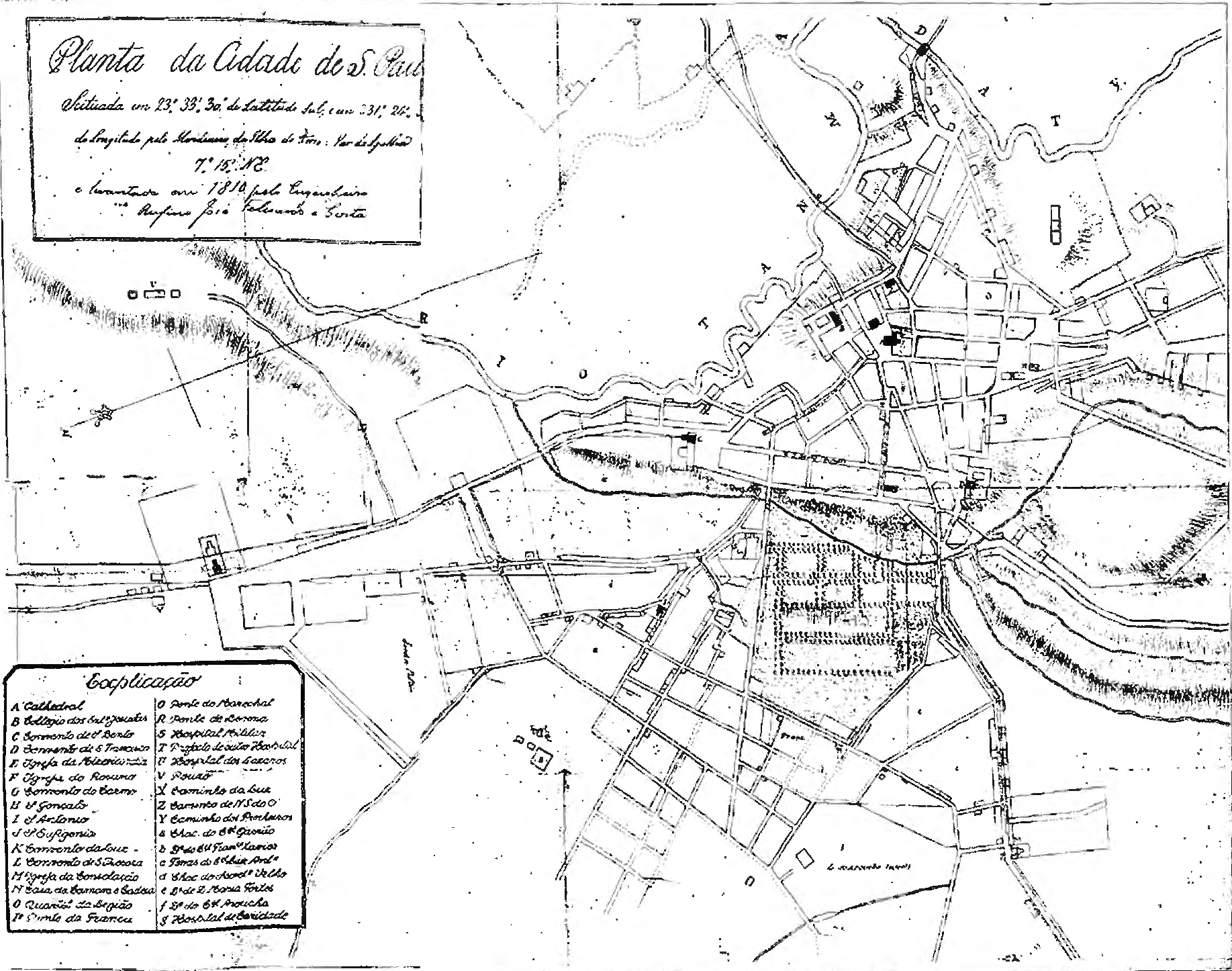
Obtida em 23° 33' 30" de latitude sul, e em 531' 26"

de longitude pelo Meridiano do Rio de Janeiro. Por despoluição

7. 15. 182

e levantada em 1810 pelo Engenheiro

Paulino José Teixeira e Costa



Explicação

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------|
| A Catedral | O Ponte do Marechal |
| B Colégio dos Jesuítas | R Ponte de Roma |
| C Convento de S. Bento | S Hospital Militar |
| D Convento de S. Francisco | T Hospital de S. João |
| E Igreja de S. Antonio | V Hospital dos Doentes |
| F Igreja do Rosário | X Pousada |
| G Convento de S. Carmo | Y Convento da Luz |
| H S. Gonçalo | Z Convento de S. S. do O |
| I S. Antonio | a Convento dos Padres |
| J S. S. Feliz | b Convento de S. S. do O |
| K Convento da Luz | c Convento de S. S. do O |
| L Convento de S. Inocencia | d Convento de S. S. do O |
| M Igreja da Consolidação | e Convento de S. S. do O |
| N Casa de S. Antonio e S. S. do O | f Convento de S. S. do O |
| O Quarteiro da S. S. do O | g Convento de S. S. do O |
| P Ponte de S. Paulo | |